



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Nathallia de Vasconcellos Guimarães

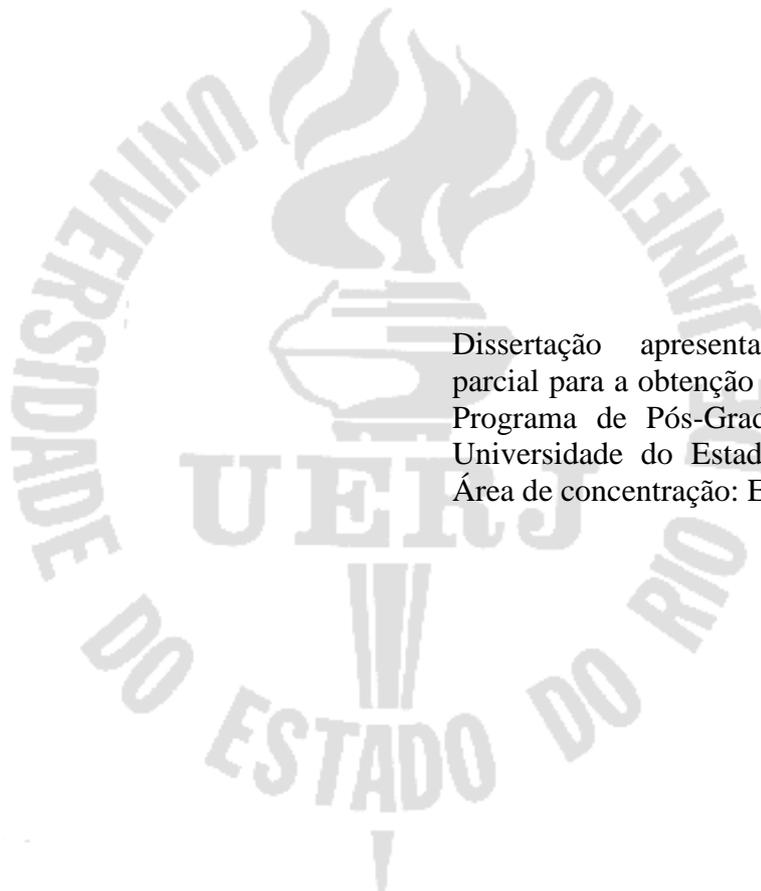
**Relativas genitivas em bilíngues Português-Inglês e as estratégias do tipo
não-padrão**

Rio de Janeiro

2023

Nathallia de Vasconcellos Guimarães

Relativas genitivas em bilíngues Português-Inglês e as estratégias do tipo não-padrão



Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Marina Rosa Ana Augusto.

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

G963 Guimarães, Nathalia de Vasconcellos.
Relativas genitivas em bilíngues português-inglês e as estratégias do tipo não-padrão / Nathalia de Vasconcellos Guimarães. – 2023.
188 f.: il.

Orientadora: Marina Rosa Ana Augusto.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Bilinguismo – Teses. 2. Educação bilíngue – Teses. 3. Aquisição da linguagem – Teses. 4. Psicolinguística – Teses. 5. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 6. Língua inglesa – Estudo e ensino I. Augusto, Marina Rosa Ana. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 800.732

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Nathallia de Vasconcellos Guimarães

Relativas genitivas em bilíngues Português-Inglês e as estratégias do tipo não-padrão

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 02 de agosto de 2023.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Marina Rosa Ana Augusto (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^ª. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães
Universidade Federal de Alagoas

Prof^ª. Dra. Marije Soto
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que, de alguma forma, trouxeram mudanças a minha vida capazes de me despertar e de me fazer me entender como ser, como essência e como humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Universo, por permitir que o momento para o Mestrado viesse na hora certa e no formato certo, sem nenhuma coincidência, como sempre. E, ainda, por permitir que eu tivesse energia e psicológico para iniciar um projeto tão complicado em plena pandemia do coronavírus.

Agradeço a minha família no sentido mais amplo da palavra, os de sangue e os construídos pelo laço do amor e das oportunidades que o destino garante. Ter uma rede de apoio e carinho é condição *sine qua non* para o meu funcionamento, e eu sempre fui grata e privilegiada pelas pessoas que atraí e que se mantiveram no meu círculo de amor.

Agradeço, especialmente, aos meus irmãos de outras vidas: Gilson Baptista e Ana Cristina. Ele por ser ponto de apoio, coerência, carinho, torcida e admiração há tantos e tantos anos, sempre me mostrando que meu potencial me levaria a lugares muito altos. Ela por ser instrumento de reencontro com minha essência e por saber como explorar e motivar esse meu potencial da forma mais genuína e holística possível.

Agradeço a minha orientadora Marina, que, com sua seriedade, conseguiu construir em mim algo que relutei tanto para ser: uma pesquisadora. Sua incansável vontade de me ajudar e orientar foram imprescindíveis para eu não desistir.

E, por fim, agradeço a todos os participantes da pesquisa, essenciais para que todo o projeto fosse colocado em prática.

RESUMO

GUIMARÃES, Nathallia de Vasconcellos. *Relativas genitivas em bilíngues português-ínglês e as estratégias do tipo não-padrão*. 2023. 188 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

O bilinguismo é alvo de estudos há anos, uma vez que questionamentos acerca da aquisição de uma língua adicional são desenvolvidos por diferentes vertentes teóricas, levando-se em conta, por exemplo, as dificuldades encontradas pelo aprendiz. No gerativismo, associam-se tais dificuldades, quando comparadas língua materna e língua adicional, à marcação distinta de parâmetros ou valores de traços distintos (SLABAKOVA, 2016; GALLEGO, 2011). Aspectos semânticos, morfológicos e lexicais são alguns dos fatores que tendem a levar o bilíngue, principalmente o bilíngue tardio (após 7 anos de idade), alvo desta pesquisa, a fazer uso do processo de transferência entre línguas (SLABAKOVA, 2016; ALVAREZ, 2002). Essa transferência acontece quando o aprendiz busca competências linguísticas da L1 para produzir sentenças na L2, independentemente da aceitabilidade dessas estruturas na língua-alvo. Deve-se, ainda, considerar que o custo de processamento de determinadas estruturas e as demandas de cada tipo de tarefas linguísticas podem levar a resultados distintos daqueles do falante da língua como L1 (PARADIS, 2003; SQUIRES, 2016). Esta pesquisa busca responder a hipóteses levantadas sobre esse fenômeno da transferência, focando na estrutura de relativas genitivas, as quais costumam ser alvo de variação para falantes do PB, pois a estratégia padrão é normalmente associada a contextos muito formais da língua escrita. Em contrapartida, as estratégias não-padrão, resumptivas e cortadoras, mostram-se como uma possibilidade natural de produção de diferentes tipos de relativas no PB, sendo a estratégia cortadora mais utilizada do que a resumptiva, comumente estigmatizada (TARALLO, 1983; MOLLICA, 1977; LESSA DE OLIVEIRA, 2009). Já no Inglês, a estratégia cortadora é agramatical e a resumptiva é vista como um último recurso para salvar uma derivação, ou gerada por conta de um alto custo de processamento (HORNSTEIN, 2001; MELTZER-ASSCHER, 2021). Adicionalmente, estudos têm apontado que línguas que permitem estruturas resumptivas tendem a transferir essa estratégia para L2 (SOLAIMANI, MYLES e LAWYER, 2023). Para alcançar o objetivo aqui descrito, três testes para a coleta de dados foram empregados: (i) teste de produção oral, um teste de eliciação de relativas genitivas, em interação com o pesquisador, com pressão de tempo, (ii) teste de produção escrita, enviado ao participante, com tempo livre para respostas e (iii) teste de julgamento de aceitabilidade, via plataforma de formulários Google. Eles foram aplicados a três grupos distintos de participantes: falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de Inglês, falantes de Inglês como L1, bilíngues Português-Inglês, de nível intermediário alto. De forma geral, os resultados indicam que a estratégia cortadora, bem avaliada e empregada com frequência em PB, tende a ser também melhor avaliada e é transferida para produções em Inglês como L2 por parte dos bilíngues PB-Inglês, ainda que os falantes de Inglês como língua materna a avaliem mal e praticamente não a utilizem. Ela mostrou-se a principal estratégia de transferência utilizada, visto que não se observou um aumento considerável do uso da resumptiva pelos bilíngues PB-Inglês, embora haja uma ligeira melhor avaliação, restrita a genitivas resumptivas na função de sujeito.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem. Bilinguismo. Orações relativas. Orações Genitivas.

Transferência

ABSTRACT

GUIMARÃES, Nathallia de Vasconcellos. *Genitive clauses in Portuguese-English bilinguals and the non-standard strategies*. 2023. 188 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Bilingualism has been a target of studies for years, once questions related to the acquisition of additional languages have been developed by different theoretical fields, taking into account, for instance, difficulties apprentices may find. Considering generativism, when comparing mother tongues and additional languages, those difficulties are associated to distinct marking of parameters or values of different features (SLABAKOVA, 2016; GALLEGO, 2011). Semantic, morphologic and lexical aspects are some of the factors which tend to make a bilingual, especially a late one (after 7 years old), target of this research, use the process of transfer between the two languages (SLABAKOVA, 2016; ALVAREZ, 2002). This transfer happens when apprentices look for linguistic competences from L1 to produce sentences in L2, regardless of these structures' acceptability in the target language. What also should be considered is that the cost of processing determined structures and the demands from each type of linguistic task may lead to results that are different from the native speakers' (PARADIS, 2003; SQUIRES, 2016). This research aims at answering hypothesis raised about this phenomenon of transfer, focusing on genitive relative structure, which are commonly the target of variation for speakers of Brazilian Portuguese, as the standard strategy is usually linked to more formal contexts of written language. On the other hand, the non-standard strategies, resumptive and chopping versions, can be seen as natural possibilities of different types of genitive relative productions in BP, with the chopping version being more used than the resumptive version, usually stigmatized (TARALLO, 1983; MOLLICA, 1977; LESSA DE OLIVEIRA, 2009). In English, the chopping version is ungrammatical, and the resumptive version is seen as a last resort to save a derivation, or it is generated due to a high cost of processing (HORNSTEIN, 2001; MELTZER-ASSCHER, 2021). Additionally, studies have pointed out that languages which allow resumptive structures tend to transfer this strategy to L2 (SOLAIMANI, MYLES e LAWYER, 2023). To achieve the goal described here, three data collection tests were used: (i) oral production test, a genitive relative structures' elicitation test, performed through an interaction between participants and the researcher, with time pressure, (ii) written production test, sent to the participants, with free time for answers and (iii) acceptability judgement test, via Google forms platform. They were applied to three different groups of participants: speakers of BP with no/little knowledge of English, speakers of English as L1, Portuguese-English bilingual speakers at an upper intermediate proficiency. In general, the results indicate that the chopping version, which is well evaluated and frequently used in BP, tends to be better evaluated and transferred, by Portuguese-English bilinguals, to productions in English as L2, even though speakers of English as L1 evaluate it badly and rarely use it. It seems to be the main transfer strategy used, considering that a substantial increase of the resumptive version was not observed in Portuguese-English bilinguals, although there is a slight better evaluation, restricted to resumptive genitives in subject position.

Keywords: Language acquisition. Bilingualism. Relative clauses. Genitive Clauses. Transfer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeiro exemplo para o movimento -WH	59
Figura 2 – Segundo exemplo para o movimento -WH	59
Figura 3 – Exemplo de sentença utilizada no Teste de Julgamento de Aceitabilidade com escala Likert	86
Figura 4 – Slide com relativa utilizada para treino antes do teste	117
Figura 5 – Slide utilizado no teste em PB	117
Figura 6 – Slide utilizado no teste em Inglês	118

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Comparativo entre Modelo de Chomsky e Modelo de Kayne	41
Quadro 2 - Comparativo entre estratégias no Português e no Inglês	50
Quadro 3 - Comparativo entre estratégias no Português e no Inglês de acordo com a função da genitiva	73
Tabela 1 - Modelo com BILPB e CORT como referência	89
Tabela 2 - Output do modelo grupo, tipo e função	91
Quadro 4 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de PB - SUJ)	93
Quadro 5- Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle x Grupo amostral – teste em PB - SUJ)	94
Quadro 6- Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – SUJ - PB)	95
Quadro 7- Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de PB - OD)	96
Quadro 8- Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle x Grupo amostral – teste em PB - OD)	97
Quadro 9- Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – OD - PB)	98
Quadro 10- Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de PB - OBL)	99
Quadro 11- Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (grupo controle x grupo amostral – teste em PB - OBL)	100
Quadro 12- Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – OBL - PB)	101
Tabela 3 - Modelo com BILING e CORT como referência	103
Tabela 4 - Output do modelo grupo, tipo e função	105
Quadro 13- Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de ING - SUJ)	107
Quadro 14 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (grupo controle x grupo amostral – teste em ING - SUJ)	108
Quadro 15 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – SUJ - ING)	109

Quadro 16 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de ING - OD)	111
Quadro 17 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (grupo controle x grupo amostral – teste em ING - OD)	112
Quadro 18 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – OD - ING)	112
Quadro 19 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de ING - OBL)	114
Quadro 20 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (grupo controle x grupo amostral – teste em ING - OBL)	116
Quadro 21 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – OBL - ING)	116
Tabela 5 – Resultados percentuais (tarefas de produção oral – PB e BIL-PB)	121
Quadro 22 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – teste em PB)	123
Quadro 23 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – PB)	123
Quadro 24 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral– teste em PB – SUJ)	124
Quadro 25 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral– teste em PB – OD)	125
Quadro 26 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral– teste em PB – OBL)	126
Quadro 27 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – PB – SUJ, OD E OBL)	127
Tabela 6 - Resultados percentuais (tarefas de produção oral – ING e BIL-ING)	130
Quadro 28 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – teste em ING)	132
Quadro 29 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – ING)	133
Quadro 30 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral– teste em ING – SUJ)	133
Quadro 31 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral– teste em ING – OD)	134

Quadro 32 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral– teste em ING – OBL)	135
Quadro 33 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – ING – SUJ, OD E OBL)	136
Tabela 7 - Resultados percentuais (tarefas de produção escrita – PB e BIL-PB)	141
Quadro 34 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral – teste em PB)	144
Quadro 35 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral – PB)	145
Quadro 36 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral– teste em PB – SUJ)	145
Quadro 37 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral– teste em PB – OD)	146
Quadro 38 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral– teste em PB – OBL)	147
Quadro 39 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para a produção escrita (grupo controle x grupo amostral – PB – SUJ, OD E OBL)	147
Tabela 8 - Resultados percentuais (tarefas de produção escrita – ING e BIL-ING)	150
Quadro 40 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral – teste em ING)	153
Quadro 41 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral – ING)	153
Quadro 42 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral– teste em ING – SUJ)	154
Quadro 43 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral– teste em ING – OD)	155
Quadro 44 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral– teste em ING – OBL)	155
Quadro 45 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção escrito (grupo controle x grupo amostral – ING – SUJ, OD E OBL)	156

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Questionário sociocultural – bilíngues PB-Inglês	81
Gráfico 2 - Questionário sociocultural – grupo controle de PB	82
Gráfico 3 - Questionário sociocultural – grupo controle de Inglês	83
Gráfico 4 - Julgamento de aceitabilidade em Português	90
Gráfico 5 - Julgamento de aceitabilidade da função sujeito da relativa genitiva (PB)	92
Gráfico 6 - Julgamento de aceitabilidade da função objeto direto da relativa genitiva (PB)	95
Gráfico 7 - Julgamento de aceitabilidade da função oblíqua da relativa genitiva (PB)	98
Gráfico 8 - Julgamento de aceitabilidade em Inglês	104
Gráfico 9 - Julgamento de aceitabilidade da função sujeito da relativa genitiva (ING)	106
Gráfico 10 - Julgamento de aceitabilidade da função objeto direto da relativa genitiva (ING).....	110
Gráfico 11 - Julgamento de aceitabilidade da função oblíqua da relativa genitiva (ING)	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art	Artigo
BP	Brazilian Portuguese
CP	<i>Complementizer Phrase</i> (Sintagma Complementizador)
D	Determinante
DP	<i>Determiner Phrase</i> (Sintagma Determinante)
GEN	Genitiva
GU	Gramática Universal
GT	Gramática Tradicional
Ing	Inglês
IP	<i>Inflectional Phrase</i> (Sintagma Flexional)
LCA	<i>Linear Correspondence Axiom</i> (Axioma de Correspondência Linear)
LD	<i>Left Dislocation</i> (Deslocamento à Esquerda)
LF	<i>Logical Form</i> (Forma Lógica)
L1	<i>First language</i> (Primeira língua)
L2	<i>Second language</i> (Segunda língua)
LF	<i>Logical Form</i>
MDG	<i>Minimal Default Grammar</i>
MG	<i>Multiple Grammars</i>
N	Expressão Nominal
NP	<i>Noun Phrase</i> (Sintagma Nominal)
OBL	Oblíquo
OCOMP	Objeto de Comparação
OD	Objeto Direto
OI	Objeto Indireto
OSV	Objeto-Sujeito-Verbo
OP	Operador Nulo
OR	Oração Relativa
PB	Português Brasileiro
PB	Português Europeu
PF	<i>Phonological Form</i>
P&P	<i>Principles and Parameter Approach</i>
QU	Pronome interrogativo

S	Sentença
SC	Sintagma Complementizador
SLA	<i>Second Language Acquisition</i>
SPEC	Especificador
SFLEX	Sintagma Flexionado
SOV	Sujeito-verbo-objeto
STOP	Sintagma Topicalizador
SUJ	Sujeito
SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
WH	<i>Interrogative pronoun</i> (pronome interrogativo)
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
VP	<i>Verbal Phrase</i>

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	16
1	ORAÇÕES RELATIVAS	24
1.1	Orações relativas: estrutura sintática	24
1.1.1	<u>Relativas do PB</u>	25
1.1.1.2	Relativas não-canônicas	27
1.1.1.3	Relativa copiadora ou resumptiva	28
1.1.1.4	Relativa cortadora	29
1.1.2	<u>Relativas do Inglês</u>	30
1.2	Modelos de Movimentos das Relativas	34
1.2.1	<u>Modelo WH- Movement</u>	36
1.2.2	<u>Modelo Raising</u>	38
1.2.3	<u>Modelo WH- Movement x Modelo Raising (pontos fracos e pontos fortes)</u>	41
1.3	Problemas relacionados a estruturas não-padrão de relativas	42
1.4	Análises formais das relativas não-padrão do PB	42
1.5	Genitivas do PB x Genitivas do Inglês	47
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: QUESTÕES DE AQUISIÇÃO	56
2.1	Fundamentação teórica: questões de aquisição e o modelo gerativista	58
2.1.1	<u>O Modelo Gerativista</u>	58
2.1.2	<u>Aquisição da Sintaxe</u>	61
2.1.3	<u>Panorama Geral de Uso da Estratégia Não- Padrão para Relativas</u>	62
2.1.4	<u>A gramática do letrado e as múltiplas gramáticas</u>	63
2.1.5	<u>Aquisição de L2 no arcabouço gerativista</u>	67
2.1.6	<u>Desafios no Bilinguismo</u>	69
2.1.7	<u>Onde pode estar a dificuldade?</u>	71
3	METODOLOGIA	76
3.1	Adotando a metodologia psicolinguística para o estudo da aquisição de língua adicional	76
3.2	Testes aplicados	79
3.2.1	<u>Descrição dos participantes</u>	80
3.2.1.2	Perfil sociocultural dos participantes	80
3.2.2	<u>Teste de julgamento de aceitabilidade com escala <i>likert</i></u>	84
3.2.2.1	Resultados	87

3.2.2.1.1	Teste aplicado em português.....	87
3.2.2.1.2	Teste aplicado em inglês	102
3.2.3	<u>Teste de produção oral</u>	117
3.2.3.1	Resultados	119
3.2.3.1.1	Teste aplicado em português.....	119
3.2.3.1.2	Teste aplicado em inglês	128
3.2.4	<u>Teste de produção escrita</u>	137
3.2.4.1	Resultados	139
3.2.4.1.1	Teste aplicado em português	139
3.2.4.1.2	Teste aplicado em inglês.....	148
3.2.5	<u>Discussão geral</u>	157
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
	REFERÊNCIAS	165
	APÊNDICE A - Sentenças para Teste de Julgamento (PB) no Google Forms	168
	APÊNDICE B - Sentenças para Teste de Julgamento (Inglês) no Google Forms	170
	APÊNDICE C - Sentenças para Teste de Produção Escrita (PB)	172
	APÊNDICE D - Sentenças para Teste de Produção Escrita (Inglês).....	174
	APÊNDICE E - Slides para Teste de Produção Oral (PB).....	176
	APÊNDICE F - Slides para Teste de Produção Oral (Inglês)	176
	APÊNDICE G - Dados estatísticos completos da comparação entre pares – Programa R (PB).....	178
	APÊNDICE H - Dados estatísticos completos da comparação entre pares – Programa R (Inglês).....	181
	ANEXO A - TCLE – Alunos da UERJ (Grupo bilíngue).....	184
	ANEXO B - TCLE – Falantes de PB como Língua Materna sem influência do Inglês.....	185
	ANEXO C - TCLE – Falantes de Inglês como Língua Materna.....	186
	ANEXO D - Parecer – COEP.....	187

INTRODUÇÃO

Paradis (2003) classifica bilíngues em duas categorias: precoces e tardios. A presente pesquisa preocupa-se com o segundo grupo, dos bilíngues PB-Ing tardios (aprendizes da língua adicional após os 7 anos de idade) adultos, e com como eles podem ser influenciados na construção de sentenças relativas genitivas, de acordo com as estratégias utilizadas. No Brasil, é bastante comum que se iniciem os estudos do Inglês como L2 por volta da puberdade. Nosso principal interesse é observar o comportamento de estudantes na graduação do curso de língua inglesa de uma universidade do Rio de Janeiro, majoritariamente constituído por bilíngues tardios. Em virtude de a estratégia padrão ser muito custosa e de muita complexidade, conforme aponta a Hierarquia de Acessibilidade de Keenan & Comrie (1977), procura-se entender se estratégias já comuns na língua portuguesa do Brasil, ou seja, que fazem parte da gramática internalizada (Chomsky, 1986) desses falantes, serão também empregadas na construção das sentenças na língua inglesa, cujas estratégias para lidar com a complexidade desse tipo de relativa são um tanto distintas. Para tanto, adotamos uma investigação que concilia pressupostos da Psicolinguística com o ensino/aprendizagem de línguas (AMARAL *et al.*, 2022), fazendo uso de testes inspirados em testes psicolinguísticos para a coleta de dados, tanto de natureza escrita, como oral, que permitam a comprovação de hipóteses acerca do comportamento linguístico humano.

Foram desenvolvidos três testes para a coleta de dados: um teste de julgamento de aceitabilidade, com escala *likert*, em que os participantes julgaram sentenças relativas genitivas do tipo padrão ou não-padrão, levando-se em consideração a aceitabilidade das mesmas; um teste de produção oral, síncrono, em que as sentenças relativas genitivas foram eliciadas pelo pesquisador; um teste de produção escrita, assíncrono, de junção de sentenças para a formação de relativas genitivas com os inícios das sentenças dados. O conjunto dos três testes visou a ofertar uma visão mais completa do fenômeno estudado, tomando-se como base diferentes formas de produção e análise.

Alvarez (2002) aponta ser comum que o aprendiz utilize o conhecimento linguístico de sua língua materna para fazer inferências e internalizar parâmetros da língua adicional, caracterizando, assim, o fenômeno da transferência acima supracitado. É relevante entender que aspectos da aquisição dessa L2 vão gerar maior dificuldade de aprendizado, levando-se em conta o quanto que línguas alvo e materna se aproximam ou se distanciam, especialmente,

voltando-se para aspectos morfológicos, os quais são mais dificilmente adquiridos (SLABAKOVA, 2016).

Em relação ao uso de estruturas não-padrão para a produção de relativas, com base nos dois modelos de geração discutidos na literatura gerativista, o Modelo -QU (ou -*WH Movement*) e o Modelo *Raising* (CHOMSKY, 1977; KAYNE, 1994), propostas para o português brasileiro (KATO; NUNES, 2009; KENEDY, 2002), a serem melhor detalhadas no decorrer desta dissertação, indicam que as relativas não-canônicas são parte integrante da gramática dos falantes de PB e derivadas de modo distinto das relativas do tipo padrão, que só são adquiridas mais tardiamente, via letramento, o que justifica o uso cada vez mais recorrente das estratégias do tipo não-padrão pelos falantes de PB.

Abaixo, há exemplos de relativas genitivas do tipo padrão no PB, utilizadas no nosso teste de julgamento de aceitabilidade:

- (1) Meu tio se mudou para um sítio do interior cujo modo de vida é bem pacato.
- (2) Você já falou com a cliente cujo pai você encontrou na saída do shopping?
- (3) Assisti ao palestrante de cuja equipe de trabalho eu discordo.

As estratégias relativas do tipo não-padrão do PB, conforme já discutido desde Tarallo (1983), subdividem-se em dois tipos: resumptivas e cortadoras. As primeiras fazem uso de pronome relativo neutro, apresentando, ainda, um pronome resumptivo dentro da relativa que retoma o antecedente. A estratégia cortadora diz respeito a relativas nucleadas por preposições que são, então, omitidas totalmente. Segundo Kenedy (2014), no caso das genitivas cortadoras, entende-se que a preposição que ligaria possuidor e alvo de posse se perde, conforme exemplo a seguir:

- (4) Meu tio se mudou para um sítio do interior que o modo de vida é bem pacato.

Essa versão cortadora da relativa padrão (1) acima teria como sintagma possuidor alvo da posse “sítio do interior”. Essa noção de posse é expressa pela preposição “de” e, na versão padrão da relativa, pelo pronome relativo “cujo”. Na cortadora, temos a queda de preposição e uso do pronome neutro “que”.

Há, ainda, a possibilidade do uso da estratégia resumptiva, no PB, na qual se faz uso de um pronome resumptivo explícito (nas variações *seu* ou *dele*) (um pronome lembrete), levando a sentenças como:

- (5) Meu tio se mudou para um sítio do interior que o (seu) modo de vida (dele) é pacato.
- (6) Você já falou com o cliente que o (seu) pai (dele) você encontrou na saída do shopping?
- (7) Assisti ao palestrante que a (sua) equipe (dele) de trabalho eu discordo.

Na relativa padrão (3) acima, tem-se a combinação de uma relativa genitiva em uma função sintática nucleada por preposição, levando a uma combinação de estratégias: uso da preposição junto ao pronome relativo “cujo”, diferentemente das versões cortadora (exemplo 8) ou resumptiva (exemplo 7), já apresentada.

- (8) Minha amiga viajou para um país que ouviu muito falar das belezas naturais.

No teste de julgamento de aceitabilidade em Inglês, foram elaboradas sentenças relativas que também contemplam possibilidades semelhantes ao PB, como relativas genitivas “cortadoras” e resumptivas, além da padrão. Os exemplos abaixo servem para ilustração:

- (9) *Chris needs a computer that the system accepts tools from Microsoft Office.
(Cortadora)
- (10) ? My son works with a woman that her mother is my friend from High School.
(Resumptiva)
- (11) I don't like to travel with children whose parents they depend too much on.

Na língua inglesa, ao contrário de PB, a estratégia cortadora é considerada agramatical. A estratégia resumptiva, por sua vez, por mais que também seja considerada agramatical em línguas intrusivas, como o Inglês (HORNSTEIN, 2001), pode aparecer em contextos de maior complexidade estrutural, servindo como facilitador para dependências mais longas ou de encaixamento, assim como para dependências que tenham ilhas sintáticas (MELTZER-ASSCHER, 2021).

A partir de diferentes perfis de participantes, falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de Inglês, falantes de Inglês como língua materna e bilíngues PB-Ing, será possível traçar paralelos e tecer considerações acerca do ponto chave do estudo. Vale lembrar que, além do julgamento de aceitabilidade, duas coletas a partir de um teste de produção eliciada oral e uma atividade escrita de junção de sentenças, via estrutura relativa, são também aplicados. Isto é, o presente estudo tem como foco principal entender se o fenômeno da

transferência entre PB (língua materna do grupo amostral) e Inglês (língua alvo do mesmo grupo) acontece e, com isso, estruturas relativas genitivas não-padrão comuns e bem aceitas em PB são “transferidas”, levando à melhor aceitabilidade ou à produção, pelos mesmos falantes, em Inglês, mesmo que tais estruturas não sejam comuns ou bem aceitas na língua adicional.

Cabe ressaltar que a literatura tem tratado de estratégias não-padrão do PB para relativas sem focar nas genitivas propriamente ditas e pouco se tem discutido sobre o fenômeno na língua inglesa. Portanto, tal projeto é um estudo empírico baseado em observações de dificuldades que alunos bilíngues vêm demonstrando ao serem apresentados às genitivas do Inglês.

Fundamentação da proposta

A presente proposta pauta-se no fenômeno da transferência entre línguas, processo bem comum para bilíngues, principalmente do tipo que está sob análise, o bilíngue tardio (PARADIS, 2003; ALVAREZ, 2002). Dada a possibilidade de geração de relativas via estratégias distintas no PB, e notando-se que as estratégias do tipo não-padrão são utilizadas justamente para as estruturas mais complexas, é plausível que o aprendiz de L2 recorra a essas estratégias diante das dificuldades impostas pela geração de relativas mais custosas, como é o caso das relativas genitivas (KEENAN e COMRIE, 1977). Além de tratarmos de uma estrutura já custosa para os falantes de ambas as línguas, é preciso observar os processos envolvidos para sua construção em cada língua e as possíveis interferências da L1 na L2. Estudos apontam que bilíngues com L1s que tenham a estratégia resumptiva como legítima tendem a transferi-la para uma L2 (SOLAIMANI, MYLES E LAWYER, 2023). No PB, há ainda outra estratégia não padrão ainda mais utilizada, a cortadora, e nos perguntamos se essa também constituirá objeto de transferência pelos bilíngues.

Análises apontam que a formação de estratégias do tipo não padrão em PB se dá via a categoria *Left Dislocation* (Deslocamento à Esquerda), que será apresentada no próximo capítulo, sendo que a geração de uma estratégia resumptiva, no Inglês, é considerada um último recurso (HORNSTEIN, 2001), com geração na base, logo, é esperado que o bilíngue PB-Inglês precise desativar a possibilidade de recorrer a uma categoria como LD ao produzir e avaliar relativas genitivas na língua adicional. Conseqüentemente, caso isso não ocorra, o

bilíngue PB-Ing traria essas estratégias não-padrão, comuns em sua língua materna, para a produção da estrutura na língua adicional. Não há observações, no entanto, sobre o impacto dessas estratégias do tipo não-padrão, presentes no PB, em relação às relativas genitivas, para o processo de transferência de um bilíngue PB-Inglês.

Além disso, o momento do aprendizado, levando-se em conta o quanto já foi internalizado em relação a essa língua adicional e o quão proficiente o aprendiz é, constitui um importante elemento dessa equação relativa ao aprendizado por parte do bilíngue tardio. Nesse sentido, ainda, impactos distintos podem vir a ser observados a depender do tipo de conhecimento que é acionado em cada uma das tarefas propostas nesta investigação. Assim, avaliações no teste de julgamento de aceitabilidade podem acionar um conhecimento de natureza metalinguística, enquanto a eliciação de produção oral, em uma situação de interação, com pressão de tempo, acionaria conhecimento de natureza mais implícita (PARADIS, 2003; SQUIRES, 2016). Questões ainda de formalidade podem ser relevantes e impactar a produção escrita, sem pressão de tempo.

O trabalho se insere na linha de pesquisa “Descrição linguística e cognição: modelos de uso, aquisição e leitura” e vincula-se ao projeto de pesquisa “Aquisição da linguagem: perspectiva cognitivista formal”, subprojeto “Processamento de estruturas relativas no português brasileiro e ensino” (Prociência 2020-2023), coordenado pela orientadora desta investigação.

Objetivo e Hipótese de trabalho

O objetivo principal do estudo é entender, entre bilíngues tardios, se há o processo de transferência entre PB e Inglês na construção de orações relativas genitivas, considerando as construções não-canônicas como base. As comparações são entre grupos amostrais e grupos controle. O grupo amostral é de bilíngues Port-Ingl, que fazem as atividades propostas tanto em português como em inglês. Enquanto, para Português, falantes de PB com pouco ou nenhum conhecimento de Inglês foram selecionados para o grupo controle, para Inglês, nativos da língua foram escolhidos. A hipótese principal é a de que, para ambos os falantes, de Português Brasileiro e de Inglês, a estrutura genitiva padrão seja muito associada a contextos mais formais da língua, sendo sua produção custosa tanto em PB quanto em Inglês, ainda que cada língua tenha suas particularidades de formação da estrutura. No entanto,

espera-se que o uso de pronomes resumptivos seja mais comumente aceito na língua inglesa em contextos sintaticamente mais complexos, de acordo com Herrmann (2003), para as genitivas particularmente, mas também segundo uma série de trabalhos que apontam que, embora pronomes resumptivos sejam agramaticais nas línguas denominadas intrusivas, como o Inglês, são produzidos, pois parecem facilitar as dependências mais difíceis, ou seja, aquelas que são mais longas (que abrangem várias orações), ou em *embeddings* (encaixamentos) e, principalmente, em dependências que contêm ilhas sintáticas (MELTZER-ASSCHER, 2021). Ademais, há de se levar em conta que o pronome genitivo, na língua inglesa, não flexiona, como acontece no PB, ou seja, tem-se somente uma possibilidade para indicar posse, *whose*. Em PB, em contrapartida, por haver a marcação de número e gênero no seu correspondente, “cujo” (“cujos”, “cuja”, “cujas”), a depender do termo que o segue, a estrutura demanda ainda maior atenção e, portanto, pode dar margem, por exemplo, à tentativa de uso padrão com concordância inadequada em gênero ou número.

Por outro lado, a possibilidade do uso de “do qual”, “of which” é compartilhada entre línguas, mas muito pouco comum no PB. Abaixo apresentamos um exemplo em PB encontrado na Internet¹ e um exemplo em Inglês (cf. Johansson 1993: 112, in Herrmann, 2003).

- (12) a. multidão de criaturas que habitam no refúgio da casa cósmica, **da qual o telhado** ou teto é o céu, luz e sol.
 b. The house [of which the roof was damaged] ...

Partindo-se, portanto, da hipótese de que estruturas da L1 podem ser transferidas para a língua adicional, prevê-se que o bilíngue PB-Ing transfira a estrutura cortadora, que aparentemente está sendo bem aceita na L1, para a construção de genitivas em Inglês, ainda que a estrutura seja considerada agramatical na língua-alvo. Para os testes de falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de Inglês, acredita-se também que haja uso da estratégia resumptiva com bastante naturalidade, principalmente, no teste oral, o qual demanda maior rapidez de resposta, já que ele precisa ser feito online e de forma síncrona. Além disso, a língua oral por si só já costuma ser menos formal e apresentar mudanças da língua com maior facilidade. O pronome relativo “cujo”, por sua vez, encontra-se muito restrito a contextos de extrema formalidade, muito mais comuns na língua escrita. Em contrapartida, também cabe

¹ Exemplo retirado de https://vidasdebuddha.blogspot.com/2013/05/ananda-coomaraswamy-o-simbolismo-do-domo_7875.html. Acesso em: 28 jun. 2023.

analisar se a produção de L2 é mais norteadada pelo formalismo, independentemente da língua escrita ou falada, uma vez que o falante não a utiliza da forma natural como utiliza sua língua materna e parece estar mais consciente sobre o processamento envolvido na produção de sentenças, acionando um conhecimento metalinguístico (PARADIS, 2003).

Para os falantes de Inglês como língua materna, espera-se que também haja alguma dificuldade de produção da estrutura padrão, principalmente no contexto com maior pressão de tempo e mais informal (teste de produção oral), com diferenças entre as estratégias não-canônicas empregadas, tendendo ao maior uso da estratégia resumptiva. Trabalhos como o de Herrmann (2003) demonstraram que, de forma geral, a estratégia padrão é evitada, seja pela questão formalidade x informalidade, seja por custo empregado no processamento (quanto mais custoso, maior a tendência ao uso não-padrão). Ainda que haja a expectativa pela não produção/aceitação da estrutura cortadora ou resumptiva, de acordo com a pesquisa de Herrmann (2003), o teste de julgamento de aceitabilidade com escala *likert* foi justamente inserido para entender que tipo de estrutura os participantes aceitariam. Sendo assim, por mais que, nos testes de produção escrita e produção oral, eles não optem por determinadas estruturas, é possível esperar certo nível de aceitabilidade acerca das sentenças já criadas usando tais estruturas, especialmente das resumptivas, conforme já dito.

Tendo-se todo esse aparato em mente, é possível assinalar, com maior clareza, se há realmente a transferência entre L1 e L2, levando-se em conta que o falante de PB pode carregar as estratégias utilizadas em sua língua para a sua avaliação ou produção na L2. Por fim, é importante entender o fenômeno como um todo, pensando-se em uma possível mudança futura da língua, em que a estrutura padrão de relativas genitivas esteja ainda mais distante do uso do falante, principalmente quando contrapomos uso cotidiano e a gramática do letrado (KATO, 2005), influenciada pela escola, não somente focando-se na oralidade como também na escrita.

Organização do trabalho

A dissertação organiza-se da seguinte forma: nesta introdução, apresentaram-se o tema de investigação, sua relevância, objetivos, as principais hipóteses e previsões traçadas para o desenvolvimento do estudo. No capítulo 1, apresentam-se análises acerca da estrutura das orações relativas, tanto para o Inglês, quanto para o PB, explorando-se as estruturas não-

canônicas, estratégia resumptiva e estratégia cortadora, e questões que envolvem tais estruturas.

No capítulo 2, a Fundamentação Teórica, discutem-se aspectos teóricos relativos à aquisição de língua, L1 e L2, a partir da teoria gerativista, incluindo os desafios trazidos pelo bilinguismo. O objetivo é a apresentação do arcabouço que dará respaldo para as hipóteses levantadas pelo projeto, assim como para as análises dos resultados alcançados.

O capítulo 3 apresenta a metodologia utilizada para a coleta de dados desta investigação. Os três testes inspirados em testes psicolinguísticos empregados são explicitados, assim como as razões pelas quais eles foram escolhidos e os grupos de participantes captados. Os resultados são apresentados e discutidos em relação às perguntas de pesquisa inicialmente levantadas e às hipóteses contempladas. Já no capítulo 4, apresentam-se as considerações finais sobre o estudo e os possíveis desdobramentos futuros do trabalho.

1 ORAÇÕES RELATIVAS

Introdução

O presente trabalho busca apresentar algumas propostas acerca da estrutura sintática de orações relativas no Português Brasileiro e no Inglês, com o objetivo de discutir formas canônicas e não-canônicas produzidas por falantes das línguas. Além disso, busca-se entender as diferentes visões e modelos que vêm sendo utilizados para observar os fenômenos descritos, particularmente no arcabouço gerativista.

A relevância desse estudo se dá pelo fato de que relativas são amplamente utilizadas nas línguas naturais, com diferentes graus de complexidade, sejam eles de ordem morfosintática, sejam de ordem semântico-pragmática. Algumas das questões a serem trabalhadas acerca do tema dizem respeito à diferença entre as relativas padrão e não-padrão e à forma como a construção de cada uma acontece. Comparações entre a aquisição da língua materna e da língua adicional, assim como a importância do *input* linguístico, também se tornam importantes para a discussão aqui apresentada, mas serão tratadas em outro momento do trabalho, no capítulo 2. Neste capítulo, busca-se entender descritivamente como as operações que levam à produção de relativas ocorrem.

1.1 Orações relativas: estrutura sintática

O estudo tipológico de Keenan e Comrie (1977), com base em uma amostra de aproximadamente 50 línguas, propôs uma Hierarquia de Acessibilidade, considerando-se que as línguas apresentam variações, levando-se em conta as posições a partir das quais o NP é relativizado:

Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977):

SUJ > OD > OI > OBL > GEN > OCOMP

A Hierarquia indica que quanto mais alta for a função sintática, maior a chance de relativização; assim, havendo uma relativa gerada a partir de um ponto da hierarquia na língua todas as demais relativas acima daquele ponto estarão também presentes. Ou seja, a Hierarquia da Acessibilidade determina o grau de acessibilidade à formação de relativas nas línguas.

Os autores ainda fazem referência a estratégias de formação de relativas com pronomes resumptivos, indicando que “à medida que descemos a Hierarquia de Acessibilidade, línguas exibirão maior tendência para o uso de estratégias de formação de OR com retenção de pronomes (KEENAN & COMRIE, 1977, p. 92). Ou seja, há maiores chances de o falante fazer as construções de forma canônica, para as relativas geradas a partir de funções sintáticas de posições mais altas, assim como, nas posições mais baixas, maiores seriam as chances de construções não-canônicas. Vejamos os tipos de relativas que estão presentes no PB e no inglês, línguas relevantes para o estudo aqui desenvolvido.

1.1.1 Relativas do PB

As estruturas relativas podem ser descritas sintaticamente como apresentando uma forma típica, desempenhando a função de modificadoras de uma expressão nominal N (como em “A [camiseta] [que Pedro comprou]”), ou como outra configuração formal, em que N não está foneticamente visível na oração, as chamadas relativas livres (“Não encontrei quem você mencionou”). Alguns exemplos de relativas padrão seguem abaixo, com suas respectivas funções sintáticas:

- (13) Essa é a jovem [que vai participar da palestra]. (Sujeito).
- (14) Essa é a jovem [que mencionei]. (Objeto Direto).
- (15) Essa é a jovem [de quem falamos]. (Objeto Indireto).
- (16) Essa é a jovem [cuja participação na palestra é muito aguardada]. (Genitiva)

Como elo entre o termo a que se refere e a oração relativa em si, faz-se uso dos chamados pronomes relativos, os quais, no PB, possuem variação tanto em número quanto em gênero nos casos de “o qual”, “a qual” e “cujo” e mantêm-se invariáveis nos casos de “que”, “quem” e “onde”. Cabe destacar esse último como sendo um pronome relativo específico para referência a lugares, questão muitas vezes esquecida por falantes da língua que não

identificam sua função semântica peculiar, fazendo com que esse pronome assumira uma referência semântica mais abstrata. O exemplo abaixo ajuda a exemplificar o contexto em que esse pronome aparece, desempenhando a função de adjunto adverbial de lugar:

(17) Fui à galeria [onde acontecia a exibição de quadros contemporâneos].

Uma alternativa para o uso de “onde” seria a colocação de preposição antes do pronome “que”, como aparece no exemplo 18. Tal estratégia pode ser usada em produções que exigem essa preposição, sem, no entanto, fazer referência a lugar, evitando-se o deslize de colocar “onde” para falar de questões não espaciais. O exemplo 19 corrobora a análise, demonstrando que “palestra” não é um lugar e sim, uma situação e, portanto, não é passível de ter o “onde” como co-referência.

(18) Fui à galeria [em que acontecia a exibição de quadros contemporâneos].

(19) Assisti à palestra [em que o apresentador tratou de questões ambientais].

Ainda é importante ressaltar o “cujo” e suas variações como peças-chave do presente projeto, uma vez que é o pronome indicativo de posse presente nas estruturas genitivas. Na verdade, é possível encontrar muitas produções genitivas consideradas não-padrão, em que o “cujo” não está presente, tanto na fala quanto na escrita. Estruturas em que esse pronome é utilizado parecem estar mais restritas à escrita e a contextos mais formais. Tal fenômeno será analisado com maiores detalhes posteriormente neste trabalho.

Ademais, outras funções sintáticas assumidas pelas relativas são predicativo, adjunto adnominal, complemento nominal e agente da passiva. Os exemplos a seguir servem o propósito de apresentação desses tipos:

(20) Todos se lembram do grande piloto [que Ayrton Senna foi]. (Predicativo)

(21) O aluno [cujas notas estão muito baixas] será chamado na diretoria. (Adjunto Adnominal)

(22) O atendente [com quem tratei do meu problema] foi extremamente mal educado. (Complemento Nominal)

(23) O senhor se recordava com detalhes da menina [por quem tinha sido amparado ao atravessar a rua]. (Agente da Passiva)

No que tange ao tipo de informação trazida pela relativa, pode-se apresentar um conteúdo que restringe o antecedente, tornando-o mais específico, nas orações chamadas restritivas, ou ainda complementar informações, com adição de conteúdo sobre o antecedente, nas orações chamadas explicativas. Em outras palavras, orações relativas restritivas servem para especificar o antecedente, enquanto orações relativas explicativas servem para trazer informações extras sobre ele. Os exemplos a seguir trazem esses dois tipos, demonstrando que, ao contrário da restritiva, que é colocada diretamente após o antecedente, a explicativa é inserida somente após o uso de vírgula.

- (24) Falei com meu irmão [que mora no Recife]. (Há mais de um irmão e eu falei com um específico – Oração Relativa Restritiva)
- (25) Falei com meu irmão, [que mora no Recife]. (Há um único irmão e a informação de onde ele mora é extra – Oração Relativa Explicativa)

Em termos semânticos, caracteriza-se a relativização pela interseção entre a classe denotada por N e a classe denotada pela relativa. É preciso, pois, através de uma descrição formal, explicar como essa relação torna-se visível, mesmo com N ausente, as chamadas relativas livres. Dessa forma, seções posteriores do presente trabalho tratarão de alguns modelos e teorias capazes de explicar o fenômeno aqui discutido.

Há, ainda, uma outra peculiaridade importante em relação ao Português do Brasil. Há mais de uma estratégia de formação de relativas em uso na língua: as denominadas relativas canônicas, incluindo-se todos os exemplos apresentados anteriormente, e as relativas não-canônicas, que se subdividem em relativas resumptivas/lembretes e relativas cortadoras (TARALLO, 1983). Nas estratégias não-canônicas, tem-se sempre o uso do pronome relativo invariável, sendo que, nas resumptivas/lembrete, o elemento relativizado é retomado por um pronome, enquanto, nas cortadoras, construções que demandariam uma preposição, não a exibem. As próximas seções tratarão dessas estruturas não-canônicas.

1.1.1.2 Relativas não-canônicas

As relativas não-canônicas ou não-padrão são comuns em contextos mais naturais, principalmente no discurso oral. É muito comum sua produção quando há grande distância entre o alvo da relativização e sua posição argumental co-referente no domínio da relativa.

Muito se tem discutido sobre motivos que levam a sua produção ou o quanto a escolaridade pode ou não influenciar tal processo (Mollica, 1997; 2003; Ramos, 2015; Silva & Lopes, 2007).

1.1.1.3 Relativa copiadora ou resumptiva

A estrutura em questão aparece em exemplos como “Eu mandei uma mensagem para a amiga que a mãe dela é médica”. É possível observar aqui o uso do pronome resumptivo (dela) retomando o termo relativizado “a amiga”, ainda que o mesmo já tenha sido representado pelo pronome relativo “que”. Abaixo, encontram-se as versões não-padrão para os exemplos já apresentados nesse capítulo:

- (26) Essa é a jovem que **ela** vai participar da palestra.
- (27) Essa é a jovem que mencionei **ela**.
- (28) Essa é a jovem que falamos **dela**.
- (29) Essa é a jovem **que a** participação **dela** na palestra é muito aguardada

Vale salientar que, no PB, o uso de pronomes resumptivos em relativas é aceito para todas as posições sintáticas, embora, conforme defendido por Keenan & Comrie (1977), em relação à Hierarquia de Acessibilidade anteriormente apresentada, possa-se esperar maior presença nas relativas mais complexas. O estudo de Corrêa *et al.* (2018), a partir de um experimento de eliciação de relativas de tipos distintos no PB, observou que questões de maior pressão (menor tempo para planejamento) e a maior complexidade da relativa levavam à maior produção de resumptivos. Assim, a estratégia resumptiva foi produzida com relativas preposicionadas e genitivas, mas não para relativas de sujeito e de objeto direto.

Dessa forma, a falta de planejamento, aliada à complexidade da estrutura, reflete o que poder-se-ia supor uma impossibilidade de o emissor da mensagem enxergar o pronome relativo como responsável por retomar um termo já antes apresentado. Consequentemente, ele faz uso do pronome resumptivo como uma solução para esclarecer a informação que parece perdida ou não tão clara.

Em contrapartida, há estudos sobre o uso de pronomes resumptivos, em Inglês, que procuram desmistificar essa ideia de que seu uso poderia ajudar na compreensão por parte do leitor ou do ouvinte (HOFMEISTER; NORCLIFFE 2014 e referências citadas). Para o PB,

Uchoa (2019) defende que os resumptivos não demonstram comprometer o processo de compreensão, podendo, então, servir como elementos facilitadores em situações de alta demanda, por conta de distância linear e de pouca acessibilidade ao antecedente.

Vale, ainda, salientar uma particularidade adicional, em relação à genitiva, pois a noção de posse, em PB, prescinde, muitas vezes, da presença do possessivo explicitamente (exemplos em Floripi & Nunes, 2009):

- (30) O João conversou com o seu pai.
- (31) O João conversou com o pai dele.
- (32) O João conversou com o pai.

Trata-se, no exemplo 32, de um possessivo nulo, que pode, também, estar presente na estrutura relativa genitiva do tipo cortadora no PB, explicada com maiores detalhes na próxima seção. Assim, para a primeira sentença, apresentada anteriormente (“Eu mandei uma mensagem para a amiga que a mãe dela é médica”), pode-se ter: “Eu mandei uma mensagem para a amiga que a mãe é médica”. Não se tem, assim, um elemento lexical explícito que expresse o teor de posse, embora essa interpretação aconteça naturalmente no PB.

1.1.1.4 Relativa cortadora

Outro tipo de estratégia não-padrão para a formação de relativa é a cortadora. Está relacionada à presença de um PP cuja preposição é omitida/cortada. No caso das genitivas cortadoras especificamente, conforme já apresentado, seguindo a proposta de Kenedy (2014), percebe-se essa perda de preposição entre possuidor e alvo da posse. Dessa forma, não se tem um elemento lexical explícito que expresse o teor da posse, embora essa interpretação aconteça naturalmente no PB. Abaixo, segue a versão não-padrão cortadora para uma sentença com PP e para a relativa genitiva. Observa-se a omissão da preposição “de”, na primeira sentença, sem retomada por qualquer pronome resumptivo, e o uso tão somente do pronome relativo neutro “que”, na segunda sentença, sem indicação de posse.

- (33) Essa é a jovem **que** falamos.
- (34) Essa é a jovem **que** a participação na palestra é muito aguardada.

Não é somente em orações relativas genitivas que os fenômenos de relativas não-canônicas acontecem, como foi mostrado nos exemplos, porém é possível perceber que a maior complexidade de tais estruturas tende a levar a uma frequência maior de uso desse recurso. Por isso mesmo, o presente estudo tem como foco as relativas genitivas não-padrão, baseando-se no fato de que o uso do pronome relativo “cujo”, característico da estrutura genitiva padrão, parece estar ligado somente a contextos muito formais.

1.1.2 Relativas do Inglês

As orações relativas do Inglês possuem particularidades que precisam de uma análise mais aprofundada, principalmente porque faz parte dos objetivos deste estudo entender a possível transferência feita entre PB e Inglês quando os bilíngues forem o foco de observação. Assim como no PB, há duas estruturas básicas: uma com objetivo de restringir o antecedente, de forma a deixar claro de quem ou do que exatamente se fala, a qual é chamada de restritiva (*defining*); a outra apresenta informação extra sobre um antecedente, sendo chamada de não-restritiva (*non-defining*). Na oralidade, marca-se a diferença da oração não-restritiva com uma pausa, enquanto na escrita, utilizam-se vírgulas para marcação dessa informação suplementar.

No que tange aos marcadores relativos, a língua inglesa conta com um marcador mais geral, *that*, o qual pode ser empregado para se referir tanto a seres animados quanto a seres inanimados, sejam eles pessoas ou não, e uma diferenciação para a questão da animacidade e pessoalidade, marcada pelo emprego de *which* para seres inanimados e animais e *who* para pessoas (com a variante *whom* quando aparece depois de preposição). Outros marcadores comuns são o *when* para marcar referência de tempo, *where* para se referir a lugar e *whose*, indicativo de posse, alvo da nossa pesquisa, o equivalente ao “cujo” do PB. Um aspecto importante a ser ressaltado, que é distinto do PB, é o fato de nenhum deles ser variável, não marcando nem pessoa nem número.

Especialmente no que se refere às genitivas, ponto chave da discussão aqui travada, é interessante perceber que a dificuldade prevista pelos falantes do PB em relação a como empregar o “cujo” (se varia em gênero ou número, se coloca artigo antes ou não) é esvaziada no Inglês. Em outras palavras, se há a hipótese de o falante do PB recorrer às estratégias não-canônicas como forma de facilitar essa construção que deveria variar de acordo com o antecedente, a mesma dificuldade pode desaparecer no Inglês, por *whose*, seu equivalente, ser invariável. Por outro lado, o *that*, que é mais neutro, aparece como uma alternativa menos

custosa, acarretando, muitas vezes, emprego inadequado em contextos em que o *whose* seria obrigatório por ser indicativo de posse.

Abaixo, encontram-se alguns exemplos de relativas restritivas com marcadores relativos diferentes:

- (35) This is the friend **who/that** lives in my building. (Esse é o amigo que mora no meu prédio)
- (36) My dog is the one **which/that** enjoys playing all the time. (Minha cachorra é aquela que gosta de brincar o tempo todo)
- (37) That was the moment **when** I realized I was not happy about the result of the project. (Aquele foi o momento quando eu descobri que não estava feliz com o resultado do projeto)
- (38) Brazil is a country **where** people are very welcoming. (Brasil é um país onde as pessoas são muito acolhedoras)
- (39) My mother found a restaurant **whose** food everybody liked. (Minha mãe achou um restaurante cuja comida todo mundo gostou)

É relevante ressaltar que, para relativas não restritivas, o uso de *that* não é mais possível, segundo a Gramática Tradicional, não importando quem seja o antecedente. Para fins de exemplificação, tem-se as sentenças a seguir:

- (40) Gilberto Gil, **who** is a Brazilian singer, is going to participate in the next festival. (Gilberto Gil, que é um cantor brasileiro, vai participar do próximo festival)
- (41) Cockroaches, **which** are disgusting insects, can be found everywhere. (Baratas, que são insetos nojentos, podem ser encontradas em todo lugar)
- (42) I met my best friend for the first time in the cinema 2 years ago, **when** I was pregnant. (Eu conheci minha melhor amiga no cinema há 2 anos, quando eu estava grávida)
- (43) Amazon, **where** there are lots of natural resources for the planet, is at risk due to deforestation. (A Amazônia, onde tem muitos recursos naturais para o planeta, está em risco por conta de desflorestamento)
- (44) Coldplay, **whose** songs I love, will be in Brazil in October. (Coldplay, cujas músicas eu amo, estará no Brasil em Outubro)

Outra particularidade da língua que merece destaque é a possibilidade de omissão do marcador relativo, contanto que o antecedente com o qual faz co-referência não seja um sujeito. Isso se dá pelo fato de, diferentemente do PB, no Inglês, a omissão de sujeito não ser permitida, logo, se o marcador relativo faz a função de sujeito, ele também não pode ser omitido. Abaixo, encontra-se um exemplo em que o marcador pode ser omitido e um em que ele não pode. Cabe afirmar também que, para as relativas não-restritivas, a omissão do marcador relativo nunca é possível.

- (45) This is the book (**that/which**) I borrowed from my cousin. – função de OD
(Esse é o livro que peguei emprestado do meu primo)
- (46) My students met the teacher **that/who** is responsible for organizing the presentations. – função de sujeito (Meus alunos encontraram a professora que é responsável por organizar as apresentações)

Além das orações subordinadas, já apresentadas anteriormente, a língua inglesa conta ainda com as orações proposicionais (*sentencial relative clauses*), isto é, uma oração inteira fazendo referência à oração anterior, introduzida pelo marcador *which*, normalmente utilizada para fins de avaliação do que foi apresentado anteriormente. Nesse caso, o marcador faz a mesma função que a expressão “o que” faz no PB. Um exemplo desse tipo de oração é apresentado abaixo:

- (47) I decided to study for the test only two days before it, **which** was a completely stupid idea. (Eu decidi estudar para a prova somente dois dias antes dela, o que foi uma ideia completamente idiota)

Em relação às relativas genitivas, vale, ainda, ressaltar que, para o Inglês, por exemplo, segundo Herrmann (2003), o falante pode fazer uso da estrutura *of which* para indicar posse, conforme exemplos extraídos de Herrmann (2003 *apud* Johansson, 1993: 112):

- (48) The house [whose roof was damaged]...
- (49) The house [the roof of which was damaged]...
- (50) The house [of which the roof was damaged]...

Também devemos mencionar o uso de estruturas do tipo não-padrão. Uma estratégia similar à cortadora no PB não parece ser encontrada no Inglês. Relembremos que a estratégia cortadora dispensa a presença de uma preposição que, de outra forma, deveria aparecer junto ao pronome relativo, ou seja, a língua portuguesa adota o que é comumente chamado de *pied-piping*/carregamento da preposição. No Inglês, a preposição pode ou não ser carregada, em relativas preposicionadas:

- (51) Essa é a menina para quem dei o livro.
 (52) This is the girl to whom I gave the book/This is the girl I gave the book to.

Em relação a relativas genitivas, não faria sentido falar de uma versão cortadora para o Inglês. No entanto, o uso de resumptivos pode ser constatado, conforme exemplo retirado de McKee e McDaniel (2001):

- (53) The robber that Dorothy is swinging his rope.

Embora pronomes resumptivos sejam tidos como agramaticais no Inglês, uma língua do tipo intrusiva (HORNSTEIN, 2001), sua presença é constatada, particularmente em dependências que contêm ilhas sintáticas, mas também podem ser produzidos em dependências mais longas e em encaixamentos (MELTZER-ASSCHER, 2021).²

Segundo os estudos de Heestand *et al.* (2011 *apud* HOFMEISTER; NORCLIFFE, 2014), o uso de resumptivos não deixa a sentença melhor do que a opção com a lacuna (outros estudos apresentados mais adiante chegaram a essa conclusão também). Ademais, em julgamentos de aceitabilidade, resumptivos costumam ser mal avaliados. Não parece haver uma total aceitabilidade de resumptivos no julgamento de sentenças na compreensão, embora estes sejam melhor avaliados quando aparecem em violações que proíbem movimento (McDANIEL: COWART, 1999, *apud* UCHOA, 2019).

No entanto, há estudos que demonstram que, de maneira geral, os resumptivos são consistentemente menos aceitos, independentemente de a sentença conter ou não uma ilha sintática (KEFFALA, 2013; HAN *et al.*, 2012, *apud* UCHOA, 2019). Assim, a inaceitabilidade de resumptivos em prol da opção com lacunas levantou a questão do motivo

² Geralmente os resumptivos são encontrados em ilhas sintáticas (ver AUGUSTO, 2017 e também nota 4 adiante). Exemplos retirados de Meltzer-Asscher (2021):

(a) We're afraid of things that we don't know what they are.
 (b) King Kong is a movie which you'll laugh yourself sick if you see it.

que leva a seu aparecimento comprovado no discurso (PRINCE, 1990; JAEGER, 2006; BENNETT, 2008 *apud* HOFMEISTER; NORCLIFFE, 2014). Uma das explicações seria de que seu uso está restrito a algumas condições de performance (KROCH, 1981; ASUDEH, 2004; HEESTAND *et al.*, 2011 *apud* HOFMEISTER; NORCLIFFE, 2014). Conforme Heestand *et al.* (2011 *apud* HOFMEISTER; NORCLIFFE, 2014), certas situações de pressão poderiam influenciar o uso de resumptivos, em uma maneira de adicionar informações sem quebrar a linha de pensamento. Com isso, eles poderiam aparecer no discurso por questões de falta de planejamento (KROCH, 1981 *apud* HOFMEISTER; NORCLIFFE, 2014) ou graças à característica progressiva da produção, capaz de gerar sentenças localmente bem aceitas, mas globalmente agramaticais (ASUDEH, 2004, 2011 *apud* HOFMEISTER; NORCLIFFE, 2014). De qualquer forma, a questão do uso ocasional dessa estratégia estaria relacionada à dificuldade de produção local e não, a princípios gramaticais. Assim sendo, os resumptivos não serviriam nem para facilitar nem para dificultar a compreensão.

Dessa maneira, como detalharemos mais adiante, optamos por fazer tanto testes de produção quanto de avaliação para tentar flagrar possíveis distinções em relação às estratégias canônicas e não-canônicas, estas admissíveis no PB, mas bastante controversas no inglês. Com isso, a comparação do comportamento dos falantes de ambas as línguas é importante para o presente estudo.

1.2 Modelos de Movimentos das Relativas

Na literatura gerativista, busca-se associar às estruturas da língua uma representação sintática que reflita aspectos gerais da organização sintática das línguas naturais, ao mesmo tempo em que se retrata o conhecimento internalizado de um falante a respeito de uma língua particular. Nesse sentido, o modelo teórico adotado assume uma estrutura sintagmática, gerada a partir da atuação de algumas operações universais, disponíveis para a espécie humana, que é dotada de um sistema computacional para o processamento de informação de natureza linguística.

Nesse sentido, a estrutura da sentença pode ser dividida em 3 domínios principais: verbo, tempo e complementizador. Mais detalhadamente sobre os domínios individualmente, o verbo representa o evento primitivo conceitual (verbo + argumentos), o tempo contém o domínio verbal e adiciona a função de ancorar o evento ou estado em tempo e torná-lo uma situação, e o complementizador contém o domínio de tempo e adiciona a conexão ao discurso,

tornando a frase como um todo Proposição com um valor de verdade. São os domínios VP, TP (ou IP) e CP³ da estruturação sintática. O exemplo abaixo, baseado em Slabakova (2016), serve para ilustrar esses conceitos:

(54) Jane drink water.

Domínio do verbo: evento de beber / Jane como agente /argumento interno como tema

Domínio do tempo: evento não está pautado no tempo

Jane will drink water (futuro) x Jane drank water (passado)

Domínio do complementizador: linkar sentença e discurso – é afirmação ou pergunta?

Jane will drink water / Jane drank water (afirmação) x Will Jane drink water? / Did Jane drink water? (pergunta)

Cabe ressaltar que as diversas línguas apresentarão particularidades em cada um desses domínios, mas as funções gerais são sempre as mesmas. No PB, por exemplo, uma interrogativa do tipo não/sim não necessita de qualquer inversão de constituintes, como no Inglês; o que vai informar se se trata de uma afirmação ou pergunta é a prosódia, o tom empregado na sentença, quando da linguagem oral, ou o próprio ponto (final ou de interrogação), quando da linguagem escrita. Não há nenhuma mudança visível, portanto, na estrutura da sentença em si, mas apenas a informação de força ilocucionária definirá se seria um CP afirmativo ou interrogativo. Nesse sentido, a língua inglesa conta com a informação, em um CP interrogativo, de que um elemento lexical é necessário nesse domínio, enquanto, em PB, essa obrigatoriedade não existe para as interrogativas sim/não.

As estruturas são geradas, como dito, a partir da atuação de operações universais, como *Merge* (que concatena elementos/objetos sintáticos), *Agree* (responsável pelo compartilhamento de valores entre constituintes, efetivando relações de concordância) e *Move* (uma operação que desloca constituintes de uma posição para outra). Na literatura gerativista, tem sido um consenso associar às relativas uma operação de movimento. Em termos gerais, a noção de movimento sintático reflete o fato de que há um elemento na oração que é pronunciado em uma posição, mas que também é reativado em outra posição para sua interpretação semântica. Esse é o caso de construções como interrogativas -QU, algumas estruturas de tópico e clivadas, assim como as orações relativas.

³ As siglas utilizadas geralmente vêm do Inglês: NP (nominal phrase/sintagma nominal), DP (determiner phrase/sintagma determinante), VP (verbal phrase/sintagma verbal), TP (temporal phrase/sintagma temporal), CP (complementizer phrase/sintagma complementizador).

1.2.1 Modelo WH- Movement

Uma importante teoria que precedeu a proposta de movimento para a geração de relativas é a de Lees (1960), segundo a qual orações relativas seriam derivadas de duas orações não relativas as quais compartilham a mesma expressão nominal. Para que a relativização ocorra, espera-se que haja o apagamento da expressão nominal no interior da segunda oração, a qual é adjungida à primeira. Para esse fenômeno se tornar possível, é esperado que duas regras sejam seguidas: a inserção de um pronome relativo com traços idênticos (número, pessoa e caso) aos do N-alvo e o apagamento da expressão N repetida no interior da relativa. Esse tipo de raciocínio é muito comum no ensino de orações relativas, em uma tentativa de mostrar um passo a passo para a construção da mesma. O processo seria como abaixo:

- (55) Construção da primeira oração: O compositor escreveu uma música.
- (56) Construção da segunda oração: A música encantou a todos.
- (57) Adjunção ao N-alvo: O compositor escreveu **uma música a música** encantou a todos.
- (58) Inserção do pronome relativo: O compositor escreveu uma música **que** a música encantou a todos.
- (59) Apagamento da expressão N no interior da relativa: O compositor escreveu uma música que ~~a música~~ encantou a todos.

A crítica que se faz a essa proposta se dá pelo fato de que as regras adotadas mostram-se obscuras e arbitrárias. Isto é, quando se pensa em apagamento e inserção de constituintes, por exemplo, não se pode saber com clareza o que motiva ambas as ações. Sendo assim, o processo, descrito dessa forma, soa superficial e/ou fictício.

Por outro lado, segundo Chomsky (1977), as relativas padrão seriam derivadas de um movimento -QU (ou *WH-Movement*) que aconteceria da seguinte forma: um NP -QU é movido para a posição COMP (representada abaixo por CP) e, ao fazê-lo, deixa uma categoria vazia (vestígio, representado abaixo por t) em seu lugar. Como exemplo, tem-se:

- (60) [DP a menina_i [CP que_i [IP _(t)_i comprou uma boneca]]].

Propor uma estrutura sintática que explique as estruturas relativas não é tarefa trivial. Não se tem proposta que se tome como completamente adequada e isenta de críticas, visto que ainda há muito espaço para discussão e desenvolvimento no âmbito de orações relativas. No entanto, é importante pontuar o que é deixado claro e o que carece de maior aprofundamento.

Voltando-se para Chomsky, suas ideias parecem explicar a presença de uma lacuna (*gap*, marcada pelo vestígio), além da possibilidade de relações estruturais de longa distância e que são sensíveis a restrições de ilha⁴. Em contrapartida, Chomsky deixou de fora duas questões particulares das relativas, são elas: a co-referência e o compartilhamento de traços (número, gênero e caso, por exemplo) entre o alvo e o pronome relativo, assim como a possibilidade de relativas serem derivadas sem pronome relativo -wh (ou -qu, no PB). Como os estudos estão em constante análise e desenvolvimento, Chomsky (1977), Safir (1986) e Browning (1987) acrescentaram uma regra de predicação, a qual não deve ser aplicada na sintaxe visível, mas sim no componente lógico da linguagem, o subcomponente LF (*Logical Form*) da faculdade de linguagem. Por meio dela, é possível indicar que o alvo da relativa e o elemento -wh seriam derivados, na sintaxe, de forma independente e, apenas em LF (componente pós-sintático), seriam co-relacionados, justificando, assim, a questão da co-referência.

Para esclarecer a maneira como o elemento -wh seria associado a seu respectivo alvo e compartilharia com ele traços morfossintáticos, ainda que não estabeleçam uma relação sintática direta (somente em LF), os autores explicam que as orações relativas são sentenças abertas. Partindo-se desse princípio, elas seriam predicados que precisam ser associados a um sujeito sintático para haver uma construção legítima no componente interpretativo. Assim sendo, LF aplica, pois, uma regra de predicação que seja capaz de associar um predicado a seu respectivo sujeito (CHOMSKY, 1995).

⁴ Segundo Ross (1967 apud Augusto, 2017), o movimento, deslocamento de elementos de sua posição de base para outras posições na sentença, não é totalmente livre e pode ser bloqueado. Em outras palavras, algumas características sintáticas podem restringir as possibilidades de movimento, sendo as maiores restrições elencadas como: *The Complex NP Constraint* (nenhum elemento da sentença dominado por uma NP com um núcleo lexical pode ser movido para fora da NP através de uma transformação – Exemplo: *What_i did you find the mechanic who fixed it t_i?); *The Coordinate Structure Constraint* (em uma estrutura coordenada, nenhum conjunto ou qualquer elemento contido nele pode ser movido para fora do conjunto – Exemplo: *What sofa will be put the chair between some table and?); *Sentential Subject Constraint* (nenhum elemento dominado por S pode ser movido para fora do S se o nó S é dominado por um NP que é imediatamente dominado por um S – Exemplo: *The hat which that I brought seemed strange to the nurse was a fedora).

Kenedy (2002) tece uma crítica relativa a tal proposta, uma vez que a regra de predicção seria capaz de associar livremente NP e -wh, sem levar em consideração as regras de restrições, como as condições de ilhas supracitadas. Além disso, ela também não é capaz de explicar como NP e -wh compartilham certos traços morfossintáticos, como gênero, número e caso, visto que a regra aplicada em LF não dá conta desse fato.

Ainda em relação ao modelo de *-WH Movement*, existe uma grande incógnita que gira em torno das relativas que não possuem pronome relativo, fato que pode acontecer na língua inglesa (conforme explicado anteriormente, com pronomes relativos que não estão em posição de sujeito). A dificuldade advém da necessidade de explicação para a maneira como acontece a saturação da estrutura argumental do predicador presente no domínio do CP da relativa. Em uma sentença como *The book I bought last week* (advinda de *The book that I bought last week*), temos um argumento externo claro (*the book*), mas se torna difícil a busca por um argumento interno sem uso da semântica para tal, e também sem o entendimento de como essa informação é codificada na estrutura sintática da relativização. Isto é, segundo esse exemplo, LF não seria capaz de explicar as estratégias aqui empregadas.

Para Chomsky (1995), haveria um operador nulo OP. Esse operador é movido para [Spec, CP], deixando um traço que funciona como variável. Conforme Kenedy (2002), a naturalidade de um operador como OP é questionável. Esse tipo de recurso seria, segundo o autor, resultado de uma estratégia descritiva artificial cuja motivação seria meramente intrateórica, tornando-se injustificável do ponto de vista da linguística formal contemporânea.

Com isso, entre idas e vindas de estudos e diferentes perspectivas para o assunto, as análises do modelo *-WH Movement* têm as seguintes propriedades: as relativas devem ser descritas como CPs adjungidos a NP/DPs; no domínio do CP da relativa, um elemento -WH ou OP é deslocado de sua posição argumental para spec-CP; em LF, existe uma regra de predicção que norteia a indexação entre a expressão nominal relativizada e o elemento -WH ou OP.

1.2.2 Modelo Raising

O modelo *Raising* foi uma grande alternativa em relação ao movimento -WH nos anos 70. A principal diferença trazida por essa proposta tem relação com a forma como a construção da relativa se dá. Segundo esse modelo, há um alçamento do sintagma alvo da relativização. Em outras palavras, a derivação de uma oração relativa não envolveria a relação

entre duas orações não relativas, as quais compartilham uma expressão N idêntica. Nesse caso, a relativização envolveria apenas uma expressão N, que seria deslocada de uma posição de dentro do IP da relativa para fora desse domínio, adjungindo-se a um constituinte determinante denominado Art (artigo). As etapas que caracterizam esse modelo aparecem a seguir:

- (61) Construção da oração não relativa: [a encantou a todos]
- (62) Construção da oração relativa: [música que o cantor escreveu ~~que música?~~]
- (63) Adjunção: [a [música que o cantor escreveu] encantou a todos]
- (64) *Raising* do N-alvo: [a música_i [t_i que o cantor escreveu] encantou a todos]

Kayne (1994) aprimorou essa proposta, considerando que as relativas não deveriam ser analisadas como adjuntos de NP/DP ou de Art, devendo ser, portanto, descritas como complementos de um núcleo determinante D. A partir de tal premissa, é possível englobar as três generalizações ora feitas por Chomsky (1977), isto é, há uma lacuna, ocorrem relações estruturais de longas distâncias e há sensibilidade à restrição de ilhas. Para melhor esclarecimento sobre o que se aponta aqui, é preciso considerar que o alvo da relativa é uma expressão N presente no DP, o qual é gerado em uma posição argumental no domínio do CP (indicado por i). O DP com o alvo é deslocado da posição base, deixa uma lacuna com a qual mantém relações a distância, respeitando as restrições de ilha, para que não haja agramaticalidade da sentença.

É relevante ressaltar que uma distinção importante em relação ao modelo de Chomsky é que essa proposta só abarca as relativas restritivas, além de evitar problemas técnicos para explicar co-referência e compartilhamento de traços entre o N-alvo e o elemento -wh da relativa (dispensa-se, aqui, a regra da predicação em LF). Ademais, a análise do alvo da relativização e t é feita com um único objeto sintático, que é descontinuado em decorrência da aplicação da regra de movimento. Há também a questão de o elemento -wh ser realmente determinante de N, permitindo compartilhamento de traços morfossintáticos localmente, e o fato de a explicação ser estritamente sintática (e não baseada em LF, como o modelo anterior sugere), extinguindo a existência de OP (quem será alçado para spec-CP é sempre o sintagma-alvo da relativa, não importando a presença de wh- ou complementador em CP).

Algumas justificativas formais e empíricas para esse modelo se fazem necessárias. A primeira delas é o Axioma de Correspondência Linear (*Linear Correspondence Axiom*) (KAYNE, 1994), através do qual entende-se que a Gramática Universal é extremamente

rígida em relação ao mapeamento, na ordem linear, das relações hierárquicas entre os constituintes de uma sentença (visão oposta à teoria de Princípios e Parâmetros, de Chomsky – 1981, 1995 – a qual considerava que existia flexibilidade em relação à ordenação linear estabelecida entre núcleos e complementos). De acordo com LCA, complementos sucedem núcleos, e a posição à direita dos núcleos é sempre exclusiva para complementos. A partir disso, nenhuma adjunção à direita é licenciada por LCA, com adjuntos sintáticos sendo gerados à esquerda de núcleos ou sintagmas. A questão que se faz aqui é que, se considerarmos LCA como correto e o modelo *raising* for aceito, anula-se o modelo de movimento -wh.

Outra justificativa importante trata das relações sintáticas estabelecidas entre o determinante D e a relativa CP, em contraposição à visão anterior de relação entre D e expressão N. O motivo para essa visão é que a gramaticalidade baseia-se na ideia de que os NPs não podem ser selecionados pelo núcleo D do DP que os domina, uma vez que, segundo a teoria aqui descrita, o NP linearmente subsequente a D é, na verdade, um constituinte de CP, ocupando a posição spec-CP advinda da regra de movimento. Os contrastes abaixo indicam que o sintagma após o D só gera uma sentença gramatical se acompanhado de uma relativa, como mostram os segundos exemplos de cada tipo de expressões. Sem essa relativa, o que configura os primeiros exemplos, tem-se agramaticalidade (KENEDY, 2014):

- (65) Expressões tipológicas: [*eu ouvi o tipo de música] x [eu ouvi o tipo de música que você curte]
- (66) Expressões de medidas: [*encontrei os 2L de leite] x [encontrei os 2L de leite que você estava procurando]
- (67) Expressões resultativas: [*a arquiteta causou admiração com a cor] x [a arquiteta causou admiração com a cor que escolheu para o móvel da cozinha]
- (68) Expressões “com”: [*Paula comprou a bicicleta com o aro] x [Paula comprou a bicicleta com o aro que ela queria]

O mesmo tipo de raciocínio para justificar o caráter de complemento de D do CP está relacionado ao fato de que expressões idiomáticas, como “pagar mico”, devem ser geradas em nódulos irmãos, estabelecendo a relação sintática núcleo + complemento. Se o núcleo é indiscutivelmente um constituinte da relativa, o complemento necessariamente também o é. Como exemplo, tem-se: “O mico que eu paguei foi inacreditável”.

No que tange aos artigos definidos, eles podem ser licenciados em contextos em que normalmente não o seriam, havendo uma oração relativa a eles relacionada. É possível dizer, por exemplo, “Os sanduíches que havia na cafeteria eram bons”, mas não seria gramatical uma sentença como “Havia os sanduíches bons na cafeteria”. O que justifica essa gramaticalidade x agramaticalidade é o fato de que, na primeira sentença, “sanduíches” não é complemento de “os”. Logo, é possível provar que a relativa é o complemento categorial de um núcleo determinante, na estrutura [D CP].

1.2.3 Modelo WH- Movement x Modelo Raising (pontos fracos e pontos fortes)

Para deixar mais clara a diferença entre os modelos aqui apresentados, é importante pontuar de maneira mais organizada o que cada modelo apresenta de pontos positivos e negativos, ou melhor, que ainda precisam de maior desenvolvimento. O quadro abaixo objetiva apresentar essa comparação:

Quadro 1 – Comparativo entre Modelo de Chomsky e Modelo de Kayne

Modelo de Chomsky	Modelo de Kayne
Mais intuitivo, abarca a informalidade das análises sintáticas escolares;	Mais cuidadoso e refinado formalmente falando;
Mais abrangente, com capacidade de maior generalização descritiva;	Traz dados persuasivos a favor da relação D + CP;
Falho e vago em relação à regra de predicação em LF e operador nulo OP;	Não captura a intuição de que a expressão N-alvo da relativização possui uma existência independente em relação à oração relativa;
Adequação explanatória.	Fraqueza técnica: é necessário fazer uso de determinantes abstratos (D nulos, sem preenchimento fonético) como alternativa descritiva para análise de relativas que não têm o D expresso, não deixando claro se o D nulo seria igual ao OP;
	Solução eminentemente formalista.

Fonte: A autora, 2023.

1.3 Problemas relacionados a estruturas não-padrão de relativas

Ainda que a produção de relativas não padrão seja comum, particularmente no PB, conforme já mencionado, é relevante apontar que elas apresentam alguns pontos que requerem atenção, como o fato de não se submeterem a restrições de ilhas, a incerteza em relação ao movimento na derivação dessas sentenças, como o pronome resumptivo deveria ser avaliado (como categoria independente da expressão N-alvo ou como parte dela) e se há realmente o corte da preposição ou se há um caso de mudança de regência quando o verbo está inserido em uma relativa ou ainda algum outro fenômeno desconhecido até então.

A frequência alta de uso de tais estruturas, hipótese já apresentada por outros autores e que se pretende verificar através dos testes empregados neste estudo, determina a necessidade de observação de tal fenômeno. Se entender qual movimento acontece e como os constituintes se organizam na construção de orações relativas canônicas já é um processo complexo e um debate teórico em andamento, olhar para as relativas não-padrão é, sem dúvida, importante e urgente, levando-se em conta que a língua é dinâmica e é preciso acompanhar suas mudanças e impactos nos falantes.

1.4 Análises formais das relativas não-padrão do PB

Uma vez que a produção de relativas não-padrão está se tornando cada vez mais natural, cabe ressaltar a visão de diferentes autores acerca do tema. Primeiramente, Tarallo (1983) utiliza o modelo -WH como base e defende a ideia de que o Português Brasileiro passou por uma mudança sintática em relação ao Português Europeu. No PE, a derivação de estruturas relativas aconteceria por meio da aplicação do movimento -WH, enquanto, no PB, existiria uma nova gramática de relativização, segundo a qual o NP-alvo é retomado anaforicamente, no interior da relativa, por um elemento co-referente, sem que haja qualquer regra de movimento.

No que tange à anáfora, ela poderia ser do tipo pronominal, com o pronome resumptivo retomando o elemento N relativizado, como explicado anteriormente, ou ainda do

tipo zero, em que a co-referência com N é feita por uma categoria vazia. Para as relativas cortadoras, entende-se que haveria uma segunda regra de elipse, excluindo-se a preposição.

Kato (1993) apresenta a hipótese de LD (*Left Dislocation*- Deslocamento à Esquerda), a qual também se baseia no movimento -WH e nas hipóteses de regras de elipse de Tarallo. Para Kato (1993), o NP relativizado, quando há a produção de uma relativa não-padrão, não seria extraído de dentro do IP e sim, da posição LD, conforme-exemplo a seguir:

(69) O rapaz [CP que_i [LD_{ti}]] [[IP nós falamos com ele_i] hoje].

O termo relativizado aqui é “o rapaz”, na posição LD. O pronome “que” está ligado a seu vestígio em LD, sendo co-referente com o pronome pessoal “ele”, dentro de IP. Outro exemplo de relativa não-padrão segue abaixo:

(70) [IP O homem_i [CP que_i [LD_(t) [[IP o filho (Ø/ dele) está doente] anda triste].

Para melhor entendimento, deve-se considerar que existe uma área da sentença a qual fica à esquerda do sujeito, chamada de periferia esquerda, lugar por onde a sentença se expande. Dessa forma, para incluir um constituinte adverbial, por exemplo, é comum que ele se posicione nessa área. Além dessa função, é comum a inclusão de elementos que codificam o tópico ou que indicam o foco da sentença. Os exemplos abaixo, extraídos de Kato (2009), ajudam no entendimento do fenômeno.

(71) A Maria, [_{SFlex} o João comprou flores para ela⁵].

(72) Para a Maria [_{SFlex} o João comprou flores, não para a Joana].

Há também a possibilidade de se encaixar uma sentença na outra. A sentença formada se expande justamente na periferia esquerda, com a adição de “que” e “se”, para ser parte de uma sentença superior, conforme indicado abaixo:

(73) Ele comprou o novo Harry Potter.

(74) Pedro disse [que [_{SFlex} ele comprou o novo Harry Potter]].

⁵ Os exemplos tirados de Kato (2009) estão com abreviaturas em Português, respeitando a formatação original. SFlex equivale a IP; SC equivale a CP; Stop equivale a TopP, seguindo as nomenclaturas em Inglês utilizadas nessa dissertação.

- (75) Pedro perguntou [se [S_{Flex} ele comprou o novo Harry Potter]].
 (76) João se empenhou para [que [S_{Flex} ele comprasse o novo Harry Potter]].

Nesses casos, “que” ou “se” funcionam como um elemento gramatical capaz de introduzir a sentença “ele comprou o novo Harry Potter”, de modo a torná-la complemento dos verbos, adquirindo a classificação de complementizadores. Em contrapartida, estruturas mais complexas, do PB coloquial, apresentam sintagmas -QU precedendo o complementizador, como sinalizado abaixo:

- (77) Pedro perguntou [SC quem que [S_{Flex} [___] comprou o novo Harry Potter]].
 (78) Pedro perguntou [SC que aluno que [S_{Flex} [___] comprou o novo Harry Potter]].

Aqui, tem-se uma estrutura de SC complexa abrigo uma posição nuclear C, onde entram os complementizadores, e uma posição sintagmática para onde se movem elementos pronominais e sintagmas, inclusive elementos focalizados como em:

- (79) [SC O PEDRO que [S_{Flex} [___] comprou o novo Harry Potter, não o João]].

A questão que parece influenciar o fenômeno descrito está relacionada com a natureza ilocucional da sentença, ou seja, se é declarativa ou interrogativa, ou com a função discursivo-informacional de foco. Tal função é também codificada na periferia esquerda da sentença, como exemplificado a seguir:

- (80) [S_{Top} Meu carro [S_{Flex} o pneu dele furou]].
 (81) [S_{Top} Esse vinho [SC quanto [S_{Flex} você pagou por ele]]]?
 (82) A Maria disse [SC que [S_{Top} os meninos [S_{Flex} ela vai buscar (eles) à tarde]]].

A partir desse princípio, LD seria uma posição sintática em adjunção ao IP, no caso da oração relativa e, a essa posição, são indexados, por meio da regra de predicação em LF, o NP-alvo e a variável anafórica que corresponde a ele, manifestada no domínio IP como pronome resumptivo ou como lacuna. Dessa posição em LD, o elemento -QU, interpretado como pronome relativo, é deslocado para spec-CP, demonstrando a única regra de movimento possível em PB. Para Kato (2014), existe uma orientação, em PB, para o uso de topicalização, contrapondo-se à orientação para o sujeito. Essa estratégia é formalmente capturada pela

posição LD, uma posição sintática de elementos em tópicos no discurso. Em outras palavras, a relativização não acontece a partir de um elemento no domínio do IP da oração relativa e sim, da referida posição LD.

Para Kenedy (2002), segundo o Modelo *Raising*, tanto as relativas padrão quanto as não-padrão devem receber a mesma descrição formal na sintaxe visível, competindo ao componente fonológico da linguagem (PF) diferenciar umas das outras. Na sintaxe, sintagmas e seus constituintes são categorias relevantes para análise, já a sua expressão morfofonológica não é relevante para a análise sintática, ocorrendo, então, somente no nível PF. Visando ao esclarecimento da perspectiva do autor, cabe apresentar dois exemplos:

(83) A [criança_i [que eu achei t_i]].

(84) A [criança_i [que eu achei ela_i]].

Tanto t quanto o pronome resumptivo são cópias parciais do DP alvo da relativização, sendo t representativo dos traços morfofonológicos do DP relativizado, que é apagado completamente na sua posição original para efeitos de pronúncia. Já nas relativas copiadoras, nem todos os traços desse DP são apagados, mantendo-se número, pessoa e gênero, necessitando-se, com isso, da produção fonética do pronome resumptivo.

Para as relativas cortadoras, Kenedy usou a hipótese de Salles (1999), a qual estabelece que é comum, em línguas como PB, que preposição e artigo mesclam seus traços morfofonológicos, originando um núcleo sintático complexo [P+D]. Uma vez que, em PF, os traços de P estão misturados aos do DP (com núcleo em D), o apagamento dos traços do DP alvo da relativização, em sua posição base, acarreta o apagamento dos traços de P.

Em outras palavras, temos que, em relativas preposicionadas canônicas, há uma lacuna, uma cópia sem realização fonética, com 2 movimentos; já nas relativas preposicionadas copiadoras, somente o N-alvo sofre o movimento, a preposição é deixada na base, e o N-alvo é realizado foneticamente através do pronome resumptivo; nas relativas cortadoras, por sua vez, há o apagamento completo da cópia do N-alvo deixado na base, levando, conseqüentemente, ao apagamento da preposição segundo a hipótese [P+D]. Os exemplos abaixo almejam clarear o que foi descrito aqui:

(85) Relativa preposicionada canônica

[o [boné_j [com o qual t_j]_i você saiu t_i noite passada]]

(86) Relativa preposicional copiadora

[o [boné_i [que você saiu [com ele_i] noite passada]]]

(87) Relativa cortadora

[o [boné_i [que você saiu [~~com~~ t_i] noite passada]]]

Posteriormente, a proposta de Kato (1993) foi atualizada em Kato e Nunes (2009), visando à conciliação entre a hipótese LD e o Modelo *Raising*. Assim sendo, nas estratégias não-padrão, entende-se que há uma derivação a partir da LD. Apresentamos, abaixo, exemplos de análise, retirados de Kato e Nunes (2009, p. 114-115):

(88) Relativas padrão

a. [aquela [CP [DP pessoa_i[DP que t_i]]]_k [CP C [IP t_k comprou o livro]]]]

b. [o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]]_k [CP C [IP aquela pessoa comprou t_k]]]]

c. [o [CP [PP livro_i [PP de [DP t_i [DP que t_i]]]]]_k [CP C [IP você precisa t_k]]]]

(89) Relativas com pronome resumptivo

a. Eu tenho [uma [CP [DP amiga_i [DP que t_i]]]_k [CP C [LD t_k [IP ela_i é muito engraçada]]]]]]

b. Este é [o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]]_k [CP C [LD t_k [IP o João sempre cita ele_k]]]]]]

c. Este é [o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]]_k [CP C [LD t_k [IP você vai precisar dele_k amanhã]]]]]]

(90) Relativas cortadoras

a. Este é [o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]]_k [CP C [LD t_k [IP você estava precisando pro_k]]]]]]

Segundo os autores (ver também GROLLA, AUGUSTO & RODRIGUES (2020)), nas relativas padrão, o CP é um complemento do determinante e o pronome relativo é um determinante relativo que forma um constituinte com N, o qual será relativizado. Utilizando os exemplos acima, temos que os constituintes [que pessoa], [que livro] e [de que livro] foram gerados na posição base de sujeito ou complemento do verbo e, depois, foram movidos, sendo adjungidos ao CP, complemento de D. Com isso, obtêm-se *pessoa que t_i*, *livro que t_i*, *de livro que t_i* e, no último caso, há, ainda, uma adjunção do N ao PP, obtendo-se *livro de t_i que t_i*.

Já no caso das resumptivas, as mesmas etapas acontecem, porém há o movimento do constituinte formado pelo determinante relativo + N, a partir de LD, cima de IP. Teríamos algo como *que livro, o João sempre cita ele* e somente então a derivação prosseguiria para a relativização. Nesse caso, os elementos alvo da relativização seriam [que amiga], [que livro] e [que livro] em LD. Além disso, eles estão coindexados com o pronome resumptivo na posição base (“ela” como sujeito em 89a, “ele” como objeto em 89b e “ele” como complemento da preposição em 89c). Uma vez que LD só pode ter DPs, o pronome relativo precisa necessariamente ser “que”.

Nas cortadoras, os autores assumem que há um pro especial como complemento do verbo em estruturas de topicalização em que a preposição não aparece. Assim, a derivação para a relativização partiria de *que livro, você estava precisando pro*. A derivação se dá a partir de LD, acima de IP. Tem-se, assim, gerações distintas para relativas do tipo padrão, em que o movimento se dá da posição de base dentro do IP, enquanto as relativas do tipo não padrão seriam geradas a partir dessa posição LD, acima de IP.

Ao se observar a estrutura relativa genitiva, alvo do presente estudo, ao entrar no ambiente escolar, o falante da língua, na verdade, é apresentado a uma estrutura completamente diferente do seu uso comum, como se ele estivesse entrando em contato com uma L2, tamanha a diferença encontrada. Não é à toa que as hipóteses do trabalho sobre a produção de estruturas do tipo padrão giram em torno da questão de formalidade, já que, na escola, estuda-se a produção mais formal, que se contrapõe a estrutura informal do dia a dia do falante. Relevante, em relação ao nosso fenômeno principal de pesquisa, a relativa genitiva, é considerar que relativas do tipo padrão apresentam um tipo de derivação, enquanto relativas do tipo não-padrão, resumptivas ou cortadoras, são geradas diferentemente, seja por serem derivadas a partir de uma posição de uma categoria específica – LD (KATO & NUNES, 2009), a qual tem sido amplamente adotada, seja por se submeterem a regras particulares, no caso de apagamento de traços de DP e P (KENEDY, 2002).

1.5 Genitivas do PB x Genitivas do Inglês

Tanto no PB quanto no Inglês, genitivas são estruturas utilizadas para indicar posse. Isto é, a oração não somente faz referência a algo ou alguém mencionado na oração à qual está ligada, como passa a ideia de posse em relação a esse co-referente. Na verdade, a

correferência se dá entre o antecedente e um determinante (possuidor) de um sintagma nominal da oração relativa. Por conta disso, pode-se afirmar que é uma estrutura custosa para os falantes, uma vez que ele se vê diante de diferentes intenções ao mesmo tempo: fazer co-referência, escolher um pronome relativo para ligar as duas orações e pensar em como fazê-lo para passar o valor semântico de posse. Vale ainda apontar uma possível hierarquia interna à estrutura genitiva, em paralelo à Hierarquia de Keenan e Comrie (1977), como proposto por John Hawkins (1999 *apud* Herrmann 2003):

Hierarquia de Acessibilidade interna à relativa genitiva

GEN:SUJ > GEN:DO > GEN:IO > GEN:OBL

Essa organização indica, pois, que, dentro das estruturas relativas genitivas, há também variações de complexidade de acordo com o tipo de genitiva empregada. A partir disso, é de se esperar, então, que genitivas do tipo OI ou OBL, mais abaixo na hierarquia, gerem maior custo para o falante da língua. Com isso, pode-se pensar que, nesses casos, o uso de estratégias não-padrão seja ainda mais recorrente.

Como exemplos de genitivas, temos:

(91) Genitiva de Sujeito

- a. Encontrei um amigo cuja namorada estudou comigo no colégio.
- b. That is my friend whose girlfriend was my classmate.

(92) Genitiva de Objeto Direto

- a. Meus pais apresentaram um primo cuja origem eu desconheço.
- b. I was introduced to a cousin whose parents I haven't met.

(93) Genitiva de Oblíquo

- a. Viajamos para um local sobre cujos pontos turísticos pesquisei muito.
- b. We have traveled to a city (about) whose touristic points I heard (about).

Ao comparar ambas as línguas, é importante pontuar ainda que, diferentemente do Inglês, que possui um único marcador relativo para esse tipo de produção, o *whose*, o PB dispõe de “cujo”, “cuja”, “cujos” e “cujas”, marcando-se, dessa forma, número e gênero. O tipo de complicação que essa variação pode trazer gira em torno justamente de essa estrutura ser mais comum em contextos muito formais, acarretando uma frequência de uso limitada. Conseqüentemente, o falante não está acostumado, principalmente, a ouvir sentenças que fazem uso desse pronome e, ao tentar utilizá-lo, tem grandes chances de cometer deslizos, seja

por variações inadequadas, seja por falta de variação, seja por inserção de artigos (o, os, a, as) entre o pronome e o sintagma que o precede.

Ao se observar a atuação de um falante de PB como L1 aprendendo Inglês como língua adicional, há de se pensar que haja impactos e influências advindas da língua materna. O aprendiz está partindo de 4 possibilidades de pronome relativo para 1 única na língua-alvo, o que, por si só, já pode gerar algum tipo de confusão. Além disso, partindo-se do princípio de que o *input* dessa estrutura, no PB, é limitado e restrito a contextos muito formais, pode-se prever que o mesmo seja esperado para a língua inglesa.

Na verdade, a falta de domínio sobre os processos complexos que fazem parte da produção de uma genitiva padrão no PB, possivelmente, pode influenciar de forma significativa o aprendizado da genitiva do Inglês. Por conta disso, acredita-se que estudos comparativos entre aquisição de línguas sejam relevantes para facilitar o aprendizado de uma língua adicional, pautando-se em previsões embasadas teoricamente a partir da investigação de fenômenos linguísticos característicos da língua materna. Cabe ainda ressaltar que são esperadas estratégias diferentes para ambas as línguas, não somente por conta da complexidade de formação da estrutura em cada língua, como das possibilidades de alternativas que se apresentam.

Como já mencionado, para o PB, há a estratégia padrão, restrita a escolarizados, e as estratégias do tipo não-padrão – cortadora e resumptiva, sendo a cortadora mais frequente que a resumptiva (Tarallo, 1983; Mollica, 1997; 2003; Ramos, 2015; Silva & Lopes, 2007; Lessa de Oliveira, 2009). Para o Inglês, por exemplo, a estratégia padrão é frequente e há, potencialmente, a possibilidade de uso de resumptivo, mas a estratégia cortadora é agramatical nessa língua. Segundo um estudo de McKee e McDaniel (2001), em que adultos falantes de inglês constituem o grupo controle em uma pesquisa com crianças, verificaram-se taxas expressivas de aceitabilidade em relação a genitivas com resumptivos (25% para genitivas de sujeito e 68% para genitivas de objeto). Os exemplos abaixo foram tirados do estudo:

(94) **Genitiva de Sujeito**

The baby that her teddy bear is riding in the wagon.

(95) **Genitiva de Objeto**

The robber that Dorothy is swinging his rope.

Deve-se, ainda, apontar que, como já mencionado, em Inglês, o falante pode fazer uso também da estrutura *of which* (retomam-se os exemplos fornecidos anteriormente):

- (96) The house [whose roof was damaged]...
 (97) The house [the roof of which was damaged]...
 (98) The house [of which the roof was damaged]...

Embora algo semelhante possa ser encontrado no Português e não tenhamos encontrado trabalhos que se debrucem sobre esse uso, sua frequência parece ser bem baixa na variedade brasileira:

- (99) O livro do qual as páginas estavam soltas...

Em suma, o quadro abaixo ilustra as estratégias utilizadas em cada língua para as genitivas:

Quadro 2 - Comparativo entre estratégias no Português e no Inglês

PORTUGUÊS	INGLÊS
Estratégia padrão muito formal, restrita aos falantes escolarizados	Estratégia padrão também formal, mas com outras possibilidades mais coloquiais (como <i>of which</i>)
Estratégia cortadora é muito comum	Estratégia cortadora é agramatical
Estratégia resumptiva é estigmatizada, mas gramatical na língua	Estratégia resumptiva é agramatical, mas pode ser produzida ou relativamente bem aceita, principalmente em estruturas mais complexas, como OD e OBL
Impossibilidade de preposição órfã (aparecendo ao final da sentença)	Possibilidade de preposição órfã
Há variações do pronome relativo (“cujo”, “cuja”, “cujos” e “cujas”)	Pronome relativo é invariável (<i>whose</i>)

Fonte: A autora, 2023

Assim, o quadro deixa claro que há particularidades no uso da estratégia padrão em cada língua, que a estratégia cortadora diferencia claramente as línguas e que a estratégia resumptiva se mostra muito mais marginal em uma língua do que em outra. Como já mencionado, mesmo sendo considerados agramaticais no Inglês, pronomes resumptivos são encontrados em produções de falantes de Inglês como língua materna. Estudos também

apontam que falantes com uma L1 que aceita pronomes resumptivos tendem a avaliar e produzir pronomes resumptivos mais frequentemente em uma L2. Solaimani, Myles e Lawyer (2023) apresentaram um estudo bem recente que investigou a aceitabilidade de diferentes estruturas relativas em Inglês como língua adicional e observou, inclusive, se os bilíngues transferiam a estratégia resumptiva de L1 para L2. O escopo do projeto incluiu 71 falantes de Persa como língua materna e 52 falantes de Francês como língua materna, além de 44 falantes de Inglês como língua materna, todos adultos. Os participantes completaram um teste de proficiência, um teste de julgamento de gramaticalidade e uma tarefa de intervalo de memória operacional, tudo de forma *online*. Quando comparamos as línguas em questão, Francês e Inglês são similares em relação à derivação sintática de relativas, e Persa é uma língua que apresenta estruturalmente o *-wh in-situ*, isto é, o elemento *-wh* não é movido explicitamente. Importante ressaltar também que a língua Persa permite sintaticamente a estratégia resumptiva em relativas de objeto direto e de oblíquo.

No que tange aos testes, no primeiro pré-teste, de proficiência, houve uma diferença estatisticamente considerável nos três grupos, tendo o grupo controle se saído melhor do que os dois grupos amostrais. Ademais, o grupo de Francês como língua materna teve melhores resultados do que o grupo de Persa como língua materna, além de apresentarem maior experiência de imersão em L2. No pré-teste de leitura, todos os participantes do grupo controle e do grupo amostral de Francês conseguiram completar a tarefa, mas apenas 23 do grupo amostral de Persa conseguiram (diferença também comprovada estatisticamente). Passando-se ao teste de julgamento de gramaticalidade, havia sentenças relativas que continham lacunas ou pronomes resumptivos (66 sentenças no total, sendo 42 delas experimentais e 14 distratoras, com a marca [+humano] no NP relativizado e com os tipos: sujeito, objeto direto e oblíquo, 14 de cada). Em cada tipo, 4 usavam o pronome relativo *that* e 10 usavam o pronome relativo *who*, sendo metade do tipo padrão e metade do tipo resumptiva. A tarefa consistia em julgar a gramaticalidade das sentenças (com os códigos 1, .5 ou 0), assim como corrigir as que fossem julgadas como agramaticais.

De forma geral, os resultados mostraram que falantes de Persa como língua materna tinham maior tendência a aceitar os pronomes resumptivos, diferentemente dos falantes de Francês como língua materna. Por outro lado, todos os grupos preferiram, de forma significativa, uma lacuna à estratégia resumptiva. Algo curioso descoberto com o estudo também foi de que, ainda que a língua Persa tenha um complementizador invariável, a aceitabilidade de resumptivas, para esse grupo, não pareceu ser influenciada pelo relativizador utilizado (*that* ou *who*). Mesmo que os três grupos tenham preferido *who* ao invés de *that*, não

houve diferença estatística na aceitabilidade do uso desses pronomes em relativas resumptivas. Com isso, foi possível chegar à conclusão de que, com alta proficiência e com experiência longa de imersão, falantes de Inglês como L2 podem se comportar de forma similar aos falantes de Inglês como L1 em relação às representações sintáticas das relativas, sugerindo, assim, que a questão é muito mais processual do que representacional.

Solaimani, Myles e Lawyer (2023) também apresentaram outros estudos que investigaram a aquisição, em L2, de estruturas *-wh* (ou *-qu* no PB) e se haveria aceitação de pronomes resumptivos em línguas em que a única opção sintática aceitável seria a lacuna. Resumidamente, chegou-se à conclusão de que há uma diferença significativa entre falantes de L1 e de L2 adultos, o que sugere que parâmetros não-interpretáveis dos pronomes resumptivos não estão mais acessíveis na aquisição de língua adicional do adulto e sofrem resistência para serem resetados de forma a incorporar valores de L2 apropriados (TSIMPLI e DIMITRAKOPOULOU, 2007 *apud* SOLAIMANI, MYLES e LAWYER, 2023).

No experimento de Tsimpli e Dimitrakopoulou (2007 *apud* SOLAIMANI, MYLES e LAWYER, 2023), houve um julgamento de gramaticalidade que explorou a aceitação de pronomes resumptivos por parte de falantes de Grego como língua materna adquirindo Inglês como língua adicional, em interrogativas com *-wh*. Na língua grega, diferentemente da língua inglesa, a possibilidade de retomada representa um conjunto de parâmetros de concordância verbal não-interpretáveis nas frases interrogativas com *-wh* e, além disso, é obrigatória na posição de sujeito e opcional da posição de objeto.

Os grupos eram formados por um grupo de falantes de Inglês como língua materna e dois grupos de Grego como língua materna e Inglês como L2, divididos por níveis de proficiência (intermediário e avançado). Os resultados foram capazes de mostrar que, por mais que houvesse uma alta na rejeição de pronomes resumptivos nos grupos de aprendizes, a aceitabilidade, tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto, era significativamente maior para os falantes de Inglês como L2 do que para o grupo controle de Inglês como L1. Os autores também chegaram à conclusão de que a retomada como conjunto de parâmetros não-interpretáveis tende a causar problemas de aprendizado para falantes de L2 mesmo nos níveis mais avançados de proficiência, e é comum haver o fenômeno da transferência de L1 para L2. O estudo confirmou a chamada Hipótese de Interpretabilidade, segundo a qual os parâmetros não-interpretáveis de L1 resistem a serem resetados para os valores apropriados de L2 por conta de efeitos do período crítico, e os falantes de L2 operam baseados nos parâmetros de L1. Importante tecer aqui uma ponte com a presente pesquisa, que vai também checar a questão da transferência e da aceitabilidade de pronomes resumptivos, que, embora possam

ser muito estigmatizados na L1 dos participantes envolvidos (PB), são agramaticais na L2 (Inglês).

Um estudo posterior, de Leal-Méndez e Slabakova (2014 *apud* SOLAIMANI, MYLES e LAWYER, 2023), mostrou que somente os falantes de Inglês como L2 que não eram suficientemente avançados e que aceitavam com frequência os resumptivos na sua L1 tinham maior tendência a transferir a estratégia resumptiva da L1 para o Inglês. Por outro lado, os falantes de Inglês como L2 que tiveram mais de 6 anos de imersão na língua e que não preferiam a estratégia resumptiva à estratégia da lacuna na sua L1 tendiam a não aceitar a estratégia na L2. Isto é, com esse estudo, foi possível perceber também a interferência do nível de proficiência na L2, e se manteve a ideia de transferência de estratégias da L1 para a L2.

Outro estudo similar, de Marefat e Abdollahnejad (2014 *apud* SOLAIMANI, MYLES e LAWYER, 2023), investigou os pronomes resumptivos em relativas de Inglês como L2 em 4 diferentes grupos de proficiência de falantes de Persa como L1: elementar, pré-intermediário, pós-intermediário e avançado. Eles também fizeram um julgamento de gramaticalidade relativo à posição de sujeito, objeto direto e objeto preposicionado. Como já mencionado, para a língua Persa, resumptivos são agramaticais na posição de sujeito, opcionais na posição de objeto direto e obrigatórios na posição de objeto preposicionado. Os resultados puderam mostrar que quanto mais proficiente, maior era a rejeição aos resumptivos. Esses autores também afirmaram que os resultados eram condizentes com a Hipótese de Interpretabilidade, uma vez que não houve diferença na aceitabilidade da estratégia resumptiva nas relativas de sujeito entre falantes avançados e nativos, porém os avançados tinham maior tendência que os nativos a aceitar os pronomes resumptivos nas relativas de objeto direto e de objeto preposicionado, o que demonstrou compatibilidade com o comportamento na língua materna.

De forma geral, esses estudos foram capazes de confirmar o fenômeno da transferência entre L1 e L2, ainda que muitas nuances estejam envolvidas. Em contrapartida, diferenças individuais não foram levadas em conta, assim como limitações de processamento. Sem sombra de dúvidas, o fator proficiência parece interferir no comportamento do aprendiz de L2, fazendo-o, ao que parece, estar mais propício ao fenômeno da transferência quanto menos proficiente for. Por isso mesmo, a pesquisa aqui apresentada buscou um grupo o mais homogêneo possível em termos de proficiência, e os participantes foram convidados a fazer um teste antes de estarem elegíveis para participação, conforme será melhor explicado mais adiante.

Conclusão

O estudo da descrição da sintaxe das estruturas relativas é de extrema importância, já que são estruturas comuns e de alta frequência. Ao se diferenciarem os processos de derivação das estruturas não-padrão e das estruturas padrão, é possível prever a informação linguística internalizada. Por conta disso, a linguística formal deve descrever como se estabelece, na estrutura sintática da relativização, a interseção entre a expressão N e a oração relativa.

Neste capítulo, foi possível apresentar as estruturas sintáticas relativas tanto no PB quanto no Inglês. Ademais, possibilitou-se o entendimento de que os principais modelos de análise descritiva, *-wh* e *raising*, possuem características bem diferentes cujos argumentos também se diferem bastante. Por ainda estar em andamento o estudo relacionado a tal temática, não é possível estabelecer, por enquanto, qual modelo deve ser adotado ou se é possível se pensar em coexistência de modelos (CORRÊA *et al*, 2018). Todavia, fica claro que abordar diferentes análises e sua adequação para dar conta tanto das estruturas do tipo padrão quanto de estruturas mais coloquiais é relevante, pois entender o diacronismo da língua explicita relações entre diferentes modalidades de uso, mais formais e prescritivas, ou mais informais e naturais.

De qualquer maneira, seja qual for o modelo que for adotado futuramente, é importante levar em conta justamente os fatores extralinguísticos. Enquanto a Linguística preocupa-se com a aquisição da linguagem e outros fatores relativos à língua de forma mais abstrata, tem-se a Psicolinguística colaborando para os estudos, tornando mais palpável e prática a análise observada acerca de fenômenos linguísticos. O uso da Psicolinguística, por exemplo, é determinante para se entender melhor os fenômenos e estratégias utilizados por falantes da língua, uma vez que leva em conta fatores para além da língua em si que são determinantes para se entender as produções elaboradas pelos falantes, como exposição a *input*, tipo de atividade e postura mais ou menos prescritivista adotada, além de questões relevantes também em relação ao bilinguismo, como o fato de o processamento da linguagem precisar lidar com regras conflitantes ou, ainda, ao levar em conta o momento da vida em que o bilinguismo está sendo desenvolvido (bilíngues precoces x bilíngues tardios).

Algumas pesquisas foram apresentadas, ainda, na tentativa de apresentar resultados relativos à aquisição de L2 e como essas questões podem influenciar na transferência de parâmetros de L1 para L2. Sendo assim, a validação dos modelos sintáticos deve transcender

os limites da adequação descritiva e basear-se na adequação explanatória, buscando evidências empíricas sobre a aquisição da linguagem e dados sobre o uso da linguagem em tempo real. Essas temáticas serão tratadas mais adiante no presente estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: QUESTÕES DE AQUISIÇÃO

Introdução

Esta pesquisa objetiva analisar a aquisição da linguagem de uma segunda língua, mais especificamente, a Língua Inglesa. Para isso, é necessário levar em consideração aspectos que norteiam tanto a aquisição de uma língua materna, quanto a aquisição de uma língua estrangeira. Em outras palavras, é preciso ter um olhar atento ao processo que ocorre quando os seres humanos estão aprendendo a se comunicar em uma determinada língua.

Tendo isso em vista, é importante ressaltar que, segundo Chomsky (1995), já contamos com um dispositivo biológico inato voltado para o desenvolvimento da linguagem. Sendo assim, já nascemos propensos ao desenvolvimento da linguagem ainda nos primeiros meses de vida, ideia que é concebida pela chamada Gramática Universal, a qual postula a existência de uma gramática interna da língua.

Ao longo da vida, somos convidados a explorar essas habilidades inatas, assim como desenvolver sistemas cada vez mais complexos de modo a atingirmos a capacidade humana de comunicação, através de produção de enunciados que contam com a criatividade de elaboração de estruturas nunca antes faladas ou vistas. Tal fenômeno é possível pela existência de princípios e parâmetros, sendo os primeiros considerados as leis universais que regem quaisquer línguas humanas, e os últimos são mecanismos capazes de diferenciar as particularidades de cada língua.

De acordo com Marcelino (2017), os parâmetros são responsáveis pelo desenvolvimento da língua materna (L1), ainda na fase infantil, de maneira rápida e instantânea, uma vez que crianças conseguem produzir muitas estruturas em um curto espaço de tempo. A construção da gramática, em desenvolvimento, torna-se uma mistura entre a gramática nuclear (conhecimentos internalizados após a fixação de parâmetros da língua) e a periférica (aqueles adquiridos através de uma instrução mais formal, de forma mais consciente). Gallego (2011 *apud* MAGALHÃES; MARCELINO, 2021) indica uma necessidade de definição mais clara do que seria a periferia marcada. Para o autor, a gramática nuclear é resultante de uma Gramática Universal (GU) após serem fixados os parâmetros, ao passo que a periferia marcada constitui todo um repositório de propriedades e fenômenos idiossincráticos, formas irregulares, construções marcadas e lista de exceções, que são

compreendidas de forma consciente pelo falante. Isto é, na periferia marcada, teríamos uma aprendizagem consciente de elementos linguísticos.

Kato (2005 *apud* MAGALHÃES; MARCELINO, 2021), por sua vez, indica que a periferia marcada é adicionada à gramática nuclear através da instrução formal escolar, sendo passível de variação e dependente do nível de instrução do falante. Segundo a autora, quando uma criança está aprendendo a escrever, ela estaria desempenhando uma competência próxima da que utiliza para a aprendizagem de L2. Além disso, afirma que a Língua-I (explicada mais adiante no capítulo) de um falante letrado não faz distinção entre o estado de conhecimento linguístico de uma criança no início do processo de letramento e o estado do falante letrado, o qual já passou por todo o processo de letramento. Ademais, há, no estágio final da instrução escolar, uma outra semelhança com a aquisição de L2: uma variabilidade entre falantes.

No que tange à aquisição da língua estrangeira (L2), para além do entendimento dos seus parâmetros, Paradis (2003) indica alguns elementos auxiliares do processo, são eles: competência linguística implícita, conhecimento metalinguístico, competência pragmática e motivação. Para a presente pesquisa, serão levados em conta os chamados bilíngues tardios, ou seja, pessoas que adquiriram a língua estrangeira na fase adulta. Esse tipo de bilíngue se contrapõe ao bilíngue precoce, que teve aquisição das duas línguas simultaneamente na infância, e ao bilíngue consecutivo ou sequencial, o qual teve a aquisição de L2 na infância, mas não no mesmo tempo da L1.

Com isso, o foco maior se dará no conhecimento metalinguístico, visto que a aquisição, normalmente, acontece de forma mais consciente, ao contrário do que se espera no uso de competência linguística implícita, a qual poderia servir de auxílio para os bilíngues precoces (antes dos 7 anos). Com relação à competência pragmática, busca-se entender a capacidade de compreensão do que não está inferido no texto, ao passo que a motivação, ainda que subjetiva, é responsável pelo encorajamento para o uso da nova língua.

A partir dessas premissas, é fundamental ressaltar, por fim, um fenômeno de extrema influência no processo da aquisição da L2: a transferência. Alvarez (2002) diz que tal fenômeno ocorre quando o aprendiz da L2 usa conhecimentos linguísticos e habilidades comunicativas da L1 para produzir estruturas na língua-alvo. A transferência será o ponto chave da pesquisa aqui proposta, levando-se em consideração uma análise sobre mudanças na produção de sentenças relativas no Português Brasileiro, com conseqüente influência nas sentenças de mesmo padrão na L2.

Vale citar que Roeper (1999 *apud* MAGALHÃES; MARCELINO, 2021) afirma que todo falante possui minigramáticas para diferentes domínios, fazendo, assim, com que seja considerado bilíngue, mesmo na sua língua materna. Conforme esse autor, o bilíngue possui a capacidade de selecionar dois valores de um mesmo parâmetro (ou fixá-lo novamente), mantendo as duas possibilidades, as quais ficam disponíveis para acesso quando do aprendizado de uma nova gramática. Seguindo essa proposta, pois, estar em contato com diferentes gramáticas permite a criação de variações de uma mesma gramática, similarmente ao que acontece quando uma criança está em processo de aquisição de regras de um falante letrado, características da escrita. As variações aqui mencionadas, parte do que o autor considera como “Gramáticas múltiplas”, por mais que possam ser consideradas subpadrão pela norma culta da língua materna, podem ser consideradas padrão em outra língua, podendo ser parte, inclusive, do estágio que é chamado interlíngua quando da aquisição de L2 (explicado posteriormente nesse capítulo).

2.1 Fundamentação teórica: questões de aquisição e o modelo gerativista

2.1.1 O Modelo Gerativista

Nos anos 60 e 70, existia um foco de atenção dos gerativistas voltado para regularidades básicas da estrutura da língua e em uma forma de capturar a infinita superfície de realizações de uma estrutura finita subjacente. Slabakova (2016) fala sobre a adequação explanatória, em contraposição à descritiva, tendo como base a premissa de que a criança é capaz de adquirir uma língua em um tempo muito curto e relativamente livre de erros, com *input* finito e possivelmente limitado. Assim, as regras descritivas não seriam capazes de serem enquadradas na forma sem esforço com que crianças aprendem porque haveria regras demais para explicar a aquisição da língua. A partir do chamado *Principles and Parameter Approach (P&P)*, houve uma unificação entre pontos de invariância e variação com a proposta de princípios parametrizados (flexíveis). Com esse movimento, houve uma transição de regras para princípios. Segundo Gallego (2011), o *P&P Approach* reforçou a hipótese de que parâmetros e princípios não seriam aspectos diferentes e que, portanto, os parâmetros seriam apenas versões ajustadas dos princípios.

Uma ilustração que nos interessa particularmente diz respeito à operação de movimento. Chomsky (1973 *apud* SLABAKOVA 2016) apresenta o seguinte condicionamento para o movimento -WH (o qual faz parte das operações envolvidas na geração de relativas): um constituinte só pode se mover em pequenos passos que não atravessem mais do que um nó delimitado (*bounding node*). Em sua proposta inicial, esses nós seriam categorias S (sentença) e NP. Exemplos comprobatórios trazidos pela autora seguem nas imagens abaixo (Figuras 1 e 2):

Figura 1 – Primeiro exemplo para o movimento -WH

- a. Jane knew where Bill put the present.
- 
- b. Jane knew _____ Bill put the present ~~under the bed~~.
where
- c. Jane knew where [s Bill put the present <where>].
#

Figura 2 – Segundo exemplo para o movimento -WH

- a. *What did Jane know where Bill put?
- 
- b. * _____ did Jane know where Bill put ~~the present~~ <where>
what
- c. *What did [s Jane know where [s Bill put <what> <where>]]?
#
- a. What did Jane know Bill put under the bed?
- 
- b. What did [s Jane know <what> [s Bill put <what> under the bed]]?
#

Fonte: SLABAKOVA, 2016.

Na Figura 1, percebe-se que o movimento se dá diretamente de sua posição de base para a posição final, tratando-se de uma interrogativa indireta. A Figura 2 mostra que essa posição intermediária teria que estar disponível para um movimento que almejasse o início da oração principal. Assim, (a), (b) e (c) mostram que, quando essa posição não está disponível,

o movimento de *what* resulta agramatical. Já o segundo conjunto (a) e (b) indica que, em não se tratando de uma interrogativa indireta, tais posições intermediárias ficam livres para que o movimento de *what* possa se dar ciclicamente.

Tomando-se essas propostas como base, foi possível entender que as crianças sabem mais do que aquilo a que são expostas, ou seja, o *input* recebido, sendo capazes, inclusive, de discernir que algumas estruturas são ilícitas na sua língua, com possível acesso à Gramática Universal (GU). Além disso, ficou claro que as estruturas frasais e movimentos são condicionados por um princípio inviolável, denominado, à época, de Subjacência, entretanto, a maneira como esse princípio se manifesta em diferentes línguas seria flexível e condicionado por variação paramétrica.

Já com o desenvolvimento do Programa Minimalista, mudou-se a abordagem para atender à adequação descritiva e explanatória, tendo como ponto de partida a ideia de que a faculdade da linguagem precisa trabalhar da forma mais eficiente possível. Com isso, é preciso pensar na língua como perfeitamente projetada até se ter prova incontestável do contrário. O nome minimalismo, inclusive, advém da ideia de que o número de entidades internas puramente linguísticas postuladas pela teoria deve ser mínimo.

A necessidade, acima exposta, de língua perfeita conduz à teoria de que o sistema computacional seria universal para todas as línguas, sendo composto de operações como *Merge* (de concatenação de objetos sintáticos), *Agree* (disparando compartilhamento de traços entre constituintes – o fenômeno da concordância sintática) e *Move* (a operação de movimento, já ilustrada acima). Ainda de caráter universal, segundo a Conjectura Borer-Chomsky (SLABAKOVA, 2016), assume-se que todos os parâmetros estariam no léxico por estarem associados com as características gramaticais da morfologia funcional.

A implicação que essa proposta traz para a aquisição de uma língua é a de que, uma vez que os itens lexicais constituem o único local de variação paramétrica, particularmente no que diz respeito a categorias funcionais, para se aprender as regras de combinação de uma língua, seja ela materna ou adicional, ou seja, para se aprender o perfil paramétrico dessa língua, é necessário adquirir o vocabulário da língua e identificar os traços que compõem cada item lexical. O item lexical, sob essa perspectiva, seria um pacote de características, sendo elas fonológicas, gramaticais e semânticas. A variação linguística, nesse caso, ficaria restrita a propriedades de fácil observação em enunciados, o que a tornaria de fácil aprendizado.

2.1.2 Aquisição da Sintaxe

Quando se fala sobre aquisição da sintaxe, um ponto chave é entender o que é fácil e o que é difícil de ser adquirido pelo aprendiz da língua. Os parâmetros são importantes ferramentas nesse processo porque ajudam a montar previsões sobre o que pode acontecer durante o processo. Montrul e Yoon (2009, p. 296 *apud* Slabakova 2016, tradução nossa) trazem algumas perguntas que podem ser cruciais para maior entendimento dos fenômenos empreendidos. São elas:

- Que tipos de traços formais podem ser selecionados?
- Quais são os traços formais que a Gramática Universal disponibiliza para se começar?
- Uma vez que traços são reunidos em itens lexicais, quais restrições, se houver alguma, existem nessa montagem?
- Existe uma ordem lógica segundo a qual os traços são adquiridos? Ou seja, a seleção de um traço implica na seleção de outro?
- Os parâmetros são independentes? Isto é, escolher um valor para parâmetro para uma classe de itens lexicais traz consequências para outras classes?

Contemporaneamente, Ramchand e Svenonius (2014 *apud* SLABAKOVA 2016) tratam a aquisição da sintaxe seguindo a ideia de que, em qualquer língua, a estrutura da sentença pode ser dividida em 3 domínios principais: verbo, tempo e complementizador, como já apresentado no capítulo anterior. Eles postulam também que nenhuma língua apresenta esses domínios em qualquer outra ordem, e eles constituem a hierarquia que não é inata e não é dada pelo mecanismo computacional, mas é enraizada na cognição humana.

Levando-se em conta que os parâmetros são responsáveis por fazer com que agrupamentos de construções tornem-se parte da gramática, pode-se afirmar que o traço gerador do parâmetro foi adquirido a partir da ideia de que ele se tornou, então, parte da gramática do aprendiz. Sobre as previsões possíveis de serem feitas acerca da aquisição de determinados parâmetros, Yang (2002, 2004, 2010 *apud* SLABAKOVA 2016) apresenta o modelo *Variational Learning Model*, segundo o qual um parâmetro que tenha suporte de evidência abundante e não ambígua no *input* será aprendido antes de um parâmetro para o qual se tenha evidência escassa. Pensando-se em questões de formalidade e informalidade, por exemplo, poder-se-ia prever que estruturas mais formais, como as que utilizam o “cujo”,

alvo desta pesquisa, seriam menos comuns no *input* e, portanto, mais difíceis de serem adquiridas.

Na verdade, como já visto no capítulo anterior, as relativas canônicas e não-canônicas do PB são geradas de modo distinto, o que implica que traços distintos, e mesmo categorias funcionais distintas, como no caso da proposta de LD de Kato & Nunes (2009) para as relativas não-canônicas, estão presentes. Assim, tem-se, no próprio PB, uma situação que lembra o que acontece na aquisição de uma L2: há conflito de valores gramaticais.

2.1.3 Panorama Geral de Uso da Estratégia Não-Padrão para Relativas

O uso de estruturas relativas não-padrão no Português Brasileiro tem estado em ascensão, assim como a aceitabilidade de enunciados com esses tipos de sentenças. No lugar das relativas padrão, surgem, então, duas estruturas mais comuns, chamadas de relativas resumptivas e cortadoras, conforme já foi mencionado no Capítulo 1.

Lessa de Oliveira (2009) aponta como possíveis fatores para o surgimento de tais sentenças o movimento -WH (ou -QU do PB) e o apagamento baseado no modelo *raising*, pontos detalhados no capítulo anterior. Como retomada, vale lembrar que, de acordo com Kato & Nunes (2009), o processo pertinente aos três tipos de estruturas relativas é o mesmo, o que diferencia as três formas, nesse caso, seria a posição a partir da qual se dá o movimento (de fora do IP, nas relativas do tipo resumptiva e cortadora, e dentro do IP, no tipo padrão). O movimento dessa variável presa ao pronome é feito segundo o deslocamento à esquerda (*Left Dislocation* ou LD), tendo sido gerado na base. Ao ser utilizado um pronome resumptivo, tem-se, então, uma co-referência à variável em LD, em uma sentença do tipo abaixo:

(100) A moça [_{CP} que_i [[_{LD} t_i [eu falei com ela_i] ontem].

Observam-se duas questões sobre esse movimento: a relativização opera diretamente sobre o objeto do verbo e o que é relativizado é o NP na posição de LD, sendo que o pronome relativo é ligado ao vestígio em LD, que, conforme já pontuado, é co-referente ao pronome pessoal “ela” dentro do IP. Lessa de Oliveira (2009) aponta, ainda, que esse tipo de estrutura passou por uma crise na primeira metade do século XIX, movimentando-se de uma estratégia sem LD para a estratégia acima descrita.

Já na passagem do século XIX para o século XX, observou-se uma alteração de comportamento, com o aumento de resumptivas em todas as posições sintáticas, com exceção do objeto direto. Os dados coletados foram capazes de apontar que o favorecimento da estrutura resumptiva passou a ser mais significativo em posições de sujeito, em detrimento de objetos diretos, e que as posições de objeto indireto e genitivo foram as que apresentaram o maior índice de aumento, mostrando-se como as mais favoráveis a essa estratégia no Português contemporâneo.

Em relação às estruturas genitivas, foco da pesquisa, percebeu-se uma queda no uso de “seu” e uma ascensão do uso de “dele” (preposição + pronome resumptivo), o que, de acordo com Cerqueira (1993), indica uma mudança no sistema flexional do PB. Outra mudança importante é a queda do clítico “lhe” para resumptivas de objeto indireto, sendo mais comum como correspondente do pronome “você”, na 2ª pessoa do discurso (GALVES, 1997).

No que tange às estruturas cortadoras, cabe ressaltar que elas passaram a superar as estruturas do tipo padrão na segunda metade do século XIX. Esse tipo de sentença seria uma consequência de resumptivas cujo elemento resumptivo foi apagado. Dados advindos dos estudos de Lessa de Oliveira (2009) confirmam que existe uma relação direta entre essas mudanças no sistema pronominal e o surgimento das relativas cortadoras e, ainda, sua influência no comportamento das relativas resumptivas. Ainda sobre a alta frequência de estruturas cortadoras, Kato & Nunes (2009) confirmaram que crianças que estão em fase de aquisição do Português Brasileiro produzem estruturas de relativas cortadoras muito antes de estruturas com resumptivos (com base em GROLLA, 2000; LESSA DE OLIVEIRA, 2008).

Assim, fica claro que as relativas não-canônicas têm ganhado espaço e podem ser vistas como as estruturas naturalmente adquiridas pelo falante brasileiro. Somente a exposição à modalidade escrita e a contextos mais formais da língua privilegiariam o contato com as relativas canônicas, particularmente com as estruturas mais complexas, como as relativas preposicionadas e as genitivas. Como dar conta dessa variação no interior da própria língua?

2.1.4 A gramática do letrado e as múltiplas gramáticas

No PB, ao contrário do PE, conforme Kato (2005), existe uma distância muito grande entre a gramática da fala e da escrita, o que leva a autora a assumir que a aquisição da gramática escrita seria similar ao que ocorre na aquisição de L2, conforme já apontado

anteriormente. Ainda assim, há poucos estudos comparando o conhecimento linguístico que a criança já carrega consigo para a escola e o conhecimento de letrados contemporâneos, uma ferramenta que poderia servir de auxílio para o letramento (KATO *et al.*, 1994; PIRES, 2015; ARMANDO, 2018). Além do mais, os testes linguísticos de julgamento que vêm sendo feitos por gerativistas não levam em conta se a classificação de uma sentença como “gramatical” ou “agramatical”, por exemplo, estaria tratando da língua oral ou escrita. Quando se analisa a dicotomia fala x escrita, é possível perceber que suas aquisições envolvem objetos e processos diversos, gerando questões teóricas distintas e trabalhando com metodologias também distintas.

Dois pontos são principais em relação à comparação entre o conhecimento linguístico da criança e do letrado: qual a natureza do conhecimento do letrado e como ele atinge esse conhecimento. Para o primeiro ponto, Kato (2005) levanta três hipóteses: como a norma escrita é muito conservadora, o processo de letramento se dá com a recuperação do conhecimento gramatical de alguma época passada do PB; como há uma busca por unidade linguística com Portugal, o saber é pautado no conhecimento do falante português; esse conhecimento é divergente em relação aos outros dois (ponto defendido pela autora). Para o segundo ponto, levanta-se a possibilidade de acesso à GU na aquisição da escrita. Kato (2005) considera o acesso como sendo indireto, via a primeira gramática (fala), assim como na aquisição de L2, acarretando uma norma que difere de L1 e de L2. Dentro da gramática da L1, existiria uma periferia com possíveis valores paramétricos opostos aos da gramática nuclear, com caráter marcado e recessivo, podendo se tornar uma competição, no letramento escolar, com os valores já definidos na gramática nuclear.

Para exemplificar melhor os fenômenos aqui discutidos, cabe citar a distinção que Chomsky (1981, 1986 *apud* KATO 2005) faz entre Língua-I e Língua-E. A primeira seria interna (não relacionada com o mundo externo), intensional (conhecimento constituído de propriedades - princípios e parâmetros - com concepção intensional de conjunto) e individual (não enxerga a língua como objeto social, político ou geográfico). A segunda seria externa, extensional. As propriedades da Língua-I estão relacionadas aos princípios (propriedades que são invariantes e definem as línguas naturais, mas não as diferenciam entre si) e parâmetros (os quais dão conta da variabilidade linguística — valores /+/ ou /-/). Segundo Chomsky (1981, 1986 *apud* KATO 2005), tem-se uma gramática nuclear quando todos os valores dos parâmetros estão selecionados como (+) ou (-), conseguindo-se algo virtual e idealizado. Já a Língua-I de cada falante é constituída por uma gramática nuclear e uma periferia marcada, a qual pode englobar fenômenos de empréstimos, resíduos de mudanças ou neologismos,

tornando possível que pessoas de uma mesma comunidade possam ou não apresentar os fenômenos de maneira marginal. Vale mencionar também que a criança chega à escola já com sua gramática nuclear definida e também terá, na sua Língua-I, aspectos que não são parte nem da gramática nuclear e nem da Língua-I de outras crianças (conhecimento periférico).

No que tange ao conhecimento do letrado brasileiro, a escola acaba assumindo o papel de tentar recuperar perdas linguísticas, uma vez que algumas mudanças ocorrem na fala, mas não se estendem à escrita. No entanto, o resultado acaba sendo algo parcial, em que não se consegue recuperar totalmente a escrita do passado, e responsável por produzir um conhecimento distinto do que é desenvolvido na fala.

Com isso, percebe-se que a aquisição da gramática escrita se assemelha à aquisição da L2. Há o compartilhamento, entre elas, das seguintes características: ambas as aprendizagens são socialmente motivadas e não são determinadas biologicamente; o início da aprendizagem geralmente ocorre após o período crítico (entre 2 e 7 anos de idade); o processo é essencialmente consciente; o sucesso de ambos os casos depende de dados positivos e negativos; o processo é vagaroso; há mais diferenças individuais.

Ademais, vale retomar o pensamento de Roeper (2000) de que todo falante é potencialmente bilíngue, tendo a capacidade de selecionar ambas as opções (G1, como Gramática Universal e G2, podendo ser a língua escrita ou L2) de um único parâmetro. Roeper afirma, ainda, existir o bilíngue *stricto sensu*, com duas gramáticas (G1 e G2) com o mesmo estatuto, e o bilíngue latente, o qual pode ativar a MDG (*Minimal Default Grammar*), um parâmetro *default* quando está em uma situação de aquisição de L2 ou quando cria ilhas de variação gramatical dentro da mesma língua. Kato (2005), por sua vez, conta que a G2, em comparação à G1, forma-se a partir de fragmentos superficiais de uma gramática que induz à fixação de parâmetros. Dito isso, a G2 adquire características estilísticas ao invés de paramétricas, como no uso do “cujo” em contextos muito formais, por exemplo. Consequentemente, Kato (2005) diz que existe um bilinguismo “desigual”, segundo o qual o falante letrado tem, em sua Língua-I, uma periferia marcada maior do que os não letrados. Retomando-se a dicotomia gramática nuclear x gramática periférica, Kato (2005, p.13) diz:

Essa periferia marcada pode se manifestar por conjuntos lexicais marcados, isto é, itens que não se comportam como os demais em relação a um valor do parâmetro selecionado na gramática nuclear, ou ainda por uma mini-gramática selecionada por gênero, também distinta da gramática nuclear.

Roeper (2016) ainda trata da hipótese de *Multiple Grammars* (MG), levando em consideração que todos os falantes terão conhecimento de múltiplas regras que podem ser

automaticamente aplicadas a uma segunda língua. A tipologia linguística sugere que a GU é capaz de dar conta de uma grande quantidade de línguas com simples alterações, como ordem SOV ou SVO, o movimento WH- ou a ausência dele, entre outros. Logo, é natural que se espere que os falantes terão todos os protótipos disponíveis, principalmente se ele falar uma segunda língua que os contenha. Ao contrário das hipóteses de *full access* ou *full transfer* (explicadas na próxima seção), segundo essa visão, não necessariamente a regra de uma gramática é transferida para outra porque a simplicidade de regras não permitiria que uma regra fosse estabelecida com todas as contingências que podem ser encontradas em cada gramática particular. Há muitas contingências lexicais e variações estruturais envolvidas, e elas podem apresentar uma aplicação das regras em excesso ou em defasagem, o que é típico de variações encontradas na L2.

Em outras palavras, a teoria de MG segue a abordagem minimalista e argumenta contra a transferência como conceito principal, dissolvendo-o em conceitos que ajudam a alcançar previsões futuras baseadas na GU para a aquisição de L2. Uma vez que gramáticas separadas coexistem nos falantes, o status dessas gramáticas vai variar de acordo com o quão avançado estiver o conhecimento sobre a L2. Além disso, esse conhecimento pode afetar a compreensão e a produção de formas distintas.

Sendo assim, é crucial entender como parâmetros de línguas diferentes podem influenciar a produção dos aprendizes. Ademais, uma vez que o ensino da língua escrita parece ter características semelhantes ao ensino de L2, há muitos fatores no processo de aquisição de ambas que podem justificar a produção ou não das estruturas do tipo não-padrão em voga ou, pelo menos, a aceitação de enunciados que façam uso delas.

Diante do exposto acima, verificamos que relativas canônicas genitivas do PB só são adquiridas após contato com o letramento e devem fazer parte do conhecimento que compõe a periferia marcada da gramática desses falantes, ou seja, acessá-las é possivelmente menos automático do que acessar as versões cortadora ou resumptiva, disponibilizadas como parte das regras de formação de relativas, presentes na gramática nuclear desses falantes. Como esses distintos conhecimentos podem impactar a aquisição de L2?

2.1.5 Aquisição de L2 no arcabouço gerativista

No arcabouço gerativista, houve, em um primeiro momento, uma preocupação em se entender em que medida a L1 poderia interferir na aquisição de L2 e em que medida a GU estaria disponível para esse processo de aquisição de uma língua natural. Isso se mostrou relevante tanto para entender os processos envolvidos na aquisição de uma língua quanto para prever dificuldades relacionadas a eles.

Nos anos 90, consideraram-se duas possibilidades de fonte para a construção da L2: através da gramática nativa, com *full transfer*, *partial transfer* e *no transfer*, e através da Gramática Universal, com *full access*, *partial access* e *no access*. Ou seja, ao se pensar na gramática da L1, o falante faria total, parcial ou nenhuma transferência das suas características e, ao se pensar na Gramática Universal, ele teria total, parcial ou nenhum acesso a ela. Fala-se, aqui, sobre transferência ou acesso a parâmetros e traços da língua materna ou da Gramática Universal, e esse tipo de informação é imprescindível para observar as etapas pelas quais o bilíngue passa, lembrando, inclusive, que existe o momento da interlíngua, em que ele está no meio do caminho entre L1 e L2, utilizando parâmetros de ambas as línguas.

Voltando-se, particularmente, ao *full access*, contemplado por todas as possibilidades de transferência, a GU disponibilizaria todos os valores de parâmetros e traços, sendo eles necessários para a contabilização do *input* da L2 e para a construção de categorias funcionais da L2. Com isso, a aquisição com sucesso seria possível, a princípio, tendo como base a experiência linguística, no entanto, caso haja *input* inadequado em algumas áreas da gramática, não se poderia garantir uma completa convergência (SCHWARTZ e SPROUSE 1996 *apud* SLABAKOVA 2016).

Em relação ao *partial access*, seguindo a *Failed Functional Features Hypothesis*, de Hawkins e Chan (1997 *apud* SLABAKOVA 2016), a ideia é de que haja a possibilidade de aprendizado de algumas categorias lexicais, porém traços funcionais que não estejam disponíveis na L1 não poderiam ser adquiridos. Sobre essa questão, Meisel (2011 *apud* SLABAKOVA 2016) diz que há uma linha muito indefinida entre ter acesso parcial ou não ter acesso à GU, acreditando que, se o acesso parcial for somente via gramática nativa, não haveria acesso direto efetivo à GU para as categorias funcionais e para os traços que não sejam representados na língua materna.

Tomando-se como premissa a proposta de que os parâmetros são limitados a estruturas formais selecionadas de um inventário universal, reunidas em categorias funcionais e acessíveis pelo léxico funcional, resetar um parâmetro significaria adicionar ou subtrair traços do pacote de características das categorias funcionais da língua adicional. Na prática, funcionaria assim: para um traço não disponível na L1, mas disponível na L2, ele precisaria ser adicionado pela gramática de L2; para um traço disponível na L1, mas não na L2, ele precisaria ser previsto e deletado da gramática; para um traço disponível tanto na L1 quanto na L2, mas com valor diferente ou agrupado diferentemente ou expresso em uma categoria sintática diferente, o resetar do parâmetro implicaria em reconstituição e reconfiguração do traço.

Nessa perspectiva, inicialmente duas correntes se contrapuseram: A *Representational Deficit view*, de Papadopoulou *et al.* (2011 *apud* SLABAKOVA 2016), segundo a qual seria impossível que as representações mentais dos aprendizes de L2 atingissem padrões nativos, quando traços não-interpretáveis, de natureza estritamente sintática, estivessem envolvidos, porque esse tipo de traço, quando não vem da L1, não pode ser adquirido com sucesso; e a *Full Functional Representation View*, (SCHWARTZ e SPROUSE, 1994, 1996; PRÉVOST e WHITE, 2000 *apud* SLABAKOVA 2016), segundo a qual acredita-se que representações linguísticas parecidas com as nativas são possíveis, a princípio, ainda que sejam difíceis de serem alcançadas na prática. Esse tipo de investigação só pode ocorrer em situações em que L1 e L2 diferem, tendo um traço não interpretável a ser previsto ou adicionado. É afirmado também que a aquisição de sucesso é comprovada, mesmo que ninguém possa ter certeza se o conhecimento veio de L1 ou da Gramática Universal.

Mais recentemente, essas questões têm sido acomodadas na *Feature Reassembly Hypothesis* (LARDIERE, 2009), a qual formula que adquirir traços formais de L2 envolve um grande período de tempo durante o qual o aprendiz precisa reajustar traços de sua língua materna para os seus equivalentes na língua adicional. Esses traços linguísticos são empacotados em itens lexicais de cada língua e, presumidamente, advêm de um repositório universal ao qual todas as crianças têm acesso. No entanto, o indivíduo deve rearranjá-los por conta da presença já enraizada de parâmetros e representações da L1. Interessantemente, uma abordagem semelhante tem sido defendida por Gallego (2011) ao tratar da variação linguística, considerando as premissas minimalistas, a qual pode, inclusive, ser estendida para a variação intralinguística. O entendimento dessas questões relativas aos traços de L1 e L2 é fundamental tanto para tecer previsões acerca do estudo aqui empregado, a serem apresentadas no capítulo 3, quanto para entender os resultados alcançados.

2.1.6 Desafios no Bilinguismo

Diante das propostas supracitadas, é relevante salientar como o bilinguismo se encaixa nisso tudo. Tem-se a ideia, então, de que, se os valores de parâmetro de L1 e L2 forem similares, nenhum ajuste será necessário e o aprendiz terá maior facilidade de internalizar o conteúdo. Por outro lado, se os valores diferem, há a necessidade de resetar os valores de parâmetros se a gramática da interlíngua (momento em que o falante varia entre língua-alvo e língua materna) de L2 tornar-se parecida com a da língua adicional.

Slabakova (2008) apresentou a chamada *Bottleneck Hypothesis*, que estabelece que, se a variação linguística é captada no léxico de forma predominante, faz sentido pensar a aquisição da língua como aquisição de léxico funcional da língua-alvo. Tal tarefa incluiria aprender todo o perfil paramétrico da nova língua, tornando-se essa a tarefa mais importante no aprendizado da língua. Então, esse deveria ser o foco de atenção tanto de alunos como de professores.

Dito isso, cabe ressaltar que as previsões feitas a partir da *Bottleneck Hypothesis* giram em torno de uma ampla evidência de aquisição de sucesso de semântica frasal e de algumas questões pragmáticas universais, já que as propriedades são universais. Ademais, pode-se esperar que restritas computações sintáticas não apresentariam dificuldades intransponíveis aos aprendizes porque é possível haver transferência desses mecanismos sintáticos da língua materna. E, por fim, a aquisição da morfologia funcional da L2, juntamente com os efeitos sintáticos e semânticos relacionados, pode ser mais difícil.

A esse respeito, ao se observar a aquisição de variabilidade morfológica para bilíngues, por exemplo, Carneiro (2017 *apud* OLIVEIRA, FONTOURA E SOUZA, 2020) aponta que esse processo é disseminado no decorrer do processo de aquisição de L2. Com isso, percebe-se que há dificuldade mesmo quando as estruturas da língua-alvo são consideradas mais simples (exemplo: marcação de tempo verbal no Inglês x Português).

Oliveira, Fontoura e Souza (2020) implementaram um estudo cujo objetivo era investigar o comportamento de bilíngues PB-Ing com diferentes perfis linguísticos, em termos de proficiência e imersão, em relação a sentenças de L2 gramaticais e agramaticais, envolvendo morfemas flexionais, em uma tarefa de compreensão psicolinguística *offline*. O teste contou com 40 sentenças, sendo 9 delas alvo e as outras 31 distratoras. Das sentenças-alvo, 5 eram gramaticais e 4 eram agramaticais, com foco no morfema -ed de passado e na concordância em terceira pessoa com o morfema -s ou na ausência deles. As sentenças eram

constituídas de não mais que 40 caracteres, já com os espaços incluídos, e elas foram randomizadas para não haver nenhum efeito sendo gerado pela ordem em que apareciam. Os participantes também passaram por um treinamento com 6 sentenças antes de começarem o teste. Eles tinham 6000 milissegundos para ler cada sentença e ranqueá-la de acordo com a escala *likert*, pensando em classificações girando em torno de gramaticalidade e agramaticalidade. A escala variou entre 1 a 5, em que 1 seria totalmente inaceitável; 2 seria não bem formado, quase inaceitável; 3 seria não bem formado, mas talvez aceitável; 4 seria levemente mal formado, quase perfeito; 5 seria totalmente perfeito. O objetivo do teste teve como ponto principal sondar os possíveis efeitos do tempo de aprendizado e da quantidade de exposição ao *input* de L2 na aquisição da morfologia funcional de L2.

De forma resumida, os testes foram capazes de corroborar estudos anteriores que indicavam que bilíngues são menos sensíveis que os falantes de Inglês como L1 no que tange a violações envolvendo morfologia funcional. Ademais, foi possível perceber que nem a proficiência nem a imersão mostraram-se relevantes nas tarefas aplicadas. A partir dessa premissa, pode-se pontuar como as atividades específicas escolhidas pelos autores serviram para o propósito que se tentou atingir. Em outras palavras, a metodologia escolhida mostrou-se adequada para responder aos questionamentos sobre a complexidade das estruturas analisadas para um bilíngue PB-Ing, já que elas são bem diferentes nas duas línguas, com o PB tendo conjugações diferentes para cada pessoa do discurso, e o Inglês apresentando uma única opção para todas no tempo passado e duas opções para o tempo presente (*he, she, it x you, we, they, I*). Logo, havia uma previsibilidade acerca das possíveis dificuldades encontradas pelo bilíngue, independentemente da quantidade de exposição ao *input* ou tempo de aprendizado.

Assim como o bilíngue PB-Inglês, tantos outros podem passar por desafios ao aprenderem morfologia funcional. Jensen *et al.* (2019 *apud* OLIVEIRA, FONTOURA E SOUZA, 2020) fizeram um estudo com bilíngues Norueguês-Inglês, com foco no conhecimento morfológico e sintático. Através de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade sem marcação do tempo, os autores olharam para a concordância sujeito-verbo (s) e para a aquisição da ordem SVO, sendo capazes de comprovar a dificuldade com a morfologia funcional de L2 e a menor sensibilidade para a falta e uso excessivo de morfemas. Mais uma vez, provou-se a importância desse tipo de estudo para o entendimento de processos inerentes ao bilinguismo.

Por outro lado, é importante considerar o tipo de bilinguismo sob enfoque. Paradis (2003) trata a aquisição de L2 precoce como um processamento mais natural e menos

complexo, quando acontece no chamado período crítico, entre 2 e 7 anos de idade. Nesse período, estamos mais propensos a adquirir línguas às quais somos expostos, utilizando nossa competência linguística implícita, tal qual fazemos na aquisição da língua materna. Em relação a tal período, Slabakova (2016) já pontua que, entre 4 e 7 anos, o indivíduo é considerado uma criança na aquisição da língua adicional, partindo-se do princípio de que, aos 4 anos, grande parte da gramática da língua materna ainda não está formalizada, mesmo que muitas estruturas complexas sejam adquiridas ainda dentro desse período. Levando-se essa ideia em consideração, a aquisição após os 7/8 anos já não procederá como na língua materna.

De qualquer maneira, há de se distinguir que a aquisição durante o chamado período crítico, segundo Paradis (2003), tornaria o falante um bilíngue precoce, utilizando, assim, os mesmos mecanismos para adquirir a língua materna e a língua adicional. Por outro lado, indivíduos que passam por esse processamento após o período crítico seriam considerados bilíngues tardios. Por mais que o linguista não observe diferenças qualitativas entre os dois tipos de bilíngues, a forma como cada um faz uso dos mecanismos disponíveis para a aquisição da língua será diferente. Se por um lado bilíngues precoces adquirem L1 e L2 de forma proporcional, ativando os mesmos mecanismos que um monolíngue, por outro, temos os bilíngues tardios necessitando de outros mecanismos para compensar a falta de competência linguística implícita. Cabe pontuar também que Paradis (2003) propõe que a competência linguística implícita está relacionada com a nossa memória procedural, sendo responsável pelas habilidades que adquirimos automaticamente, permitindo, dessa forma, que entendamos e processemos sentenças bem formuladas mesmo sem as termos visto antes. Essa competência é, pois, importante para a internalização da gramática de forma inconsciente. Assim sendo, o impacto de não a ter no bilinguismo tardio gera maior variabilidade no processamento de L2.

2.1.7 Onde pode estar a dificuldade?

Tomando-se como base as teorias e visões apontadas por diferentes autores nesse capítulo, percebe-se que muitas podem ser as justificativas que levam um aprendiz a ter dificuldade de aprender uma língua adicional. Evidências através de *input* não rico o bastante, parâmetros muito diferentes entre L1 e L2, aquisição de traços não interpretáveis, existência

de interlíngua e transferência são algumas das possíveis explicações que norteiam essas barreiras de aprendizado. É importante, dessa forma, analisar com cautela o que diferentes estudos têm trazido sobre a aquisição de L2.

No que tange ao *input*, deve-se considerar não somente a quantidade de *input* ao qual o aprendiz é exposto, como também a existência ou não de *input* negativo. Por vezes, até mesmo as construções mais coloquiais, características da língua falada, carecem de maior evidência, acarretando uma aquisição de L2 artificial e distante da realidade de falantes típicos de L1. É comum, por exemplo, em cursos de Inglês, que o aluno seja incentivado a dar respostas que seriam de “sim” ou “não” de forma completa, para que estruturas verbais sejam trabalhadas. Tal prática é impensada em um diálogo real entre falantes de Inglês como L1. Por outro lado, se pensarmos em evidências negativas, no ensino formal da língua, elas aparecem com maior frequência, uma vez que se busca consertar possíveis erros a todo momento, distanciando-se, dessa forma, da maneira como L1 é aprendida antes do letramento, naturalmente lidada com evidências positivas.

Em relação aos parâmetros, cabe retomar o que já foi exposto sobre o possível obstáculo de aprendizado a partir da premissa de que os parâmetros de L1 e L2 sejam muito diferentes. Um exemplo dado tratou da ordem das palavras, isto é, tendo SVO e SOV como as ordens mais comuns, um bilíngue que precise aprender a ordem OSV encontraria bastante dificuldade. Esse tipo de antecipação, por parte dos envolvidos no processo de ensino, ajuda a garantir que o aprendiz possa lidar mais adequadamente com a complexidade que esses diferentes parâmetros entre as línguas impõem no seu processo de aprendizagem. Ademais, traços não interpretáveis serão de mais difícil aquisição, conforme previsto, e é possível que a performance do bilíngue não seja comparável à performance do falante da língua materna, o que não necessariamente seria um problema.

A transferência, por fim, é parte importantíssima do processo, já que, justamente por conta das diferenças de parâmetros das línguas, é esperado que haja transferência de traços entre uma e outra, como, por exemplo, quando falantes de PB como língua materna omitem o sujeito ao produzirem sentenças em Inglês, por esse parâmetro ser comum na sua língua, ainda que não aceito na língua-alvo. A interlíngua, etapa intermediária do processo de aquisição da L2, acontece precisamente porque o falante ainda não está com esses traços mapeados de forma a entender como regras diferentes podem coexistir na sua estrutura mental.

Esses pontos se mostram cruciais ao se estudar a aquisição de relativas genitivas por bilíngues. Acredita-se que o *input* dessas estruturas seja escasso, principalmente para o PB,

considerando-se as estruturas gramaticais com uso do “cujo”, sendo suas variações vernaculares mais frequentes. Em relação aos bilíngues PB-Ing, espera-se que o alto uso de estruturas cortadoras e resumptivas no PB, bastante incomuns no Inglês, e o fato de que a forma padrão não apresenta possibilidade de variação de *whose* (diferentemente do equivalente “cujo” em PB), possa trazer dificuldades para o bilíngue do PB-Ing. A transferência entre as duas línguas é esperada exatamente porque a estrutura relativa genitiva, além de complexa, aparece estruturalmente diferente nessas línguas, fazendo o falante recorrer à L1, não identificando claramente o rearranjo de traços necessários para produzir tais sentenças. Comparemos a geração de estruturas relativas genitivas no Português e no Inglês, conforme o quadro:

Quadro 3- Comparativo entre estratégias no Português e no Inglês de acordo com a função da genitiva

PORTUGUÊS	INGLÊS
GEN SUJ e GEN OD Estratégia padrão – +WH, deflagrando movimento a partir do TP encaixado Estratégia resumptiva – +WH, deflagrando movimento a partir de LD; pronome resumptivo anafórico em TP	GEN SUJ e GEN OD Estratégia padrão – +WH, deflagrando movimento a partir do TP encaixado Estratégia resumptiva – não prevista em genitivas menos complexas
GEN OBL Estratégia padrão – +WH, deflagrando movimento a partir do TP encaixado (<i>pied-piping</i> de preposição obrigatória) Estratégia cortadora – +WH, deflagrando movimento a partir de LD; (<i>preposition drop</i> obrigatório) Estratégia resumptiva – +WH, deflagrando movimento a partir de LD; pronome resumptivo anafórico em TP (impossibilidade de preposição órfã)	GEN OBL Estratégia padrão – +WH, deflagrando movimento a partir do TP encaixado (<i>pied-piping</i> de preposição ou possibilidade de preposição órfã) Estratégia resumptiva – +WH, deflagrando movimento a partir de TP; dificuldade para reativar o local de movimento leva ao pronome resumptivo como último recurso

Fonte: A autora, 2023

Uma primeira clara distinção a observar é o fato de que há uma categoria funcional LD, que é ativada em PB para a geração de relativas cortadoras e resumptivas, que precisa ser desativada para a geração de relativas em Inglês. Além disso, há a possibilidade de queda da preposição, em relativas genitivas oblíquas, em Português, mas, em Inglês, a preposição precisa ser retida, embora possa permanecer órfã, sem complemento. Assim, um traço relativo à preposição e a sua obrigatoriedade ou não de complemento precisa ser ajustado a depender da língua. A natureza do pronome resumptivo é ainda distinta nas duas gramáticas, sendo um elemento anafórico genuíno no PB, enquanto é um *spell-out* de último recurso, no Inglês. Por fim, deve-se, ainda, lembrar os aspectos morfológicos do pronome relativo presente em cada língua, o *whose* e o cujo(a)/cujos(as). Assim, traços de gênero e número devem ser reavaliados a depender da língua. Todos esses aspectos devem impactar a geração de relativas por falantes de Português Brasileiro aprendendo Inglês como L2.

Conclusão

O presente capítulo teve por objetivo principal entender como a aquisição de línguas acontece, com foco principal na aquisição de língua adicional, meta deste projeto como um todo. Percebeu-se que há muitas questões relativas a léxico e sintaxe que podem influenciar a forma como um bilíngue passa pelo processo de aprendizagem e, ainda, que não se pode deixar de lado a influência que a língua materna terá nesse caminho, além dos próprios efeitos que o acesso à Gramática Universal já pode acarretar.

Segundo recentes estudos, inclusive, é praticamente impossível distinguir entre os efeitos da L1 e da GU, mas ainda se tem a ideia de que a aquisição de L2 é muito limitada pelo acesso à GU. O que se entende é que todas as línguas compartilham uma mínima GU, acompanhadas por hierarquias funcionais baseadas no cognitivo e limitações de eficiência de processamento.

Belikova e White (2009 *apud* SLABAKOVA 2016) dizem que não é mais claro se é possível que os processos de aquisição de L1 e L2 sejam fundamentalmente diferentes. Se forem considerados contextos instrucionais e formais de ensino, a aquisição de L1 parece realmente ser muito semelhante à aquisição de L2, por conta de serem estudadas, muitas vezes, estruturas que são bem raras ou quase inexistentes na língua, passando a ideia de que há a aquisição de uma segunda língua.

Também foram discutidos alguns aspectos relacionados à variação intralinguística, dado que há diferentes estratégias para a geração de relativas no PB e isso pode impactar a aquisição de Inglês como L2. Como já pontuado anteriormente, o uso de “cujo” é bastante restrito a contextos formais da língua e, além disso, parece fazer parte da gramática escrita somente. Uma vez que a aquisição da gramática escrita é semelhante à aquisição da gramática de L2, espera-se que o falante de PB tenha certa dificuldade na aquisição de estruturas relativas genitivas, do tipo padrão, mesmo na língua materna. Dessa maneira, também é previsto que a dificuldade seja transferida para a aquisição de tais estruturas na língua-alvo, tornando esse processamento bastante custoso. Espera-se, ainda, que pontos distintos aqui mencionados impactem diferentemente os testes aplicados, visto que o uso do “cujo” e suas variantes parece residir somente no conhecimento do falante letrado, não sendo, portanto, tão natural em produções espontâneas.

Destacaram-se, ainda, aspectos formais que distinguem a derivação das relativas genitivas nas duas línguas e que demandariam rearranjos de traços e não ativação de certas categorias pelos bilíngues no uso do Inglês. A apresentação da metodologia e questões relevantes acerca da coleta de dados realizada neste trabalho se dará no próximo capítulo.

3 METODOLOGIA

Introdução

O presente estudo busca viabilizar caminhos para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados com sucesso, isto é, através de metodologias específicas, pretende-se averiguar o fenômeno alvo do projeto de forma a entender se as hipóteses previamente levantadas mostram-se válidas e se é possível responder a todos os questionamentos inicialmente elaborados. As hipóteses do referente estudo serão explicadas mais adiante, mas cabe já apresentar que, uma vez que a estratégia padrão de formação de relativa genitiva é bem pouco frequente no PB, sendo mais comuns as relativas não-canônicas, espera-se, em resumo, averiguar se há o uso de estratégias padrão, cortadoras ou resumptivas, tanto por parte dos falantes de PB, quanto por parte dos falantes de Inglês e bilíngues PB-Inglês. Cabe ainda pontuar a análise que será feita sobre o fenômeno de transferência entre as línguas.

Em termos de projetos de pesquisa, é importante postular que diferentes estradas podem ser seguidas, sempre com a finalidade de se chegar ao lugar pretendido. Portanto, parte importante de um estudo é analisar cuidadosamente as estratégias necessárias para esse fim. Para o estudo em questão, pensou-se na utilização de três testes: julgamento de aceitabilidade, produção oral e produção escrita. Em cada uma das seções que seguem, será explicado um pouco mais sobre tais escolhas e a que elas se destinam.

3.1 Adotando a metodologia psicolinguística para o estudo da aquisição de língua adicional

Um grande desafio, no processo de aquisição de uma língua adicional, é antecipar as dificuldades que serão encontradas, tendo-se como base as estruturas e processos linguísticos da língua materna em comparação à segunda língua. Quando essas comparações estão bem delineadas na cabeça de um professor, por exemplo, ele consegue, com maior facilidade, elaborar formas de tornar o processo menos complexo ou, pelo menos, mais orientado. Além disso, essa visão colabora para a organização do cronograma de conteúdos, já que

determinadas estruturas levarão mais tempo para serem assimiladas que outras, e isso deve ser levado em conta na organização do curso e das aulas.

Alguns dos pontos muito discutidos no tema de aquisição da linguagem em L2 são voltados para a comparação com a forma como o processo se dá na língua materna, o que foi discutido, em maior profundidade, no capítulo 2. Em relação à aquisição da L2, se faz necessário contrastar as duas línguas para que se obtenha um cenário completo e claro, em diferentes contextos e estruturas, a fim de se verificar se há transferências entre L1 e L2.

Segundo Tanenhaus (1988), a Psicolinguística é responsável por investigar a relação entre linguagem e cognição, focando em 3 domínios: a forma como a linguagem é adquirida durante o desenvolvimento, a forma como ela é compreendida e como é produzida. Essa investigação torna-se relevante a partir da ideia de que a língua faz parte do processo, inerente ao ser humano, de interagir com o que está a sua volta. De forma a entender melhor, então, essas interações humanas, muitos estudos vêm sendo desenvolvidos. A Psicolinguística tem adotado o experimento linguístico como um dos seus principais métodos de investigação. Não é, no entanto, tarefa fácil elaborar um teste psicolinguístico, visto que é preciso ter cautela no momento de organizar as variáveis e de pensar na metodologia empregada, assim como nos participantes envolvidos. Esse movimento é importante para garantir que os resultados obtidos sejam cientificamente relevantes e válidos. Gibs (2007 *apud* SIQUEIRA, GIL E MELO, 2010) aponta que pesquisadores de outras áreas afirmam que os estudos cognitivos sobre linguagem não têm experimentos científicos objetivos como base, tornando suas análises subjetivas. Ora, já se sabe que muito se discute quando o assunto é cientificidade, e há quem diga que estudos da linguagem não são científicos, logo, tornar o estudo o mais objetivo possível é importante para comprovar que, ainda que a língua esteja sempre sujeita a muitas variações, muitos dos fenômenos que acontecem podem ser previstos ou, pelo menos, estudados de forma objetiva. Ademais, Gibs (2007 *apud* SIQUEIRA, GIL E MELO, 2010) também pontua que a descrição detalhada e acurada dos métodos empregados para a análise de testes inspirados em testes psicolinguísticos corrobora resultados mais consistentes. Com isso, entende-se que pensar rigorosamente na metodologia empregada garante não somente resultados melhores como também mais cientificamente precisos.

Por esse motivo, três testes foram selecionados, de forma a trazer um quadro mais completo sobre o fenômeno estudado. Resumidamente, utilizamos um teste de julgamento de aceitabilidade e dois testes de produção, sendo um de produção oral e um de produção escrita. Levando-se em conta o estudo já apresentado sobre Kato (2005), cabe pontuar que o tipo de estrutura analisado, relativas genitivas, faz parte de uma instrução mais formal por parte dos

participantes, uma vez que tais estruturas não são comumente encontradas no discurso, principalmente, no discurso oral. Através da instrução escolar, os falantes da língua são apresentados a regras da gramática normativa que podem se juntar à sua periferia marcada, gerando, a partir disso, variações que estão correlacionadas ao nível de instrução da pessoa. As estratégias não-canônicas, portanto, mais frequentes e mais vernaculares podem ser consideradas como parte da gramática internalizada dos falantes do PB, enquanto as relativas do tipo padrão são adicionadas à periferia marcada da gramática do Português Brasileiro mais tardiamente.

É importante mencionar o que Squires (2016) chama de consciência, que pode ser mais fortemente ativada a depender do tipo de teste apresentado ao participante. Segundo a autora, a ideia de conscientização está relacionada com um conhecimento interno por parte do falante que chega à superfície, transformando o conhecimento implícito em conhecimento explícito. Labov (1973) e Wolfram (1982) *apud* Squires (2016) tratam do nível de conscientização por parte dos falantes para se avaliar se eles realmente dominam os padrões e restrições que delineiam uma língua. O que Squires (2016) aponta, em seu estudo, é que a conscientização poderia estar conectada com a experiência linguística subjetiva, levando-se em conta processamento e produção. Ela afirma também que a noção de variação normalmente advém de exposição a diferenças linguísticas, podendo, a partir daí, notá-las e entender seus padrões de uso de forma a conectar essas questões a fatos sociais.

Ao propormos um teste de julgamento de aceitabilidade com escala *likert*, esperamos que o participante tome consciência sobre o que está analisando e considere se certas estruturas são comuns/incomuns na sua língua materna ou na L2 (para o grupo de bilíngues). O participante se engaja em uma atividade de avaliação, o que pode acionar essa conscientização mencionada por Squires (2016), ou o que Paradis (2003) chama de conhecimento metalinguístico ou uma avaliação acerca do valor social de variantes, conforme a noção de periferia marcada, apontada por Kato (2005). Já na produção oral, um teste, inclusive, que tem pressão de tempo, pois é o único feito presencialmente com o pesquisador, que coleta as respostas do participante durante a interação verbal, acredita-se que haja uma carga sobre recursos cognitivos necessariamente acionados para a produção oral, deixando menos espaço para um monitoramento, que poderia levar a um planejamento menos consciente da produção.

Acredita-se, assim, que o conhecimento linguístico implícito (PARADIS, 2003) será acionado mais fortemente neste tipo de teste, o que, inclusive deixaria espaço, no caso dos bilíngues, para uma transferência das estratégias do PB, possivelmente mais flagrante. Já no

caso da produção escrita, dada inclusive a formalidade maior da atividade proposta, prevê-se, novamente, um acionamento de avaliações conscientes sobre os usos a serem adotados. De qualquer maneira, dado que a estrutura da relativa genitiva é bastante complexa, notadamente na versão oblíqua, estratégias de esquiva da estrutura, na produção, tanto oral quanto escrita, são esperadas, para ambas as línguas e também para a atuação do bilíngue em cada uma das línguas, seja a materna, seja a adicional.

Por isso mesmo, trabalharemos com dados estatísticos e percentuais nesse teste, de forma a ter uma noção mais completa se a possível distinção por parte de um grupo é significativa entre as diferentes estratégias apresentadas. Nas próximas seções, apresentam-se maiores detalhes sobre os testes aplicados.

3.2 Testes aplicados

Neste estudo, busca-se analisar o fenômeno de uso de relativas genitivas (estratégias padrão ou não-padrão), assim como a possível transferência que pode acontecer entre PB e Inglês para bilíngues dessas línguas. A ideia é entender como esses diferentes grupos reagem aos testes, quais estratégias usam e, principalmente, observar se o fenômeno da transferência entre línguas realmente acontece. Ou seja, se as estruturas não-canônicas parecem estar cada vez mais comuns na produção de falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de Inglês (hipótese a ser comprovada com esse grupo), busca-se entender se os bilíngues Port-Ing fazem as transferências de tais estruturas para a língua inglesa. Além disso, é crucial analisar se os falantes de Inglês como língua materna também estão enxergando as relativas não-canônicas como gramaticais e/ou se estão fazendo uso dessas estratégias.

É relevante considerar também, dentre as estratégias do tipo não-padrão, o fato de que o uso de possessivo nulo e da estratégia cortadora é mais comum no PB, e pronomes resumptivos explícitos fazem parte de ambas as línguas como ferramenta de construção de orações relativas, mesmo que, conforme Herrmann (2003), o uso seja muito raro no Inglês. Segundo Herrmann (2003) e a hierarquia de acessibilidade interna à relativa genitiva, é previsto que haja maior possibilidade de aparecimento de pronomes resumptivos em posições mais baixas, além de uma maior preferência por se combinarem com marcadores relativos menos explícitos. Estando as genitivas, alvo do presente estudo, e particularmente a relativa genitiva oblíqua, em uma das posições mais baixas da hierarquia, há de se esperar realmente o

aparecimento da estratégia resumptiva. Isso se deve, inclusive, ao fato de que há maior complexidade na formação dessas sentenças, conforme explicado no capítulo 1.

Dessa forma, na próxima seção, será apresentada a organização escolhida para a seleção de participantes, com a finalidade de explorar diferentes grupos e suas respectivas produções em relação à estrutura estudada. Na seção seguinte, são apresentados os testes escolhidos para a coleta de dados: um teste de julgamento de gramaticalidade com escala *likert*, um teste de produção oral e um teste de produção escrita, como já mencionado.

3.2.1 Descrição dos participantes

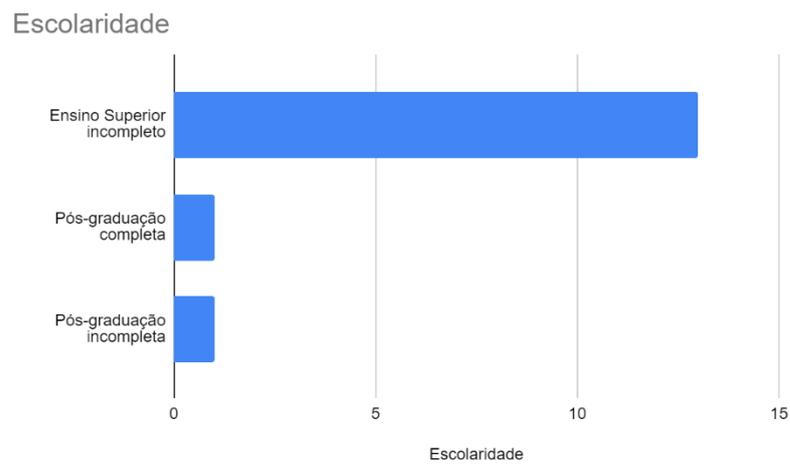
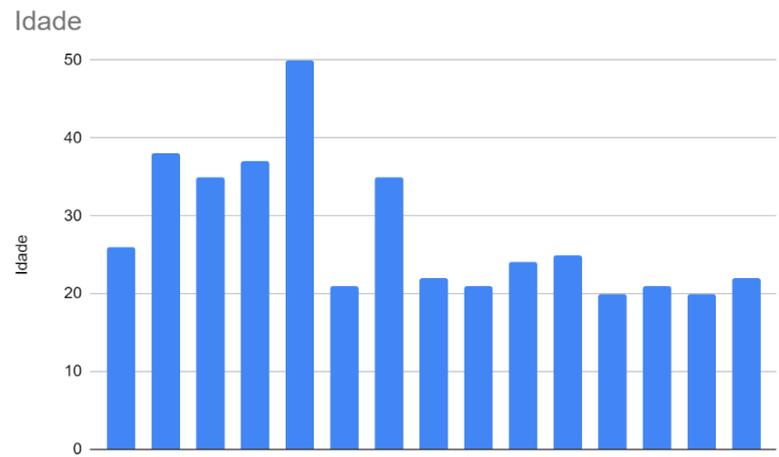
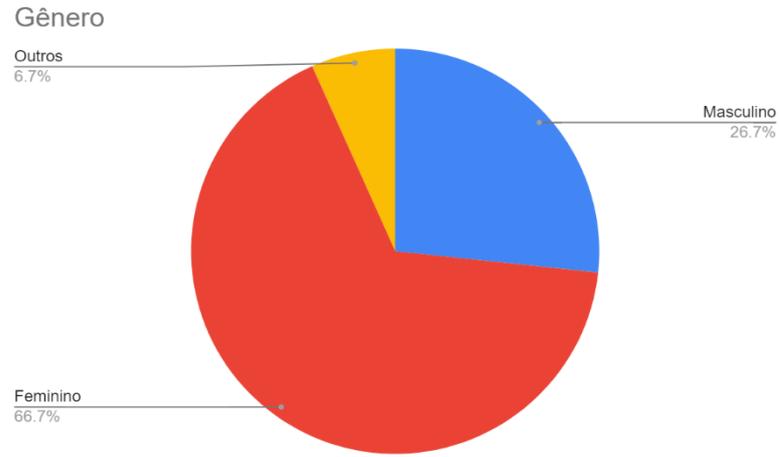
Para o presente estudo, foram selecionados 3 grupos diferentes. São eles: falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de Inglês, falantes de Inglês como L1 e bilíngues brasileiros PB-Ing com nível mínimo B1+ (*European Common Framework*). Cabe ressaltar também que os bilíngues Port-Ing foram selecionados dentre os estudantes de Letras da UERJ e, para se ter certeza do seu nível de Inglês, foi aplicado um teste *online* de nivelamento de Cambridge. O site do nivelamento utilizado foi: <https://www.cambridgeenglish.org/test-your-english/>. Através dessa plataforma, os participantes responderam a questões objetivas, focadas em compreensão de leitura, gramática e vocabulário, de forma a se mostrarem aptos para participar do projeto, de acordo com a necessidade advinda da pesquisa.

3.2.1.2 Perfil sociocultural dos participantes

Antes de fazerem os testes e, após terem assinado o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)⁶, os participantes responderam a um questionário sociocultural, de forma que fosse possível que traçássemos um perfil em termos de idade e formação educacional, principalmente. Abaixo, encontram-se os gráficos gerados a partir das respostas, tanto para o grupo amostral de bilíngues quanto para os grupos controle de PB e de Inglês.

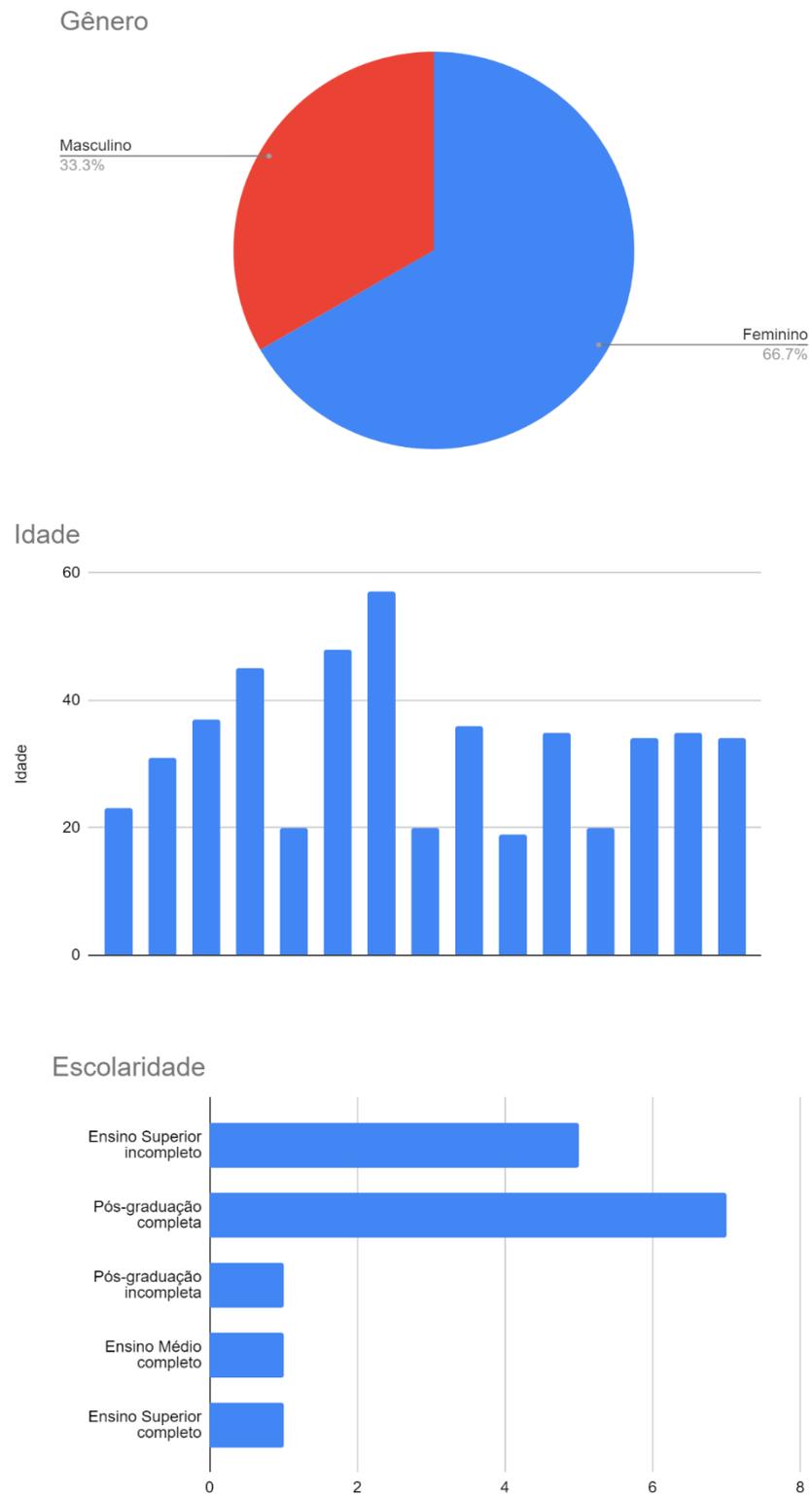
⁶ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da UERJ, tendo sido aprovado com o parecer nº 5.155.946, CAAE 54039821.7.0000.5282.

Gráfico 1 - Questionário sociocultural – bilíngues PB-Inglês



Fonte: A autora, 2023

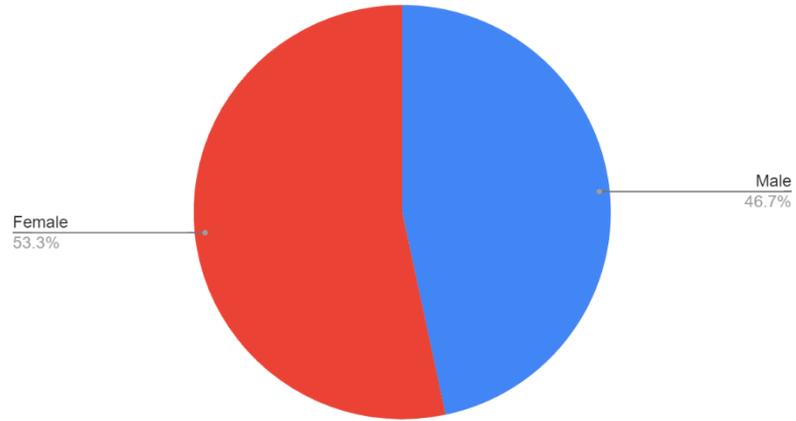
Gráfico 2 - Questionário sociocultural – grupo controle de PB



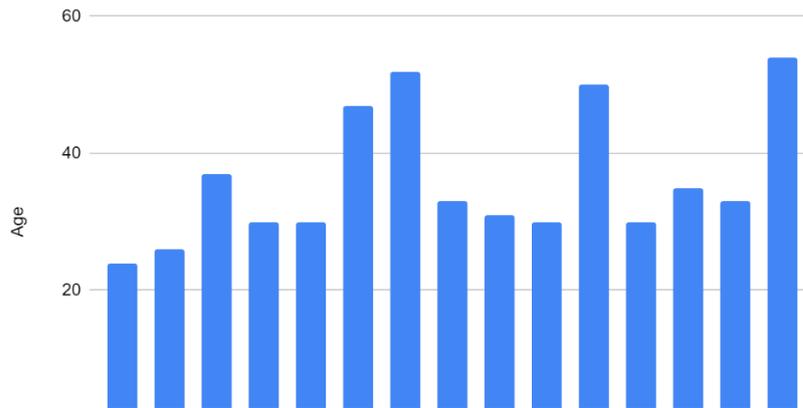
Fonte: A autora, 2023

Gráfico 3 - Questionário sociocultural – grupo controle de Inglês

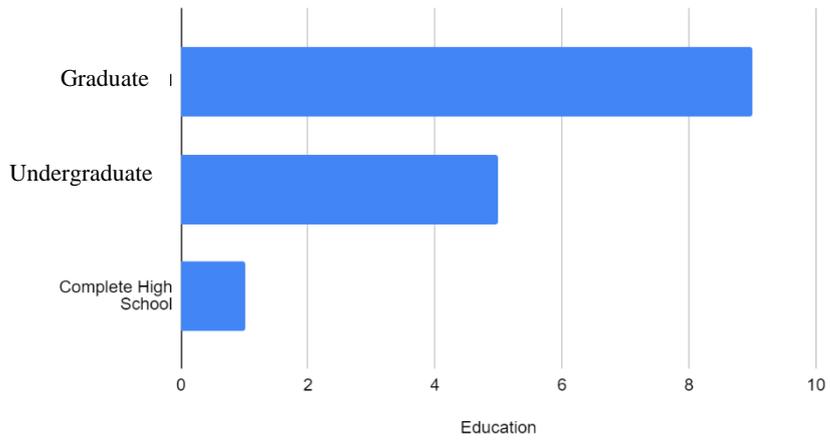
Gênero



Idade



Escolaridade



Fonte: A autora, 2023

Para o grupo amostral, percebe-se a faixa etária variando entre 20 e 50 anos (mas majoritariamente mais nova), com uma grande maioria dos participantes na fase de graduação, sendo formado por 66,7% de gênero feminino e 26,7% de gênero masculino (com outros gêneros representando 6,7%). Para o grupo controle de PB, também temos variações entre 20 e 50 anos, porém com maior quantidade de participantes acima de 40 anos. Em relação à formação educacional, a maioria possui pós-graduação completa e aparecem também alguns participantes com Ensino Médio completo somente, gerando, portanto, uma maior variação nesse quesito. Continuamos com o gênero feminino como maioria, com 66,7%, contra os 33,3% do gênero masculino. Já para o grupo controle de Inglês, temos participantes mais velhos, beirando os 60 anos e poucos na faixa dos 20 anos. Em termos de educação, uma grande maioria com pós-graduação completa, mas também participantes apenas com Ensino Médio. Para o gênero, o feminino seguiu sendo maioria, com 53,3%, enquanto o masculino totalizou 46,7%.

Especificamente para o grupo controle de Inglês, percebemos ser interessante analisar a origem e país de residência, assim como o contato com outra língua, para tentarmos entender se tais características poderiam influenciar os resultados posteriormente obtidos. Como respostas, tivemos 14 participantes que nasceram nos Estados Unidos e 1 que nasceu na África do Sul. Quatorze deles ainda moram nos Estados Unidos e apenas 1 mora na França. Em relação a uma língua adicional, 9 participantes não falam outra língua; 1 deles aprendeu afrikaans ou uma língua africana aos 10 anos e francês aos 25; 1 aprendeu espanhol aos 14 anos; 1 aprendeu sérvio aos 2 anos de idade (bilíngue precoce), 1 aprendeu espanhol aos 4 anos (outro caso de bilinguismo precoce) e francês aos 15; 1 aprendeu espanhol na faculdade, mas não se diz fluente; 1 aprendeu alemão na faculdade, mas também não se diz fluente.

3.2.2 Teste de julgamento de aceitabilidade com escala *likert*

O teste de julgamento de aceitabilidade foi escolhido como uma das ferramentas experimentais para a coleta de dados. Foram elaboradas 36 sentenças, sendo 18 distratoras e 18 sentenças-teste, ou seja, relativas genitivas. Dentre elas, 6 sentenças eram de sujeito, 6 de objeto direto e 6 de objeto indireto/oblíquo, sendo 2 de cada conjunto, ou seja, 2 sentenças padrão, 2 relativas resumptivas e 2 relativas cortadoras. A escolha por diferentes funções

sintáticas se deve ao fato de que, conforme dito anteriormente, há uma expectativa de maior frequência de estruturas não-padrão em posições mais baixas, e essa expectativa precisava ser analisada na prática. Abaixo, encontram-se exemplos de sentenças com função de sujeito, utilizadas no teste de PB e no de Inglês:

- (101) Nunca mais ouvi falar do menino **cujo** pai sonhava que ele fosse jogador de futebol. (Relativa Padrão)
- (102) É muito reconfortante conhecer alguém **que** a família oferece bastante suporte. (Relativa cortadora)
- (103) Meu filho encontrou o vizinho **que** a filha **dele** é cientista. (Relativa Resumptiva)
- (104) Mathew has a new neighbour **whose** favourite band is Iron Maiden. (Relativa Padrão)
- (105) *My grandmother lives with a cat **that** the hobby is to sleep all day long. (Relativa cortadora)
- (106) ? My husband's nephew asked for a bike **that its** color is blue and white. (Relativa Resumptiva)

As sentenças foram apresentadas via Google Forms, como pode ser visto na Figura 3, com sequência randômica, buscando não influenciar as respostas dos participantes, situação que poderia ocorrer caso alguma ordem específica fosse utilizada. Na verdade, duas listas com sequências diferentes foram utilizadas, de forma a mitigar efeitos de cansaço ou novidade. As variáveis utilizadas giraram em torno não somente da função sintática do pronome relativo como também em relação à animacidade, com variação entre seres inanimados e animados, visando a perceber se isso seria um fator sensível para os participantes, principalmente considerando que há controvérsias, na literatura, quanto ao uso de *whose* (equivalente do “cujo”, em Inglês) para se referir a seres inanimados.

Figura 3 – Exemplo de sentença utilizada no Teste de Julgamento de Aceitabilidade com escala Likert

Fonte: A autora, 2023

Na plataforma utilizada, não é possível colocar marcação de tempo para respostas, no entanto, foi escolhida a organização em que cada sentença apareceria em uma página nova para o participante, como pode ser visto acima, com a finalidade de não permitir que houvesse comparações entre elas. O participante poderia retornar às sentenças já julgadas, mas nunca as veria juntas. Além disso, a configuração do formulário também indicava que o participante não poderia mandar mais de uma resposta, visto que o *email* ficava registrado. Em uma escala de 1 a 4, em que 1 significava totalmente em desacordo com a norma culta da língua, e 4 significava totalmente em acordo com a norma culta, os participantes foram convidados a julgar as 36 sentenças. A ideia aqui foi justamente entender o que o falante consideraria como prescrito ou não prescrito pela Gramática Normativa. Vale dizer que não se costuma fazer referência à norma culta na escala *likert* empregada em testes psicolinguísticos. Embora uma avaliação da naturalidade das sentenças pelo participante possa refletir mais adequadamente o que é de seu uso rotineiro ou não, busca-se, assim, acionar um conhecimento mais metalinguístico dos participantes, uma vez que a variação linguística quanto às orações relativas no PB é bastante evidente e o falante letrado de PB, como já discutido anteriormente, tem certa sensibilidade para essas distinções. Assim, a referência à norma culta foi usada na escala *likert* apresentada, buscando fazer com que o falante associasse as sentenças sob avaliação a um contexto escrito e formal de uso da língua.

As previsões, de acordo com as hipóteses discutidas, são de que os falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de Inglês aceitem com certa facilidade as estruturas não-padrão,

tanto resumptivas como cortadoras, avaliando-as como próximas à norma culta, diante da variação presente no PB e o uso infrequente da estratégia padrão (Tarallo, 1983; Mollica, 1997; 2003; Ramos, 2015; Silva & Lopes, 2007; Armando-Goulart, em preparação), enquanto os falantes de Inglês como língua materna apresentam maior resistência a aceitarem tais estruturas como dentro da norma culta de sua língua, já que o uso de cortadoras é totalmente ilegítimo e o de resumptivas bastante restrito. Um ponto a ser checado também é se há maior aceitação de uma estrutura não-canônica em relação à outra, por exemplo, se há preferência pela resumptiva ou pela cortadora. Outro ponto importante é entender se a função sintática do antecedente da relativa, com o qual o pronome relativo faz co-referência, influenciaria nas decisões, considerando-se as previsões da Hierarquia de Acessibilidade de Keenan & Comrie (1977), na sua versão interna à genitiva, proposta por Herrmann (2003), apresentada anteriormente. Já no que tange aos bilíngues Port-Ing, acredita-se que possa haver um menor índice de aceitabilidade em relação às estruturas não-padrão quando o julgamento em questão for relativo às sentenças do Inglês, todavia, em relação às sentenças no PB, possivelmente há uma maior aceitação das sentenças não-canônicas (mais uma vez, é relevante entender se há distinção de aceitabilidade entre a resumptiva e a cortadora).

3.2.2.1 Resultados

Apresentamos os resultados de 15 participantes falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de Inglês, 15 bilíngues PB-Ing nos testes de PB e de Inglês e 15 falantes de Inglês como língua materna. Primeiramente, apresentamos os resultados dos falantes de PB e dos bilíngues PB-Ing respondendo ao teste em português. Em seguida, os resultados dos falantes de inglês como língua materna e dos bilíngues PB-ING respondendo ao teste em inglês.

3.2.2.1.1 Teste aplicado em português

Para os primeiros resultados, ajustou-se, no software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0), um modelo de regressão logística de efeitos mistos (Baayen; Davidson; Bates, 2008), utilizando a função `clmm()`, inclusa no pacote `Ordinal` (Chirstensen, 2019) por

tratar-se de variável dependente com valores categóricos advindos de uma escala *likert* de 4 pontos. Por meio de comparações aninhadas (WINTER, 2013), a interação entre os efeitos fixos (grupo e tipo) se mostrou com maior capacidade explanatória do que o modelo que não considerou a interação ($p < 0,001$) e do que o modelo nulo ($p < 0,001$).

O output do modelo tomou grupo BILPB e tipo cortadora como referência, e houve diferença significativa para a avaliação de sentenças do tipo padrão ($p = 0,001$) e do tipo resumptiva (0,0023), em comparação com o tipo cortadora para esse grupo. Não houve diferença quanto à avaliação da cortadora entre os grupos BILPB e PB L1 ($p = 0,0865$).

Tabela 1 - Modelo com BILPB e CORT como referência

<i>Predictors</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>likert</i>	
		<i>CI</i>	<i>p</i>
grupo [PB L1]	1.08	0.45 – 2.57	0.865
tipo [PAD]	5.53	2.06 – 14.86	0.001
tipo [RES]	0.33	0.13 – 0.86	0.023
grupo [PB L1] × tipo [PAD]	0.38	0.17 – 0.85	0.019
grupo [PB L1] × tipo [RES]	2.11	0.98 – 4.53	0.056
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} sujeito	0.91		
τ_{00} item	0.49		
ICC	0.30		
N_{sujeito}	30		
N_{item}	18		
Observations	540		
Marginal R^2 / Conditional R^2	0.143 / 0.400		

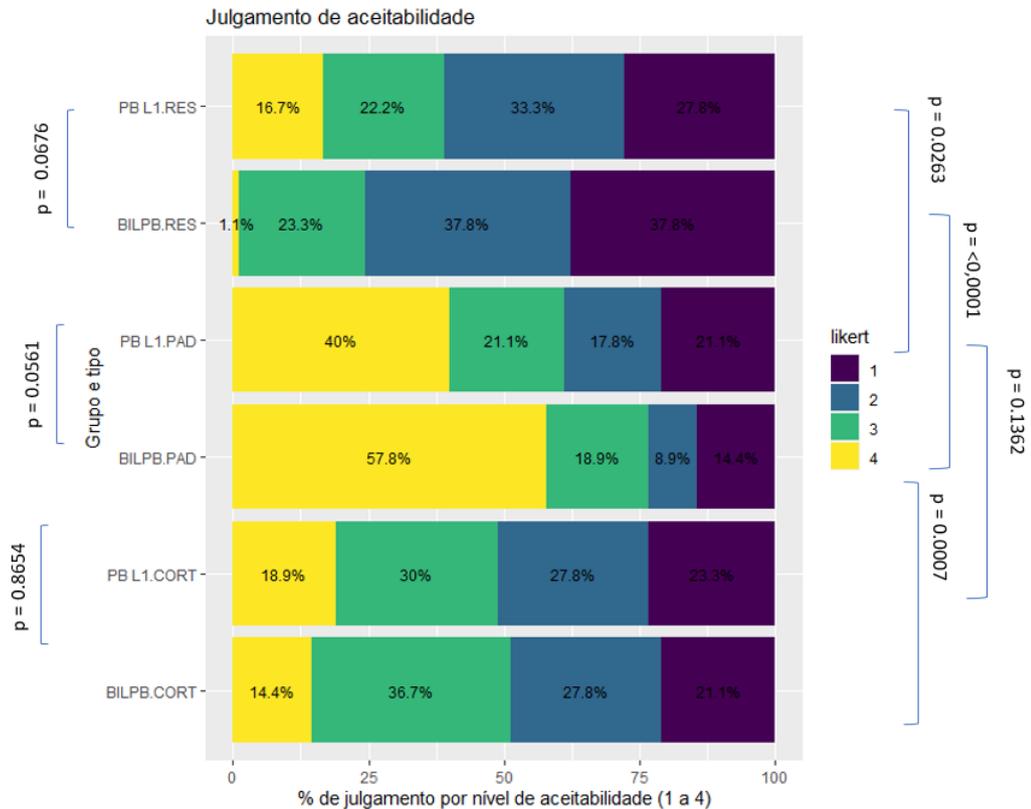
contrast	estimate	SE	df	z.ratio	p.value
BILPB CORT - PB L1 CORT	-0.0752	0.444	Inf	-0.169	0.8654
BILPB CORT - BILPB PAD	-1.7102	0.504	Inf	-3.392	0.0007
BILPB CORT - PB L1 PAD	-0.8184	0.608	Inf	-1.346	0.1782
BILPB CORT - BILPB RES	1.1168	0.490	Inf	2.278	0.0227
BILPB CORT - PB L1 RES	0.2964	0.603	Inf	0.492	0.6229
PB L1 CORT - BILPB PAD	-1.6351	0.615	Inf	-2.660	0.0078
PB L1 CORT - PB L1 PAD	-0.7433	0.499	Inf	-1.490	0.1362
PB L1 CORT - BILPB RES	1.1920	0.605	Inf	1.971	0.0487
PB L1 CORT - PB L1 RES	0.3715	0.492	Inf	0.755	0.4505
BILPB PAD - PB L1 PAD	0.8918	0.467	Inf	1.910	0.0561
BILPB PAD - BILPB RES	2.8271	0.513	Inf	5.509	<.0001
BILPB PAD - PB L1 RES	2.0066	0.618	Inf	3.247	0.0012
PB L1 PAD - BILPB RES	1.9353	0.614	Inf	3.154	0.0016
PB L1 PAD - PB L1 RES	1.1148	0.502	Inf	2.221	0.0263
BILPB RES - PB L1 RES	-0.8204	0.449	Inf	-1.827	0.0676

Fonte: Software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0)

A partir da análise post-hoc, nota-se que o grupo PB L1 faz distinção entre resumptiva e padrão ($p = 0.0263$), mas não faz distinção entre cortadora e padrão ($p = 0.1362$), nem entre cortadora e resumptiva ($p = 0.4505$). Já o grupo BILPB faz essas distinções.

O Gráfico 4 mostra essas distinções, especificando a percentual de avaliações em cada nível da escala *likert* por grupo para cada tipo de relativa:

Gráfico 4- Julgamento de aceitabilidade em Português



Fonte: Software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0)

Além dessa análise, torna-se interessante observar se há diferença na análise dos participantes nos distintos tipos de relativas genitivas (sujeito, objeto direto, oblíqua). No software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0), ajustamos um modelo de regressão logística de efeitos mistos que considerou os valores de aceitabilidade como variável dependente, grupo, tipo e função como efeitos fixos e sujeitos e itens como fatores aleatórios (BAAYEN; DAVIDSON; BATES, 2008). Levando em consideração que a variável dependente são valores categóricos advindos de uma escala *likert* de 4 pontos, utilizamos a função `clmm()`, inclusa no pacote `Ordinal` (CHRISTENSEN, 2019).

Por meio de comparações aninhadas (WINTER, 2013), a interação entre os efeitos fixos (grupo, tipo e função) se mostrou com maior capacidade explanatória do que o modelo que não considerou a interação entre eles ($p < 0.001$), do que o modelo nulo ($p < 0.001$) e do que o modelo que não continha função, mas somente a interação entre grupo e tipo ($p < 0.001$).

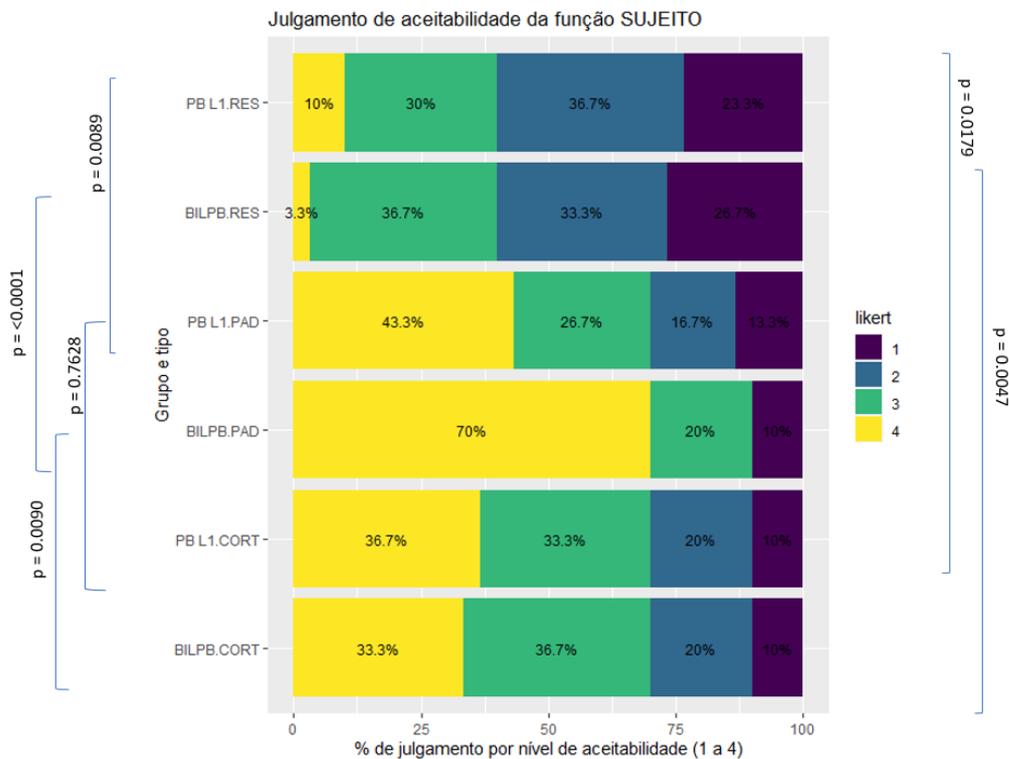
Tabela 2 - Output do modelo grupo, tipo e função

<i>Predictors</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>likert</i>	
		<i>CI</i>	<i>p</i>
grupo [PB L1]	0.99	0.31 – 3.13	0.989
tipo [PAD]	1.51	0.53 – 4.30	0.445
tipo [RES]	0.30	0.11 – 0.84	0.023
funcao [OD]	0.80	0.29 – 2.22	0.665
funcao [SUJ]	3.78	1.35 – 10.59	0.012
grupo [PB L1] × tipo [PAD]	0.95	0.24 – 3.68	0.938
grupo [PB L1] × tipo [RES]	2.83	0.74 – 10.88	0.130
grupo [PB L1] × funcao [OD]	1.19	0.32 – 4.38	0.795
grupo [PB L1] × funcao [SUJ]	1.08	0.29 – 4.01	0.908
tipo [PAD] × funcao [OD]	19.04	3.86 – 93.91	<0.001
tipo [RES] × funcao [OD]	1.66	0.38 – 7.23	0.499
tipo [PAD] × funcao [SUJ]	3.07	0.65 – 14.48	0.157
tipo [RES] × funcao [SUJ]	0.75	0.18 – 3.25	0.705
(grupo [PB L1] × tipo [PAD]) × funcao [OD]	0.19	0.03 – 1.43	0.107
(grupo [PB L1] × tipo [RES]) × funcao [OD]	0.97	0.15 – 6.40	0.973
(grupo [PB L1] × tipo [PAD]) × funcao [SUJ]	0.27	0.04 – 1.93	0.191
(grupo [PB L1] × tipo [RES]) × funcao [SUJ]	0.45	0.07 – 2.92	0.403
Random Effects:			
σ^2	3.29		
τ_{00} sujeito	0.93		
τ_{00} item	0.06		
ICC	0.23		
N _{sujeito}	30		
N _{item}	18		
Observations	540		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.235 / 0.412		

Fonte: Software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0)

O output do modelo tomou como referência o grupo BILPB, tipo cortadora e função oblíqua. A partir da análise post-hoc (análise completa em Apêndice G), pode-se verificar os contrastes para cada função e tipo de relativa avaliada. Os gráficos a seguir apresentam os percentuais de julgamento por grupo para cada tipo de relativa por função sintática da genitiva. Iniciemos pelos resultados para as relativas de sujeito.

Gráfico 5 - Julgamento de aceitabilidade da função sujeito da relativa genitiva (PB)



BILPB	CORT	SUJ	-	PB	L1	CORT	SUJ	-0.0688	0.594	Inf	-0.116	0.9077	
BILPB	CORT	SUJ	-	BILPB	PAD	SUJ	-1.5295	0.585	Inf	-2.613	0.0090		
BILPB	CORT	SUJ	-	PB	L1	PAD	SUJ	-0.2340	0.650	Inf	-0.360	0.7188	
BILPB	CORT	SUJ	-	BILPB	RES	SUJ	1.4926	0.527	Inf	2.830	0.0047		
BILPB	CORT	SUJ	-	PB	L1	RES	SUJ	1.1802	0.633	Inf	1.865	0.0621	
PB	L1	CORT	SUJ	-	BILPB	PAD	SUJ	-1.4607	0.685	Inf	-2.131	0.0331	
PB	L1	CORT	SUJ	-	PB	L1	PAD	SUJ	-0.1652	0.547	Inf	-0.302	0.7628
PB	L1	CORT	SUJ	-	BILPB	RES	SUJ	1.5614	0.638	Inf	2.449	0.0143	
PB	L1	CORT	SUJ	-	PB	L1	RES	SUJ	1.2490	0.528	Inf	2.367	0.0179
BILPB	PAD	SUJ	-	PB	L1	PAD	SUJ	1.2955	0.652	Inf	1.986	0.0470	
BILPB	PAD	SUJ	-	BILPB	RES	SUJ	3.0220	0.588	Inf	5.136	<.0001		
BILPB	PAD	SUJ	-	PB	L1	RES	SUJ	2.7097	0.682	Inf	3.971	0.0001	
PB	L1	PAD	SUJ	-	BILPB	RES	SUJ	1.7266	0.649	Inf	2.662	0.0078	
PB	L1	PAD	SUJ	-	PB	L1	RES	SUJ	1.4142	0.541	Inf	2.614	0.0089
BILPB	RES	SUJ	-	PB	L1	RES	SUJ	-0.3123	0.579	Inf	-0.539	0.5897	

Fonte: Software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0)

Lembremos o tipo de estrutura relativa genitiva de sujeito que foi considerado, em português:

(107) Meu tio se mudou para um sítio do interior cujo modo de vida é bem pacato.

(Padrão)

(108) É muito reconfortante conhecer alguém que a família oferece bastante suporte.

(Cortadora)

(109) Meu filho encontrou o vizinho que a filha dele é cientista. (Resumptiva)

A análise estatística considerou avaliações dos níveis 3 e 4 como positivas e 1 e 2 como negativas. No grupo controle de falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de Inglês, observa-se que, em relação à genitiva SUJ em sentenças do tipo padrão, houve um percentual expressivo de avaliação positiva, de 70%, enquanto a distribuição entre os níveis 1 e 2, negativa, totalizou 30%. Para a estratégia cortadora, também se teve 70% de avaliações positivas, e 30% de avaliações negativas. Chama a atenção, então, que tanto a cortadora quanto a padrão estejam sendo avaliadas de maneira muito semelhante. Efetivamente, não há diferença estatística entre esses tipos para os falantes de PB ($p = 0.76$). Para a estratégia resumptiva, há uma queda vertiginosa em relação às avaliações positivas, na casa dos 40%, totalizando 60% de avaliações negativas. Em suma, a estrutura padrão e a estrutura cortadora são melhor avaliadas do que a estrutura resumptiva nas relativas genitivas SUJ, com diferenças estatísticas significativas, conforme quadro abaixo:

Quadro 4 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de PB - SUJ)

Falantes de PB	RELATIVAS GENITIVAS SUJ
PADRÃO X CORTADORA	$p = 0.76$ (não há diferença entre padrão e cortadora; ambas são bem avaliadas)
PADRÃO X RESUMPTIVA	$p = 0.0089$ (padrão mais bem avaliada que resumptiva)
CORTADORA X RESUMPTIVA	$p = 0.01$ (cortadora mais bem avaliada que resumptiva)

Fonte: A autora, 2023

Em relação ao grupo de bilíngues, observamos que, para a estrutura padrão, nas genitivas SUJ, houve um percentual bem expressivo de avaliações positivas, 90%, e a

avaliação negativa foi de apenas 10%. Para a estratégia cortadora, houve 70% de avaliações positivas, o mesmo somatório do grupo anterior, novamente mostrando uma tendência similar, contra 30% de avaliações negativas. Para a estratégia resumptiva, somou-se 40% de avaliações positivas, contra 60% de negativas, mesmos somatórios do grupo anterior.

Na comparação entre os dois grupos, em termos estatísticos, temos o quadro a seguir, que demonstra um comportamento semelhante em relação à distinção entre padrão e resumptiva e cortadora e resumptiva, mas diferente em relação à distinção entre padrão e cortadora.

Quadro 5 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle x Grupo amostral – teste em PB - SUJ)

RELATIVAS GENITIVAS SUJ	Falantes de PB	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	p = 0.76 (não há diferença entre padrão e cortadora; ambas são bem avaliadas)	p = 0.009 (padrão mais bem avaliada que cortadora)
PADRÃO X RESUMPTIVA	p = 0.0089 (padrão mais bem avaliada que resumptiva)	p < 0.0001 (padrão mais bem avaliada que resumptiva)
CORTADORA X RESUMPTIVA	p = 0.01 (cortadora mais bem avaliada que resumptiva)	p = 0.047 (cortadora mais bem avaliada que resumptiva)

Fonte: A autora, 2023

Na comparação entre os grupos, também verifica-se que, embora a tendência de avaliação nos dois tenha ido na mesma direção positiva em relação à estratégia padrão, há uma diferença estatisticamente significativa entre esses grupos (p = 0.0047). Nota-se, assim, uma maior acuidade dos falantes bilíngues na identificação da estratégia padrão, com avaliações mais claramente positivas. Quanto às estratégias não-canônicas, não há uma distinção entre os grupos na avaliação da estratégia cortadora (p = 0.907), assim como também não há em relação à estratégia resumptiva (p = 0.5897), embora os bilíngues sejam mais severos ao fazer uma distinção entre a estratégia padrão e as estratégias do tipo não-padrão, diferenciando-as, enquanto, para os falantes de PB, não há distinção entre padrão e cortadora. O quadro abaixo incorpora tais dados:

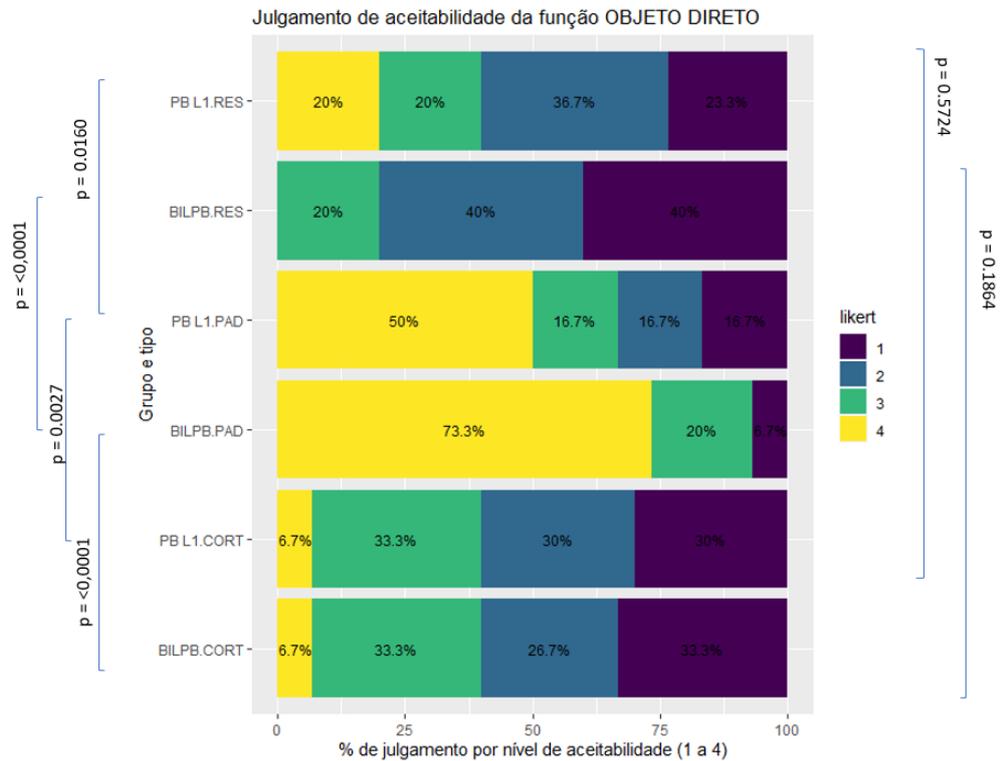
Quadro 6 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – SUJ - PB)

RELATIVAS GENITIVAS SUJ	Falantes de PB x Bilíngue PB-Ingês
PADRÃO	p = 0.0047 (bilíngues avaliando mais positivamente)
CORTADORA	p = 0.907 (não há distinção na avaliação dos grupos)
RESUMPTIVA	p = 0.5897 (não há distinção na avaliação dos grupos)

Fonte: A autora, 2023

Passemos agora aos resultados para as genitivas com função de objeto direto.

Gráfico 6 - Julgamento de aceitabilidade da função objeto direto da relativa genitiva (PB)



BILPB CORT OD - PB L1 CORT OD	-0.1643	0.592	Inf	-0.278	0.7813
BILPB CORT OD - BILPB PAD OD	-3.3558	0.616	Inf	-5.445	<.0001
BILPB CORT OD - PB L1 PAD OD	-1.8283	0.660	Inf	-2.769	0.0056
BILPB CORT OD - BILPB RES OD	0.7031	0.532	Inf	1.321	0.1864
BILPB CORT OD - PB L1 RES OD	-0.4690	0.647	Inf	-0.725	0.4686
PB L1 CORT OD - BILPB PAD OD	-3.1915	0.708	Inf	-4.509	<.0001
PB L1 CORT OD - PB L1 PAD OD	-1.6640	0.556	Inf	-2.995	0.0027
PB L1 CORT OD - BILPB RES OD	0.8674	0.639	Inf	1.357	0.1747
PB L1 CORT OD - PB L1 RES OD	-0.3047	0.540	Inf	-0.565	0.5724
BILPB PAD OD - PB L1 PAD OD	1.5275	0.676	Inf	2.260	0.0238
BILPB PAD OD - BILPB RES OD	4.0589	0.621	Inf	6.534	<.0001
BILPB PAD OD - PB L1 RES OD	2.8867	0.714	Inf	4.043	0.0001

PB L1 PAD OD - BILPB RES OD	2.5314	0.663	Inf	3.819	0.0001
PB L1 PAD OD - PB L1 RES OD	1.3592	0.564	Inf	2.408	0.0160
BILPB RES OD - PB L1 RES OD	-1.1722	0.603	Inf	-1.945	0.0517

Fonte: Software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0)

Exemplifiquemos as relativas genitivas de OD:

(110) Você já falou com a cliente cujo pai você encontrou na saída do shopping?

(Padrão)

(111) Vi o documentário que meu amigo citou o trailer. (Cortadora)

(112) Semana passada, visitei um amigo que eu admiro a filha batalhadora dele.

(Resumptiva)

No que tange à genitiva OD, as classificações das estruturas padrão não mudaram muito em comparação ao tipo SUJ, pelo grupo controle, com 66,7% de classificação positiva, somatório próximo ao obtido para as relativas genitivas de SUJ. Nos níveis mais baixos, tivemos 33,4% de avaliações negativas, similar ao que acontece com SUJ. Quanto à estratégia cortadora, houve uma grande mudança comparando-se com o tipo SUJ, pois houve um total de apenas 40% de avaliações positivas, enquanto as avaliações negativas sofreram um aumento para 60%. Para a estratégia resumptiva, o quadro se mostrou parecido com o tipo SUJ. As classificações positivas totalizaram 40%, e as negativas tiveram um mesmo total de 60% de avaliações negativas. Abaixo, apresentamos o quadro com as diferenças estatísticas:

Quadro 7 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de PB - OD)

Falantes de PB	RELATIVAS GENITIVAS OD
PADRÃO X CORTADORA	$p < 0.001$ (padrão mais bem avaliada que cortadora)
PADRÃO X RESUMPTIVA	$p = 0.016$ (padrão mais bem avaliada que resumptiva)
CORTADORA X RESUMPTIVA	$p = 0.572$ (não há diferença entre cortadora e resumptiva; ambas são mal avaliadas)

Fonte: A autora, 2023

Para o grupo bilíngue, nota-se, mais uma vez, uma maior clareza/precisão na sua avaliação em termos do prestígio da estratégia padrão e estigma da estratégia resumptiva, com as tendências na mesma direção. Também em relação à estratégia cortadora, houve uma

inversão em relação à avaliação feita para a genitiva de SUJ, com mais avaliações negativas do que positivas. Para a estratégia padrão, houve um bom aumento da classificação positiva para 93,3%, e os níveis mais baixos se mostraram bem inexpressivos, com um total de 6,7%. Para a estratégia cortadora, tivemos a avaliação positiva somando 40%, enquanto a negativa totalizou 60%. Na estratégia resumptiva, houve um total de 20% de avaliações positivas, ao passo que as avaliações negativas somaram 80%, demonstrando um aumento de percentual em relação ao que foi observado no grupo controle (60%). Efetivamente, nesse grupo, assim como no grupo controle, nem todas as distinções se mostram significativas. O quadro abaixo traz essa comparação de dados com maior clareza:

Quadro 8 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle x Grupo amostral – teste em PB - OD)

RELATIVAS GENITIVAS OD	Falantes de PB	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	$p < 0.001$ (padrão mais bem avaliada que cortadora)	$p < 0.0001$ (padrão mais bem avaliada que cortadora)
PADRÃO X RESUMPTIVA	$p = 0.016$ (padrão mais bem avaliada que resumptiva)	$p < 0.0001$ (padrão mais bem avaliada que resumptiva)
CORTADORA X RESUMPTIVA	$p = 0.572$ (não há diferença entre cortadora e resumptiva; ambas são mal avaliadas)	$p = 0.186$ (não há diferença entre cortadora e resumptiva; ambas são mal avaliadas)

Fonte: A autora, 2023

Comparando-se, novamente, os dois grupos, percebe-se um comportamento parecido, com preferência pela estratégia padrão em todos os cenários e não distinção entre cortadora e resumptiva, ambas negativamente avaliadas. De qualquer maneira, há uma diferença na avaliação da estratégia padrão entre grupo controle e grupo amostral ($p = 0.024$), com mais avaliações positivas por parte do grupo bilíngue. No que tange às estratégias não-canônicas, não houve distinção na avaliação da cortadora ($p = 0.7813$) e quase houve na avaliação da resumptiva ($p = 0.0517$). O quadro a seguir resume essas questões:

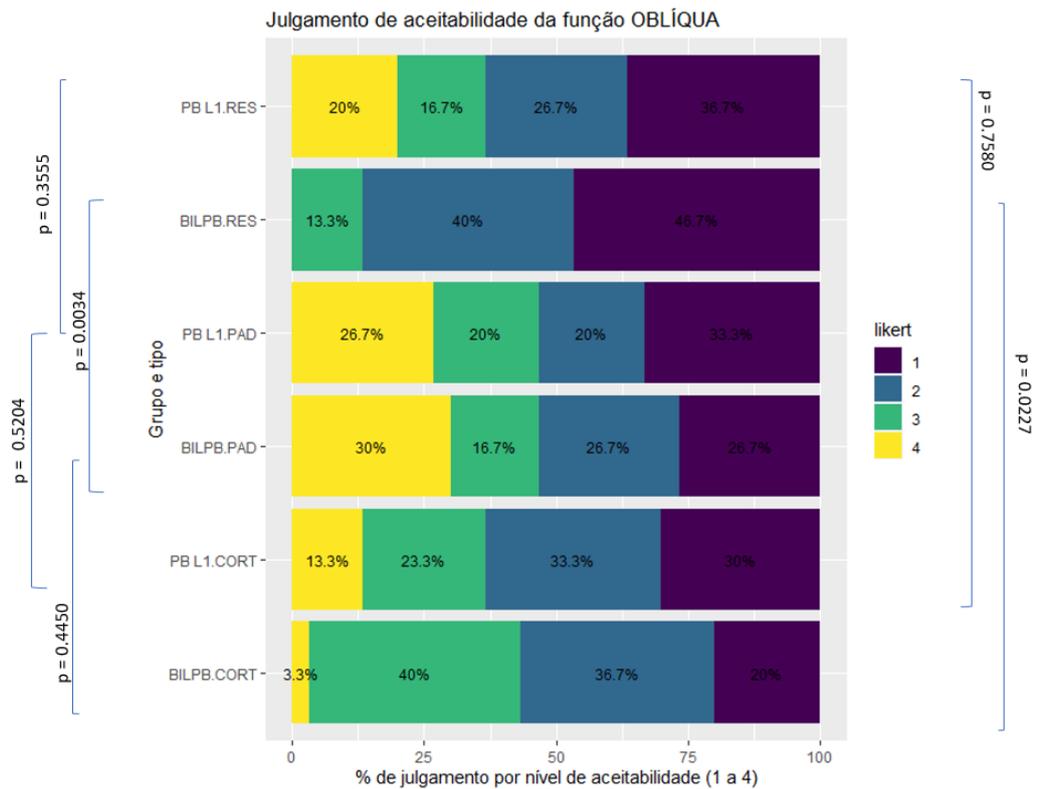
Quadro 9 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – OD - PB)

RELATIVAS GENITIVAS SUJ	Falantes de PB x Bilíngue PB-Ingês
PADRÃO	p = 0.024 (bilíngues avaliando mais positivamente)
CORTADORA	p = 0.7813 (não há distinção na avaliação dos grupos)
RESUMPTIVA	p = 0.0517 (não há distinção na avaliação dos grupos)

Fonte: A autora, 2023

Passemos, agora, às relativas genitivas OBL.

Gráfico 7 - Julgamento de aceitabilidade da função oblíqua da relativa genitiva (PB)



BILPB CORT OBL - PB L1 CORT OBL	0.0083	0.587	Inf	0.014	0.9887
BILPB CORT OBL - BILPB PAD OBL	-0.4092	0.536	Inf	-0.764	0.4450
BILPB CORT OBL - PB L1 PAD OBL	-0.3473	0.648	Inf	-0.536	0.5923
BILPB CORT OBL - BILPB RES OBL	1.2107	0.531	Inf	2.278	0.0227
BILPB CORT OBL - PB L1 RES OBL	0.1781	0.646	Inf	0.275	0.7829
PB L1 CORT OBL - BILPB PAD OBL	-0.4175	0.651	Inf	-0.642	0.5212
PB L1 CORT OBL - PB L1 PAD OBL	-0.3556	0.553	Inf	-0.643	0.5204
PB L1 CORT OBL - BILPB RES OBL	1.2024	0.648	Inf	1.856	0.0635
PB L1 CORT OBL - PB L1 RES OBL	0.1698	0.551	Inf	0.308	0.7580
BILPB PAD OBL - PB L1 PAD OBL	0.0620	0.621	Inf	0.100	0.9205
BILPB PAD OBL - BILPB RES OBL	1.6199	0.554	Inf	2.925	0.0034
BILPB PAD OBL - PB L1 RES OBL	0.5873	0.664	Inf	0.885	0.3762
PB L1 PAD OBL - BILPB RES OBL	1.5579	0.664	Inf	2.346	0.0190

```

PB L1 PAD OBL - PB L1 RES OBL    0.5253 0.569 Inf    0.924 0.3555
BILPB RES OBL - PB L1 RES OBL   -1.0326 0.615 Inf   -1.678 0.0933

```

Fonte: Software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0)

Seguem os exemplos:

(113) Assisti ao palestrante de cuja equipe de trabalho eu discordo. (Padrão)

(114) Minha professora chamou o aluno que ela precisava da mãe na reunião.

(Cortadora)

(115) A secretária me apresentou ao estagiário que eu devo responder ao patrão dele.

(Resumptiva)

Para o tipo OBL, a estrutura mais complexa de todas e que demanda mais do falante, houve, no grupo controle, uma grande queda para avaliações positivas, tanto das sentenças padrão quanto das estratégias cortadoras, comparando-se com o tipo SUJ. Para as sentenças padrão, houve um total de 46,7% de avaliações positivas contra 53,3% de avaliações negativas. Para as cortadoras, totalizaram 43,3% de avaliações positivas contra 56,7% de negativas. Em relação à estratégia resumptiva, as avaliações positivas caíram para 36,7%, enquanto as negativas subiram para 63,3%. Por outro lado, na verdade, não há distinção entre as avaliações dos tipos de relativas na função oblíqua pelos falantes de PB. Apresentamos, a seguir, o quadro com dados estatísticos:

Quadro 10 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de PB - OBL)

Falantes de PB	RELATIVAS GENITIVAS OBL
PADRÃO X CORTADORA	p = 0.5212 (não há diferença entre padrão e cortadora; ambas relativamente mal avaliadas)
PADRÃO X RESUMPTIVA	p = 0.355 (não há diferença entre padrão e resumptiva; padrão um pouco melhor avaliada)
CORTADORA X RESUMPTIVA	p = 0.758 (não há diferença entre cortadora e resumptiva; cortadora um pouco melhor avaliada)

Fonte: A autora, 2023

Na avaliação da estratégia padrão, pelos bilíngues, obteve-se um total de 46,7% de avaliações positivas, igual ao grupo controle. As avaliações negativas totalizaram, portanto, 53,3%, ou seja, ambos os grupos demonstram uma dificuldade em avaliar tais sentenças como

pertencendo à norma culta do português, o que possivelmente se deve ao estranhamento da preposição antecedendo o pronome relativo. Para a estratégia cortadora, temos 43,3% de avaliações positivas, contra 56,7% de avaliações negativas. Ambos os grupos demonstram indefinição quanto a identificar a estratégia cortadora como de prestígio ou não. Na estratégia resumptiva, curiosamente, nenhuma classificação de nível 4 foi encontrada, e o somatório de avaliação positiva ficou em 13,3%, enquanto os níveis mais baixos tiveram 86,7% (contra 62,7% do grupo controle). O quadro abaixo traz a comparação entre os dados estatísticos:

Quadro 11 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (grupo controle x grupo amostral – teste em PB - OBL)

RELATIVAS GENITIVAS OBL	Falantes de PB	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	p = 0.5212 (não há diferença entre padrão e cortadora; ambas relativamente mal avaliadas)	p = 0.445 (não há diferença entre padrão e cortadora; ambas relativamente mal avaliadas)
PADRÃO X RESUMPTIVA	p = 0.355 (não há diferença entre padrão e resumptiva; padrão um pouco melhor avaliada)	p = 0.0034 (padrão melhor avaliada que resumptiva)
CORTADORA X RESUMPTIVA	p = 0.758 (não há diferença entre cortadora e resumptiva; cortadora um pouco melhor avaliada)	p = 0.0227 (cortadora melhor avaliada que resumptiva)

Fonte: A autora, 2023.

Assim, percebe-se uma semelhança no que tange à comparação entre padrão x cortadora, porém enquanto o grupo controle não faz distinção entre padrão x resumptiva, o grupo amostral o faz, com preferência pela padrão. Em relação à comparação entre cortadora x resumptiva, o grupo controle não faz diferença, mas o grupo amostral faz distinção, com preferência pela cortadora.

No entanto, não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre a avaliação das estratégias para as genitivas na função oblíqua, entre os grupos controle e

amostral (padrão com $p = 0.9205$; cortadoras com $p = 0.9887$; resumptivas com $p = 0.0933$), conforme quadro a seguir:

Quadro 12 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – OBL - PB)

RELATIVAS GENITIVAS OBL	Falantes de PB x Bilíngue PB-Ingês
PADRÃO	$p = 0.9205$ (não há distinção na avaliação dos grupos)
CORTADORA	$p = 0.9887$ (não há distinção na avaliação dos grupos)
RESUMPTIVA	$p = 0.0933$ (não há distinção na avaliação dos grupos)

Fonte: A autora, 2023

Em suma, nossos resultados apontaram que a estratégia padrão é reconhecida como tal, recebendo avaliações predominantemente positivas para as relativas genitivas de SUJ, quando se distinguem das resumptivas, mas não das cortadoras, pelo grupo controle, mas distingue-se de ambas as estratégias, no grupo de bilíngues. Também nas relativas de OD, a estratégia padrão se distingue de ambas, cortadoras e resumptivas, em ambos os grupos. Para as relativas genitivas OBL, a padrão não se diferencia das outras estratégias pelo grupo controle, mas diferencia-se da resumptiva, no grupo bilíngue. As resumptivas são, independentemente da função sintática, avaliadas negativamente, sempre cerca de 60% de avaliações negativas, contra cerca de 40% de avaliações positivas, confirmando o seu caráter estigmatizado, embora nem sempre com diferenças estatisticamente significativas em relação às demais, como já apontado.

Um quadro menos claro é projetado para as relativas genitivas cortadoras. A avaliação lembra o que se obteve para as relativas genitivas resumptivas, com avaliações negativas na casa dos 60% e positivas na casa dos 38%, tanto para as genitivas de OD, quanto OBL, mas, para as relativas genitivas de SUJ, a versão cortadora mostrou percentuais de avaliação próximos ao que se obteve para a estratégia padrão, com clara predominância dos valores positivos, não tendo havido diferença estatisticamente significativa com a estratégia padrão no grupo controle ($p = 0.76$), mas sim no grupo amostral ($p = 0.009$). De forma geral, verifica-se, então, um comportamento semelhante entre os grupos na avaliação das sentenças em PB, chamando atenção o fato de que a estratégia padrão recebe uma avaliação ainda mais positiva do grupo bilíngue em comparação ao grupo controle, tanto para as relativas genitivas de SUJ ($p = 0.005$), quanto de OD ($p = 0.024$), mas não para as de OBL ($p = 0.92$).

Em outras palavras, a observação do grupo bilíngue demonstrou um comportamento com tendências semelhantes ao do grupo controle, embora se possa dizer que há uma distinção mais clara naquele grupo em relação à avaliação positiva da estratégia padrão, o que talvez possa ser atribuído ao contato com a língua inglesa, aumentando, conseqüentemente, a consciência metalinguística do participante, levando-o, pois, a avaliações mais precisas. Além disso, cabe ressaltar que todos os participantes bilíngues eram alunos de Letras, possivelmente influenciando a relação deles com a língua por serem especialistas, enquanto, dentre os participantes do grupo controle, havia alguns estudantes de Letras também, mas a grande maioria era de outras áreas de estudo.

3.2.2.1.2 Teste aplicado em inglês

Passemos agora para os testes feitos em Inglês, pelo grupo controle e pelo grupo bilíngue. Por meio de comparações aninhadas (WINTER, 2013), a interação entre os efeitos fixos (grupo e tipo) se mostrou com maior capacidade explanatória do que o modelo nulo ($p = 0.0005868$), mas com menor capacidade do que o modelo que não considerou a interação ($p = 0.236$).

O *output* do modelo tomou o grupo BILING e tipo cortadora como referência, e não houve diferença significativa para a avaliação de sentenças do tipo resumptiva em comparação com o tipo cortadora ($p = 0.723$), mas houve do tipo padrão em comparação com o tipo cortadora ($p < 0.001$). Houve diferença também quanto à identificação de cortadora entre os grupos ING L1 e BILING ($p = 0.005$).

Tabela 3 - Modelo com BILING e CORT como referência

<i>Predictors</i>	likert		
	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
grupo [ING L1]	0.31	0.14 – 0.70	0.005
tipo [PAD]	8.47	2.43 – 29.44	0.001
tipo [RES]	1.25	0.37 – 4.23	0.723
grupo [ING L1] × tipo [PAD]	2.05	0.89 – 4.72	0.093
grupo [ING L1] × tipo [RES]	1.54	0.69 – 3.45	0.291
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} sujeito	0.62		
τ_{00} item	0.92		
ICC	0.32		
N_{sujeito}	29		
N_{item}	18		
Observations	521		
Marginal R^2 / Conditional R^2	0.219 / 0.467		

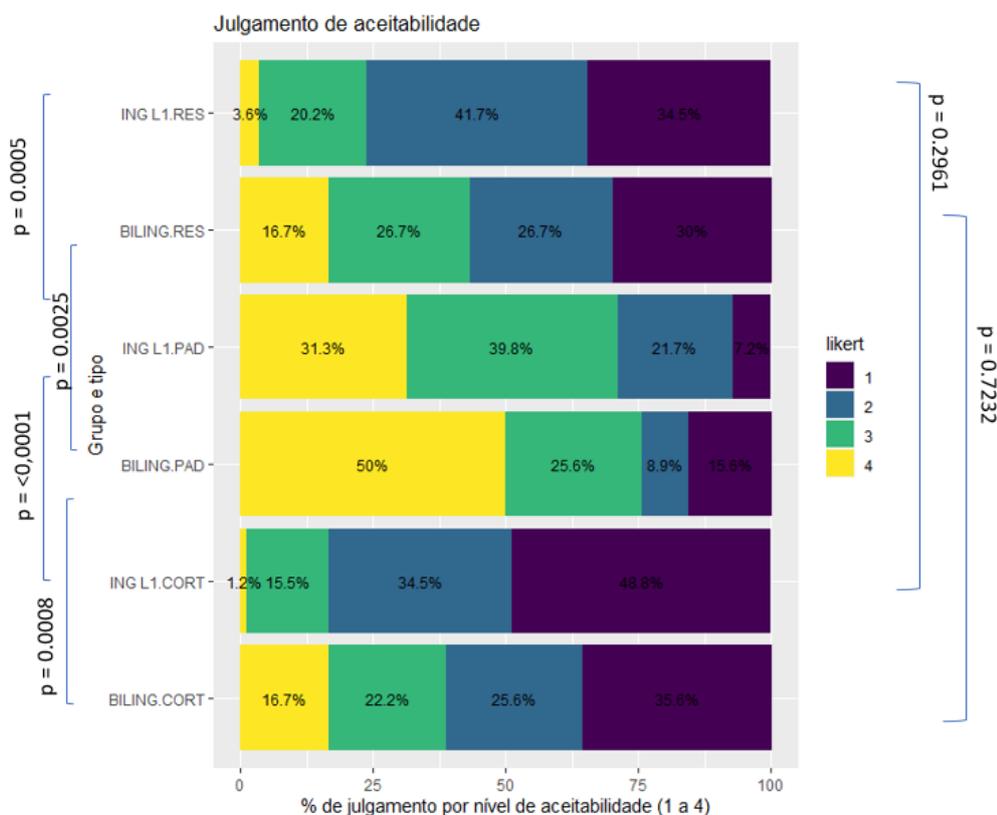
contrast	estimate	SE	df	z.ratio	p.value
BILING CORT - ING L1 CORT	1.173	0.420	Inf	2.794	0.0052
BILING CORT - BILING PAD	-2.136	0.636	Inf	-3.359	0.0008
BILING CORT - ING L1 PAD	-1.679	0.693	Inf	-2.422	0.0154
BILING CORT - BILING RES	-0.221	0.623	Inf	-0.354	0.7232
BILING CORT - ING L1 RES	0.518	0.688	Inf	0.753	0.4514
ING L1 CORT - BILING PAD	-3.309	0.710	Inf	-4.658	<.0001
ING L1 CORT - ING L1 PAD	-2.852	0.640	Inf	-4.458	<.0001
ING L1 CORT - BILING RES	-1.394	0.694	Inf	-2.008	0.0447
ING L1 CORT - ING L1 RES	-0.655	0.627	Inf	-1.045	0.2961
BILING PAD - ING L1 PAD	0.457	0.421	Inf	1.084	0.2783
BILING PAD - BILING RES	1.915	0.634	Inf	3.022	0.0025
BILING PAD - ING L1 RES	2.654	0.702	Inf	3.780	0.0002
ING L1 PAD - BILING RES	1.458	0.692	Inf	2.109	0.0350
ING L1 PAD - ING L1 RES	2.198	0.631	Inf	3.485	0.0005
BILING RES - ING L1 RES	0.739	0.410	Inf	1.804	0.0712

Fonte: Software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0)

A partir da análise post-hoc, nota-se que o grupo ING L1 faz distinção entre resumptiva e padrão ($p = 0.0005$), assim como o faz entre cortadora e padrão ($p < 0.0001$), mas não o faz entre cortadora e resumptiva ($p = 0.2961$). Já o grupo BILING acompanha esse comportamento, fazendo distinção entre resumptiva e padrão ($p = 0,0025$) e entre cortadora e padrão ($p = 0.0008$), mas não o faz entre cortadora e resumptiva ($p = 0.7232$).

O Gráfico 8 mostra essas distinções, especificando a percentual de avaliações em cada nível da escala *likert* por grupo para cada tipo de relativa:

Gráfico 8 - Julgamento de aceitabilidade em Inglês



Além dessa análise, é importante observar se há diferença na análise dos participantes nos diferentes tipos de relativas genitivas (sujeito, objeto direto, oblíqua). No software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0), foi ajustado um modelo de regressão logística de efeitos mistos que considerou os valores de aceitabilidade como variável dependente, grupo, tipo e função como efeitos fixos e sujeitos e itens como fatores aleatórios (BAAYEN; DAVIDSON; BATES, 2008). Levando em consideração que a variável dependente são valores categóricos advindos de uma escala *likert* de 4 pontos, utilizamos a função `clmm()`, inclusa no pacote `Ordinal` (CHRISTENSEN, 2019).

Através de comparações aninhadas (WINTER, 2013), a interação entre os efeitos fixos (grupo, tipo e função) se mostrou com menor capacidade explanatória do que o modelo que não considerou a interação entre eles ($p > 0.001$), assim como em comparação ao modelo que não continha função, mas somente a interação entre grupo e tipo ($p > 0.001$). Em comparação ao modelo nulo, mostrou-se com maior capacidade explanatória ($p < 0.001$).

Tabela 4 - Output do modelo grupo, tipo e função

<i>Predictors</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>likert</i>	
		<i>CI</i>	<i>p</i>
grupo [DNG L1]	0.29	0.09 – 0.96	0.042
tipo [PAD]	12.74	1.75 – 92.64	0.012
tipo [RES]	3.03	0.44 – 20.97	0.262
funcao [OD]	0.83	0.12 – 5.88	0.852
funcao [SUJ]	4.02	0.56 – 28.61	0.165
grupo [DNG L1] × tipo [PAD]	2.63	0.62 – 11.21	0.190
grupo [DNG L1] × tipo [RES]	1.51	0.38 – 6.00	0.558
grupo [DNG L1] × funcao [OD]	1.78	0.42 – 7.53	0.435
grupo [DNG L1] × funcao [SUJ]	0.66	0.16 – 2.73	0.563
tipo [PAD] × funcao [OD]	1.51	0.09 – 24.35	0.772
tipo [RES] × funcao [OD]	0.26	0.02 – 4.12	0.338
tipo [PAD] × funcao [SUJ]	0.17	0.01 – 2.90	0.222
tipo [RES] × funcao [SUJ]	0.25	0.02 – 3.95	0.325
(grupo [DNG L1] × tipo [PAD]) × funcao [OD]	0.23	0.03 – 1.73	0.154
(grupo [DNG L1] × tipo [RES]) × funcao [OD]	1.15	0.16 – 8.46	0.894
(grupo [DNG L1] × tipo [PAD]) × funcao [SUJ]	2.51	0.31 – 20.09	0.386
(grupo [DNG L1] × tipo [RES]) × funcao [SUJ]	1.02	0.15 – 7.19	0.982
Random Effects:			
σ^2	3.29		
τ_{00} sujeito	0.63		
τ_{00} item	0.74		
ICC	0.30		
N _{sujeito}	29		
N _{item}	18		
Observations	521		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.255 / 0.475		

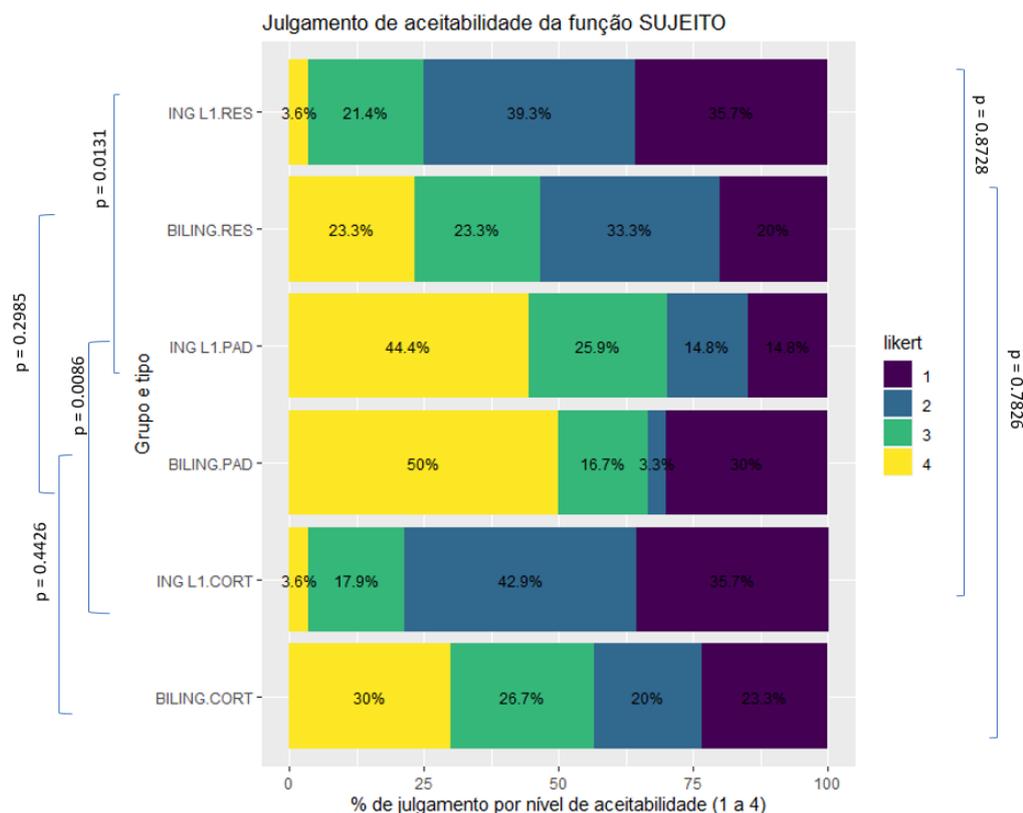
localhost:27383/session/file8634640e71e0.html

Fonte: Software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0)

O output do modelo tomou como referência o grupo BILING, tipo cortadora e função oblíqua. Observa-se que há distinção para o grupo controle ($p = 0.042$) e com a estratégia padrão ($p = 0.012$). Com a análise post-hoc (análise completa em Apêndice G), é possível

analisar os contrastes para cada função e tipo de relativa avaliada. Os gráficos a seguir apresentam os percentuais de julgamento por grupo para cada tipo de relativa por função sintática da genitiva. No primeiro deles, apresentamos os resultados para genitivas SUJ.

Gráfico 9 - Julgamento de aceitabilidade da função sujeito da relativa genitiva (ING)



BILING CORT SUJ - ING L1 CORT SUJ	1.65184	0.588	Inf	2.808	0.0050
BILING CORT SUJ - BILING PAD SUJ	-0.78833	1.027	Inf	-0.768	0.4426
BILING CORT SUJ - ING L1 PAD SUJ	-1.02510	1.060	Inf	-0.967	0.3337
BILING CORT SUJ - BILING RES SUJ	0.27615	1.001	Inf	0.276	0.7826
BILING CORT SUJ - ING L1 RES SUJ	1.49321	1.042	Inf	1.433	0.1518
ING L1 CORT SUJ - BILING PAD SUJ	-2.44017	1.069	Inf	-2.284	0.0224
ING L1 CORT SUJ - ING L1 PAD SUJ	-2.67693	1.018	Inf	-2.629	0.0086
ING L1 CORT SUJ - BILING RES SUJ	-1.37569	1.041	Inf	-1.322	0.1861
ING L1 CORT SUJ - ING L1 RES SUJ	-0.15863	0.991	Inf	-0.160	0.8728
BILING PAD SUJ - ING L1 PAD SUJ	-0.23677	0.648	Inf	-0.365	0.7150
BILING PAD SUJ - BILING RES SUJ	1.06448	1.024	Inf	1.040	0.2985
BILING PAD SUJ - ING L1 RES SUJ	2.28154	1.066	Inf	2.141	0.0323
ING L1 PAD SUJ - BILING RES SUJ	1.30124	1.058	Inf	1.230	0.2185
ING L1 PAD SUJ - ING L1 RES SUJ	2.51830	1.015	Inf	2.482	0.0131
BILING RES SUJ - ING L1 RES SUJ	1.21706	0.578	Inf	2.107	0.0351

Fonte: Software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0)

Importante lembrarmos os tipos de estruturas julgadas, como a seguir:

(116) Mathew has a new neighbour whose favourite band is Iron Maiden. (Padrão)

(117) * My grandmother lives with a cat that the hobby is to sleep all day long.
(Cortadora)

(118) ? My son works with a woman that her mother is my friend from High School.
(Resumptiva)

Ao analisarmos os resultados relativos às genitivas SUJ, para o grupo controle de Inglês, percebemos que as sentenças padrão tiveram avaliações positivas de forma bem significativa, totalizando 70,3%, tendo as negativas, por outro lado, um total de 29,6%. Para a estratégia cortadora, as avaliações negativas foram a grande maioria, com total de 78,5%, enquanto as positivas tiveram 21,5%, demonstrando que tal estratégia realmente não parece ser bem vista pelos participantes. Comparando-se, estatisticamente, a padrão com a cortadora, percebemos uma distinção significativa ($p = 0.0086$). Passando-se para a estratégia resumptiva, houve um pequeno aumento de avaliações positivas em relação à cortadora, com um total de 25%, e as avaliações negativas somaram 75%. Percebe-se, dessa forma, que a estratégia também não parece ser bem aceita, mas é um pouco mais aceita que a anterior, a cortadora. Estatisticamente falando, no entanto, não há uma distinção significativa entre as duas estratégias não-canônicas ($p = 0.786$). Por outro lado, ao compararmos resumptiva e padrão, temos dados estatísticos que demonstram que os participantes fazem sim essa distinção ($p = 0.0131$), assim como o fizeram entre a cortadora e a padrão, como o quadro abaixo demonstra:

Quadro 13 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de ING - SUJ)

Falantes de ING	RELATIVAS GENITIVAS SUJ
PADRÃO X CORTADORA	$p = 0.0086$ (padrão melhor avaliada que cortadora)
PADRÃO X RESUMPTIVA	$p = 0.0131$ (padrão melhor avaliada que resumptiva)
CORTADORA X RESUMPTIVA	$p = 0.786$ (não há diferença entre cortadora e resumptiva; resumptiva um pouco melhor avaliada)

Fonte: A autora, 2023.

Para o grupo amostral de bilíngues, as avaliações positivas do tipo padrão foram a grande maioria, com um total de 66,7%, contra 33,3% de avaliações negativas. Todavia, as estratégias cortadora e resumptiva também tiveram percentuais altos de avaliações positivas, com 56,7% para a cortadora e 46,6% para a resumptiva. Suas avaliações negativas foram, respectivamente, 43,3% e 53,4%. A diferença, portanto, na aceitação das estratégias não-

canônicas *versus* padrão não foi tão expressiva, se compararmos com o grupo controle, 10% a mais em relação às cortadoras e 20% a mais em relação às resumptivas.

Com isso, podemos dizer que, em termos percentuais, para as genitivas de SUJ, a estratégia padrão segue com maior aceitação, seguida pela cortadora e resumptiva. Estatisticamente falando, verificou-se que o grupo de bilíngues, na verdade, não fez uma distinção significativa entre padrão e resumptiva ($p = 0.295$), assim como não o fez entre padrão e cortadora ($p = 0.4426$) e entre cortadora e resumptiva ($p = 0.7826$), apresentando, assim, um comportamento distinto do grupo controle, como mostramos a seguir:

Quadro 14 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (grupo controle x grupo amostral – teste em ING - SUJ)

RELATIVAS GENTIVAS SUJ	Falantes de ING	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	$p = 0.0086$ (padrão melhor avaliada que cortadora)	$p = 0.4426$ (não há diferença entre padrão e cortadora; padrão um pouco melhor avaliada)
PADRÃO X RESUMPTIVA	$p = 0.0131$ (padrão melhor avaliada que resumptiva)	$p = 0.295$ (não há diferença entre padrão e resumptiva; padrão um pouco melhor avaliada)
CORTADORA X RESUMPTIVA	$p = 0.786$ (não há diferença entre cortadora e resumptiva; resumptiva um pouco melhor avaliada)	$p = 0.7826$ (não há diferença entre cortadora e resumptiva; cortadora um pouco melhor avaliada)

Fonte: A autora, 2023

Quando comparamos os grupos em relação às suas avaliações para cada estratégia, descobrimos que não houve diferença estatística na avaliação da estratégia padrão, mas houve distinção na avaliação das estratégias não-canônicas, em que bilíngues fizeram avaliações mais positivas, como demonstrado abaixo:

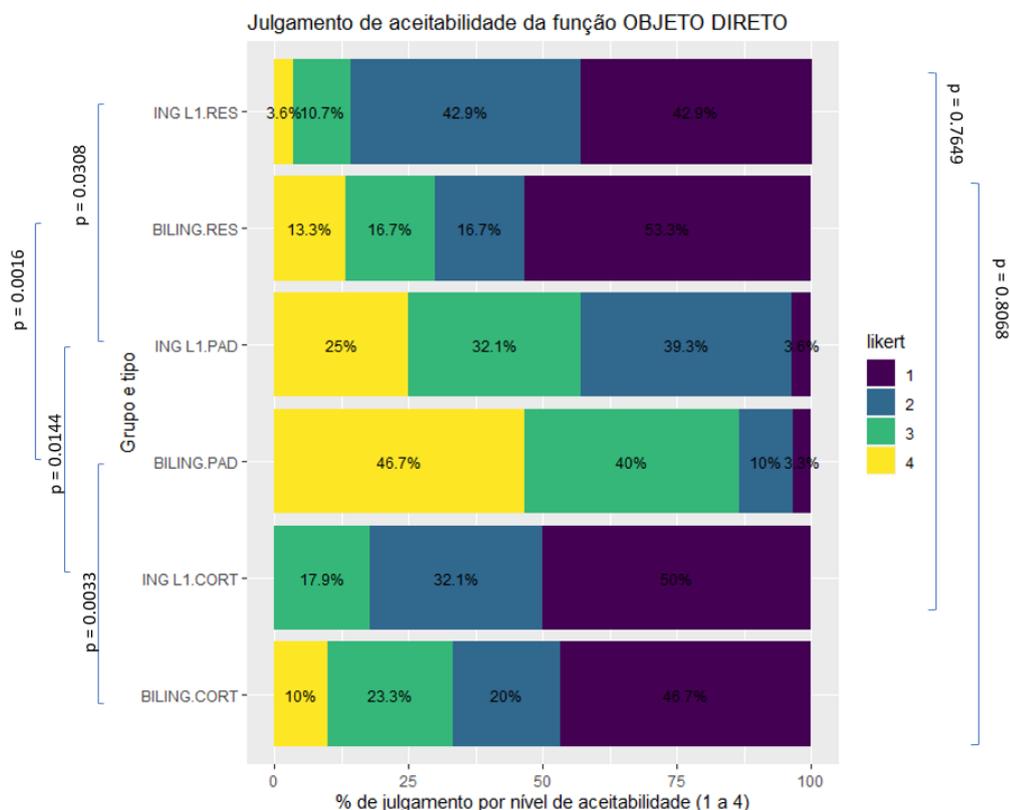
Quadro 15 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – SUJ - ING)

RELATIVAS GENITIVAS SUJ	Falantes de ING x Bilíngue PB-Inglês
PADRÃO	$p = 0.7150$ (não há distinção na avaliação dos grupos)
CORTADORA	$p = 0.0050$ (bilíngues avaliando mais positivamente)
RESUMPTIVA	$p = 0.0351$ (bilíngues avaliando mais positivamente)

Fonte: A autora, 2023

Passemos agora para o julgamento de aceitabilidade de relativas do tipo objeto direto, conforme gráfico indicado abaixo:

Gráfico 10 - Julgamento de aceitabilidade da função objeto direto da relativa genitiva (ING)



BILING CORT OD - ING L1 CORT OD	0.65597	0.596	Inf	1.100	0.2712
BILING CORT OD - BILING PAD OD	-2.95656	1.006	Inf	-2.940	0.0033
BILING CORT OD - ING L1 PAD OD	-1.80719	1.041	Inf	-1.736	0.0825
BILING CORT OD - BILING RES OD	0.24727	1.011	Inf	0.245	0.8068
BILING CORT OD - ING L1 RES OD	0.35425	1.046	Inf	0.339	0.7349
ING L1 CORT OD - BILING PAD OD	-3.61253	1.058	Inf	-3.415	0.0006
ING L1 CORT OD - ING L1 PAD OD	-2.46316	1.007	Inf	-2.447	0.0144
ING L1 CORT OD - BILING RES OD	-0.40870	1.060	Inf	-0.386	0.6997
ING L1 CORT OD - ING L1 RES OD	-0.30172	1.009	Inf	-0.299	0.7649
BILING PAD OD - ING L1 PAD OD	1.14936	0.576	Inf	1.994	0.0462
BILING PAD OD - BILING RES OD	3.20383	1.017	Inf	3.151	0.0016
BILING PAD OD - ING L1 RES OD	3.31081	1.052	Inf	3.146	0.0017
ING L1 PAD OD - BILING RES OD	2.05446	1.051	Inf	1.955	0.0506
ING L1 PAD OD - ING L1 RES OD	2.16145	1.001	Inf	2.159	0.0308
BILING RES OD - ING L1 RES OD	0.10698	0.606	Inf	0.177	0.8598

Fonte: Software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0)

Seguem os exemplos dos tipos de sentenças avaliadas aqui:

(119) Julien needs to find another partner like Paul whose family she trusted.

(Padrão)

(120) *The actor talked to the director that the assistant he loved. (Cortadora)

(121) ? The firefighters found the cat that his life everybody was trying to save.

(Resumptiva)

Começando pelo grupo controle de Inglês, para as genitivas de OD, o quadro não varia muito, com a maior aceitação das sentenças padrão ficando bem distante da aceitação das

estratégias cortadora e resumptiva, no entanto, há uma ligeira preferência pela cortadora em detrimento da resumptiva. Em termos estatísticos, percebe-se que essa distinção não é significativa ($p = 0.7649$). Assim, temos um total de 57,1% de avaliações positivas para a padrão, 17,9% para a cortadora e 14,3% para a resumptiva. O que chama atenção aqui é que, por mais que a padrão ainda seja claramente melhor avaliada, há uma queda significativa de avaliações positivas se compararmos com o tipo SUJ (aproximadamente 13% de diferença). A estratégia cortadora, por sua vez, manteve uma mesma porcentagem e houve queda na estratégia resumptiva.

No que tange às avaliações negativas, a estratégia padrão obteve 42,9%, as cortadoras obtiveram 82,1%, e as resumptivas tiveram 85,8%, comprovando uma aceitação bem baixa para as estratégias não-canônicas nas genitivas de OD. Em termos estatísticos, esse grupo, conforme já mencionado, não fez distinção entre resumptiva e cortadora. No entanto, houve significativa diferença entre resumptiva e padrão ($p = 0.0308$) e entre cortadora e padrão ($p = 0.014$). O quadro abaixo resume essas informações:

Quadro 16 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de ING - OD)

Falantes de ING	RELATIVAS GENITIVAS OD
PADRÃO X CORTADORA	$p = 0.014$ (padrão melhor avaliada que cortadora)
PADRÃO X RESUMPTIVA	$p = 0.0308$ (padrão melhor avaliada que resumptiva)
CORTADORA X RESUMPTIVA	$p = 0.7649$ (não há diferença entre cortadora e resumptiva)

Fonte: A autora, 2023

No grupo amostral de bilíngues, o percentual de avaliações positivas para a estratégia padrão sobe de forma significativa, chegando a 86,7%. Para a estratégia cortadora, temos uma queda, com 33,3% de avaliações positivas, e as resumptivas, por sua vez, ficaram bem próximas das cortadoras, com 30%. Na verdade, assim como no grupo controle, o grupo amostral, estatisticamente, não fez distinção significativa entre resumptiva e cortadora ($p = 0.8068$).

As avaliações negativas, para esse grupo, foram bem baixas para a estratégia padrão, com apenas 13,3%, ao passo que foram bem altas tanto para cortadoras quanto para

resumptivas. As primeiras tiveram 66,7% e as segundas tiveram 70%. Assim sendo, observamos uma aceitação marcante da padrão, com grande discrepância em relação às relativas não-canônicas, que mantiveram percentuais parecidos, na casa dos 30% para avaliações positivas e 70% para avaliações negativas. Importante ressaltar que esse grupo fez distinção estatística tanto entre padrão e cortadora ($p = 0.0033$) quanto entre padrão e resumptiva ($p = 0.0016$), assim como o grupo controle. O quadro abaixo compara o comportamento de ambos:

Quadro 17 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (grupo controle x grupo amostral – teste em ING - OD)

RELATIVAS GENITIVAS OD	Falantes de ING	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	$p = 0.014$ (padrão melhor avaliada que cortadora)	$p = 0.0033$ (padrão melhor avaliada que cortadora)
PADRÃO X RESUMPTIVA	$p = 0.0308$ (padrão melhor avaliada que resumptiva)	$p = 0.0016$ (padrão melhor avaliada que resumptiva)
CORTADORA X RESUMPTIVA	$p = 0.7649$ (não há diferença entre cortadora e resumptiva)	$p = 0.8068$ (não há diferença entre cortadora e resumptiva)

Fonte: A autora, 2023

Ao compararmos as avaliações que cada grupo fez sobre as estratégias, temos:

Quadro 18 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – OD - ING)

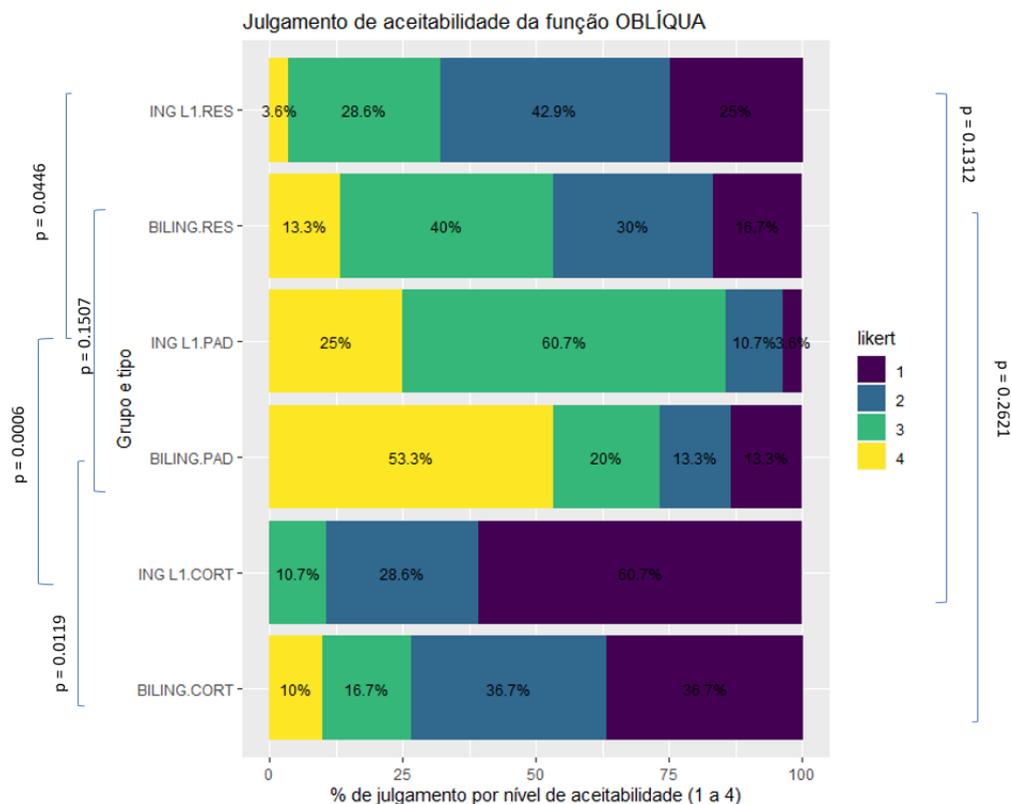
RELATIVAS GENITIVAS OD	Falantes de ING x Bilíngue PB-Inglês
PADRÃO	$p = 0.0462$ (bilíngues avaliando mais positivamente)
CORTADORA	$p = 0.2712$ (não há distinção na avaliação dos grupos)
RESUMPTIVA	$p = 0.8598$ (não há distinção na avaliação dos grupos)

Fonte: A autora, 2023

Com isso, percebemos que não há distinção significativa, por parte dos grupos, nas avaliações das estratégias não-canônicas (cortadora – $p = 0.2712$; resumptiva – $p = 0.8598$). Em contrapartida, em relação à estratégia padrão, ela foi melhor avaliada pelo grupo amostral do que pelo grupo controle ($p = 0.0462$).

Por fim, apresentamos os resultados relativos às genitivas de função oblíqua, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 11 - Julgamento de aceitabilidade da função oblíqua da relativa genitiva (ING)



BILING CORT OBL - ING L1 CORT OBL	1.23104	0.606	Inf	2.031	0.0422
BILING CORT OBL - BILING PAD OBL	-2.54495	1.012	Inf	-2.514	0.0119
BILING CORT OBL - ING L1 PAD OBL	-2.28273	1.042	Inf	-2.192	0.0284
BILING CORT OBL - BILING RES OBL	-1.10747	0.987	Inf	-1.121	0.2621
BILING CORT OBL - ING L1 RES OBL	-0.28925	1.034	Inf	-0.280	0.7796
ING L1 CORT OBL - BILING PAD OBL	-3.77599	1.074	Inf	-3.517	0.0004
ING L1 CORT OBL - ING L1 PAD OBL	-3.51376	1.019	Inf	-3.448	0.0006
ING L1 CORT OBL - BILING RES OBL	-2.33850	1.049	Inf	-2.229	0.0258
ING L1 CORT OBL - ING L1 RES OBL	-1.52029	1.007	Inf	-1.510	0.1312
BILING PAD OBL - ING L1 PAD OBL	0.26222	0.594	Inf	0.442	0.6588
BILING PAD OBL - BILING RES OBL	1.43749	1.000	Inf	1.437	0.1507
BILING PAD OBL - ING L1 RES OBL	2.25570	1.049	Inf	2.150	0.0315
ING L1 PAD OBL - BILING RES OBL	1.17526	1.029	Inf	1.142	0.2536
ING L1 PAD OBL - ING L1 RES OBL	1.99348	0.992	Inf	2.009	0.0446
BILING RES OBL - ING L1 RES OBL	0.81822	0.555	Inf	1.474	0.1406

Fonte: Software R Studio (R CORE TEAM, 2023; versão 03.0)

Para essa função, tivemos sentenças como as que apresentamos abaixo:

(122) I don't like to travel with children whose parents they depend too much on.

(Padrão)

(123) *The school principal called the student that the mother he talked to.

(Cortadora)

(124) ? Teachers are worried about students that their families don't give attention to.
(Resumptiva)

No grupo controle de Inglês, as genitivas de OBL voltaram a demonstrar uma avaliação positiva maciça para a estratégia padrão, com 85,7%. Já para a comparação cortadora x resumptiva, a segunda voltou a ser melhor aceita, com um total de 32,2% de avaliações positivas (próximo ao percentual de SUJ) contra apenas 10,7% da primeira, totalmente encontrado no nível 3 (menor percentual de todos os tipos de genitivas). Ao olharmos para as avaliações negativas, a estratégia padrão teve um total 14,3%, já a estratégia cortadora apresentou um total de 89,3% de avaliações negativas. Por fim, a estratégia resumptiva obteve um percentual de 67,9% de avaliações negativas. Em dados estatísticos, esse grupo fez distinção significativa entre a estratégia canônica e não-canônicas, com $p = 0.0446$ entre padrão e resumptiva e $p = 0.0006$ entre padrão e cortadora. Entre as estratégias não-canônicas, em contrapartida, não houve distinção significativa ($p = 0.1312$). O quadro a seguir contempla esses dados:

Quadro 19 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (Grupo controle de ING - OBL)

Falantes de ING	RELATIVAS GENITIVAS OBL
PADRÃO X CORTADORA	$p = 0.0006$ (padrão melhor avaliada que cortadora)
PADRÃO X RESUMPTIVA	$p = 0.0446$ (padrão melhor avaliada que resumptiva)
CORTADORA X RESUMPTIVA	$p = 0.1312$ (não há diferença entre cortadora e resumptiva; resumptiva um pouco melhor avaliada)

Fonte: A autora, 2023

Resumidamente, podemos perceber que o grupo controle de Inglês faz uma distinção bem marcante entre suas preferências, com um percentual de avaliações positivas acima dos 50% em todos os tipos de genitivas e melhor avaliação ainda no tipo SUJ e OBL. Na comparação entre as estratégias não canônicas, a estratégia resumptiva é melhor aceita por esse grupo no tipo SUJ e no tipo OBL, mas, no tipo OD, mantém-se um pouco abaixo. Como as estatísticas mostraram, não há, na verdade, uma distinção significativa entre as estratégias não-canônicas para nenhum dos tipos de genitivas. De qualquer forma, em todos os tipos, as

avaliações positivas em relação a tais estratégias atingiram, no máximo, 30%, comprovando que esses participantes não acreditaram serem estas boas opções de construções para as genitivas.

Os últimos resultados a serem apresentados para esse teste dizem respeito ao grupo amostral de bilíngues. As genitivas do tipo OBL, para esse grupo, ficaram no meio do caminho em comparação aos dois tipos anteriormente apresentados. De qualquer jeito, as avaliações positivas da estratégia padrão seguiram sendo maiores, no entanto, as avaliações positivas das estratégias não-canônicas aumentaram. A padrão obteve, 73,3%, a cortadora apresentou 26,7% e a resumptiva teve 53,3%. Com isso, percebemos um aumento da avaliação positiva da padrão comparando-se com o tipo SUJ e uma queda em relação ao tipo OD. Para a cortadora, houve uma queda tanto em relação ao tipo SUJ quanto em relação ao tipo OD e, para a resumptiva, houve um aumento em relação aos dois tipos anteriores.

Para as avaliações negativas, a estratégia padrão teve um total de 26,6%, a cortadora teve 73,4%, e a resumptiva teve 46,7%. Comparando-se com os outros tipos, tivemos, então, uma queda de percentual da padrão em relação ao tipo SUJ e um aumento em relação ao tipo OD. Para a cortadora, tivemos um aumento tanto em relação ao tipo SUJ quanto em relação ao tipo OD e, para a resumptiva, houve uma queda em relação aos dois outros tipos. Em termos estatísticos, cabe ressaltar que esse grupo, para esse tipo de genitiva, também não fez distinção entre as estratégias não-canônicas, resumptiva e cortadora ($p = 0.2621$), assim como o grupo controle. Comparando-se padrão com não-padrão, houve distinção entre padrão e cortadora ($p = 0.0119$), mas o mesmo não aconteceu entre padrão e resumptiva ($p = 0.1507$). Observemos o quadro com as comparações:

Quadro 20 - Dados estatísticos para julgamento de aceitabilidade (grupo controle x grupo amostral – teste em ING - OBL)

RELATIVAS GENITIVAS OD		Falantes de ING	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO CORTADORA	X	p = 0.0006 (padrão melhor avaliada que cortadora)	p = 0.0119 (padrão melhor avaliada que cortadora)
PADRÃO RESUMPTIVA	X	p = 0.0446 (padrão melhor avaliada que resumptiva)	p = 0.1507 (não há diferença entre padrão e resumptiva; padrão um pouco melhor avaliada)
CORTADORA RESUMPTIVA	X	p = 0.1312 (não há diferença entre cortadora e resumptiva; resumptiva um pouco melhor avaliada)	p = 0.2621 (não há diferença entre cortadora e resumptiva; resumptiva um pouco melhor avaliada)

Fonte: A autora, 2023

Finalizando as comparações, cabe pontuar as diferenças estatísticas observadas entre os grupos em relação a cada uma das estratégias, conforme quadro a seguir:

Quadro 21 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia (grupo controle x grupo amostral – OBL - ING)

RELATIVAS GENITIVAS OBL	Falantes de ING x Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO	p = 0.6588 (não há distinção na avaliação dos grupos)
CORTADORA	p = 0.0422 (bilíngues avaliando mais positivamente)
RESUMPTIVA	p = 0.1406 (não há distinção na avaliação dos grupos)

Fonte: A autora, 2023

Tais informações nos permitem afirmar que, em relação às estratégias padrão e resumptiva, os grupos não apresentam distinção significativa nas suas avaliações, com p = 0.6588 na padrão e p = 0.1406 na resumptiva. Entretanto, a cortadora é melhor avaliada pelos bilíngues, com distinção estatística e p = 0.0422, ainda que próximo ao valor de 0,05. Esses resultados sugerem, assim, uma possível interferência da língua materna na aceitabilidade da estratégia cortadora pelos bilíngues.

3.2.3 Teste de produção oral

Para o teste de produção oral, foram montados *slides* com imagens e perguntas acerca das opções dadas, com indicação clara de qual deveria ser escolhida na construção da resposta (ver Figuras a seguir). Ao todo, foram 27 sentenças, sendo 15 distratoras, 4 genitivas de sujeito, 4 de objeto direto e 4 de objeto indireto/oblíquo. Antes de começar as sentenças, 2 relativas simples de sujeito foram utilizadas para treino, a fim de garantir que a dinâmica do teste havia sido compreendida (a Figura 4 apresenta um exemplo). Assim como nos demais testes, houve randomização das sentenças para que os participantes não percebessem as estruturas que estavam sob análise. Abaixo, nas Figuras 5 e 6, seguem também exemplos de slides utilizados no teste de PB e de Inglês, respectivamente:

Figura 4 – Slide com relativa utilizada para treino antes do teste

Quem você viu?

Vi o aluno...

Aluno 1 = está no Ensino Fundamental



Fonte: <https://www.colegiogeroacao.com.br/espaco-do-aluno/ensino-fundamental/>

Aluno 2 = está no Ensino Médio



Fonte: <https://www.educacao.sp.gov.br/pesquisa-revela-que-80-dos-alunos-quer-continuar-estudos-apos-o-ensino-medio/>

Figura 5 – Slide utilizado no teste em PB

Quem você encontrou?

Encontrei a menina...

Menina 1 = A mãe está saudável



Fonte: <https://www.conautesuavida.com.br/informacao/10-ideias-para-metabolismo-proteina-carboidrato-estipidos-aprendo-qual-e-o-que-eh-054421/>

Menina 2 = A mãe está doente



Fonte: <https://www.hcor.com.br/hcor-explica/outras/contra-todos-os-riscos-das-doencas-respiratorias/>

Figura 6 – Slide utilizado no teste em Inglês



Fonte: A autora, 2023

As relativas padrão esperadas são, respectivamente, *Vi o aluno que está no Ensino Médio* (relativa de sujeito), *Encontrei a menina cuja mãe está saudável* (genitiva de sujeito), *My best friend is the one whose beliefs I respect* (genitiva de objeto direto). A ideia de usar a produção oral é justamente para ver se, em um contexto ainda mais livre (por mais que o começo da sentença tenha sido dado), mas condicionado pela pressão de tempo de uma produção imediata, embora talvez monitorada, já que há uma interação com o pesquisador, o participante usaria aquelas estratégias que havia avaliado bem no teste de aceitabilidade e evitaria aquelas que avaliara mal ou vice-versa, além de, posteriormente, se comparar também com as estratégias que utilizou na produção escrita, para a qual não houve pressão de tempo e observação em tempo real.

Além disso, diferentemente da leitura (no teste de julgamento de aceitabilidade) e da escrita, em que o participante pode rever o que julgou ou escreveu, a oralidade impacta de forma significativa as construções feitas, inclusive em termos de formalidade *versus* informalidade. A hipótese levantada é de que, na oralidade, as estratégias não-canônicas são ainda mais frequentes, já que é o contexto mais informal entre os três testes aplicados e o que requer maior rapidez de resposta.

Assim sendo, é esperado um maior uso da estratégia não-padrão com possível destaque para a estratégia resumptiva em detrimento da cortadora. Na língua falada, é mais comum que se busque maior verbalização para contar algum fato, objetivando a clareza na comunicação. Com isso, o uso de pronome resumptivo pode parecer mais atrativo para reforçar a co-referência que não se entendeu suficientemente através do uso do pronome

relativo. Cabe também pontuar que esse foi o único teste acompanhado em tempo real, o que pode sugerir algum tipo de pressão que o participante possa sentir, uma vez que está sendo observado e gravado o tempo todo. Então, o participante tem menos tempo para racionalizar estruturas, possivelmente fazendo uso de sentenças menos custosas e mais imediatistas.

3.2.3.1 Resultados

Para esse teste, apresentamos os resultados percentuais e estatísticos de tipos de respostas produzidas para cada tipo de sentença eliciada, contando com 15 participantes falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de Inglês, 15 participantes com Inglês como língua materna e 15 participantes bilíngues, que fizeram o teste nas duas línguas, como já mencionado. Observamos primeiramente os resultados de produção no teste aplicado em língua portuguesa e, em seguida, os resultados de produção do teste aplicado em língua inglesa.

3.2.3.1.1 Teste aplicado em português

Para o teste aplicado em Português, apresentamos os tipos de respostas obtidas. Para as relativas genitivas de sujeito, houve:

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(125) Encontrei a menina cuja mãe está saudável.

Relativa genitiva resumptiva:

(126) Encontrei a menina que a mãe dela está saudável.

Relativa genitiva cortadora:

(127) Encontrei a menina que a mãe está saudável.

Alternativa 1 (usa-se uma relativa menos complexa):

(128) Encontrei a menina que tem a mãe saudável.

Alternativa 2 (um outro tipo de sentença que não uma relativa é usada):

(129) Meus pais acharam uma casa com arquitetura clássica.

Inválida (a estrutura utilizada não responde adequadamente ou é agramatical):

(130) *Minha mãe ligou para o médico do qual receitas são digitais.

Para as relativas genitivas de objeto direto, encontramos os exemplos a seguir, com exceção da estratégia resumptiva, que não apareceu em nenhum dos dois grupos.

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(131) Comprei um carro cujo fabricante meu amigo não mencionou.

Relativa genitiva cortadora:

(132) Comprei o carro que meu amigo não mencionou o fabricante.

Alternativa 1:

(133) Eu me envolvo com pessoas que conheço as histórias dos seus familiares.

Alternativa 2:

(134) Comprei o carro, meu amigo não mencionou o fabricante.

Inválida:

(135) *Me envolvo com pessoas em que conheço as histórias familiares.

Para as relativas genitivas oblíquas, encontramos os exemplos a seguir.

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(136) Meu primo conheceu uma gerente com cuja ideologia ele concorda.

Relativa genitiva cortadora:

(137) Meu primo conheceu uma gerente cuja ideologia ele concorda.

Relativa genitiva resumptiva:

(138) Meu primo conheceu uma gerente que meu primo concorda com a ideologia dela.

Alternativa 1:

(139) Eu descobri uma loja onde eu confio nos produtos.

Alternativa 2:

(140) Meu primo conheceu uma gerente, meu primo concorda com a ideologia.

Inválida:

(141) Meu primo conheceu uma gerente que concorda com a sua ideologia.

A Tabela 5 apresenta a distribuição das respostas, de forma percentual, para o grupo controle de PB e o grupo de bilíngues PB-Ingês

Tabela 5 – Resultados percentuais (tarefas de produção oral – PB e BIL-PB)

ORAL	PB	% ALT1	% ALT2	% CORT	% INV	% PAD	% RES
	SUJ	10,00%	8,33%	41,67%	8,33%	31,67%	0,00%
	OD	1,67%	3,33%	71,67%	16,67%	6,67%	0,00%
	OBL	3,33%	5,00%	78,33%	11,67%	1,67%	0,00%

ORAL	BIL PB	% ALT1	% ALT2	% CORT	% INV	% PAD	% RES
	SUJ	5,00%	1,67%	28,33%	6,67%	56,67%	1,67%
	OD	0,00%	3,33%	68,33%	15,00%	13,33%	0,00%
	OBL	1,67%	0,00%	85,00%	6,67%	1,67%	5,00%

Fonte: A autora, 2023

A distribuição de respostas mostra, claramente, uma preferência pelo uso da estratégia cortadora nos dois grupos, com aumento de seu uso em função da complexidade sintática: falantes de PB apresentam 41,67% de cortadoras para genitivas de SUJ, 71,67% para genitivas de OD e 78,33% para genitivas de OBL; falantes bilíngues produziram 28,83% de cortadoras para genitivas de SUJ, 68,33% para genitivas de OD e 85% de cortadoras para genitivas de OBL. Há uma maior diferença na produção de genitivas de SUJ, sendo essa a estrutura que tem maior produção de relativas do tipo padrão também nos dois grupos: falantes de PB produzem 31,67% e bilíngues produzem 56,67%. As demais produções de

relativas do tipo padrão para os demais tipos de genitivas são menos expressivas: falantes de PB produzem 6,67% de relativas padrão para OD e apenas 1,67% para OBL; bilíngues produzem 13,33% de genitivas de OD e 1,67% de OBL. Desse modo, constata-se que, embora a estratégia padrão fosse mais bem avaliada do que a cortadora no teste de julgamento de aceitabilidade, na produção oral, é a estratégia cortadora que se mostra produtiva. A estratégia resumptiva mostrou-se bastante inexpressiva, sem nenhuma produção do tipo no grupo de falantes de PB e nem pelos bilíngues em estruturas de genitivas do tipo OD, havendo uma parcela pequena em genitivas do tipo OBL, 5%, e uma menor ainda em genitivas do tipo SUJ, 1,67%. O número de produções inválidas e de estruturas alternativas também aponta que ambos os grupos parecem ter tido mais dificuldade com a produção de genitivas de OD.

Em relação às estratégias para relativas, um teste de Friedman aponta que, para o grupo controle, há uma diferença estatística significativa entre as condições que são foco do estudo, isto é, padrão, cortadora e resumptiva, ($X^2(15) = 22.3$, $p = 0.00001$), assim como para o grupo de bilíngues ($X^2(15) = 20.0333$, $p = 0.00004$). O teste de Wilcoxon, para as análises entre pares, dentro da mesma população, revela que, em relação ao grupo controle, há distinção entre padrão e cortadora ($p = 0.00262$) e entre cortadora e resumptiva ($p = 0.00064$). Não foi possível encontrar um valor de p preciso na comparação padrão x resumptiva por conta de não haver nenhuma produção de resumptiva por parte desse grupo e haver uma parcela pequena de produção padrão. No que tange ao grupo amostral, houve distinção em todos os cenários, com $p = 0.00496$ para padrão x cortadora, $p = 0.00328$ para padrão x resumptiva e $p = 0.00064$ para cortadora x resumptiva. O quadro abaixo resume as informações:

Quadro 22 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – teste em PB)

RELATIVAS GENITIVAS PB	Falantes de PB	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO CORTADORA	X p = 0.00262 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 1,6 x 7,6)	p = 0.00496 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 2,8 x 7,1)
PADRÃO RESUMPTIVA	X Valor de p não preciso (média: 1,6 x 0)	p = 0 .00328 (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 2,8 x 0,2)
CORTADORA RESUMPTIVA	X p = 0.00064 (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 7,6 x 0)	p = 0.00064 (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 7,1 x 0,2)

Fonte: A autora, 2023

A comparação entre o grupo controle de falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de inglês e o grupo de bilíngues mostra tendências semelhantes entre si nesse teste. Utilizamos, ainda, o teste de Mann-Whitney para comparar as duas populações em relação a cada estratégia estudada. Assim, pudemos observar que não há diferença estatística para nenhuma das estratégias analisadas. O quadro abaixo resume o que foi encontrado, considerando o valor crítico de $U = 64$:

Quadro 23 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – PB)

TIPO DE ESTRATÉGIA + POPULAÇÃO	VALORES ESTATÍSTICOS
PAD_PBL1 x PAD_BILPB	p = 0.10524 U = 73
CORT_PBL1 x CORT_BILPB	p = 0.52218 U = 96.5
RES_PBL1 x RES_BILPB	p = 0.22246 U = 82.5

Fonte: A autora, 2023

Por fim, utilizamos os testes de Friedman, Wilcoxon e Mann-Whitney para compararmos estatisticamente os resultados de acordo com cada tipo de relativa, isto é, SUJ, OD ou OBL, como fizemos no teste de julgamento com escala Likert. Começando pelo teste de Friedman, percebemos que houve distinção estatística em todos os tipos de relativas, para ambos os grupos. No tipo SUJ, tivemos $X^2(15) = 8.9333$ e $p = 0.01149$ para o grupo controle e $X^2(15) = 8.6333$ e $p = 0.01334$ para o grupo amostral. No tipo OD, tivemos $X^2(15) = 18.3$ e $p = 0.00011$ para o grupo controle e $X^2(15) = 13.3$ e $p = 0.00129$ para o grupo amostral. Já para o tipo OBL, tivemos $X^2(15) = 22.5333$ e $p = 0.00001$ para o grupo controle e $X^2(15) = 22.6333$ e $p = 0.00001$ para o grupo amostral.

No teste de Wilcoxon, comparamos as populações entre si e obtivemos os resultados conforme quadros apresentados a seguir, começando com o tipo SUJ:

Quadro 24 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – teste em PB – SUJ)

RELATIVAS GENITIVAS SUJ	Falantes de PB	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	$p = 0.59612$ (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 1,2 x 1,6)	$p = 0.16152$ (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 2,2 x 1,1)
PADRÃO X RESUMPTIVA	Valor de p não preciso (média: 1,2 x 0)	$p = 0.00288$ (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 2,2 x 0,06)
CORTADORA X RESUMPTIVA	$p = 0.00512$ (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 1,6 x 0)	Valor de p não preciso (média: 1,1 x 0,06)

Fonte: A autora, 2023

Nesse tipo de relativa, portanto, percebemos que ambos os grupos distinguem padrão x cortadora, apesar de o grupo controle preferir a cortadora e o grupo amostral preferir a padrão. Na comparação entre padrão e resumptiva, só pudemos perceber distinção no grupo amostral, uma vez que o grupo controle não fez nenhuma produção resumptiva e muito pouco de padrão, impedindo um valor de p preciso. Em relação às estratégias não-canônicas, só pudemos perceber distinção no grupo controle, com preferência pela cortadora, uma vez que o comparativo muito próximo, por parte do grupo amostral, não ofereceu precisão no valor de p .

Passando para o tipo OD, obtivemos o seguinte cenário:

Quadro 25 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – teste em PB – OD)

RELATIVAS GENITIVAS OD	Falantes de PB	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	p = 0.00634 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 0,2 x 2,8)	p = 0.00634 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 0,5 x 2,7)
PADRÃO X RESUMPTIVA	Erro, com valores empatados (média: 0,2 x 0)	Erro, com valores empatados (média: 0,5 x 0)
CORTADORA X RESUMPTIVA	p = 0.00096 (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 2,8 x 0)	p = 0.00148 (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 2,7 x 0)

Fonte: A autora, 2023

Observamos, pois, um comportamento praticamente igual. Houve pequenas diferenças nas médias de uso somente, mas manutenção da distinção entre padrão e cortadora, com preferência pela cortadora, em ambos os grupos, e entre cortadora e resumptiva, com também preferência pela cortadora em ambos os grupos.

Para o tipo OBL, encontramos o seguinte resultado:

Quadro 26 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – teste em PB – OBL)

RELATIVAS GENITIVAS OBL		Falantes de PB	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO CORTADORA	X	$p = 0.00064$ (há distinção entre padrão e cortadora; média: 0,06 x 3,1)	$p = 0.00064$ (há distinção entre padrão e cortadora; média: 0,06 x 3,4)
PADRÃO RESUMPTIVA	X	Erro, com valores empatados (média: 0,06 x 0)	Erro, com valores empatados (média: 0,06 x 0,2)
CORTADORA RESUMPTIVA	X	$p = 0.00064$ (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 3,1 x 0)	$p = 0.00064$ (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 3,4 x 0,2)

Fonte: A autora, 2023

Mais uma vez, percebemos que os grupos se comportaram de forma semelhante em relação a todas as comparações. A única distinção possível, novamente, é uma pequena diferença nas médias.

O último teste, de Mann-Whitney, fez uma análise entre as populações em todos os tipos de genitivas, considerando o valor crítico de $U = 64$:

Quadro 27 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – PB – SUJ, OD E OBL)

TIPO DE ESTRATÉGIA + TIPO DE GENITIVA + POPULAÇÃO	VALORES ESTATÍSTICOS
PAD_SUJ_PBL1 x PAD_SUJ_BILPB	p = 0.13104 U = 75.5
CORT_SUJ_PBL1 x CORT_SUJ_BILPB	p = 0.30772 U = 87.5
RES_SUJ_PBL1 x RES_SUJ_BILPB	p = 0.77182 U = 105
PAD_OD_PBL1 x PAD_OD_BILPB	p = 0.40654 U = 92
CORT_OD_PBL1 x CORT_OD_BILPB	p = 0.9681 U = 111
RES_OD_PBL1 x RES_OD_BILPB	p = 0.98404 U = 112.5
PAD_OBL_PBL1 x PAD_OBL_BILPB	p = 0.98404 U = 112.5
CORT_OBL_PBL1 x CORT_OBL_BILPB	p = 0.5485 U = 97.5
RES_OBL_PBL1 x RES_OBL_BILPB	p = 0.36282 U = 90

Fonte: A autora, 2023

É possível perceber, dessa forma, que, estatisticamente falando, quando incorporamos todos os elementos em questão, isto é, tipo de estratégia e tipo de relativa, não há distinção entre o grupo controle de PB e o grupo dos bilíngues PB-Inglês no teste de produção oral. Ainda que alguns percentuais pareçam diferenciá-los, é cabível perceber, de forma geral, uma preferência pelo uso de cortadoras em detrimento de resumptivas e da estratégia canônica em praticamente todos os cenários, com exceção do tipo SUJ para o grupo bilíngue, com uma diferença que não é estatisticamente relevante. Além disso, quando comparamos o uso de cortadoras por ambos os grupos, percebemos que se comportam estatisticamente iguais, assim

como no uso da estratégia padrão e da estratégia resumptiva, como mostrado no quadro acima.

3.2.3.1.2 Teste aplicado em inglês

Observemos agora a produção dos bilíngues no teste de eliciação de relativas em Inglês e a produção do outro grupo controle, falantes de Inglês como língua materna. Os exemplos das estruturas produzidas para cada tipo de condição são apresentados a seguir: Para as relativas genitivas de sujeito, houve:

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(142) I prefer the cousin whose parents are young.

Relativa genitiva resumptiva:

(143) My boyfriend bought the cell phone that its brand is Samsung.

Relativa genitiva cortadora:

(144) *I prefer the cousin that the parents are young.

Alternativa 1:

(145) I saw the TV series where the actors are American.

Alternativa 2:

(146) I saw the TV series with the American actors.

Inválida:

(147) *I prefer the cousin who parents are young.

Para as relativas genitivas de objeto direto, tivemos os exemplos a seguir.

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(148) My best friend is the one whose beliefs I respect.

Relativa genitiva resumptiva:

(149) My best friend is the one who I respect my best friend's beliefs.

Relativa genitiva cortadora:

(150) The most useful invention is the one that I need the tools all the time.

Alternativa 1:

(151) My best friend is the one I respect the beliefs of.

Alternativa 2:

(152) I studied the software and I don't admire the software's developer.

Inválida:

(153) *The most useful invention is the one where the tools I need all the time.

Para as relativas genitivas oblíquas, foram observadas as seguintes produções.

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(154) Our boss hired the candidate whose skills he could rely on.

Relativa genitiva resumptiva:

(155) Our boss hired the candidate who he could rely on his skills.

Relativa genitiva cortadora:

(156) *Our boss hired the candidate that he could rely on the skills.

Alternativa 1:

(157) Our boss hired the candidate with skills he could rely on.

Alternativa 2:

(158) I wrote about the article, I don't agree with this article's authors.

Inválida:

(159) I wrote about the article even though I don't agree if this article's authors.

A Tabela 6 apresenta a distribuição das respostas em termos percentuais:

Tabela 6 - Resultados percentuais (tarefas de produção oral – ING e BIL-ING)

ORAL	ING	% ALT1	% ALT2	% CORT	% INV	% PAD	% RES
	SUJ	25,00%	13,33%	5,00%	0,00%	51,67%	5,00%
	OD	15,00%	1,67%	8,33%	1,67%	63,33%	10,00%
	OBL	8,33%	6,67%	1,67%	5,00%	60,00%	18,33%

ORAL	BIL ING	% ALT1	% ALT2	% CORT	% INV	% PAD	% RES
	SUJ	6,67%	0,00%	48,33%	5,00%	40,00%	0,00%
	OD	0,00%	1,67%	30,00%	11,67%	23,33%	33,33%
	OBL	6,67%	0,00%	13,33%	10,00%	25,00%	45,00%

Fonte: A autora, 2023

Diferentemente do que ocorreu na comparação entre o grupo controle de falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de inglês e o grupo de bilíngues, em que se obteve tendências semelhantes de produção, na comparação entre falantes de Inglês como língua materna e esses mesmos bilíngues na produção de sentenças em Inglês, vê-se distinções expressivas. Trabalharemos primeiramente com os dados percentuais e, posteriormente, com os estatísticos.

Quanto à distribuição de respostas, observa-se, na produção dos falantes de Inglês, uma preferência pelo uso da estratégia padrão: 51,67% para genitivas de SUJ, 63,33% para genitivas de OD e 60% para as de OBL. A estratégia resumptiva também é utilizada, mas com menor expressão, estando a cortadora presente com percentuais bem mais baixos: 5% para resumptivas e cortadoras nas genitivas de SUJ; 10% e 8,33% de resumptivas e cortadoras, respectivamente, para relativas de OD e 18,33% e 1,67% de resumptivas e cortadoras, respectivamente, para as genitivas de OBL.

Por outro lado, os bilíngues, por mais que façam uso da estratégia padrão, apresentam produções mais expressivas das estratégias resumptiva e cortadora. Os bilíngues apresentam, nas relativas genitivas de SUJ, 40% de produção de relativas do tipo padrão, contra 51,67% dos falantes de Inglês, 23,33% de relativas do tipo padrão de genitivas de OD, contra 63,33% do grupo controle, e 25% de relativas do tipo padrão de genitivas de OBL, contra 60% do grupo controle.

Todavia, nas cortadoras, os percentuais de produção dos bilíngues são bem mais expressivos: são 48,33% de produção de cortadoras de SUJ, contra 5% do grupo controle; 30% de cortadoras de OD, contra 8,33% do grupo controle e 13,33% de cortadoras OBL, contra 1,67% do grupo controle. Nas resumptivas, não houve produção para genitivas de SUJ pelo grupo de bilíngues, enquanto o grupo controle havia apresentado 5% para essa função sintática; para OD, os bilíngues produziram 33,33% de resumptivas, contra 10% do grupo controle e, para OBL, foi 45% de produção dos bilíngues, contra 18,33% do grupo controle. O maior uso de estratégias do tipo não-padrão pelo grupo de bilíngues parece apontar, portanto, uma transferência dos mecanismos de geração de relativas da Língua Portuguesa, falada no Brasil, na tarefa de produção.

Cabe pontuar que houve casos de transferência de PB, por parte dos bilíngues, em que o artigo era utilizado após o pronome relativo *whose*, como no exemplo apresentado a seguir. Também mantivemos a classificação de padrão, por não estarmos focando nesse ponto gramatical.

(160) I prefer the cousin whose **the** parents are young.

Também cabe salientar que esse grupo apresentou exemplo de cortadora (exemplo 161) em que o *whose* foi empregado, mas a preposição exigida pelo verbo ao final da sentença (*with*) não. Tal questão pode estar relacionada ao fato de que, no Inglês, podemos ter preposições órfãs, ou seja, ao final da frase, e, no PB, esse fenômeno parece estar ainda começando, com poucas preposições aparecendo nesse lugar, como em “Comprei o livro que você falou sobre”, por exemplo.

(161) *I wrote about the article whose authors I don't agree. (OBL)

Em relação aos resultados estatísticos, um teste de Friedman mostra que, para o grupo controle, há uma diferença estatística significativa entre as estratégias relativas do tipo padrão ou não padrão, foco do estudo, ($X^2(15) = 14.7, p = 0.00064$), mas o mesmo não acontece com o grupo de bilíngues, que não fez a diferenciação ($X^2(15) = 1.9, p = 0.38674$). O teste de Wilcoxon, para as análises entre pares, dentro da mesma população, demonstra que, no que tange ao grupo controle, há distinção entre padrão e cortadora ($p = 0.00108$) e entre padrão e resumptiva ($p = 0.00496$), mas o mesmo não ocorre em relação à diferença entre resumptiva e cortadora ($p = 0.33204$). Já para o grupo amostral, não há distinção em nenhum dos cenários, confirmando o que o teste de Friedman havia apontado, com $p = 0.97606$ para padrão x

cortadora, $p = 0.77948$ para padrão x resumptiva e $p = 0.53526$ para cortadora x resumptiva. Resumimos essas informações no quadro abaixo:

Quadro 28 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – teste em ING)

RELATIVAS GENITIVAS ING		Falantes de ING	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO CORTADORA	X	$p = 0.00108$ (há distinção entre padrão e cortadora; média: 7 x 0,6)	$p = 0.97606$ (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 3,4 x 3,6)
PADRÃO RESUMPTIVA	X	$p = 0.00496$ (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 7 x 1,3)	$p = 0.77948$ (não há distinção entre padrão e resumptiva; média: 3,4 x 3,1)
CORTADORA RESUMPTIVA	X	$p = 0.33204$ (não há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 0,6 x 1,3)	$p = 0.53526$ (não há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 3,6 x 3,1)

Fonte: A autora, 2023

Para termos uma análise mais apurada do cenário, usamos também o teste de Mann-Whitney para comparar as duas populações em relação a cada estratégia estudada. Dessa maneira, foi possível notar que há diferença estatística tanto para a estratégia padrão quando para a estratégia cortadora, entretanto, isso não acontece com a estratégia resumptiva. Isto é, por mais que haja diferenças percentuais e maior uso da estratégia por parte dos bilíngues, estatisticamente falando, os grupos se comportaram de forma similar.

O quadro abaixo apresenta o que foi encontrado, considerando o valor crítico de $U = 64$:

Quadro 29 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – ING)

TIPO DE ESTRATÉGIA + POPULAÇÃO	VALORES ESTATÍSTICOS
PAD_INGL1 x PAD_BILING	p = 0.00906 U = 49
CORT_INGL1 x CORT_BILING	p = < .00001 U = 6.5
RES_INGL1 x RES_BILING	p = 0.14156 U = 76.5

Fonte: A autora, 2023.

Passando para os testes de Friedman, Wilcoxon e Mann-Whitney, incorporando os tipos de genitivas, SUJ, OD ou OBL, tivemos diferentes cenários, como descritos a seguir. Iniciando pelo teste de Friedman, notamos que houve distinção estatística em todos os tipos de relativas, para o grupo controle. No tipo SUJ, tivemos $X^2(15) = 16.9333$ e $p = 0.00021$, no tipo OD, tivemos $X^2(15) = 11.0333$ e $p = 0.00402$ e, para o tipo OBL, tivemos $X^2(15) = 15.2333$ e $p = 0.00049$. Já no grupo amostral, houve distinção somente no tipo SUJ, com $X^2(15) = 21.7$ e $p = 0.00002$. No tipo OD e no tipo OBL, não houve diferença, e os valores foram, respectivamente, $X^2(15) = 1.2333$ e $p = 0.53974$ e $X^2(15) = 2.0333$ e $p = 0.3618$.

No teste de Wilcoxon, comparamos as populações entre si e obtivemos os resultados, conforme quadros apresentados a seguir, começando com o tipo SUJ:

Quadro 30 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – teste em ING – SUJ)

RELATIVAS	Falantes de ING	Bilíngues PB-Ingês
GENITIVAS SUJ		
PADRÃO X CORTADORA	p = 0.00152 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 2 x 0,2)	p = 0.27134 (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 1,6 x 2)
PADRÃO X RESUMPTIVA	p = 0.00096 (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 2 x 0,2)	p = 0.00096 (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 1,6 x 0)
CORTADORA X RESUMPTIVA	Valor de p não preciso (média: 0,2 x 0,2)	p = 0.00064 (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 2 x 0)

Fonte: A autora, 2023.

Para o tipo SUJ, notamos, pois, que o grupo controle diferencia a estratégia padrão tanto da estratégia cortadora quanto da estratégia resumptiva, mas o mesmo não ocorre entre as estratégias não-canônicas, pois nem conseguimos um valor de p preciso devido à média ser exatamente igual e bem baixa. Voltando-se para o grupo dos bilíngues, o quadro é semelhante na distinção padrão x resumptiva, com ambos fazendo mais uso da padrão do que da resumptiva, inclusive. Na comparação entre as não-canônicas, houve também distinção, com uso bem maior da cortadora. Quando pensamos na comparação padrão x cortadora, no entanto, a distinção não acontece, embora haja maior uso da cortadora.

No tipo OD, notamos o seguinte cenário:

Quadro 31 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – teste em ING – OD)

RELATIVAS GENITIVAS OD	Falantes de ING	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	p = 0.00236 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 2,5 x 0,3)	p = 0.65994 (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 0,9 x 1,2)
PADRÃO X RESUMPTIVA	p = 0.00634 (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 2,5 x 0,4)	p = 0.75656 (não há distinção entre padrão e resumptiva; média: 0,9 x 1,3)
CORTADORA X RESUMPTIVA	Erro, com valores empatados (média: 0,3 x 0,4)	p = 0.63836 (não há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 1,2 x 1,3)

Fonte: A autora, 2023

Nesse tipo de genitiva, o quadro é mais discrepante entre os grupos. Enquanto o grupo de falantes de Inglês como língua materna faz distinção entre estratégia canônica e estratégias não-canônicas, com clara preferência pela primeira, o grupo amostral não o faz e utiliza mais as últimas. Na comparação entre as estratégias cortadora e resumptiva, por sua vez, não conseguimos chegar a um valor de p no grupo controle, por conta de os valores estarem empatados.

Para o tipo OBL, o seguinte resultado foi alcançado:

Quadro 32 - Dados estatísticos para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral– teste em ING – OBL)

RELATIVAS GENITIVAS OBL	Falantes de ING	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	p = 0.00148 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 2,4 x 0,06)	p = 0.44726 (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 1 x 0,5)
PADRÃO X RESUMPTIVA	p = 0.04136 (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 2,4 x 0,7)	p = 0.33204 (não há distinção entre padrão e resumptiva; média: 1 x 1,8)
CORTADORA X RESUMPTIVA	Valor de p não preciso (média: 0,06 x 0,7)	p = 0.05 (não há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 0,5 x 1,8)

Fonte: A autora, 2023

Percebemos aqui, novamente, a discrepância entre os grupos e comportamentos semelhantes aos já apontados anteriormente, principalmente no tipo OD. O grupo controle faz distinção entre a padrão x resumptiva e cortadora, usando as não-canônicas bem pouco, mas o grupo amostral não o faz, mas, dessa vez, diferentemente do tipo OD, a cortadora não é mais usada que a padrão, ainda que a resumptiva siga sendo. Na comparação entre cortadora e resumptiva, não encontramos valores precisos para o grupo controle e não encontramos distinção para o grupo amostral, com preferência pela resumptiva).

Finalmente, o último teste, de Mann-Whitney, fez uma análise entre as populações em todos os tipos de genitivas, considerando o valor crítico de $U = 64$:

Quadro 33 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção oral (grupo controle x grupo amostral – ING – SUJ, OD E OBL)

TIPO DE ESTRATÉGIA + TIPO DE GENITIVA + POPULAÇÃO	VALORES ESTATÍSTICOS
PAD_SUJ_INGL1 x PAD_SUJ_BILING	p = 0.20408 U = 81.5
CORT_SUJ_INGL1 x CORT_SUJ_BILING	p = < .00001 U = 6
RES_SUJ_INGL1 x RES_SUJ_BILING	p = 0.36282 U = 90
PAD_OD_INGL1 x PAD_OD_BILING	p = 0.00906 U = 49
CORT_OD_INGL1 x CORT_OD_BILING	p = 0.00142 U = 35
RES_OD_INGL1 x RES_OD_BILING	p = 0.0536 U = 65.5
PAD_OBL_INGL1 x PAD_OBL_BILING	p = 0.01928 U = 55.5
CORT_OBL_INGL1 x CORT_OBL_BILING	p = 0.06148 U = 67
RES_OBL_INGL1 x RES_OBL_BILING	p = 0.12602 U = 75

Fonte: A autora, 2023

Se tivermos um comportamento bem semelhante entre o grupo de bilíngues e o grupo de falantes de PB como língua materna com pouco conhecimento de Inglês, aqui o quadro ficou bem diferente. Interessante perceber que as distinções se concentram, principalmente, na estratégia cortadora, tanto no tipo SUJ quanto no tipo OD. Essa informação reforça a possibilidade de transferência de PB para Inglês, uma vez que é uma estratégia que se mostrou muito relevante nos testes de PB. Outro comportamento distinto que vale ser realçado é em relação à estratégia padrão. Nas estruturas mais complexas, tipo OD e tipo OBL, houve uma distinção entre ambos os grupos, com maior uso dela por parte do grupo controle. Por mais que estejamos falando de um grupo formado exclusivamente por estudantes de Letras, o grupo dos bilíngues parece ainda não dominar com acuidade a

estratégia padrão, principalmente nas estruturas mais complexas, como apontado, fazendo uso principalmente da cortadora em níveis significativamente distintos do grupo controle, o que indica uma transferência de L1 para L2.

3.2.4 Teste de produção escrita

Outro teste elaborado foi baseado na produção escrita dos participantes. Eles receberam um documento em Word contendo 19 sentenças, 10 delas distratoras, 3 genitivas de sujeito, 3 de objeto direto e 3 de objeto indireto/oblíquo. Além disso, um modelo foi dado de modo a garantir que os participantes tentassem fazer uso de relativas na produção. Para esse teste, o seguinte enunciado foi colocado: **Construa um período, juntando as duas orações apresentadas, sem fazer nenhuma modificação na primeira oração, conforme o modelo dado (*Create a sentence, joining the two given clauses, without making any changes to the first clause, following the given model*).**

O objetivo desse teste foi entender como os participantes se sairiam sem terem as sentenças prontas e quais estratégias utilizariam para fazer as junções das mesmas. Com isso, houve, portanto, maior liberdade de produzir as variáveis esperadas para a estrutura estudada. A única restrição foi dada com o começo da sentença tendo sido colocado para cada uma delas. Abaixo, seguem exemplos de sentenças utilizadas em que o pronome relativo assume a função de objeto direto:

(162) Cíntia encontrou um primo. Cíntia não conhecia a família do primo.

Cíntia encontrou um primo

(163) My classmate doesn't know the rock band. I admire the lead singer of the band a lot.

My classmate doesn't know the rock band

Neste teste de produção, diferentemente do anterior de produção oral, há previsão de uma maior variabilidade em termos de respostas, já que os participantes fizeram a atividade de forma assíncrona, com mais tempo de elaboração. De qualquer forma, ainda é esperado que as estruturas não-padrão sejam a grande maioria nas produções tanto de falantes de PB com pouco/nenhum conhecimento de Inglês quanto de bilíngues PB-Ing (quando a análise for de estruturas no PB). O uso da relativa genitiva padrão, portanto, parece bem pouco provável,

ou ainda, é possível que haja seu uso de forma equivocada em termos de norma culta, com a não variação do pronome “cujo” em termos de número e pessoa, por exemplo, e/ou com o uso de artigo definido depois do pronome, para marcar número e pessoa.

Para as sentenças em Inglês, há uma previsão de que os falantes de Inglês como língua materna não encontrem muita dificuldade em produzir relativas do tipo padrão, porém, a questão da animacidade pode ser uma interferência que faz com que estruturas não-canônicas apareçam, quando o termo relativizado for *-animado*. Esse fenômeno de influência da animacidade pode acontecer a partir do fato de que o pronome *whose* pode ser usado tanto para seres animados quanto para seres inanimados, conforme a literatura, porém alguns falantes tendem a evitar seu uso para seres inanimados. Uma possibilidade de aparecimento, nesse caso, é da estrutura *of which*, em uma tentativa de manter o padrão do Inglês para seres inanimados, através do pronome *which*.

Conforme Herrmann (2003), *who/which* codificam uma oposição de gênero/animacidade, sendo pessoal e impessoal, respectivamente. Dessa forma, caso o falante não entenda o *whose* como possibilidade de marcador relativo para um ser inanimado, comparando-o ao *who*, o uso da estrutura torna-se plausível. O marcador *which*, segundo a autora, também acaba apresentando características que o tornam preferencial em detrimento de outros marcadores, como a possibilidade de ser regido por uma preposição e a não necessidade de concordância nem de caso nem de número. Para os bilíngues, é previsto o fenômeno da transferência, em que eles usam estruturas não-padrão comuns do PB de forma traduzida para a língua adicional.

Em relação ao uso de marcadores relativos menos explícitos, é possível imaginar que o uso de pronomes resumptivos surja justamente porque o falante sente falta de uma maior clareza sobre a co-referência entre NP relativizado e o marcador relativo, recorrendo, portanto, ao uso do resumptivo para retomar esse NP. É interessante também verificar se há comportamentos distintos nesse teste em relação aos dois primeiros, já que aqui o falante não tem pressão de tempo e está frente a um exercício escrito, o que pode levá-lo a buscar estratégias mais prestigiadas.

Por fim, vale salientar que o fenômeno da transferência entre as línguas é um ponto chave da pesquisa, com o objetivo de esmiuçar como o bilinguismo vem se desenvolvendo para falantes do PB que estudam Inglês como língua adicional. Como já mencionado anteriormente neste capítulo, previsões acerca de pontos de dificuldade na aquisição de L2 podem subsidiar a preparação de aulas do professor, a fim de facilitar o sucesso do aprendiz.

3.2.4.1 Resultados

Os resultados para os testes respondidos em Português ou em Inglês serão apresentados. Mais uma vez, dividiremos os resultados por língua.

3.2.4.1.1 Teste aplicado em português

Antes de tudo, apresentamos os tipos de respostas obtidas para o teste em Português. Para as relativas genitivas de sujeito, houve:

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(164) Rodrigo comprou um caderno cujas divisórias ajudam em sua organização.

Relativa genitiva resumptiva:

(165) Não me lembro de ouvir essa música que o cantor dela morreu.

Relativa genitiva cortadora:

(166) Rodrigo comprou um caderno que as divisórias ajudam em sua organização.

Alternativa 1:

(167) Rodrigo comprou um caderno com divisórias que ajudam a sua organização.

Alternativa 2:

(168) Não me lembro de ouvir essa música e o cantor já morreu.

Inválida:

(169) Rodrigo comprou um caderno pois as divisórias ajudam na organização.

Para as relativas genitivas de objeto direto, as produções seguiram o que é apresentado abaixo.

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(170) Prima encontrou um primo cuja família não conhecia.

Relativa genitiva resumptiva:

(171) Cíntia encontrou um primo que ela não conhecia a família dele.

Relativa genitiva cortadora:

(172) Cíntia encontrou um primo que não conhecia a família.

Alternativa 1:

(173) Joana leu um artigo de autores que desconhece.

Alternativa 2:

(174) Joana leu um artigo mas desconhece seus autores.

Inválida:

(175) *Joana leu um artigo cujo autores ela desconhece.

Para as relativas genitivas oblíquas, tivemos o seguinte cenário.

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(176) Comecei a namorar um rapaz em cuja sinceridade posso confiar.

Relativa genitiva resumptiva:

(177) Comecei a namorar um rapaz que posso confiar em sua sinceridade.

Relativa genitiva cortadora:

(178) Comecei a namorar um rapaz que posso confiar na sinceridade.

Alternativa 1:

(179) Minha amiga viajou para um país do qual ela ouviu muito falar devido às suas
belezas naturais.

Alternativa 2:

(180) Minha amiga viajou para um país com belezas naturais muito comentadas.

Inválida:

(181) *Minha amiga viajou para um país na qual ouviu muito falar das belezas
naturais do país.

A Tabela 7 apresenta a distribuição percentual das respostas para o grupo controle de PB e o grupo amostral de bilíngues PB-Ingês:

Tabela 7 - Resultados percentuais (tarefas de produção escrita – PB e BIL-PB)

ESCRITO	PB	% ALT1	% ALT2	% CORT	% INV	% PAD	% RES
	SUJ	22,22%	4,44%	24,44%	8,89%	35,56%	4,44%
	OD	2,22%	20,00%	31,11%	20,00%	24,44%	2,22%
	OBL	0,00%	11,11%	55,56%	4,44%	2,22%	26,67%

ESCRITO	BIL PB	% ALT1	% ALT2	% CORT	% INV	% PAD	% RES
	SUJ	6,67%	2,22%	8,89%	13,33%	68,89%	0,00%
	OD	0,00%	11,11%	24,44%	6,67%	57,78%	0,00%
	OBL	8,89%	2,22%	68,89%	6,67%	4,44%	8,89%

Fonte: A autora, 2023

Efetivamente, percebe-se um maior uso da estratégia padrão por parte dos bilíngues, muito provavelmente pela questão já explicitada sobre ser um grupo 100% formado por alunos de Letras, especialistas na língua, diante de um exercício escrito. Na comparação entre as estratégias não-canônicas, percebe-se uma preferência clara pelas cortadoras em detrimento das resumptivas, principalmente no grupo amostral, em que as resumptivas não foram usadas em nenhum momento tanto nas genitivas do tipo SUJ quanto nas genitivas do tipo OD e, no tipo OBL, somente 8,89%. Retomando a questão da Hierarquia de Acessibilidade e complexidade envolvida em termos de demanda cognitiva para formação de uma estrutura desse tipo, era esperado realmente uma maior fuga do tipo padrão. Na verdade, em genitivas do tipo OBL, a padrão representou apenas 2,22% dos casos no grupo controle e 4,44% dos casos no grupo amostral.

Separando-se por tipo de genitivas, então, temos, no tipo SUJ, uma produção maior de sentenças padrão por parte do grupo controle, 35,56%, seguido pelas cortadoras (24,44%) e ALT1 (22,22%). Inválidas representaram uma parcela pequena de produções, 8,89%, seguidas por resumptivas e ALT2, com a mesma porcentagem de 4,44%. Para o grupo amostral, a produção de sentenças padrão aumentou para 68,89%, seguida pelas inválidas (13,33%), cortadoras (8,89%), ALT 1 (6,67%) e ALT2, com uma parcela bem pouco significativa de 2,22%. As resumptivas, nesse grupo, não apareceram nesse tipo de genitiva.

Nas genitivas de OD, para o grupo controle, tivemos uma queda da padrão para 24,44% e um aumento significativo da cortadora para 31,11%, superando, dessa forma, a estrutura padrão. ALT2 e inválidas tiveram a mesma porcentagem de 20%, ficando bem próximas da padrão. ALT1 e resumptivas tiveram a mesma porcentagem de 2,22%. No grupo controle, a padrão também teve uma queda, para 57,78%, mas manteve-se como opção mais empregada. As cortadoras seguiram sendo a segunda opção, com um aumento, em relação ao tipo SUJ, para 24,44%. ALT2 representou 11,11% dos casos, enquanto as inválidas representaram 6,67%. Tanto ALT1 quanto resumptivas não apareceram.

No que tange ao tipo OBL, a padrão, conforme já falado, sofreu vertiginosa queda para 2,22% no grupo controle, somente perdendo para a ALT1, que não foi utilizada em nenhum momento. Com isso, cortadoras passaram a ser a maioria, com 55,56%, seguidas das resumptivas, com 26,67%, ALT2, com 11,11% e inválidas, com 4,44%. Para o grupo amostral, por outro lado, a padrão ficou um pouco melhor, com 4,44%, mas seguiu sendo uma das alternativas menos utilizadas, somente perdendo para ALT2, com 2,22%. A maioria das produções utilizaram a estratégia cortadora, com 68,89%, seguidas por um empate entre ALT1 e resumptivas, com 8,89% e inválidas, com 6,67%.

Cabe salientar também que, além do não uso do pronome relativo indicativo de posse, “cujo”, foco dessa pesquisa, foi considerada cortadora a sentença em que o pronome foi usado, porém, não havia preposição característica do verbo transitivo indireto (seguindo o arcabouço teórico que trata desse tipo de estratégia), como mostra o exemplo a seguir:

(182) Minha amiga viajou para um país cujas belezas naturais ouviu muito falar.

Segundo a Gramática Tradicional, deveria ter sido colocada a preposição “de” antes de “cujas”. Portanto, a formação da estrutura genitiva do tipo OBL realmente demanda muita atenção e conhecimento acerca dos elementos envolvidos em uma sentença.

Em relação à estratégia resumptiva, é importante pontuar também que nem sempre houve uso de pronome resumptivo, havendo casos, como os mostrados a seguir, retirados do grupo controle de PB, em que o participante retomou o sintagma inteiro:

(183) Minha amiga viajou para um país o qual ela ouviu muito falar das belezas naturais **do país**. (OBL)

(184) Mudei-me para uma cidade na qual tenho admiração pelos pontos turísticos **da cidade**. (OBL)

Outro ponto a ser esclarecido sobre os resultados é que, para falantes de PB como língua materna, é esperado que, por mais que o uso de “cujo” esteja empregado de forma coerente, haja a produção de um artigo definido após o pronome, sendo, na grande maioria das vezes, responsável por apresentar os traços de gênero e número. Segundo a GT, tal produção não está correta e sim, deve-se variar o pronome relativo em si, no entanto, como essa questão não era o foco do estudo, classificou-se como padrão a sentença em que o artigo aparecia, como nos casos exemplificados abaixo, retirados do grupo amostral:

(185) *Joana leu um artigo cujo **os** autores ela desconhece. (OD)

(186) *Rodrigo comprou um caderno cujo **as** divisórias o ajudam a se organizar.

(SUJ)

A partir dos testes de PB desses grupos, foi possível perceber que o uso de estratégia padrão decresce conforme aumenta a complexidade interna às relativas na Hierarquia da Acessibilidade e, com isso, outras alternativas vão se mostrando mais interessantes para genitivas mais complexas. A estratégia cortadora é a preferida entre os falantes de PB como língua materna quando a padrão não é utilizada, e a estratégia resumptiva não se mostra relevante em grande parte dos tipos de genitivas, somente sendo mais significativa nas genitivas do tipo OBL. Ainda assim, para o grupo amostral, ela não consegue passar de 9% e somente aparece no tipo OBL mesmo e, para o grupo controle, ela só apresenta uma porcentagem realmente relevante no tipo OBL também, se mantendo abaixo de 5% nos outros dois tipos. A cortadora, por sua vez, aparece, no grupo controle, sempre em porcentagens acima de 20% e, no grupo amostral também, com exceção do tipo SUJ. Importante ressaltar, ainda, que, no grupo controle, ela ultrapassa a padrão tanto no tipo OD quanto no tipo OBL e, no grupo amostral, ela faz o mesmo movimento no tipo OBL, comprovando, assim, a hipótese de alternativa preferida à padrão por parte dos falantes de PB como língua materna.

Com isso, torna-se importante analisar como os grupos se comportaram em termos de estatística para checarmos as distinções apontadas. Assim sendo, um teste de Friedman aponta que, para o grupo controle e para o grupo amostral, há uma diferença estatística significativa entre as estratégias padrão, resumptiva e cortadora; $X^2(15) = 7.4333$ e $p = 0.02431$ para o primeiro grupo, $X^2(15) = 18.4333$, $p = 0.0001$ para o segundo. O teste de Wilcoxon mostra que, no grupo controle, não há distinção entre padrão e cortadora ($p = 0.18684$) e entre padrão e resumptiva ($p = 0.32708$), isto é, tais participantes não diferem a estratégia canônica das estratégias não-canônicas. Comparando-se cortadora e resumptiva, entretanto, a distinção

aparece ($p = 0.0096$). No grupo amostral, também não houve diferença entre padrão e cortadora ($p = 0.28914$), mas houve entre padrão e resumptiva ($p = 0.00096$) e entre cortadora e resumptiva ($p = 0.00148$). O quadro abaixo traz essas informações:

Quadro 34 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral – teste em PB)

RELATIVAS GENITIVAS – PB	Falantes de PB	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO CORTADORA	X $p = 0.18684$ (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 1,8 x 3,3)	$p = 0.28914$ (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 3,9 x 3)
PADRÃO RESUMPTIVA	X $p = 0.32708$ (não há distinção entre padrão e resumptiva; média: 1,8 x 1)	$p = 0.00096$ (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 3,9 x 0,2)
CORTADORA RESUMPTIVA	X $p = 0.0096$ (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 3,3 x 1)	$p = 0.00148$ (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 3 x 0,2)

Fonte: A autora, 2023

Comparando-se esses dois grupos, percebemos uma semelhança em relação à distinção entre padrão e cortadora e entre cortadora e resumptiva. O mesmo já não acontece na comparação entre padrão e resumptiva, em que os bilíngues demonstraram maior domínio da primeira. Ademais, usamos o teste de Mann-Whitney para comparar os dois grupos em relação a cada estratégia em foco. Dessa forma, foi possível ver que a única diferença significativa foi na estratégia padrão, comprovando a questão do domínio. O quadro a seguir, que considera o valor crítico de $U = 64$, apresenta essas informações:

Quadro 35 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral – PB)

TIPO DE ESTRATÉGIA + POPULAÇÃO	VALORES ESTATÍSTICOS
PAD_PBL1 x PAD_BILPB	p = 0.0226 U = 57
CORT_PBL1 x CORT_BILPB	p = 0.88076 U = 108.5
RES_PBL1 x RES_BILPB	p = 0.21498 U = 82

Fonte: A autora, 2023.

Conforme feito no teste de produção oral, também utilizamos os testes de Friedman, Wilcoxon e Mann-Whitney para compararmos estatisticamente os resultados de acordo com cada tipo de relativa. Segundo o teste de Friedman, percebemos que o grupo controle somente fez distinção no tipo OBL, ao passo que o grupo amostral fez a distinção em todos os tipos de relativas. No tipo SUJ, obtivemos $X^2(15) = 2.5333$ e $p = 0.28177$ para o grupo controle e $X^2(15) = 18.9$ e $p = 0.00008$ para o grupo amostral. No tipo OD, obtivemos $X^2(15) = 5.2333$ e $p = 0.07305$ para o grupo controle e $X^2(15) = 9.6333$ e $p = 0.00809$ para o grupo amostral. Já para o tipo OBL, obtivemos $X^2(15) = 10.2333$ e $p = 0.006$ para o grupo controle e $X^2(15) = 14.7$ e $p = 0.00064$ para o grupo amostral.

No teste de Wilcoxon, com a comparação das populações entre si, tivemos o seguinte quadro para o tipo SUJ:

Quadro 36 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral– teste em PB – SUJ)

RELATIVAS GENITIVAS SUJ	Falantes de PB	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	p = 0.3843 (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 1 x 0,7)	p = 0.0012 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 2 x 0,2)
PADRÃO X RESUMPTIVA	Valor de p não preciso (média: 1 x 0,1)	p = 0.0009 (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 2 x 0)
CORTADORA X RESUMPTIVA	Valor de p não preciso (média: 0,7 x 0,1)	Erro, com valores empatados (média: 0,2 x 0)

Fonte: A autora, 2023.

Podemos perceber, pois, que, nas relativas de SUJ, o grupo controle não faz distinção entre padrão e cortadora e apresenta médias nas resumptivas muito próximas de zero, com um valor de p não preciso. Por outro lado, o grupo amostral faz distinção em ambas as comparações de estratégia padrão com estratégia não-canônica, mas apresenta médias muito próximas de zero tanto na cortadora quanto na resumptiva, gerando valores empatados para essas estratégias.

Olhando para o tipo OD, chegamos ao seguinte cenário:

Quadro 37 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral– teste em PB – OD)

RELATIVAS GENITIVAS OD	Falantes de PB	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	p = 0.71884 (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 0,7 x 0,9)	p = 0.09102 (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 1,7 x 0,7)
PADRÃO X RESUMPTIVA	Valor de p não preciso (média: 0,7 x 0,06)	p = 0.00338 (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 1,7 x 0)
CORTADORA X RESUMPTIVA	Valor de p não preciso (média: 0,9 x 0,06)	Valor de p não preciso (média: 0,7 x 0)

Fonte: A autora, 2023

O grupo controle manteve o mesmo comportamento do tipo SUJ, sem distinção entre padrão e cortadora e valores de p não precisos tanto na comparação da resumptiva com a padrão quanto em sua comparação com a cortadora. Já o grupo amostral mudou seu comportamento na comparação entre padrão e cortadora, deixando de fazer a distinção. Para a comparação entre padrão e resumptiva, esse grupo manteve a distinção, e também não foi possível julgar a diferença entre as estratégias não-canônicas, com um valor de p não preciso. Percebemos, então, que o baixo percentual de resumptivas, em ambos os grupos e em ambas os tipos de relativa, acarretou dificuldade de comparação estatística.

No tipo OBL, achamos o resultado a seguir:

Quadro 38 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral – teste em PB – OBL)

RELATIVAS GENITIVAS OBL		Falantes de PB	Bilíngues PB-Ingês
PADRÃO CORTADORA	X	p = 0.00222 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 0,06 x 1,6)	p = 0.00168 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 0,1 x 2)
PADRÃO RESUMPTIVA	X	Valor de p não preciso (média: 0,06 x 0,8)	Valor de p não preciso (média: 0,1 x 0,2)
CORTADORA RESUMPTIVA	X	p = 0.09296 (não há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 1,6 x 0,8)	p = 0.00222 (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 2 x 0,2)

Fonte: A autora, 2023

Aqui, percebemos que os grupos se comportaram de forma similar em relação às comparações padrão x cortadora e padrão x resumptiva, com distinção no primeiro caso e frequência bem maior de cortadoras, e valores de p não precisos no segundo caso, com médias bem baixas das estratégias. Na comparação entre cortadora e resumptiva, o grupo controle não fez distinção, mas o grupo amostral o fez.

No último teste, de Mann-Whitney, considerando o valor crítico de $U = 64$, tivemos o seguinte cenário para a comparação entre os grupos em todos os tipos de relativas:

Quadro 39 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para a produção escrita (grupo controle x grupo amostral – PB – SUJ, OD E OBL)

TIPO DE ESTRATÉGIA + TIPO DE GENITIVA + POPULAÇÃO	VALORES ESTATÍSTICOS
PAD_SUJ_PBL1 x PAD_SUJ_BILPB	p = 0.06724 U = 68
CORT_SUJ_PBL1 x CORT_SUJ_BILPB	p = 0.35238 U = 89.5
RES_SUJ_PBL1 x RES_SUJ_BILPB	p = 0.77182 U = 105

PAD_OD_PBL1 x PAD_OD_BILPB	p = 0.0466 U = 64
CORT_OD_PBL1 x CORT_OD_BILPB	p = 0.50926 U = 96
RES_OD_PBL1 x RES_OD_BILPB	p = 0.77182 U = 105
PAD_OBL_PBL1 x PAD_OBL_BILPB	p = 1 U = 112
CORT_OBL_PBL1 x CORT_OBL_BILPB	p = 0.34212 U = 89
RES_OBL_PBL1 x RES_OBL_BILPB	p = 0.21498 U = 82

Fonte: A autora, 2023

O comportamento desses grupos foi bem similar ao que aconteceu no teste de produção oral, mas, ao invés de não acharmos nenhuma distinção, tivemos uma única, na comparação entre a relativa padrão para o tipo OD. Ainda assim, o valor de p ficou bem próximo de 0,05, ou seja, a distinção é bem sutil. Podemos afirmar, portanto, que os grupos controle de PB e bilíngues PB-Ingês, nos testes de PB, utilizaram estratégias parecidas tanto no teste de produção oral quanto no teste de produção escrita.

3.2.4.1.2 Teste aplicado em inglês

Olhemos agora para os resultados dos testes em Inglês, do grupo controle e do grupo amostral. Mais uma vez, apresentamos os tipos de respostas obtidas. Para as relativas genitivas de sujeito, com exceção das resumptivas, não encontradas, houve:

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(187) I met a girl whose job (is) focused on kids with special needs.

Relativa genitiva cortadora:

(188) Kelly discovered a waterfall that the temperature is not that cold.

Alternativa 1:

(189) Kelly discovered a waterfall in which the temperature is not that cold.

Alternativa 2:

(190) Kelly discovered a waterfall, its temperature is not that cold.

Inválida:

(191) I don't know many people here because their nationality is different from mine.

:

Para as relativas genitivas de objeto direto, tivemos o quadro a seguir:

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(192) Jhonny visited a museum whose paintings he loved.

Relativa genitiva resumptiva:

(193) Jhonny visited a museum that he loved the paintings of it.

Relativa genitiva cortadora:

(194) *Jhonny visited a museum that he loved the paintings.

Alternativa 1:

(195) Jhonny visited a museum which had paintings he loved.

Alternativa 2:

(196) Jhonny visited a museum and he loved the paintings.

Inválida:

(197) *The school principal observed the students of the coordinator does not like.

Para as relativas genitivas oblíquas, tivemos as produções abaixo:

Resposta-alvo: Relativa genitiva padrão

(198) There was a meeting at the company whose CEO everybody worries about.

Relativa genitiva resumptiva:

(199) We found the book that everybody was talking about its cover.

Relativa genitiva cortadora:

(200) We found the book that everyone was talking about the cover of.

Alternativa 1:

(201) There was a meeting at the company where everybody worries about the CEO.

Alternativa 2:

(202) There was a meeting at the company and everybody worries about the CEO of it.

Inválida:

(203) My nephew started at a new office in which I have worked.

Iniciemos com os dados percentuais atingidos, como fizemos com os outros testes, segundo a Tabela 8:

Tabela 8 - Resultados percentuais (tarefas de produção escrita – ING e BIL-ING)

ESCRITO	ING	% ALT1	% ALT2	% CORT	% INV	% PAD	% RES
	SUJ	31,11%	26,67%	2,22%	4,44%	35,56%	0,00%
	OD	11,11%	24,44%	4,44%	13,33%	46,67%	0,00%
	OBL	28,89%	13,33%	6,67%	22,22%	22,22%	6,67%

ESCRITO	BIL	% ALT1	% ALT2	% CORT	% INV	% PAD	% RES
	ING	8,89%	8,89%	17,78%	11,11%	53,33%	0,00%
	SUJ	8,89%	8,89%	28,89%	15,56%	33,33%	4,44%
	OD	6,67%	6,67%	51,11%	13,33%	17,78%	4,44%

Fonte: A autora, 2023

Resumidamente, percebe-se, nessa comparação, que a alternativa padrão segue sendo a mais empregada, nos dois grupos, que a utilizaram, de forma majoritária, em dois tipos de genitivas, SUJ e OD, somente perdendo, no grupo amostral, para as cortadoras no tipo OBL (mais uma vez, a Hierarquia referente às genitivas parece interferir nas escolhas dos

participantes) e, no grupo controle, para ALT1. Para o grupo controle, ALT1 e ALT 2 tiveram porcentagens significativas, e as resumptivas tiveram inexpressivas porcentagens em comparação às cortadoras, sendo zeradas no tipo SUJ e OD e se igualando às cortadoras no tipo OBL. Para o grupo amostral, cortadoras seguem sendo a alternativa preferida em relação à padrão.

Começando pelo tipo SUJ, para o grupo controle, a padrão obteve 35,56%, sendo seguida de perto pela ALT1, com 31,11%. ALT2 aparece logo depois, com 26,67%, seguida de longe pelas inválidas, com 4,44%, cortadoras, com 2,22%, enquanto as resumptivas não foram empregadas. Para o grupo amostral, a padrão foi mais utilizada (53,33%), ficando um pouco abaixo do resultado dos testes de PB. As cortadoras seguem em segundo lugar (17,78%), seguidas por ALT1 e ALT2, ambas com 8,89%. Ao contrário do que apareceu no teste de PB, aqui o grupo amostral não fez uso de resumptivas.

Para o tipo OD, o grupo controle fez um uso um pouco maior de padrão (46,67%), contrariando a Hierarquia. ALT2, nesse tipo, apareceu em segundo lugar (24,44%), seguida por inválidas (13,33%) e ALT1 (11,11%). Cortadoras aparecem de forma pouco expressiva, com 4,44%, e as resumptivas não aparecem. Já no grupo amostral, há uma queda do tipo padrão em relação ao tipo SUJ, com 33,33% e um aumento do uso de cortadoras (28,89%), seguindo o esperado segundo a Hierarquia de Acessibilidade. A terceira opção mais utilizada foi de inválidas (15,56%), seguidas por ALT1 e ALT2 (8,89% em ambas), ao passo que resumptivas passam a aparecer em 4,44% dos casos.

Nas genitivas de tipo OBL, para o grupo controle, há uma queda considerável da padrão para 22,22%, sendo superada pela primeira vez pela ALT1 (28,89%) e ficando empatada com as inválidas. ALT2 aparece depois, com 13,33%, seguida por cortadoras e resumptivas, com a mesma porcentagem de 6,67%. No grupo amostral, a padrão também sofre uma queda significativa para 17,78% e é superada pelas cortadoras, com aumento expressivo para 51,11%. Inválidas são as próximas na escala de uso, com 13,33%, seguidas por 6,67%, tanto de ALT1 quanto de ALT2. As resumptivas, por sua vez, seguem com a mesma porcentagem do tipo OD, 4,44%.

Um aspecto importante da transferência, foco da presente pesquisa, foi perceber que o uso de artigo após o pronome relativo *whose* também apareceu em algumas sentenças produzidas pelos bilíngues, salientando que o que é feito na língua materna é transferido para a língua adicional. Assim como nos testes de PB, nos testes de Inglês, também mantivemos a classificação de tais sentenças como padrão. Abaixo, trazemos um exemplo:

(204) *My classmate doesn't know the rock band whose **the** lead singer I admire a lot. (OD)

Logo, foi possível perceber, na comparação entre esses dois grupos, que, contrariando as previsões, o grupo controle fez maior uso de cortadoras do que resumptivas, ainda que todas as porcentagens tenham ficado abaixo de 7% e que as estratégias tenham se igualado no tipo OBL. Para esse grupo, ainda, ALT1 e ALT2 parecem ser mais interessantes do que resumptivas e cortadoras, se mantendo, na grande maioria dos casos, acima de 20%. Já para o grupo amostral, é interessante pontuar que as resumptivas aparecem no tipo OD, diferentemente do que aconteceu nos testes de PB do mesmo grupo, mas se mantiveram tanto no tipo OD quanto no tipo OBL abaixo dos 5%. Comparando-se também com os testes de PB, percebe-se uma queda significativa do uso da padrão no tipo SUJ e, principalmente no tipo OD, mas um aumento no tipo OBL. Outro ponto focal da pesquisa foi analisar que a alternativa cortadora, que se manteve tão inexpressiva no grupo controle, apareceu como uma alternativa muito prestigiada no grupo amostral, mantendo-se acima dos 17% em todos os tipos de genitivas, ficando próxima da padrão no tipo OD e superando-a no tipo OBL. Com isso, podemos concluir, com esses dados, que houve o fenômeno da transferência da língua materna, uma vez que uma alternativa pouco prestigiada pelo grupo controle é tão prestigiada pelo grupo amostral quanto o era nos testes de sua língua materna, mantendo-se, inclusive, acima da padrão no tipo OBL.

Entretanto, cabe analisarmos também os dados estatísticos para confirmação ou não da conclusão acima apresentada. Um teste de Friedman revela que, para o grupo controle, há uma diferença estatística significativa entre as estratégias analisadas nessa pesquisa, ($X^2(15) = 12.4$, $p = 0.00203$), assim como acontece com o grupo de bilíngues, ($X^2(15) = 7.2$, $p = 0.00018$). O teste de Wilcoxon, para as análises entre pares, dentro da mesma população, mostra que, no grupo controle, há distinção entre padrão e cortadora ($p = 0.00512$) e entre padrão e resumptiva ($p = 0.00288$), mas não foi possível encontrar um valor de p preciso entre cortadora x resumptiva. Já no grupo amostral, não há distinção para padrão x cortadora ($p = 0.72634$), mas há para padrão x resumptiva ($p = 0.00236$) e para cortadora x resumptiva ($p = 0.00096$). O quadro a seguir traz esses elementos:

Quadro 40 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral – teste em ING)

RELATIVAS GENITIVAS – ING		Falantes de ING	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO CORTADORA	X	p = 0.00512 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 3,1 x 0,4)	p = 0.72634 (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 3,1 x 2,8)
PADRÃO RESUMPTIVA	X	p = 0.00288 (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 3,1 x 0,2)	p = 0.00236 (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 3,1 x 0,2)
CORTADORA RESUMPTIVA	X	Valor de p não preciso (média: 0,4 x 0,2)	p = 0.00096 (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 2,8 x 0,2)

Fonte: A autora, 2023.

Além disso, aplicou-se o teste de Mann-Whitney para comparar as duas populações em relação a cada estratégia estudada. Assim sendo, observamos que os grupos se comportam de forma diferente somente no que diz respeito à estratégia cortadora, reforçando o que já havia sido apontado anteriormente. Considerando-se o valor crítico de $U = 64$, temos o cenário a seguir:

Quadro 41 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral – ING)

TIPO DE ESTRATÉGIA + POPULAÇÃO	VALORES ESTATÍSTICOS
PAD_INGL1 x PAD_BILING	p = 0.86502 U = 108
CORT_INGL1 x CORT_BILING	p = 0.00034 U = 25.5
RES_INGL1 x RES_BILING	p = 0.78716 U = 105.5

Fonte: A autora, 2023.

Com a incorporação dos três tipos de genitivas, tivemos resultados descritos a seguir. Com o teste de Friedman, percebemos ter havido, no grupo controle, distinção estatística nas relativas de SUJ – $X^2 (15) = 13.3$ e $p = 0.00129$ – e de OD – $X^2 (15) = 10.3$ e $p = 0.0058$. Para as relativas de OBL, não houve distinção – $X^2 (15) = 2.0333$ e $p = 0.3618$. Já no grupo

amostral, houve distinção no tipo SUJ – $X^2 (15) = 14.7$ e $p = 0.00064$ e no tipo OBL – $X^2 (15) = 10.4333$ e $p = 0.00543$. Para o tipo OD, o mesmo não aconteceu – $X^2 (15) = 4.4333$ e $p = 0.10897$.

No teste de Wilcoxon, mais uma vez, fizemos comparações intragrupos, levando os tipos de relativas em conta. O resultado para SUJ foi o seguinte:

Quadro 42 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral– teste em ING – SUJ)

RELATIVAS GENITIVAS SUJ	Falantes de ING	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	$p = 0.00338$ (há distinção entre padrão e cortadora; média: $1 \times 0,06$)	$p = 0.0164$ (há distinção entre padrão e cortadora; média: $1,6 \times 0,5$)
PADRÃO X RESUMPTIVA	$p = 0.00222$ (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 1×0)	$p = 0.00096$ (há distinção entre padrão e resumptiva; média: $1,6 \times 0$)
CORTADORA X RESUMPTIVA	Erro, com valores empatados (média: $0,06 \times 0$)	Valor de p não preciso (média: $0,5 \times 0$)

Fonte: A autora, 2023.

Percebemos, portanto, que, para o tipo SUJ, os participantes que têm Inglês como língua materna fazem distinção entre a padrão e as estratégias não-canônicas. Em contrapartida, a frequência de cortadoras e resumptivas é bem baixa, gerando valores empatados na sua comparação. Os participantes bilíngues PB-Inglês comportam-se de forma semelhante em termos de comparação da padrão tanto com a cortadora quanto com a resumptiva. Todavia, para a comparação entre as não-canônicas, não foi possível chegarmos a um valor de p preciso.

Para o tipo OD, encontramos o seguinte cenário:

Quadro 43 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral– teste em ING – OD)

RELATIVAS GENITIVAS OD	Falantes de ING	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	p = 0.00672 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 1,4 x 0,1)	p = 0.72786 (não há distinção entre padrão e cortadora; média: 1 x 0,8)
PADRÃO X RESUMPTIVA	p = 0.00338 (há distinção entre padrão e resumptiva; média: 1,4 x 0)	Valor de p não preciso (média: 1 x 0,1)
CORTADORA X RESUMPTIVA	Erro, com valores empatados (média: 0,1 x 0)	Valor de p não preciso (média: 0,8 x 0,1)

Fonte: A autora, 2023.

Já nesse tipo de genitiva, a comparação entre os grupos ficou mais distante, pois o grupo controle faz distinção entre padrão e cortadora, mas o grupo amostral não a faz, mantendo a média da cortadora bem próxima da padrão, inclusive. Para a comparação padrão x resumptiva, o grupo controle segue fazendo a distinção, porém não conseguimos um valor de p preciso para o grupo amostral, com média de resumptivas bem baixa. Na comparação entre as estratégias não-canônicas, o valor do grupo controle apresentou um erro, com valores empatados, e o valor de p do grupo amostral também não ficou preciso, assim como na comparação anterior.

Por fim, para o tipo OBL, tivemos o seguinte:

Quadro 44 - Dados estatísticos para teste de produção escrita (grupo controle x grupo amostral– teste em ING – OBL)

RELATIVAS GENITIVAS OBL	Falantes de ING	Bilíngues PB-Inglês
PADRÃO X CORTADORA	Valor de p não preciso (média: 0,6 x 0,2)	p = 0.04136 (há distinção entre padrão e cortadora; média: 0,5 x 1,5)
PADRÃO X RESUMPTIVA	Valor de p não preciso (média: 0,6 x 0,2)	Valor de p não preciso (média: 0,5 x 0,1)
CORTADORA X RESUMPTIVA	Erro, com valores empatados (média: 0,2 x 0,2)	p = 0.00148 (há distinção entre cortadora e resumptiva; média: 1,5 x 0,1)

Fonte: A autora, 2023.

Interessante perceber a dificuldade de chegarmos a um valor de p , para o grupo controle, visto que os percentuais já haviam demonstrado que, na verdade, os participantes utilizaram mais a ALT1 e, por isso mesmo, a padrão teve uma média bem baixa, seguida por médias ainda mais baixas da cortadora e da resumptiva. Para o grupo amostral, por outro lado, voltou-se a ter distinção entre padrão e cortadora, como havia ocorrido no tipo SUJ, e se passou a ter, pela primeira vez, distinção entre cortadora e resumptiva, com a cortadora tendo média acima das demais. Para a comparação padrão x resumptiva, não chegamos a um valor de p preciso, com as baixas médias alcançadas.

O último teste feito, de Mann-Whitney, comparou o comportamento dos dois grupos em relação a cada tipo de estratégia, com valor crítico de $U=64$, resultando no quadro abaixo:

Quadro 45 - Dados estatísticos comparativos para cada estratégia para teste de produção escrito (grupo controle x grupo amostral – ING – SUJ, OD E OBL)

TIPO DE ESTRATÉGIA + TIPO DE GENITIVA + POPULAÇÃO	VALORES ESTATÍSTICOS
PAD_SUJ_INGL1 x PAD_SUJ_BILING	$p = 0.13104$ $U = 75.5$
CORT_SUJ_INGL1 x CORT_SUJ_BILING	$p = 0.06148$ $U = 67$
RES_SUJ_INGL1 x RES_SUJ_BILING	$p = 0.98404$ $U = 112.5$
PAD_OD_INGL1 x PAD_OD_BILING	$p = 0.34212$ $U = 89$
CORT_OD_INGL1 x CORT_OD_BILING	$p = 0.0226$ $U = 57$
RES_OD_INGL1 x RES_OD_BILING	$p = 0.5485$ $U = 97.5$
PAD_OBL_INGL1 x PAD_OBL_BILING	$p = 0.77182$ $U = 105$
CORT_OBL_INGL1 x CORT_OBL_BILING	$p = 0.00054$ $U = 28.5$
RES_OBL_INGL1 x RES_OBL_BILING	$p = 0.98404$ $U = 111.5$

Fonte: A autora, 2023.

Percebe-se aqui que a expectativa foi concretizada e a estatística confirmou o que já aparecia no percentual. Quando notamos que os grupos somente se diferenciaram na estratégia cortadora, percebemos como o grupo bilíngue parece estar influenciado por uma estratégia que é comum na sua língua e a transfere para a língua-alvo. Somente no tipo SUJ, essa distinção não ocorreu, no entanto, ficou bem próxima de um valor de p válido. Na próxima seção, todos os dados já apresentados serão discutidos de forma mais elaborada, pensando-se nos objetivos dessa pesquisa.

3.2.5 Discussão geral

De forma a responder ao questionamento inicial da pesquisa sobre a possibilidade de transferência de uma estratégia do PB para o Inglês como L2, nas relativas genitivas do tipo SUJ, OD e OBL, é importante juntarmos todos os dados supracitados e analisá-los conjuntamente. Primeiramente, em relação ao julgamento de aceitabilidade, é interessante ressaltar que, por mais que o grupo controle de falantes de PB como língua materna com pouco/nenhum conhecimento de Inglês não seja completamente formado por estudantes de Letras, como já pontuado, não houve grandes distinções nas avaliações empregadas por eles e pelo grupo amostral de bilíngues PB-Inglês.

Ainda que os percentuais possam ter demonstrado alguma diferença de julgamento, as estatísticas provaram que as avaliações desses dois grupos somente ficaram diferentes em relação à estratégia padrão tanto no tipo SUJ quanto no tipo OD, mantendo uma avaliação similar no tipo OBL. Sem sombra de dúvidas, os números mostram que o grupo amostral tem maior assertividade no julgamento principalmente da estratégia padrão e, por isso mesmo, que essa diferença apareceu estatisticamente. No entanto, percebeu-se que a estratégia cortadora é, em larga escala, bem avaliada por ambos os grupos, e a estratégia resumptiva é mal avaliada por ambos, na grande maioria dos casos, especialmente pelos bilíngues.

Passando-se para os testes de Inglês, já notamos a diferença não somente percentual como estatística no que tange às estratégias não-canônicas. O grupo bilíngue avalia a cortadora melhor do que o grupo controle. Tanto no tipo de genitiva SUJ quanto no tipo OBL, apareceu distinção na avaliação da cortadora, com os bilíngues avaliando-a mais

positivamente. No tipo SUJ, também apareceu distinção na resumptiva, com bilíngues avaliando-a mais positivamente também. Já no tipo OD, surpreendentemente, houve distinção na estratégia padrão, mas com os bilíngues avaliando-a mais positivamente que os falantes de Inglês como língua materna. Tentando entender esses resultados, buscamos checar se a questão animacidade, anteriormente apontada como polêmica, mas que não foi controlada nesse teste, poderia ter sido uma influência, já que há controvérsias sobre usar o *whose* referindo-se a seres inanimados. Todavia, as duas sentenças padrão do tipo OD tinham NPs animados (*Julien needs to find another partner like Paul whose family she trusted* e *Some people don't believe politicians whose projects they didn't discuss*).⁷

Passando-se para o teste de produção oral, o quadro não variou muito. Na comparação entre grupo controle de PB e grupo amostral, nos testes de PB, não houve nenhuma distinção nos usos das estratégias em nenhum tipo de genitiva, ainda que tenha havido algumas poucas distinções nas comparações de pares dentro de cada tipo. Entre grupo controle de Inglês e grupo amostral, nos testes de Inglês, as distinções já aparecem, na estratégia padrão, tanto para o tipo OD quanto para o tipo OBL, com percentuais mais altos para o grupo controle, e na cortadora, tanto para o tipo SUJ quanto para o tipo OD, com percentuais mais altos de uso de cortadoras pelos bilíngues. Esses dados reforçam o que foi visto no teste com escala Likert de possibilidade de transferência entre L1 e L2, com a cortadora sendo muito mais usada pelo bilíngue do que pelo grupo controle e, na genitiva de SUJ, ainda, ultrapassando a estratégia padrão.

Outro ponto importante, nesse teste, que também reforça a discussão trazida pelo teste anterior é que a estratégia resumptiva, muito pouco utilizada pelos bilíngues nos testes de PB, se mantendo abaixo de 5%, aparece com muito mais força no teste de Inglês, principalmente nas genitivas mais complexas, OD e OBL, nas quais é a estratégia mais utilizada pelos bilíngues. Em certa medida, isso corrobora o que tem sido reportado na literatura (SOLAIMANI, MYLES E LAWYER, 2023) em relação a falantes de uma L1 que têm a estratégia resumptiva como legítima usarem-na em uma L2. No entanto, vale apontar que, neste teste, o grupo controle também fez uso da estratégia resumptiva, não tendo havido diferença estatística significativa com o grupo amostral. Na verdade, é possível perceber que o aumento do seu uso é proporcional ao aumento da complexidade, corroborando a Hierarquia da Acessibilidade interna à gerativa, proposta por Herrmann (2013).

⁷ Uma análise ainda mais aprofundada, levando em conta sujeito e item, poderia trazer dados mais específicos e esmiuçados sobre o fenômeno estudado.

Finalmente, voltamos nosso olhar para o teste de produção escrita. Esperávamos que houvesse maior produção de sentenças do tipo padrão nesse teste, em comparação com o teste oral, uma vez que não havia pressão do tempo e nem a figura do pesquisador guiando o teste, e isso mostrou-se real, em relação ao PB, mas não ao Inglês, pois o grupo controle de Inglês manteve taxas menores em todos os tipos de genitivas. Em relação à comparação entre grupo controle de PB e grupo amostral, nos testes de PB, tivemos um reforço do que já havia sido encontrado no teste de julgamento de aceitabilidade, com distinção somente no uso da estratégia padrão, com os bilíngues privilegiando a construção, particularmente para o tipo OD. Mais uma vez, pontuamos que o fato de o grupo amostral ser formado por especialistas na língua pode ter influenciado essa questão.

Já na comparação entre grupo controle de Inglês e grupo amostral, nos testes de Inglês, também tivemos mais uma vez a comprovação do que já havia sido visto nos demais testes: a distinção foi feita na estratégia cortadora, no tipo OD e no tipo OBL, com o tipo SUJ, ainda, estando estatisticamente bem próximo de apontar distinção também. Em outras palavras, pudemos observar novamente o fenômeno da transferência de L1 para L2, visto que os falantes de Inglês como língua materna utilizaram essa estratégia em pouquíssimos casos. Nesse teste, houve pouquíssimo uso da estratégia resumptiva, seja pelo grupo amostral, que preferiu a cortadora (ou a padrão), seja pelo grupo controle, que lançou mão do uso de estratégias alternativas.

De forma geral, portanto, os testes aqui empregados foram capazes de responder aos questionamentos levantados. Dessa forma, podemos dizer que existe uma tendência, do falante de PB como língua materna, de aceitar e usar mais a estratégia cortadora ao invés da estratégia resumptiva, na sua língua. Além disso, ele tende também a carregar esse uso para produções e avaliações de Inglês como L2. Ademais, em nossos testes, verificou-se que os falantes de língua inglesa aceitam melhor o uso da estratégia resumptiva do que da cortadora e também chegam a fazer uso dela, especialmente em estruturas mais complexas, o que é compatível com o que a literatura aponta (MELTZER-ASSCHER, 2021). Não foi possível atestar, por outro lado, um uso maior de resumptivas por parte do bilíngue PB-Inglês, conforme esperado, com base na literatura da área (SOLAIMANI, MYLES E LAWYER, 2023) e isso parece estar relacionado, no PB, ao fato de que há uma outra estratégia não-padrão, a cortadora, de uso mais amplo, na língua materna, e que passa a ser acionada/transferida para a língua adicional.

O aspecto formalidade x informalidade é outra questão que parece indicar influência nas produções dos participantes. Em termos percentuais, percebemos menor uso da estratégia padrão no teste de produção oral, em contraposição ao teste de produção escrita, e, conseqüentemente, maior uso de estratégias do tipo não-padrão. Como a quantidade de sentenças empregadas em cada teste era distinta, 12 no teste oral e 9 no teste escrito, não foi possível empreender uma nova comparação utilizando o teste de Wilcoxon. De qualquer forma, tomando-se como base somente os percentuais aqui apresentados em cada um desses testes, é possível perceber uma tendência a ter maior dificuldade de usar a estratégia padrão no teste de produção oral, mais informal e com pressão de tempo e contato com o pesquisador, principalmente para os falantes de PB como língua materna.

O estudo aqui empregado pode servir como uma base para professores brasileiros que estejam trabalhando com Inglês como língua estrangeira para bilíngües PB-Ing, já que alguns aspectos em relação ao aprendizado da L2 podem ser antecipados, levando em conta o que se espera de transferência entre L1 e L2. Em outras palavras, entender como estruturas genitivas não-padrão se desenvolvem na língua materna e a influência que elas podem ter na L2 é interessante do ponto de vista linguístico, assim como do ponto de vista pedagógico, partindo-se do pressuposto que a consciência, por parte do professor, do fenômeno linguístico que está ocorrendo pode levar a formas mais didáticas de lidar com as dificuldades do aprendiz. Além disso, o próprio professor de Português pode se beneficiar dos resultados, visto que se chegou à conclusão de uma tendência clara de uso da estrutura cortadora como se fosse uma estrutura padrão e o uso de “cujo” e suas variantes como último recurso, de caráter muito formal, em quase desuso.

Conclusão

Nesse capítulo, buscou-se apresentar a metodologia empregada no presente estudo, assim como justificar a sua escolha, explorando-se um conjunto de três testes, de forma a ter um cenário o mais completo possível para a análise do fenômeno de uso de relativas não-padrão na construção de sentenças do tipo genitivas. Os testes foram pormenorizadamente apresentados, assim como nossa hipótese de trabalho e suas previsões, para a análise dos dados. Buscamos apresentar análises percentuais e estatísticas sobre os três testes de forma a ter um resultado o mais completo possível para a discussão aqui apresentada.

Nossos resultados apontaram que, em todos os testes, o fenômeno da transferência de L1 para L2 aparece, com os bilíngues PB-Inglês não somente avaliando bem, como utilizando a estratégia cortadora, assim como o fazem na sua língua materna. Pensando nas comparações entre os testes de PB e Inglês, é possível concluirmos que os bilíngues se comportam de forma muito mais similar ao grupo controle de PB do que ao grupo controle de Inglês, reforçando, pois, a questão da transferência entre línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como foco sentenças do tipo relativas genitivas, buscando analisar o comportamento de bilíngues PB-Inglês, a partir de metodologia experimental. Investigou-se a aceitabilidade e o uso de estruturas do tipo padrão *versus* estratégias não-canônicas, com resumptivas e cortadoras como alternativas, a primeira delas usando um pronome ou sintagma lembrete para retomar o NP relativizado e a segunda delas com omissão de preposição em PPs e/ou de pronome relativo indicativo de posse (TARALLO, 1983).

Considerou-se que há diferenças de uso entre as línguas, havendo derivações específicas para a geração de relativas genitivas nas duas línguas em questão, que acionam traços e categorias funcionais específicos (NUNES & KATO, 2009; 2014). Assim, considera-se que as estratégias não canônicas estão presentes no PB, sendo a cortadora comum e bem avaliada pelo falante de PB como língua materna, enquanto a estratégia resumptiva é associada à baixa escolaridade e pode ser estigmatizada (MOLLICA, 1997; 2003). Por outro lado, no que tange à língua inglesa, temos a estratégia cortadora como agramatical e a resumptiva como possibilidade, principalmente, em processamentos mais custosos, como, por exemplo, na produção de relativas do tipo OBL (HORNSTEIN, 2001; MELTZER-ASSCHER, 2021).

Nesse sentido, discutiu-se a possibilidade de transferência entre L1 e L2 (SLABAKOVA, 2016; ALVAREZ, 2002). Estudos recentes têm apontado que línguas que fazem uso da estratégia resumptiva tendem a transferi-la para uma L2, mesmo que seja uma estrutura agramatical (SOLAIMANI, MYLES e LAWYER, 2023 e referências citadas). Considerou-se, ainda, que há demandas distintas, envolvidas em cada tipo de tarefa experimental proposta aos participantes desta investigação, considerando-se distinções entre conhecimento implícito não consciente, automático, e a conscientização metalinguística, passível de ser ativada em situações com menor demanda e sem pressão de tempo (PARADIS, 2003; SQUIRES, 2016). Por fim, não se deixou de considerar a Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977) e a Hierarquia interna à genitiva (HERRMANN, 2003), para a observação de nossos resultados.

De forma a fazermos uma discussão o mais completa possível, tivemos, então, três testes sendo aplicados tanto aos grupos controle de PB (falantes de PB como língua materna com pouco/nenhum conhecimento de Inglês) e de Inglês (falantes de Inglês como língua

materna) quanto para o grupo amostral de bilíngues. Utilizamos um teste de julgamento de aceitabilidade com escala *likert*, um teste de produção eliciada oral, com pressão de tempo e um teste de produção escrita, sem pressão de tempo. Uma vez que cada teste apresenta características próprias e requer diferentes competências dos participantes, buscou-se analisá-los, de forma percentual e estatística, separadamente para, depois, tecermos comparações entre os resultados encontrados neles. Importante ressaltar também que as análises foram feitas tanto englobando os tipos de estratégias de forma geral, quanto checando cada tipo de genitiva, justamente por termos como uma das nossas bases a Hierarquia de Acessibilidade interna à genitiva (HERRMANN, 2003).

Nossos resultados sugerem que há uma transferência que parece ocorrer entre L1 e L2 em relação à estratégia cortadora e não a resumptiva, como poderia ser esperado a partir de resultados anteriores da literatura para outras línguas ((SOLAIMANI, MYLES e LAWYER, 2023 e referências citadas). Os bilíngues tendem a aceitar bem a estratégia cortadora em Inglês, como o fazem na sua língua materna, ainda que a língua adicional a considere agramatical. A estratégia resumptiva só se mostrou mais aceita, em Inglês, pelos bilíngues para a relativa genitiva de sujeito. Na produção oral, em que havia pressão de tempo, há distinção de comportamento também em relação ao uso da estratégia cortadora, com maior uso pelos bilíngues, não havendo distinção no uso de resumptivas entre as duas populações, e o mesmo pode ser observado no teste de produção escrita. Assim, deve-se considerar que, no PB, não é a estratégia resumptiva que sofre transferência, mas sim a cortadora, já que, nessa língua, há também essa estratégia do tipo não padrão, que é mais bem aceita e de uso mais amplo.

De forma geral, os resultados também parecem sugerir que há um comportamento distinto na linguagem escrita x linguagem oral. A distribuição de tipos de respostas produzidas nos dois testes demonstra um uso bem mais expressivo da estratégia resumptiva no teste oral, com maior pressão de tempo, embora o uso de cortadoras seja sempre bastante expressivo na produção dos bilíngues. Vale lembrar que não foi possível fazer testes estatísticos para comprovar tal diferença, mas os percentuais encontrados parecem indicar uma influência desse aspecto na produção dos participantes.

É ainda relevante pontuar que nossos resultados se mostram compatíveis com a Hierarquia de Acessibilidade interna à genitiva (HERRMANN, 2003), mostrando um decréscimo no uso da estratégia padrão e um aumento do uso de estratégias do tipo não-padrão proporcionais à complexidade da relativa.

Como futuros trabalhos, há espaço para análises relativas a outros tipos de influência, como *input*, tempo de imersão na L2 (fizemos testes de proficiência, mas não temos maiores dados sobre o contato do grupo amostral com a L2), variações individuais, influências regionais e de escolaridade, pois o grupo amostral era 100% formado por estudantes de Letras, especialistas na língua e com maior expertise para julgamento, por exemplo. De qualquer maneira, parece haver um caminho ainda longo a ser percorrido em relação às estruturas relativas genitivas justamente pela estratégia padrão estar muito restrita a contextos bem formais da língua, sendo passível de talvez, um dia, cair em desuso, particularmente no PB.

REFERÊNCIAS

- AMARAL *et al.* A aprendizagem de línguas baseada em evidências experimentais: possíveis interfaces entre a psicolinguística e o ensino/aprendizagem de línguas adicionais *In: LEITÃO, Marcio Martins; MAIA, Marcus (org.): Dimensões da Psicolinguística na ALFAL.* São Paulo, SP: Liquido Editorial e Consultoria, 2022. p. 13-35.
- AUGUSTO, M. R. A. Movement and islands: a key issue in generative grammar. *Revista Linguística. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 368- 382, jul. 2017.
- BRAGA, Maria Luiza; KATO, Mary A.; MIOTO, Carlos. As construções -Q no Português Brasileiro falado. *In: KATO, Mary A., Milton do NASCIMENTO, Milton do (org.). Gramática do português culto falado no Brasil.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- CORRÊA, L.; AUGUSTO, M.; MARCILESE, M. Competing analyses and differential cost in the production of non-subject relative clauses. *Glossa: a journal of general linguistics*, v. 3, n. 1, p. 62, 2018. Disponível em: <https://www.glossa-journal.org/articles/10.5334/gjgl.401/>; <https://doi.org/10.5334/gjgl.401>. Acesso em: out. 2021.
- FLORUPI, Simone; NUNES, Jairo. Movement and resumption in null possessor constructions in Brazilian Portuguese. *In: NUNES, Jairo (org.). Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax.* Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2009. p. 51-68.
- GALLEGO, Ángel. Parameters. *In: BOECKX, Cedric. (org.). The Oxford handbook of linguistic minimalism.* Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 523-550. Disponível em: <http://bit.ly/2h13DYL>. Acesso em: out. 2020.
- GROLLA, Elaine. Resumptive pronouns as last resort: Implications for language acquisition. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 11, n. 1, 2005. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/pwpl/vol11/iss1/7>. Acesso em: out. 2020.
- GROLLA, E.; AUGUSTO, M.; RODRIGUES, E. O desenvolvimento das orações relativas em português brasileiro: dados de produção. *In: MEDEIROS JUNIOR, Paulo; GUESSER, Simone; LUNGUINHO, Marcus Vinicius; VICENTE, Helena Guerra (org.). Relativização e clivagem no PB: sintaxe, aquisição, diacronia e experimentação.* 1. ed. São Paulo: Editora Pontes, 2020. p. 107-148.
- HAN, C.; *et al.* Processing strategies and resumptive pronouns in English. *In: WES COAST CONFERENCE ON FORMAL LINGUISTICS*, 30., 2012, Santa Cruz, California. *Proceedings...* Santa Cruz: University of California, 2012. p.153-261.
- HERRMANN, Tanja. *Relative clauses in dialects of English: a typological approach.* 2003. 249 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filologia, Universidade Albert-Ludwigs, 2003.
- HOFMEISTER, Philip; NORCLIFFE, Elisabeth. *Does resumption facilitate sentence comprehension? In book: the core and the periphery: data-driven perspectives on syntax inspired by Ivan A. [S.l.]: SagPublisher: CSLI Publications* Editors: Philip Hofmeister and Elisabeth Norcliffe, 2014.
- KATO, Mary A.; NUNES, Jairo. Uma análise unificada dos três tipos de relativas restritivas do Português Brasileiro. *Web-Revista SOCIODIALETO*, UEMS, Campo Grande, v. 4, n. 12, p. 575-590, 2014.

KEFFALA, B. Resumption and gaps in English relative clauses: Relative acceptability creates an illusion of ‘saving’. *In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY*, 37., 2013. *Proceedings...* [S.l.: s.n., 2013]. p. 140-154.

KENEDY, Eduardo. *Estruturas sintáticas de orações relativas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense: Faper, 2014.

LESSA DE OLIVEIRA, A relativa resumptiva em dois momentos do Português Brasileiro. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 6, p. 61-84, 2009.

MAGALHÃES, Telma; MARCELINO, Marcello. Contribuições das Pesquisas em Aquisição para o Ensino de Clíticos do Português. *In: RECH, Núbia Ferreira; GUESSER, Simone (org.). Morfologia, Sintaxe e Semântica na Educação Básica*. 1. ed. Campinas, SP : Pontes Editores, 2021. p. 93-132.

MCDANIEL, D.; COWART, W. Experimental evidence for a minimalist account of English resumptive pronouns. *Cognition*, v. 70, n. 2, 1999 Mar 1. B15-24. doi: 10.1016/s0010-0277(99)00006-2. PMID: 10349764.

MCKEE, Cecile; MCDANIEL, Dana. Resumptive Pronouns in English Relative Clauses. *Language Acquisition*, v. 9, p. 113-156, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1207/S15327817LA0902_01. Acesso em: out. 2020.

MELTZER-ASSCHER, A. Resumptive Pronouns in Language Comprehension and Production. *Annual Review of Linguistics*, v. 7, p. 177-194, 2021.

MOLLICA, M. C. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. 1977. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro , 1997.

MOLLICA, M. C. Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo. *In: PAIVA, M.; DUARTE, M. (org.). Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 129-138.

OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca; FONTOURA, Bruna Rodrigues; SOUZA, Ricardo Augusto de. The challenges imposed by L2 inflectional morphology: evidence from speeded acceptability judgment tasks with Brazilian Portuguese-English bilinguals. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v.24, n.1, 2020. E-ISSN: 1982-2243.

RAMOS, J. de O. *Descrição das estratégias relativas no português de Belo Horizonte: uma abordagem variacionista*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2015.

SILVA, B.G.S.G.; LOPES, C.R.S.L. O papel da frequência na gramaticalização do que: análise das estratégias de relativização no português do Brasil. *Veredas*, Juiz de Fora, p. 80-100, 2007. ISSN 1982-2243.

SILVA, Hosana dos Santos. Aprendizagem e uso das relativas convencionais. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 6, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2009.v6n0a3895>. Acesso em: out. 2020.

SIQUEIRA, Maity; GIL, Maitê; MELO, Tamara. Contribuições para a elaboração de testes psicolinguísticos: construção de uma lista de sentenças. *Gragoatá*, Niterói, n. 29, p. 127-145, 2. sem. 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/144059>. Acesso em: out. 2020.

SLABAKOVA, Roumyana. *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

SOLAIMANI, Ehsan; MYLES, Florence; LAWYER, Laurel. Testing the interpretability hypothesis: evidence from acceptability judgments of relative clauses by Persian and French learners of L2 English. SAGE. Disponível em: sagepub.com/journals-permissions DOI: 10.1177/02676583231162783 journals.sagepub.com/home/slr. Acesso em: out. 2020

SQUIRES, L. Processing Grammatical Differences: Perceiving versus Noticing. In: BABEL, A. (ed.). *Awareness and control in sociolinguistic research*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 80-103. Disponível em: [doi:10.1017/CBO9781139680448.006](https://doi.org/10.1017/CBO9781139680448.006). Acesso em: out. 2020

UCHÔA, Danielle Novais. *A compreensão de orações relativas com pronomes resumptivos no Português do Brasil*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Faculdade de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro. 2019.

VICENTE, Luis. (2004). *Move!* A minimalist theory of construal: Hornstein, Norbert (2001). Malden, Mass, USA: Oxford: Blackwell Publishers, 2001. 248 p. (Generative Syntax series, v. 5). *Lingua.*, n. 114, p. 635–644, 2004. Disponível em: [doi:10.1016/S0024-3841\(03\)00046-9](https://doi.org/10.1016/S0024-3841(03)00046-9). Acesso em: out. 2020.

APÊNDICE A - Sentenças para Teste de Julgamento (PB) no Google Forms

Julgue as sentenças a seguir em uma escala de 1 a 4:

1 - totalmente em desacordo com a norma culta da língua;

2- marginalmente em desacordo com a norma culta da língua;

3- não totalmente de acordo com a norma culta da língua;

4 - totalmente de acordo com a norma culta da língua.

1. Meu filho encontrou o vizinho que a filha dele é cientista.
2. A madrinha da minha irmã visitou um lugar do Japão que a paisagem dele é muito diferente.
3. Nunca mais ouvi falar do menino cujo pai sonhava que ele fosse jogador de futebol.
4. Meu tio se mudou para um sítio do interior cujo modo de vida é bem pacato.
5. É muito reconfortante conhecer alguém que a família oferece bastante suporte.
6. Encontrei o estilo de música que o ritmo é empolgante.
7. Semana passada, visitei um amigo que eu admiro a filha batalhadora dele.
8. Ontem, na sala dos professores, comentamos sobre o desvio de dinheiro na educação que todo mundo conhecia a origem dele.
9. Você já falou com a cliente cujo pai você encontrou na saída do shopping?
10. É comum viajarmos para o país cuja cultura curtimos por ser muito diferente da nossa.
11. Devemos conversar com o funcionário que todo mundo observa a assistente.
12. Vi o documentário que meu amigo citou o trailer.
13. A secretária me apresentou ao estagiário que eu devo responder ao patrão dele.
14. Minha avó encontrou o mapa que ela se baseava no desenho dele para localizar a fazenda.
15. Assisti ao palestrante de cuja equipe de trabalho eu discordo.
16. Meu orientador trabalha com um projeto com cuja linha eu simpatizo.
17. Minha professora chamou o aluno que ela precisava da mãe na reunião.
18. Meu marido me chamou pro show que eu nem lembrava do cantor.

Distratoras para Teste de Julgamento (PB) no Google Forms

- 1) Aprendi a dançar com o professor que ele trabalha naquela academia do centro.
- 2) Minha amiga está apaixonada pelo rapaz que ele tem uma empresa de refrigeradores.
- 3) Helena apresentou seu primo que mora no interior.
- 4) Semana passada, meu pai viajou para o local que é famoso pelo chocolate.

- 5) Patrick trouxe o bolo que tinha cobertura de chocolate e de doce de leite.
- 6) Meu tio comprou um eletrodoméstico que ele não funciona direito.
- 7) Quando foi à galeria, Joana procurou pelo artista que seu pai recomendou ele.
- 8) Meu aluno falou do colega que ele encontrou na festa ontem.
- 9) Paulo viu o ator que todo mundo idolatra ele.
- 10) Cesar cortou o cabelo no salão que seu pai indicou ele.
- 11) Minha cunhada aceitou o conselho que eu dei para o casamento dela.
- 12) Nunca consegui acabar o livro que você me deu.
- 13) A turma defendeu o palestrante com o qual todos concordavam.
- 14) Esse é o tipo de homem que eu sempre duvido dele.
- 15) Quando vi a fofoca, lembrei do sertanejo sobre o qual todo mundo está falando na Internet.
- 16) Minha vida ficou mais tranquila no lugar que vivo agora.
- 17) Meu namorado me obrigou a assistir ao filme que não gosto dele.
- 18) Esse é o comando o qual devemos obedecer.

APÊNDICE B - Sentenças para Teste de Julgamento (Inglês) no Google Forms

Judge the following sentences in a scale from 1 to 4:

1 - total disagreement with standard English;

2 - marginal disagreement with standard English;

3 - not total agreement with standard English;

4 - total agreement with standard English.

1. My son works with a woman that her mother is my friend from High School.
2. My husband's nephew asked for a bike that its color is blue and white.
3. Mathew has a new neighbour whose favourite band is Iron Maiden.
4. Louis bought an apartment whose size is bigger than his previous one.
5. My grandmother lives with a cat that the hobby is to sleep all day long.
6. Chris needs a computer that the system accepts tools from Microsoft Office.
7. The firefighters found the cat that his life everybody was trying to save.
8. My friend is looking for the restaurant that its food I suggested.
9. Julien needs to find another partner like Paul whose family she trusted.
10. Some people don't believe politicians whose projects they didn't discuss.
11. The actor talked to the director that the assistant he loved.
12. My brother travelled to the hotel that the view he enjoyed.
13. Teachers are worried about students that their families don't give attention to.
14. The CEO of the company hired a man that his abilities she can rely on.
15. I don't like to travel with children whose parents they depend too much on.
16. Anitta is a Brazilian singer whose songs many people listen to.
17. The school principal called the student that the mother he talked to.
18. I found the paper that the instructions everybody was interested in.

Distractoras para Teste de Julgamento (Inglês) no Google Forms

- 1) I looked for the student that had problems during the semester.
- 2) My class likes having classes with the teacher who is new at the school.
- 3) Nobody know how to deal with the kid who doesn't stop screaming.
- 4) Joshua wants to find a job that offers a high salary.
- 5) Mary went to the supermarket that is near her house.
- 6) I don't know where to buy the tool that I need at work.

- 7) It's important to carefully observe the person which you will marry.
- 8) My uncle invited me to go to the party of a girl that I haven't met yet.
- 9) Cameron tried to call the friend that she made during the trip.
- 10) Brazil suffer from the financial crisis that the government caused.
- 11) Jack is the perfect person for the role who the film diretor wants.
- 12) Her cousin visited the cafeteria who I mentioned.
- 13) This is the car that rich people grab about.
- 14) I would like to live in a small city where I've always dreamed of.
- 15) This is the baby that I'll take care of in my part-time job.
- 16) I follow a religion that most of my family believe in.
- 17) Alex studied in a school where I've never heard about.
- 18) This is the mirror that everybody look at because it's big.

APÊNDICE C - Sentenças para Teste de Produção Escrita (PB)

Construa um período, juntando as duas orações apresentadas, sem fazer nenhuma modificação na primeira oração, conforme o modelo dado.

Veja alguns modelos a seguir (embora algumas outras alternativas também sejam possíveis):

Modelos:

- a) Eu encontrei a menina. A menina estava esperando na entrada da biblioteca.
Eu encontrei a menina que estava esperando na entrada da biblioteca.
 - b) Pedro adora os amigos. Sua esposa convida seus amigos para reuniões na casa deles.
Pedro adora os amigos que sua esposa convida para reuniões na casa deles.
 - c) Maria comprou dois livros. Sua irmã leu sobre os dois livros no Caderno de Literatura do jornal.
Maria comprou dois livros sobre os quais sua irmã leu no Caderno de Literatura do jornal.
1. Rodrigo comprou um caderno. As divisórias do caderno ajudam na sua organização.
Rodrigo comprou um caderno
 2. Não me lembro de ouvir essa música. O cantor dessa música morreu.
Não me lembro de ouvir essa música
 3. Ninguém soube dizer o nome da vítima. O carro da vítima ficou destruído.
Ninguém soube dizer o nome da vítima
 4. Joana leu um artigo. Joana desconhece os autores do artigo.
Joana leu um artigo
 5. Cíntia encontrou um primo. Cíntia não conhecia a família do primo.
Cíntia encontrou um primo
 6. Paulo comprou uma máquina de lavar super moderna. Paulo não entende as funções da máquina de lavar.
Paulo comprou uma máquina de lavar super moderna
 7. Comecei a namorar um rapaz. Posso confiar na sinceridade do rapaz.
Comecei a namorar um rapaz
 8. Minha amiga viajou para um país. Ela ouviu muito falar das belezas naturais do país.
Minha amiga viajou para um país
 9. Mudei-me para uma cidade. Tenho admiração pelos pontos turísticos da cidade.
Mudei-me para uma cidade

Distratoras para Teste de Produção Escrita (PB)

1. Os turistas visitaram o local. O local era o mais famoso da região.
Os turistas visitaram o local
2. Adriana gosta de jantar no restaurante. O restaurante fica no centro da cidade.
Adriana gosta de jantar no restaurante
3. Os meninos encontraram o técnico de futebol. O técnico de futebol os ajudaria no campeonato.
Os meninos encontraram o técnico de futebol
4. A prefeitura não se responsabilizou pela obra. A obra causou transtornos aos moradores.
A prefeitura não se responsabilizou pela obra
5. Carlos não gosta da funcionária. A funcionária chega atrasada sempre.
Carlos não gosta da funcionária
6. Encontrei o problema. Você relatou o problema na semana passada.
Encontrei o problema
7. O chefe descobriu uma mentira. A secretária havia contado a mentira.
O chefe descobriu uma mentira
8. A sociedade precisa cobrar os direitos. Os governantes prometeram os direitos.
A sociedade precisa cobrar os direitos
9. Minha mãe pediu para fazer unha com a manicure. Você recomendou a manicure.
Minha mãe pediu para fazer unha com a manicure
10. Ninguém ouviu falar do autor do livro. A professora citou o autor do livro.
Ninguém ouviu falar do autor do livro

APÊNDICE D - Sentenças para Teste de Produção Escrita (Inglês)

Create a sentence, joining the two given clauses, without making any changes to the first clause, following the given model.

Check some examples below (although other alternatives are also possible).

Models:

- a) My family met my friend. My friend studies with me at university.
My family met my friend who studies with me at university.
- b) The students were protesting about the food at school. The students hate the food at school.
The students were protesting about the food at school that they hate.
- c) Susan bought the book. Susan's classmates were talking about the book.
Susan bought the book which her classmates were talking about.
1. Kelly discovered a waterfall. The temperature of the waterfall is not that cold.
Kelly discovered a waterfall
2. I don't know many people here. The nationality of these people is different from mine.
I don't know many people here
3. I met a girl. The job of this girl is focused on kids with special needs.
I met a girl
4. My classmate doesn't know the rock band. I admire the lead singer of the band a lot.
My classmate doesn't know the rock band
5. Jhonny visited a museum. Jhonny loved the paintings of the museum.
Jhonny visited a museum
6. The school principal observed the students. The coordinator doesn't like the teacher of the students.
The school principal observed the students
7. There was a meeting at the company. Everybody worries about the CEO of the company.
There was a meeting at the company
8. We found the book. Everybody was talking about the cover of the book.
We found the book
9. My nephew started at a new office. I have worked for the office's boss.
My nephew started at a new office

Distratoras para Teste de Produção Escrita (Inglês)

1. The guests arrived at the hotel. The hotel is near the beach.
The guests arrived at the hotel
2. There is a new campaign on Instagram. The new campaign is very polemic.
There is a new campaign on Instagram
3. I didn't like the new employee. The new employee started this week.
I didn't like the new employee
4. The company organized an event. The event was a success.
The company organized an event
5. My friend bought a new car for his grandparents. His grandparents moved to a new city.
My friend bought a new car for his grandparents
6. Chris is worried about the deadline. Chris has to follow the deadline.
Chris is worried about the deadline
7. After the scandal, nobody saw the boss. The director fired the boss.
After the scandal, nobody saw the boss
8. This is the new cell phone. Everybody wants the new cell phone.
This is the new cell phone
9. My daughter is having ballet classes with the teacher. My niece loves the teacher.
My daughter is having ballet classes with the teacher
10. I prefer to have dinner with my friend. I visited my friend last summer.
I prefer to have dinner with my friend

APÊNDICE E - Slides para Teste de Produção Oral (PB)

Teste com imagens

1

2 Quem você viu?
Quê é aquilo...
Aluno 1 = médico
Aluno 2 = está no Brasil há dois anos

3 Qual o seu livro favorito?
Meu livro favorito é aquele...
Livro 1 = minha mãe me deu
Livro 2 = meu pai me deu

4 Qual shopping você prefere?
Eu prefiro o shopping...
Shopping 1 = tem várias opções
Shopping 2 = tem poucas opções

5 Quem você encontrou?
Encontrei a minha...
Minha 1 = a minha mãe assando
Minha 2 = a minha mãe cozinhando

6 Qual cantor você admira?
Eu admiro o cantor...
Cantor 1 = está em uma banda
Cantor 2 = está em uma banda de rock

7 Qual como você comprou?
Comprei o carro...
Carro 1 = não soube mencionar o fabricante
Carro 2 = soube mencionar o fabricante

8 Qual comida você experimentou?
Eu experimentei a comida...
Comida 1 = é japonesa
Comida 2 = é italiana

9 Para quem sua mãe ligou?
Minha mãe ligou para o médico...
Médico 1 = recebeu não manuscrito
Médico 2 = recebeu não digital

10 Com que fio você falou ao telefone?
Falei com a fio...
Fio 1 = trabalha na Petrobras
Fio 2 = trabalha na Petrobras

11 Que parente Maria conheceu?
Maria conheceu o parente...
Parente 1 = mora na Itália
Parente 2 = mora em Itália, Itália

12 Qual loja você descobriu?
Descobri uma loja...
Loja 1 = eu soube nos produtos
Loja 2 = eu não soube nos produtos

13 Qual personagem da série você desistiu?
Eu desisti do personagem...
Personagem 1 = tem super poderes
Personagem 2 = tem uma capa

14 Qual casa seus pais acharam?
Meus pais acharam uma casa...
Casa 1 = arquitetura é clássica
Casa 2 = arquitetura é moderna

15 Qual funcionário o chefe promoveu?
O chefe promoveu o funcionário...
Funcionário 1 = trabalha no RH
Funcionário 2 = trabalha no Marketing

16 Com que tipo de pessoas você se envolve?
Me envolvo com pessoas...
Grupo de pessoas 1 = eu conheço as histórias limitadas
Grupo de pessoas 2 = eu não conheço as histórias limitadas

17 Qual bicho de estimação as pessoas preferem?
As pessoas preferem o bicho de estimação...
Bicho 1 = é invertebrado
Bicho 2 = é mamífero

18 Que lugares de Paris Helena visitou?
Helena visitou os lugares...
Grupo de lugares 1 = são mais turísticos
Grupo de lugares 2 = são menos turísticos

19 Quem seu primo conheceu?
Meu primo conheceu um garoto...
Garoto 1 = tem primo conhecido com a identidade
Garoto 2 = tem primo não conhecido com a identidade

20 Qual escritor apareceu no evento?
Apareceu no evento o escritor...
Escritor 1 = recebeu um prêmio
Escritor 2 = recebeu um prêmio

21 Sobre qual roupa você comentou?
Comentei sobre a roupa...
Roupa 1 = é camiseta e jeans
Roupa 2 = eu não conheço a roupa

22 Qual programa de TV é mais famoso no Brasil?
O programa de TV mais famoso no Brasil é aquele...
Programa 1 = passa no Globo
Programa 2 = passa no SBT

23 A solicitação de qual aluno você atendeu?
Atendi a solicitação do aluno...
Aluno 1 = o aluno vai ter 2 meses
Aluno 2 = o aluno não tem 2 meses

24 Qual aluno o diretor mencionou?
O diretor mencionou o aluno...
Aluno 1 = está sempre atrasado
Aluno 2 = não está sempre atrasado

25 De qual ponto turístico sua família tirou fotos?
Minha família tirou fotos do ponto turístico...
Ponto turístico 1 = fica no mar
Ponto turístico 2 = fica na praia

26 Qual filme você assistiu?
Assisti ao filme...
Filme 1 = eu assisti com os amigos
Filme 2 = eu não assisti com os amigos

27 Qual sanduíche seu irmão pediu?
Meu irmão pediu o sanduíche...
Sanduíche 1 = tem carne
Sanduíche 2 = tem frango

28 Em quem precisamos votar?
Precisamos votar em um político...
Político 1 = podemos votar no político
Político 2 = não podemos votar no político

29 Qual celebração eles organizaram?
Eles organizaram a celebração...
Celebração 1 = acontece em abril
Celebração 2 = acontece em Setembro

30 Para qual candidato você ligou?
Liguei para o candidato...
Candidato 1 = eu preciso do candidato
Candidato 2 = eu não preciso do candidato

APÊNDICE F - Slides para Teste de Produção Oral (Inglês)

Test with images

1

2 Which grandma did you visit?
We visited my grandmas.
Grandma 1 = lives in London
Grandma 2 = lives in Las Vegas

3 Who is your favourite actor?
My favourite actor is the one...
Actor 1 = acts in The Matrix
Actor 2 = acts in Spider-Man

4 What's your favourite decoration style?
My favourite decoration style is the one...
Style 1 = has clean elements
Style 2 = has modern elements

5 What did you see?
I saw the TV series...
TV series 1 = The Crown on Amazon
TV series 2 = The Crown on Netflix

6 Which friend did your sister see at the cinema?
She saw the friend...
Friend 1 = has a car
Friend 2 = has a motorcycle

7 Which neighbour did you meet?
I met the neighbour...
Neighbour 1 = apartment is on the 1st floor
Neighbour 2 = apartment is on the 2nd floor

8 What kind of food do your kids eat?
My kids eat food...
Food 1 = has lots of fruit
Food 2 = has a lot of fat

9 Which cell phone did your boyfriend buy?
My boyfriend bought the cell phone...
Cell phone 1 = the brand is Apple
Cell phone 2 = the brand is Samsung

10 Which film did the professor recommend?
The professor recommended the film...
Film 1 = is based on a true story
Film 2 = is not based on a true story

11 Which strategy did Claire suggest?
Claire suggested the strategy...
Strategy 1 = has a bigger impact on an audience
Strategy 2 = has a bigger impact on an audience

12 Which cousin do you prefer?
I prefer the cousin...
Cousin 1 = The parents are young
Cousin 2 = The parents are old

13 Who does this backpack belong to?
This backpack belongs to the girl...
Girl 1 = has long hair
Girl 2 = has short hair

14 Who is your best friend?
My best friend is the one...
Best friend 1 = has a book on his shelf
Best friend 2 = isn't a reader

15 Who was the presenter of the programme?
The presenter of the programme was the one...
Presenter 1 = took part in Big Brother
Presenter 2 = took part in 90 Day Fiance

16 What's the most useful invention?
The most useful invention is the one...
Invention 1 = I need the book all the time
Invention 2 = I don't need the book all the time

17 Where did you find the keys?
I found the keys on the table...
Table 1 = is near the door
Table 2 = is next to the bed

18 How would you describe your mother-in-law?
My mother-in-law is a person...
Person 1 = needs a lot of attention
Person 2 = needs her own space

19 Which co-worker do you trust in the company?
I trust the co-worker...
Co-worker 1 = I trust the co-worker's skills
Co-worker 2 = I don't trust the co-worker's skills

20 Which laptop did the thief steal?
The thief stole the laptop...
Laptop 1 = belongs to Steve
Laptop 2 = belongs to Steve

21 Which software did you study?
I studied the software...
Software 1 = is online the software's interface
Software 2 = isn't online the software's interface

22 Which camera is it?
It's the camera...
Camera 1 = costs a fortune
Camera 2 = is cheap

23 Which candidate did our boss hire for the position?
Our boss hired the candidate...
Candidate 1 = He couldn't say on the candidate's skills
Candidate 2 = He couldn't say on the candidate's skills

24 Which neighbourhood did you move to?
I moved to the neighbourhood...
Neighbourhood 1 = is near my job
Neighbourhood 2 = isn't near my job

25 Who is your favourite philosopher?
My favourite philosopher is the one...
Philosopher 1 = talks about tolerance
Philosopher 2 = talks about tolerance

26 Which article did you write about?
I wrote about the article...
Article 1 = I agree with this article's author
Article 2 = I don't agree with the article's author

27 Which classmate is pregnant?
It's the one...
Classmate 1 = is pregnant almost for 2 years
Classmate 2 = is pregnant almost for 2 years

28 Which book did you sell?
I sold the book...
Book 1 = Harry Potter was mentioned in the book's story
Book 2 = Harry Potter was mentioned in the book's story

29 Which part of the family did you invite for your birthday party?
I invited the part of the family...
Part of the family 1 = participates in my party too
Part of the family 2 = doesn't participate in my party too

30 Which politician did you choose?
I chose the politician...
Politician 1 = voted for the politician's daughter
Politician 2 = voted for the politician's son

APÊNDICE G - Dados estatísticos completos da comparação entre pares – Programa R (PB)

comp.modGRUPOTIPOFUNCAO

contrast	estimate	SE	df	z.ratio	p.value
BILPB CORT OBL - PB L1 CORT OBL	0.0083	0.587	Inf	0.014	0.9887
BILPB CORT OBL - BILPB PAD OBL	-0.4092	0.536	Inf	-0.764	0.4450
BILPB CORT OBL - PB L1 PAD OBL	-0.3473	0.648	Inf	-0.536	0.5923
BILPB CORT OBL - BILPB RES OBL	1.2107	0.531	Inf	2.278	0.0227
BILPB CORT OBL - PB L1 RES OBL	0.1781	0.646	Inf	0.275	0.7829
BILPB CORT OBL - BILPB CORT OD	0.2270	0.524	Inf	0.433	0.6648
BILPB CORT OBL - PB L1 CORT OD	0.0627	0.631	Inf	0.099	0.9209
BILPB CORT OBL - BILPB PAD OD	-3.1288	0.607	Inf	-5.154	<.0001
BILPB CORT OBL - PB L1 PAD OD	-1.6013	0.652	Inf	-2.456	0.0141
BILPB CORT OBL - BILPB RES OD	0.9301	0.523	Inf	1.778	0.0754
BILPB CORT OBL - PB L1 RES OD	-0.2421	0.640	Inf	-0.378	0.7051
BILPB CORT OBL - BILPB CORT SUJ	-1.3287	0.526	Inf	-2.524	0.0116
BILPB CORT OBL - PB L1 CORT SUJ	-1.3975	0.636	Inf	-2.198	0.0280
BILPB CORT OBL - BILPB PAD SUJ	-2.8582	0.587	Inf	-4.873	<.0001
BILPB CORT OBL - PB L1 PAD SUJ	-1.5627	0.647	Inf	-2.415	0.0157
BILPB CORT OBL - BILPB RES SUJ	0.1639	0.516	Inf	0.318	0.7508
BILPB CORT OBL - PB L1 RES SUJ	-0.1484	0.625	Inf	-0.238	0.8122
PB L1 CORT OBL - BILPB PAD OBL	-0.4175	0.651	Inf	-0.642	0.5212
PB L1 CORT OBL - PB L1 PAD OBL	-0.3556	0.553	Inf	-0.643	0.5204
PB L1 CORT OBL - BILPB RES OBL	1.2024	0.648	Inf	1.856	0.0635
PB L1 CORT OBL - PB L1 RES OBL	0.1698	0.551	Inf	0.308	0.7580
PB L1 CORT OBL - BILPB CORT OD	0.2187	0.641	Inf	0.341	0.7329
PB L1 CORT OBL - PB L1 CORT OD	0.0544	0.532	Inf	0.102	0.9186
PB L1 CORT OBL - BILPB PAD OD	-3.1371	0.709	Inf	-4.424	<.0001
PB L1 CORT OBL - PB L1 PAD OD	-1.6096	0.558	Inf	-2.885	0.0039
PB L1 CORT OBL - BILPB RES OD	0.9218	0.641	Inf	1.437	0.1506
PB L1 CORT OBL - PB L1 RES OD	-0.2504	0.543	Inf	-0.461	0.6445
PB L1 CORT OBL - BILPB CORT SUJ	-1.3370	0.642	Inf	-2.084	0.0372
PB L1 CORT OBL - PB L1 CORT SUJ	-1.4058	0.539	Inf	-2.610	0.0091
PB L1 CORT OBL - BILPB PAD SUJ	-2.8665	0.691	Inf	-4.148	<.0001
PB L1 CORT OBL - PB L1 PAD SUJ	-1.5710	0.552	Inf	-2.849	0.0044
PB L1 CORT OBL - BILPB RES SUJ	0.1556	0.635	Inf	0.245	0.8064
PB L1 CORT OBL - PB L1 RES SUJ	-0.1567	0.525	Inf	-0.298	0.7654
BILPB PAD OBL - PB L1 PAD OBL	0.0620	0.621	Inf	0.100	0.9205
BILPB PAD OBL - BILPB RES OBL	1.6199	0.554	Inf	2.925	0.0034
BILPB PAD OBL - PB L1 RES OBL	0.5873	0.664	Inf	0.885	0.3762
BILPB PAD OBL - BILPB CORT OD	0.6362	0.545	Inf	1.167	0.2434
BILPB PAD OBL - PB L1 CORT OD	0.4719	0.649	Inf	0.727	0.4671
BILPB PAD OBL - BILPB PAD OD	-2.7196	0.623	Inf	-4.368	<.0001
BILPB PAD OBL - PB L1 PAD OD	-1.1921	0.668	Inf	-1.785	0.0742
BILPB PAD OBL - BILPB RES OD	1.3393	0.546	Inf	2.455	0.0141
BILPB PAD OBL - PB L1 RES OD	0.1672	0.657	Inf	0.255	0.7991
BILPB PAD OBL - BILPB CORT SUJ	-0.9195	0.546	Inf	-1.684	0.0922
BILPB PAD OBL - PB L1 CORT SUJ	-0.9883	0.652	Inf	-1.515	0.1297
BILPB PAD OBL - BILPB PAD SUJ	-2.4489	0.603	Inf	-4.065	<.0001
BILPB PAD OBL - PB L1 PAD SUJ	-1.1535	0.663	Inf	-1.740	0.0818
BILPB PAD OBL - BILPB RES SUJ	0.5731	0.538	Inf	1.066	0.2864
BILPB PAD OBL - PB L1 RES SUJ	0.2608	0.642	Inf	0.406	0.6848
PB L1 PAD OBL - BILPB RES OBL	1.5579	0.664	Inf	2.346	0.0190
PB L1 PAD OBL - PB L1 RES OBL	0.5253	0.569	Inf	0.924	0.3555
PB L1 PAD OBL - BILPB CORT OD	0.5743	0.656	Inf	0.875	0.3814
PB L1 PAD OBL - PB L1 CORT OD	0.4099	0.551	Inf	0.744	0.4566
PB L1 PAD OBL - BILPB PAD OD	-2.7815	0.720	Inf	-3.865	0.0001
PB L1 PAD OBL - PB L1 PAD OD	-1.2540	0.572	Inf	-2.194	0.0282
PB L1 PAD OBL - BILPB RES OD	1.2774	0.657	Inf	1.944	0.0519
PB L1 PAD OBL - PB L1 RES OD	0.1052	0.561	Inf	0.188	0.8512
PB L1 PAD OBL - BILPB CORT SUJ	-0.9814	0.655	Inf	-1.498	0.1340
PB L1 PAD OBL - PB L1 CORT SUJ	-1.0502	0.555	Inf	-1.893	0.0584
PB L1 PAD OBL - BILPB PAD SUJ	-2.5109	0.702	Inf	-3.576	0.0003
PB L1 PAD OBL - PB L1 PAD SUJ	-1.2154	0.566	Inf	-2.147	0.0318
PB L1 PAD OBL - BILPB RES SUJ	0.5111	0.650	Inf	0.787	0.4315
PB L1 PAD OBL - PB L1 RES SUJ	0.1988	0.543	Inf	0.366	0.7144
BILPB RES OBL - PB L1 RES OBL	-1.0326	0.615	Inf	-1.678	0.0933
BILPB RES OBL - BILPB CORT OD	-0.9837	0.540	Inf	-1.823	0.0683
BILPB RES OBL - PB L1 CORT OD	-1.1480	0.646	Inf	-1.778	0.0754

BILPB RES OBL - BILPB PAD OD	-4.3395	0.630	Inf	-6.888	<.0001
BILPB RES OBL - PB L1 PAD OD	-2.8120	0.670	Inf	-4.195	<.0001
BILPB RES OBL - BILPB RES OD	-0.2806	0.537	Inf	-0.523	0.6010
BILPB RES OBL - PB L1 RES OD	-1.4527	0.654	Inf	-2.220	0.0264
BILPB RES OBL - BILPB CORT SUJ	-2.5394	0.548	Inf	-4.634	<.0001
BILPB RES OBL - PB L1 CORT SUJ	-2.6082	0.654	Inf	-3.986	0.0001
BILPB RES OBL - BILPB PAD SUJ	-4.0688	0.610	Inf	-6.675	<.0001
BILPB RES OBL - PB L1 PAD SUJ	-2.7734	0.666	Inf	-4.167	<.0001
BILPB RES OBL - BILPB RES SUJ	-1.0468	0.533	Inf	-1.964	0.0496
BILPB RES OBL - PB L1 RES SUJ	-1.3591	0.640	Inf	-2.123	0.0338
PB L1 RES OBL - BILPB CORT OD	0.0489	0.654	Inf	0.075	0.9403
PB L1 RES OBL - PB L1 CORT OD	-0.1154	0.548	Inf	-0.210	0.8334
PB L1 RES OBL - BILPB PAD OD	-3.3069	0.722	Inf	-4.579	<.0001
PB L1 RES OBL - PB L1 PAD OD	-1.7794	0.573	Inf	-3.107	0.0019
PB L1 RES OBL - BILPB RES OD	0.7521	0.653	Inf	1.151	0.2497
PB L1 RES OBL - PB L1 RES OD	-0.4201	0.558	Inf	-0.753	0.4515
PB L1 RES OBL - BILPB CORT SUJ	-1.5068	0.656	Inf	-2.299	0.0215
PB L1 RES OBL - PB L1 CORT SUJ	-1.5756	0.554	Inf	-2.842	0.0045
PB L1 RES OBL - BILPB PAD SUJ	-3.0362	0.705	Inf	-4.310	<.0001
PB L1 RES OBL - PB L1 PAD SUJ	-1.7407	0.567	Inf	-3.072	0.0021
PB L1 RES OBL - BILPB RES SUJ	-0.0142	0.648	Inf	-0.022	0.9825
PB L1 RES OBL - PB L1 RES SUJ	-0.3265	0.541	Inf	-0.603	0.5464
BILPB CORT OD - PB L1 CORT OD	-0.1643	0.592	Inf	-0.278	0.7813
BILPB CORT OD - BILPB PAD OD	-3.3558	0.616	Inf	-5.445	<.0001
BILPB CORT OD - PB L1 PAD OD	-1.8283	0.660	Inf	-2.769	0.0056
BILPB CORT OD - BILPB RES OD	0.7031	0.532	Inf	1.321	0.1864
BILPB CORT OD - PB L1 RES OD	-0.4690	0.647	Inf	-0.725	0.4686
BILPB CORT OD - BILPB CORT SUJ	-1.5557	0.536	Inf	-2.904	0.0037
BILPB CORT OD - PB L1 CORT SUJ	-1.6245	0.644	Inf	-2.521	0.0117
BILPB CORT OD - BILPB PAD SUJ	-3.0851	0.596	Inf	-5.179	<.0001
BILPB CORT OD - PB L1 PAD SUJ	-1.7897	0.655	Inf	-2.731	0.0063
BILPB CORT OD - BILPB RES SUJ	-0.0631	0.525	Inf	-0.120	0.9043
BILPB CORT OD - PB L1 RES SUJ	-0.3754	0.633	Inf	-0.593	0.5528
PB L1 CORT OD - BILPB PAD OD	-3.1915	0.708	Inf	-4.509	<.0001
PB L1 CORT OD - PB L1 PAD OD	-1.6640	0.556	Inf	-2.995	0.0027
PB L1 CORT OD - BILPB RES OD	0.8674	0.639	Inf	1.357	0.1747
PB L1 CORT OD - PB L1 RES OD	-0.3047	0.540	Inf	-0.565	0.5724
PB L1 CORT OD - BILPB CORT SUJ	-1.3914	0.640	Inf	-2.174	0.0297
PB L1 CORT OD - PB L1 CORT SUJ	-1.4602	0.536	Inf	-2.722	0.0065
PB L1 CORT OD - BILPB PAD SUJ	-2.9208	0.690	Inf	-4.235	<.0001
PB L1 CORT OD - PB L1 PAD SUJ	-1.6254	0.549	Inf	-2.959	0.0031
PB L1 CORT OD - BILPB RES SUJ	0.1012	0.633	Inf	0.160	0.8729
PB L1 CORT OD - PB L1 RES SUJ	-0.2111	0.522	Inf	-0.404	0.6861
BILPB PAD OD - PB L1 PAD OD	1.5275	0.676	Inf	2.260	0.0238
BILPB PAD OD - BILPB RES OD	4.0589	0.621	Inf	6.534	<.0001
BILPB PAD OD - PB L1 RES OD	2.8867	0.714	Inf	4.043	0.0001
BILPB PAD OD - BILPB CORT SUJ	1.8001	0.606	Inf	2.970	0.0030
BILPB PAD OD - PB L1 CORT SUJ	1.7313	0.703	Inf	2.462	0.0138
BILPB PAD OD - BILPB PAD SUJ	0.2706	0.649	Inf	0.417	0.6768
BILPB PAD OD - PB L1 PAD SUJ	1.5661	0.712	Inf	2.200	0.0278
BILPB PAD OD - BILPB RES SUJ	3.2927	0.609	Inf	5.404	<.0001
BILPB PAD OD - PB L1 RES SUJ	2.9804	0.701	Inf	4.254	<.0001
PB L1 PAD OD - BILPB RES OD	2.5314	0.663	Inf	3.819	0.0001
PB L1 PAD OD - PB L1 RES OD	1.3592	0.564	Inf	2.408	0.0160
PB L1 PAD OD - BILPB CORT SUJ	0.2726	0.655	Inf	0.416	0.6774
PB L1 PAD OD - PB L1 CORT SUJ	0.2038	0.554	Inf	0.368	0.7131
PB L1 PAD OD - BILPB PAD SUJ	-1.2569	0.699	Inf	-1.797	0.0723
PB L1 PAD OD - PB L1 PAD SUJ	0.0386	0.565	Inf	0.068	0.9455
PB L1 PAD OD - BILPB RES SUJ	1.7652	0.654	Inf	2.700	0.0069
PB L1 PAD OD - PB L1 RES SUJ	1.4529	0.547	Inf	2.654	0.0079
BILPB RES OD - PB L1 RES OD	-1.1722	0.603	Inf	-1.945	0.0517
BILPB RES OD - BILPB CORT SUJ	-2.2588	0.539	Inf	-4.191	<.0001
BILPB RES OD - PB L1 CORT SUJ	-2.3276	0.647	Inf	-3.600	0.0003
BILPB RES OD - BILPB PAD SUJ	-3.7883	0.601	Inf	-6.307	<.0001
BILPB RES OD - PB L1 PAD SUJ	-2.4928	0.658	Inf	-3.789	0.0002
BILPB RES OD - BILPB RES SUJ	-0.7662	0.525	Inf	-1.461	0.1441
BILPB RES OD - PB L1 RES SUJ	-1.0786	0.633	Inf	-1.703	0.0885
PB L1 RES OD - BILPB CORT SUJ	-1.0866	0.647	Inf	-1.678	0.0933
PB L1 RES OD - PB L1 CORT SUJ	-1.1554	0.545	Inf	-2.121	0.0339
PB L1 RES OD - BILPB PAD SUJ	-2.6161	0.696	Inf	-3.757	0.0002

PB L1 RES OD - PB L1 PAD SUJ	-1.3206	0.558	Inf	-2.367	0.0179
PB L1 RES OD - BILPB RES SUJ	0.4059	0.641	Inf	0.633	0.5264
PB L1 RES OD - PB L1 RES SUJ	0.0936	0.532	Inf	0.176	0.8603
BILPB CORT SUJ - PB L1 CORT SUJ	-0.0688	0.594	Inf	-0.116	0.9077
BILPB CORT SUJ - BILPB PAD SUJ	-1.5295	0.585	Inf	-2.613	0.0090
BILPB CORT SUJ - PB L1 PAD SUJ	-0.2340	0.650	Inf	-0.360	0.7188
BILPB CORT SUJ - BILPB RES SUJ	1.4926	0.527	Inf	2.830	0.0047
BILPB CORT SUJ - PB L1 RES SUJ	1.1802	0.633	Inf	1.865	0.0621
PB L1 CORT SUJ - BILPB PAD SUJ	-1.4607	0.685	Inf	-2.131	0.0331
PB L1 CORT SUJ - PB L1 PAD SUJ	-0.1652	0.547	Inf	-0.302	0.7628
PB L1 CORT SUJ - BILPB RES SUJ	1.5614	0.638	Inf	2.449	0.0143
PB L1 CORT SUJ - PB L1 RES SUJ	1.2490	0.528	Inf	2.367	0.0179
BILPB PAD SUJ - PB L1 PAD SUJ	1.2955	0.652	Inf	1.986	0.0470
BILPB PAD SUJ - BILPB RES SUJ	3.0220	0.588	Inf	5.136	<.0001
BILPB PAD SUJ - PB L1 RES SUJ	2.7097	0.682	Inf	3.971	0.0001
PB L1 PAD SUJ - BILPB RES SUJ	1.7266	0.649	Inf	2.662	0.0078
PB L1 PAD SUJ - PB L1 RES SUJ	1.4142	0.541	Inf	2.614	0.0089
BILPB RES SUJ - PB L1 RES SUJ	-0.3123	0.579	Inf	-0.539	0.5897

APÊNDICE H - Dados estatísticos completos da comparação entre pares – Programa R
(Inglês)

```
> comp.modGRUPOTIPOFUNCAO
contrast estimate SE df z.ratio p.value
BILING CORT OBL - ING L1 CORT OBL 1.23104 0.606 Inf 2.031 0.0422
BILING CORT OBL - BILING PAD OBL -2.54495 1.012 Inf -2.514 0.0119
BILING CORT OBL - ING L1 PAD OBL -2.28273 1.042 Inf -2.192 0.0284
BILING CORT OBL - BILING RES OBL -1.10747 0.987 Inf -1.121 0.2621
BILING CORT OBL - ING L1 RES OBL -0.28925 1.034 Inf -0.280 0.7796
BILING CORT OBL - BILING CORT OD 0.18563 0.998 Inf 0.186 0.8525
BILING CORT OBL - ING L1 CORT OD 0.84160 1.048 Inf 0.803 0.4219
BILING CORT OBL - BILING PAD OD -2.77093 1.003 Inf -2.763 0.0057
BILING CORT OBL - ING L1 PAD OD -1.62156 1.038 Inf -1.562 0.1182
BILING CORT OBL - BILING RES OD 0.43290 1.008 Inf 0.429 0.6676
BILING CORT OBL - ING L1 RES OD 0.53988 1.043 Inf 0.517 0.6048
BILING CORT OBL - BILING CORT SUJ -1.39093 1.001 Inf -1.389 0.1649
BILING CORT OBL - ING L1 CORT SUJ 0.26091 1.038 Inf 0.251 0.8015
BILING CORT OBL - BILING PAD SUJ -2.17926 1.026 Inf -2.125 0.0336
BILING CORT OBL - ING L1 PAD SUJ -2.41602 1.060 Inf -2.280 0.0226
BILING CORT OBL - BILING RES SUJ -1.11478 0.998 Inf -1.118 0.2638
BILING CORT OBL - ING L1 RES SUJ 0.10228 1.035 Inf 0.099 0.9213
ING L1 CORT OBL - BILING PAD OBL -3.77599 1.074 Inf -3.517 0.0004
ING L1 CORT OBL - ING L1 PAD OBL -3.51376 1.019 Inf -3.448 0.0006
ING L1 CORT OBL - BILING RES OBL -2.33850 1.049 Inf -2.229 0.0258
ING L1 CORT OBL - ING L1 RES OBL -1.52029 1.007 Inf -1.510 0.1312
ING L1 CORT OBL - BILING CORT OD -1.04541 1.057 Inf -0.989 0.3227
ING L1 CORT OBL - ING L1 CORT OD -0.38944 1.019 Inf -0.382 0.7024
ING L1 CORT OBL - BILING PAD OD -4.00196 1.065 Inf -3.757 0.0002
ING L1 CORT OBL - ING L1 PAD OD -2.85260 1.014 Inf -2.812 0.0049
ING L1 CORT OBL - BILING RES OD -0.79814 1.066 Inf -0.749 0.4539
ING L1 CORT OBL - ING L1 RES OD -0.69115 1.015 Inf -0.681 0.4961
ING L1 CORT OBL - BILING CORT SUJ -2.62196 1.063 Inf -2.467 0.0136
ING L1 CORT OBL - ING L1 CORT SUJ -0.97012 1.010 Inf -0.961 0.3367
ING L1 CORT OBL - BILING PAD SUJ -3.41029 1.087 Inf -3.138 0.0017
ING L1 CORT OBL - ING L1 PAD SUJ -3.64706 1.038 Inf -3.514 0.0004
ING L1 CORT OBL - BILING RES SUJ -2.34582 1.059 Inf -2.216 0.0267
ING L1 CORT OBL - ING L1 RES SUJ -1.12876 1.008 Inf -1.120 0.2629
BILING PAD OBL - ING L1 PAD OBL 0.26222 0.594 Inf 0.442 0.6588
BILING PAD OBL - BILING RES OBL 1.43749 1.000 Inf 1.437 0.1507
BILING PAD OBL - ING L1 RES OBL 2.25570 1.049 Inf 2.150 0.0315
BILING PAD OBL - BILING CORT OD 2.73058 1.015 Inf 2.690 0.0072
BILING PAD OBL - ING L1 CORT OD 3.38655 1.066 Inf 3.176 0.0015
BILING PAD OBL - BILING PAD OD -0.22598 1.008 Inf -0.224 0.8226
BILING PAD OBL - ING L1 PAD OD 0.92339 1.048 Inf 0.881 0.3783
BILING PAD OBL - BILING RES OD 2.97785 1.026 Inf 2.904 0.0037
BILING PAD OBL - ING L1 RES OD 3.08483 1.061 Inf 2.907 0.0036
BILING PAD OBL - BILING CORT SUJ 1.15403 1.013 Inf 1.139 0.2546
BILING PAD OBL - ING L1 CORT SUJ 2.80586 1.055 Inf 2.660 0.0078
BILING PAD OBL - BILING PAD SUJ 0.36569 1.033 Inf 0.354 0.7234
BILING PAD OBL - ING L1 PAD SUJ 0.12893 1.066 Inf 0.121 0.9038
BILING PAD OBL - BILING RES SUJ 1.43017 1.010 Inf 1.416 0.1568
BILING PAD OBL - ING L1 RES SUJ 2.64723 1.052 Inf 2.517 0.0118
ING L1 PAD OBL - BILING RES OBL 1.17526 1.029 Inf 1.142 0.2536
ING L1 PAD OBL - ING L1 RES OBL 1.99348 0.992 Inf 2.009 0.0446
ING L1 PAD OBL - BILING CORT OD 2.46836 1.044 Inf 2.363 0.0181
ING L1 PAD OBL - ING L1 CORT OD 3.12433 1.012 Inf 3.089 0.0020
ING L1 PAD OBL - BILING PAD OD -0.48820 1.037 Inf -0.471 0.6379
ING L1 PAD OBL - ING L1 PAD OD 0.66116 0.991 Inf 0.667 0.5046
ING L1 PAD OBL - BILING RES OD 2.71562 1.055 Inf 2.574 0.0101
ING L1 PAD OBL - ING L1 RES OD 2.82261 1.006 Inf 2.807 0.0050
ING L1 PAD OBL - BILING CORT SUJ 0.89180 1.042 Inf 0.856 0.3920
ING L1 PAD OBL - ING L1 CORT SUJ 2.54364 0.999 Inf 2.546 0.0109
ING L1 PAD OBL - BILING PAD SUJ 0.10347 1.062 Inf 0.097 0.9224
ING L1 PAD OBL - ING L1 PAD SUJ -0.13330 1.010 Inf -0.132 0.8951
ING L1 PAD OBL - BILING RES SUJ 1.16795 1.039 Inf 1.124 0.2610
ING L1 PAD OBL - ING L1 RES SUJ 2.38501 0.996 Inf 2.395 0.0166
BILING RES OBL - ING L1 RES OBL 0.81822 0.555 Inf 1.474 0.1406
BILING RES OBL - BILING CORT OD 1.29310 0.991 Inf 1.305 0.1920
```

BILING RES OBL - ING L1 CORT OD	1.94907	1.042	Inf	1.870	0.0615
BILING RES OBL - BILING PAD OD	-1.66346	0.990	Inf	-1.681	0.0928
BILING RES OBL - ING L1 PAD OD	-0.51410	1.027	Inf	-0.500	0.6168
BILING RES OBL - BILING RES OD	1.54036	1.001	Inf	1.538	0.1240
BILING RES OBL - ING L1 RES OD	1.64735	1.037	Inf	1.588	0.1122
BILING RES OBL - BILING CORT SUJ	-0.28346	0.991	Inf	-0.286	0.7748
BILING RES OBL - ING L1 CORT SUJ	1.36838	1.031	Inf	1.327	0.1845
BILING RES OBL - BILING PAD SUJ	-1.07179	1.014	Inf	-1.056	0.2907
BILING RES OBL - ING L1 PAD SUJ	-1.30856	1.048	Inf	-1.248	0.2119
BILING RES OBL - BILING RES SUJ	-0.00732	0.987	Inf	-0.007	0.9941
BILING RES OBL - ING L1 RES SUJ	1.20975	1.028	Inf	1.176	0.2394
ING L1 RES OBL - BILING CORT OD	0.47488	1.037	Inf	0.458	0.6469
ING L1 RES OBL - ING L1 CORT OD	1.13085	1.000	Inf	1.130	0.2583
ING L1 RES OBL - BILING PAD OD	-2.48168	1.040	Inf	-2.387	0.0170
ING L1 RES OBL - ING L1 PAD OD	-1.33231	0.989	Inf	-1.348	0.1778
ING L1 RES OBL - BILING RES OD	0.72215	1.046	Inf	0.690	0.4901
ING L1 RES OBL - ING L1 RES OD	0.82913	0.996	Inf	0.833	0.4050
ING L1 RES OBL - BILING CORT SUJ	-1.10168	1.039	Inf	-1.060	0.2892
ING L1 RES OBL - ING L1 CORT SUJ	0.55016	0.989	Inf	0.556	0.5781
ING L1 RES OBL - BILING PAD SUJ	-1.89001	1.063	Inf	-1.778	0.0754
ING L1 RES OBL - ING L1 PAD SUJ	-2.12677	1.012	Inf	-2.102	0.0356
ING L1 RES OBL - BILING RES SUJ	-0.82553	1.035	Inf	-0.797	0.4253
ING L1 RES OBL - ING L1 RES SUJ	0.39153	0.987	Inf	0.397	0.6916
BILING CORT OD - ING L1 CORT OD	0.65597	0.596	Inf	1.100	0.2712
BILING CORT OD - BILING PAD OD	-2.95656	1.006	Inf	-2.940	0.0033
BILING CORT OD - ING L1 PAD OD	-1.80719	1.041	Inf	-1.736	0.0825
BILING CORT OD - BILING RES OD	0.24727	1.011	Inf	0.245	0.8068
BILING CORT OD - ING L1 RES OD	0.35425	1.046	Inf	0.339	0.7349
BILING CORT OD - BILING CORT SUJ	-1.57656	1.005	Inf	-1.569	0.1166
BILING CORT OD - ING L1 CORT SUJ	0.07528	1.041	Inf	0.072	0.9423
BILING CORT OD - BILING PAD SUJ	-2.36489	1.029	Inf	-2.298	0.0216
BILING CORT OD - ING L1 PAD SUJ	-2.60165	1.063	Inf	-2.448	0.0144
BILING CORT OD - BILING RES SUJ	-1.30041	1.001	Inf	-1.300	0.1938
BILING CORT OD - ING L1 RES SUJ	-0.08335	1.038	Inf	-0.080	0.9360
ING L1 CORT OD - BILING PAD OD	-3.61253	1.058	Inf	-3.415	0.0006
ING L1 CORT OD - ING L1 PAD OD	-2.46316	1.007	Inf	-2.447	0.0144
ING L1 CORT OD - BILING RES OD	-0.40870	1.060	Inf	-0.386	0.6997
ING L1 CORT OD - ING L1 RES OD	-0.30172	1.009	Inf	-0.299	0.7649
ING L1 CORT OD - BILING CORT SUJ	-2.23253	1.056	Inf	-2.115	0.0345
ING L1 CORT OD - ING L1 CORT SUJ	-0.58069	1.003	Inf	-0.579	0.5628
ING L1 CORT OD - BILING PAD SUJ	-3.02086	1.080	Inf	-2.797	0.0052
ING L1 CORT OD - ING L1 PAD SUJ	-3.25762	1.031	Inf	-3.161	0.0016
ING L1 CORT OD - BILING RES SUJ	-1.95638	1.052	Inf	-1.860	0.0628
ING L1 CORT OD - ING L1 RES SUJ	-0.73932	1.002	Inf	-0.738	0.4604
BILING PAD OD - ING L1 PAD OD	1.14936	0.576	Inf	1.994	0.0462
BILING PAD OD - BILING RES OD	3.20383	1.017	Inf	3.151	0.0016
BILING PAD OD - ING L1 RES OD	3.31081	1.052	Inf	3.146	0.0017
BILING PAD OD - BILING CORT SUJ	1.38000	1.002	Inf	1.377	0.1686
BILING PAD OD - ING L1 CORT SUJ	3.03184	1.046	Inf	2.899	0.0037
BILING PAD OD - BILING PAD SUJ	0.59167	1.022	Inf	0.579	0.5628
BILING PAD OD - ING L1 PAD SUJ	0.35491	1.056	Inf	0.336	0.7367
BILING PAD OD - BILING RES SUJ	1.65615	0.999	Inf	1.657	0.0975
BILING PAD OD - ING L1 RES SUJ	2.87321	1.043	Inf	2.756	0.0059
ING L1 PAD OD - BILING RES OD	2.05446	1.051	Inf	1.955	0.0506
ING L1 PAD OD - ING L1 RES OD	2.16145	1.001	Inf	2.159	0.0308
ING L1 PAD OD - BILING CORT SUJ	0.23064	1.040	Inf	0.222	0.8245
ING L1 PAD OD - ING L1 CORT SUJ	1.88247	0.995	Inf	1.893	0.0584
ING L1 PAD OD - BILING PAD SUJ	-0.55769	1.062	Inf	-0.525	0.5995
ING L1 PAD OD - ING L1 PAD SUJ	-0.79446	1.011	Inf	-0.786	0.4318
ING L1 PAD OD - BILING RES SUJ	0.50678	1.037	Inf	0.489	0.6250
ING L1 PAD OD - ING L1 RES SUJ	1.72384	0.992	Inf	1.738	0.0822
BILING RES OD - ING L1 RES OD	0.10698	0.606	Inf	0.177	0.8598
BILING RES OD - BILING CORT SUJ	-1.82382	1.015	Inf	-1.797	0.0724
BILING RES OD - ING L1 CORT SUJ	-0.17199	1.050	Inf	-0.164	0.8699
BILING RES OD - BILING PAD SUJ	-2.61215	1.040	Inf	-2.512	0.0120
BILING RES OD - ING L1 PAD SUJ	-2.84892	1.073	Inf	-2.655	0.0079
BILING RES OD - BILING RES SUJ	-1.54768	1.011	Inf	-1.531	0.1259
BILING RES OD - ING L1 RES SUJ	-0.33062	1.048	Inf	-0.316	0.7524
ING L1 RES OD - BILING CORT SUJ	-1.93081	1.051	Inf	-1.838	0.0661
ING L1 RES OD - ING L1 CORT SUJ	-0.27897	0.999	Inf	-0.279	0.7800

ING L1 RES OD - BILING PAD SUJ	-2.71914	1.075	Inf	-2.530	0.0114
ING L1 RES OD - ING L1 PAD SUJ	-2.95590	1.025	Inf	-2.885	0.0039
ING L1 RES OD - BILING RES SUJ	-1.65466	1.047	Inf	-1.581	0.1139
ING L1 RES OD - ING L1 RES SUJ	-0.43760	0.997	Inf	-0.439	0.6606
BILING CORT SUJ - ING L1 CORT SUJ	1.65184	0.588	Inf	2.808	0.0050
BILING CORT SUJ - BILING PAD SUJ	-0.78833	1.027	Inf	-0.768	0.4426
BILING CORT SUJ - ING L1 PAD SUJ	-1.02510	1.060	Inf	-0.967	0.3337
BILING CORT SUJ - BILING RES SUJ	0.27615	1.001	Inf	0.276	0.7826
BILING CORT SUJ - ING L1 RES SUJ	1.49321	1.042	Inf	1.433	0.1518
ING L1 CORT SUJ - BILING PAD SUJ	-2.44017	1.069	Inf	-2.284	0.0224
ING L1 CORT SUJ - ING L1 PAD SUJ	-2.67693	1.018	Inf	-2.629	0.0086
ING L1 CORT SUJ - BILING RES SUJ	-1.37569	1.041	Inf	-1.322	0.1861
ING L1 CORT SUJ - ING L1 RES SUJ	-0.15863	0.991	Inf	-0.160	0.8728
BILING PAD SUJ - ING L1 PAD SUJ	-0.23677	0.648	Inf	-0.365	0.7150
BILING PAD SUJ - BILING RES SUJ	1.06448	1.024	Inf	1.040	0.2985
BILING PAD SUJ - ING L1 RES SUJ	2.28154	1.066	Inf	2.141	0.0323
ING L1 PAD SUJ - BILING RES SUJ	1.30124	1.058	Inf	1.230	0.2185
ING L1 PAD SUJ - ING L1 RES SUJ	2.51830	1.015	Inf	2.482	0.0131
BILING RES SUJ - ING L1 RES SUJ	1.21706	0.578	Inf	2.107	0.0351

ANEXO A - TCLE – Alunos da UERJ (Grupo bilíngue)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
 Relativas genitivas em bilíngues Português-Inglês: a influência da
 estratégia não-padrão do PB



Orientador: Profa. Dra. Marina Augusto

Pesquisador: Nathallia de Vasconcellos Guimarães

Objetivo do estudo

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, da pesquisa conduzida por Nathallia de Vasconcellos Guimarães e supervisionada pela Profa. Dra. Marina R.A. Augusto, cujo objetivo é comparar o nível de transferência feita entre língua materna e língua adicional na aquisição da última, particularmente quando se trata de orações relativas genitivas.

Procedimentos do estudo

Você foi selecionado por ser aluno do curso de Inglês da UERJ. Sua participação consiste em responder a atividades de julgamento, produção e combinação de estruturas relativas, a serem feitas por via remota (GoogleForms e Plataforma de interação online). Os riscos de sua participação são mínimos, típicos das atividades rotineiras acadêmicas, possível constrangimento ou incômodo diante do material utilizado, ou ainda cansaço, pela exposição à tela do computador. Caso isso ocorra, você poderá interromper sua participação ou mesmo retirar-se do estudo, sem nenhum prejuízo ao seu bem-estar. Os benefícios aos participantes são indiretos.

Participação e Desistência

A participação nessa pesquisa é totalmente voluntária, sem remuneração de qualquer espécie. Se, por qualquer razão, o participante desejar retirar-se da pesquisa, poderá fazê-lo a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Os dados também podem ser removidos do estudo a qualquer momento. Todo participante tem, ainda, direito de busca de indenização por danos, na forma da Lei.

Confidencialidade

Confidencialidade será respeitada. Os nomes dos indivíduos não serão divulgados, sua utilização tem exclusivamente objetivos acadêmicos, sendo disponibilizados apenas aos pesquisadores envolvidos no projeto. Não serão divulgados sem prévia autorização, a menos que requerido por lei. Ao final do preenchimento do formulário, o participante receberá uma cópia de suas respostas juntamente com esse termo.

Armazenamento de dados

Os dados serão utilizados apenas para se obterem comparações entre grupos de indivíduos e serão armazenados pelo prazo de 5 anos.

Para quaisquer dúvidas, entrar em contato com:

Nathallia de Vasconcellos Guimarães – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – R. São Francisco Xavier, 524 – 11º andar - F: 2334 0248/995534368- Email: nathallia.guimaraes@gmail.com. Agradecemos sua colaboração ao participar desta pesquisa. Se desejar ser informado sobre este estudo, envie uma mensagem e informaremos sobre os resultados alcançados. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: R. São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3º andar- Maracanã – Rio de Janeiro/RJ, e-mail: coop@sr2.uerj.br – telefone: (021) 2334 2180. Os Comitês de Ética em Pesquisa são órgãos colegiados, compostos por profissionais de diferentes áreas do conhecimento e por representantes da comunidade, responsáveis pela avaliação ética e metodológica dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos.

ANEXO B - TCLE – Falantes de PB como Língua Materna sem influência do Inglês



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Relativas genitivas em bilíngues Português-Inglês: a influência da estratégia não-padrão do PB



Orientador: Profa. Dra. Marina Augusto

Pesquisador: Nathallia de Vasconcellos Guimarães

Objetivo do estudo

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, da pesquisa conduzida por Nathallia de Vasconcellos Guimarães e supervisionada pela Profa. Dra. Marina R.A. Augusto, cujo objetivo é comparar o nível de transferência feita entre língua materna e língua adicional na aquisição da última, particularmente quando se trata de orações relativas genitivas.

Procedimentos do estudo

Você foi selecionado por ser falante nativo de Português Brasileiro. Sua participação consiste em responder a atividades de julgamento, produção e combinação de estruturas relativas, a serem feitas por via remota (GoogleForms e Plataforma de interação online). Os riscos de sua participação são mínimos, típicos das atividades rotineiras acadêmicas, possível constrangimento ou incômodo diante do material utilizado, ou ainda cansaço, pela exposição à tela do computador. Caso isso ocorra, você poderá interromper sua participação ou mesmo retirar-se do estudo, sem nenhum prejuízo ao seu bem-estar. Os benefícios aos participantes são indiretos.

Participação e Desistência

A participação nessa pesquisa é totalmente voluntária, sem remuneração de qualquer espécie. Se, por qualquer razão, o participante desejar retirar-se da pesquisa, poderá fazê-lo a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Os dados também podem ser removidos do estudo a qualquer momento. Todo participante tem, ainda, direito de busca de indenização por danos, na forma da Lei.

Confidencialidade

Confidencialidade será respeitada. Os nomes dos indivíduos não serão divulgados, sua utilização tem exclusivamente objetivos acadêmicos, sendo disponibilizados apenas aos pesquisadores envolvidos no projeto. Não serão divulgados sem prévia autorização, a menos que requerido por lei. Ao final do preenchimento do formulário, o participante receberá uma cópia de suas respostas juntamente com esse termo.

Armazenamento de dados

Os dados serão utilizados apenas para se obterem comparações entre grupos de indivíduos e serão armazenados pelo prazo de 5 anos.

Para quaisquer dúvidas, entrar em contato com:

Nathallia de Vasconcellos Guimarães – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – R. São Francisco Xavier, 524 – 11º andar - F: 2334 0248/995534368- Email: nathallia.guimaraes@gmail.com. Agradecemos sua colaboração ao participar desta pesquisa. Se desejar ser informado sobre este estudo, envie uma mensagem e informaremos sobre os resultados alcançados. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: R. São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3º andar- Maracanã – Rio de Janeiro/RJ, e-mail: coep@sr2.uerj.br – telefone: (021) 2334 2180. Os Comitês de Ética em Pesquisa são órgãos colegiados, compostos por profissionais de diferentes áreas do conhecimento e por representantes da comunidade, responsáveis pela avaliação ética e metodológica dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos.

ANEXO C - TCLE – Falantes de Inglês como Língua Materna



INFORMED CONSENT FORM

Genitive clauses by Portuguese-English bilinguals: the influence of the non-standard strategy of Brazilian Portuguese



Advisor: Profa. Dra. Marina Augusto
Guimarães

Researcher: Nathallia de Vasconcellos

Objective

You are invited to take part in a research study conducted by Nathallia de Vasconcellos Guimarães and supervised by Professor Marina R.A. Augusto. Our aim is to compare the level of transfer done between the native language and the additional language when acquiring the latter, especially when it comes to genitive clauses.

Procedures

You have been selected for participation because you are a native speaker of English. Your participation consists of responding to judgement tasks, besides producing and combining relative clause structures, which will take place online (GoogleForms and Platform of online interaction). Risks are minimum, similarly to any participation in academic activities, you may get tired, or bored, or confused. If you feel any discomfort, you can interrupt your participation or even abandon the study with no harms. The benefits to the participants are indirect.

Participation and Withdrawal

The participation in this research is voluntary, there is no remuneration of any type. You may withdraw from this study at any time and you may also withdraw permission regarding the use of your data, which is going to be removed from the study, if this is the case. The participant can seek his legal rights if he believes there was any damage resulting from his participation in this research.

Confidentiality

The information that we collect from this research project will be treated confidentially, available only for the researchers involved in the project, and the data will be used for academic purposes only.

Data storage

The collected data will be used for establishing comparison among groups of individuals, and they will be stored for 5 years.

For any question get in contact with:

Nathallia de Vasconcellos Guimarães – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – São Francisco Xavier Street, 524 – 11th floor - Phone: 2334 0248/995534368- Email: nathallia.guimaraes@gmail.com. We appreciate your participation in this research. If you desire to be informed about the results of this study, please, send a message and get in contact with us. In case you find problems to get in contact with the researcher in charge, please, communicate the fact to the Ethical Committee of UERJ: São Francisco Xavier street, 524, room 3020, block E, 3rd floor- Maracanã – Rio de Janeiro/RJ, e-mail: coep@sr2.uerj.br – phone: (021) 2334 2180. Ethical Committees of research are institutions composed by professionals of different areas, and by members of the community. They are responsible for the ethic and methodological evaluations of research projects which involve human beings.

ANEXO D - Parecer – COEP

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Relativas genitivas em bilíngues Português-Inglês: a influência da estratégia não-padrão do PB.

Pesquisador: NATHALLIA DE VASCONCELLOS GUIMARAES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 54039821.7.0000.5282

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.155.946

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos abaixo foram transcritas do arquivo "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1847371.pdf", do projeto de pesquisa e de seus apêndices.

Possui coparticipação com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Tem como objeto de estudo "a aquisição da linguagem de uma segunda língua".

Apresenta as seguintes Questões Norteadoras: Não apresenta.

Abordagem metodológica: "Tendo a Psicolinguística Experimental como base do projeto, serão feitos experimentos psicolinguísticos, com testes para checagem da compreensão e da produção de estruturas relativas genitivas. Eles serão aplicados a diferentes grupos, são eles: monolíngues do Português, monolíngues de Inglês e estudantes de Inglês de níveis distintos (intermediário e avançado)."

Campo / cenário: "Instituto de Letras da UERJ."

Participantes: "Os participantes monolíngues serão contactados via grupos de interação do pesquisador, usando-se o método Bola de Neve. Os participantes bilíngues serão recrutados em turmas de habilitação de Inglês do curso de Letras da UERJ, (...)."

Critérios de inclusão: "Explicar o monolíngue de PB (12) e de Inglês (12) e Bilíngues (24) estar nos níveis definidos."

Critérios de exclusão: Se algum dos critérios não for atendido, exclui-se o participante.

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ªand. SI 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



Continuação do Parecer: 5.155.946

relatórios parciais de andamento a cada 06 (seis) meses da pesquisa e, ao término, encaminhe a esta comissão um sumário dos resultados do projeto; os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1847371.pdf	24/11/2021 22:01:35		Aceito
Outros	Instrumentos_para_coleta_de_dados.docx	24/11/2021 22:00:30	NATHALLIA DE VASCONCELLOS GUIMARAES	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_atividades.docx	24/11/2021 21:59:35	NATHALLIA DE VASCONCELLOS GUIMARAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Nathallia_Guimaraes_alunos_UERJ.doc	24/11/2021 21:58:29	NATHALLIA DE VASCONCELLOS GUIMARAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Nathallia_Guimaraes_monolingues_PB.doc	24/11/2021 21:58:10	NATHALLIA DE VASCONCELLOS GUIMARAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ingles.doc	24/11/2021 21:57:44	NATHALLIA DE VASCONCELLOS GUIMARAES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_do_Mestrado_Nathallia_Guimaraes.docx	24/11/2021 21:56:15	NATHALLIA DE VASCONCELLOS GUIMARAES	Aceito
Orçamento	Orçamento.docx	24/11/2021 21:54:30	NATHALLIA DE VASCONCELLOS GUIMARAES	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Nathallia_Guimaraes.pdf	24/11/2021 21:52:06	NATHALLIA DE VASCONCELLOS GUIMARAES	Aceito

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



Continuação do Parecer: 5.155.946

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 09 de Dezembro de 2021

Assinado por:
ALBA LUCIA CASTELO BRANCO
(Coordenador(a))